

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vanessa Dias de Araújo

**O MUNDO ESTÁ REPLETO DE DEUSES:
Sacralização da Natureza e
Conservação da Vida**

Belo Horizonte
2021



Vanessa Dias de Araújo

**O Mundo está repleto de deuses:
Sacralização da Natureza e Conservação da Vida**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização do Espaço. Linha de Pesquisa: Cultura, Ecologia, Política e Educação Geográfica.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Machado Gontijo.

Coorientadora: Virgínia de Lima Palhares.

Belo Horizonte

2021

A663m
2021

Araújo, Vanessa Dias de.

O mundo está repleto de deuses [manuscrito] : sacralização da natureza e conservação da vida / Vanessa Dias de Araújo. – 2021.

205 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientador: Bernardo Machado Gontijo.

Coorientadora: Virgínia de Lima Palhares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2021.

Área de concentração: Organização do Espaço..

Linha de Pesquisa: Cultura, Ecologia, Política e Educação Geográfica.

Bibliografia: f. 196-205.

1. Geografia – Teses. 2. O Sagrado – Teses. 3. Ecofeminismo – Teses. 4. Biodiversidade – Teses. 5. Proteção ambiental – Teses. I. Machado, Bernardo Machado. II. Palhares, Virgínia de Lima. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. IV. Título.

CDU: 91



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COLEGIADO DO CURSO PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Mundo está repleto de deuses: sacralização da Natureza e Conservação da Vida

Vanessa Dias de Araújo

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **27 de janeiro de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof(a). Bernardo Machado Gontijo - Orientador

UFMG

Prof(a). Virginia de Lima Palhares

UFMG

Prof(a). Fábio Soares de Oliveira

UFMG

Prof(a). Maria Luiza Grossi Araujo

UFMG

Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Soares de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 28/01/2021, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Luiza Grossi Araujo, Professora do Magistério Superior**, em 28/01/2021, às 21:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Virginia de Lima Palhares, Professora do Magistério Superior**, em 28/01/2021, às 22:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Machado Gontijo, Professor do Magistério Superior**, em 29/01/2021, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0532881** e o código CRC **45C58939**.

Referência: Processo nº 23072.203686/2021-83

SEI nº 0532881

À doce lembrança de Cristina.

AGRADECIMENTOS

À Mulher Selvagem que vive entre os declives de granito decomposto, por recolher meus ossos.

Aos animais, plantas, rios e montanhas que resistem, *todos os dias*, à sapiência humana.
Aos avós livros.

Aos passarinhos vadios do meu quintal, pelas conversas, conselhos, cantos e lições filosóficas.

Ao Paulo, moço do poema, pela química, a física, a filosofia e por não ter me deixado desistir.

Ao meu mestre, amigo e orientador, professor Bernardo, pela *sala no final do corredor* – isso diz tudo e você sabe.

À mestra, amiga e coorientadora, Virgínia, por ter me acolhido desde a primeira vez que me leu. Sem você eu não teria tido coragem!

Aos professores da banca avaliadora e Seminário de Dissertação, pela inspiração, pelo apoio e pela magia: Maria Luiza Grossi e Fábio Oliveira.

Aos meus pais, Walter e Rosana, por me trazerem ao mundo e me apoiarem sempre.
À Valquíria, por ser guerreira no nome e na vida.

Aos queridos tios Geraldo, Graça e Lucas pelas conversas, conselhos e inspirações.

À professora, amiga e tia Valéria, por sua geoarte e por, em muitos momentos, ser meu *lugar geopsíquico*.

À Brisa e Thais, queridas companheiras, pela doce e fiel amizade.

À Amanda, por ter me levado àquela viagem ao velho Chico e por ser minha Amazonas.

À Anne, por ser *toda-arte* e me inspirar a ser também. Ainda cantaremos juntas pelo mundo!

À adorável, inteligente, fiel, criativa e bela, Viviane.

À Clarice Lispector, por me mostrar como ir ao subterrâneo de mim e da palavra.

À Manoel de Barros, por me fazer ver a importância das desimportâncias.

À Clarissa P. Estés por escrever *Mulheres que Correm com Lobos* no ano em que nasci.

À Rubem Braga, por me ensinar a escrever na língua dos passarinhos.

Às trilhas, pessoas, sons, conversas e sabores da UFMG, meu *jardim mágico e secreto* durante sete anos - sentirei saudades.

Ao CNPq pela bolsa de estudos que me permitiu dedicar e amar essa pesquisa.

*Mal os frutos da ameixeira apodrecem e caem,
novas folhas nascem e prosperam sob o sol
ardente do verão. A vida e a morte tal como
entendemos – acontecimentos diferentes e
antagônicos – não existem para ela.
A ameixeira não lamenta os frutos e folhas
perdidos, não celebra os novos. Celebra e
busca, desesperadamente, a radiação solar, o
prazer da fotossíntese,
o gosto do açúcar escorrendo
floema abaixo.
A ameixeira não entende de funerais,
tampouco espera ir para outro mundo, um
melhor.
Ela é daqui, está enraizada ao lugar. É,
declaradamente, mundana. Desconhece
transcendências e sobrenaturalidades. A
ameixeira sabe que é e, ama ser, a ligação
entre o céu e terra.
Está comprometida.
E isso basta e faz bem à sua compreensão da
vida.*

(Diário pessoal. Portugal, outono de 2020)

RESUMO

O que é isso que vejo no mundo? A violação das pessoas vegetais, animais, minerais e, de ecossistemas inteiros. O que está por trás disso que vejo? E, ainda, posso me atrever a sonhar caminhos de enfrentamento e, talvez, de cura? O texto que tem em mãos parte dessas inquietudes latentes no peito de uma geógrafa com pretensões de lesma e erva rasteira. Ele atravessa e é atravessado pelo tema da Tragédia Ambiental anunciada e em curso - busca, essencialmente, compreendê-la através do diálogo entre geografia, ecologia e espiritualidade. Essa busca central vem de algumas de minhas intuições mais antigas: a de que a dessacralização da Natureza empreendida pelo cristianismo é o cerne da funesta situação ecológica da Terra; e, por sua vez, de que a sacralização da Natureza inspira a conservação da biodiversidade e, por isso, pode ser o caminho de combate ao horror. Esta dissertação não se trata de uma miríade de páginas lotadas de conceitos e raciocínios – é, antes, aventura instintiva, poética, onírica. Não se pretende acadêmica, pelo contrário, é carne viva e respira. Diante de tudo isso - um texto vivo lotado de urgências e, um peito ardente lotado da ânsia em compreender o *sofrimento do mundo* para, quem sabe, sonhar antídotos - concebi um *Método Selvagem* que fosse livre de tudo, inclusive de mim e de ti. Composto de três movimentos instintivos - rosnar, farejar e uivar – o método levou a que o texto assumisse as formas animais da onça, do javali e do lobo, para: 1) denunciar, através da *arte literária*, as múltiplas faces do *Monstro do Crescimento* que viola e consome a Terra continuamente; 2) rastrear as raízes filosóficas e teológicas da Tragédia a partir da contribuição prática e teórica da Ecologia Profunda e do Ecofeminismo; e, 3) identificar as relações entre sacralização da Natureza e conservação da biodiversidade. Essa aventura poético-instintiva culminou em uma experiência geográfica dolorosa, claustrofóbica e, ao mesmo tempo, absolutamente necessária, ao passo que revelou os filamentos ocultos que ligam a Tragédia Ambiental à filosofia, à ciência moderna, ao utilitarismo capitalista e, essencialmente, à teologia cristã. Mas o fim do caminho, que na verdade é sempre início de outro, desvelou um horizonte infinito de possibilidades para a relação *Homo sapiens*-Natureza – todas elas atreladas à recuperação do nosso vínculo sagrado com a Terra. Essa recuperação inclui uma transformação profunda dos valores, crenças e normas que regem o comportamento ambiental no ocidente: substituir o antropocentrismo pelo biocentrismo, o domínio pela integração, o utilitarismo pela celebração, mas, principalmente, o patriarcado de Deus pelo matriarcado da Terra. Estamos todos entrelaçados pelo antigo e permanente laço biosférico e essa é nossa única verdade. Somos terrenos. Urge despertarmos para nossa *ancestralidade telúrica* e retomarmos nosso lugar na Teia da Vida – e as culturas humanas que defendem a Terra como nosso único e sagrado lar podem nos apontar o caminho.

Palavras-chave: Sagrado, Terra, Ancestralidade, Biodiversidade, Conservação, Espiritualidade, Ecofeminismo.

RESUMEN

¿Qué es esto que veo en el mundo? La violación de personas, plantas, animales, minerales y ecosistemas enteros. ¿Qué hay detrás de esto que veo? Y, sin embargo, ¿puedo atreverme a soñar formas de afrontarlo y, tal vez, de curar? El texto que tiene en la mano parte de estas preocupaciones latentes en el pecho de un geógrafo con pretensiones de babosa y hierba rastrera. Atraviesa y es atravesado por el tema de la Tragedia Ambiental anunciada y en curso - busca, esencialmente, comprenderlo a través del diálogo entre geografía, ecología y espiritualidad. Esta búsqueda central proviene de algunas de mis intuiciones más antiguas: que la profanación de la naturaleza emprendida por el cristianismo está en el corazón de la terrible situación ecológica de la tierra; y, a su vez, que la sacralización de la Naturaleza inspira la conservación de la biodiversidad y, por tanto, puede ser la forma de combatir el horror. Esta disertación no es una mirada de páginas llenas de conceptos y razonamientos, es más bien una aventura instintiva, poética y onírica. No se pretende que sea académico, al contrario, es carne cruda y respira. Ante todo esto: un texto vivo lleno de urgencias y, un pecho ardiente lleno del afán por comprender el sufrimiento del mundo para que, quizás, para soñar antídotos, concibiera un Método Salvaje que estaría libre de todo, incluyéndome a mí y a ti. Compuesto por tres movimientos instintivos - gruñir, olfatear y aullar - el método llevó al texto a asumir las formas animales del jaguar, jabalí y lobo para: 1) denunciar, a través del arte literario, las múltiples caras del Monstruo del Crecimiento, que viola y consume la Tierra continuamente; 2) rastrear las raíces filosóficas y teológicas de la Tragedia a partir de la contribución práctica y teórica de la Ecología Profunda y el Ecofeminismo; y, 3) identificar la relación entre el carácter sagrado de la naturaleza y la conservación de la biodiversidad. Esta aventura poético-instintiva culminó en una experiencia geográfica dolorosa, claustrofóbica y, al mismo tiempo, absolutamente necesaria, al tiempo que reveló los hilos ocultos que vinculan la Tragedia Ambiental con la filosofía, la ciencia moderna, el utilitarismo capitalista y, esencialmente, la teología. Cristiano. Pero el final del camino, que de hecho es siempre el comienzo de otro, reveló un horizonte infinito de posibilidades para la relación Homo sapiens-Naturaleza, todas ellas ligadas a la recuperación de nuestro vínculo sagrado con la Tierra. Esta recuperación incluye una transformación profunda de los valores, creencias y normas que rigen el comportamiento ambiental en Occidente: sustitución del antropocentrismo por el biocentrismo, el dominio por la integración, el utilitarismo por la celebración, pero, sobre todo, el patriarcado de Dios por el matriarcado de la Tierra. Todos estamos entrelazados por el antiguo y permanente vínculo biosférico, y esa es nuestra única verdad. Somos terrenales. Existe una necesidad urgente de despertar a nuestra ascendencia telúrica y retomar nuestro lugar en la Red de la Vida, y las culturas humanas que defienden la Tierra como nuestro único y sagrado Hogar pueden señalar el camino.

Palabras-clave: Sagrado, Tierra, Ancestralidad, Biodiversidad, Conservación, Espiritualidad, Ecofeminismo.

SOBRE A CAPA

Um dia deitada sobre a relva em uma de minhas tentativas de enxergar do ponto de vista do chão, vi duas vidas minúsculas escalando um galho de quase quinze centímetros. Dois insetos de menos de um centímetro, carapaças, patas e antenas. De súbito, me lembrei da famosa exclamação do filósofo grego Heráclito (540 a.C. – 470 a.C), ao descobrir os microorganismos do solo responsáveis pela decomposição: “O mundo está repleto de Deuses”. Ali, na escala do chão, pude por alguns instantes enxergar a verdade do mundo – aquela sobre a Vida ser a Deusa de si mesma, a Terra ser nosso único lar, e que qualquer tentativa de nos fazer crer que há um paraíso extraterreno e imaculado é profunda anomalia do juízo e potencial ameaça ao planeta.

Os pequenos deuses – insetos: fotografei-os. A frase de Heráclito e o tema da pesquisa: posicionei-os ao lado da foto conforme meu coração pediu – por razões que compreendo e que talvez o leitor também compreenda ao longo da dissertação, ou não.

LISTA DE FIGURAS

1. RITUAL DA ESCRITA.....	26
2. DESENHO À MÃO LIVRE DURANTE UMA CRISE DE ANSIEDADE.....	40
3. CORPUS METODOLÓGICO DA PESQUISA OU ÚTERO TEXTUAL.....	44
4. ONÇA PINTADA.....	52
5. MULHERES DO MOVIMENTO CHIPKO.....	57
6. JULIA HILL BUTTERFLY NO TOPO DE LUNA.....	58
7. DIAN FOSSEY COM COCO E PUCKER.....	60
8. CHICO MENTES NA DÉCADA DE 1970.....	63
9. AILTON KRENAK EM SEU DISCURSO NA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE.....	64
10. O ECOSSISTEMA-JAVALI.....	98
11. TREVO DE TRÊS FOLHAS.....	105
12. DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM (BRANCO) E DO CIDADÃO (EUROPEU).....	111
13. ABORÍGENES AUSTRALIANOS CAPTURADOS SOB A LEI FAUNA E FLORA.....	112
14. O LOBO E A LUA.....	159
15. CORTE TRANSVERSAL DO TRONCO DE UM PINHEIRO ACHADO NA RUA.....	164
16. FOLHA DE <i>PEPEROMIA SCANDENS</i> E SUA AQUARELA SELVAGEM.....	165
17. ÁGATA TURRITELLA.....	165
18. RASTRO DE LESMA NA CALÇADA.....	166
19. ANCESTRALIDADE TELÚRICA, MEMÓRIA DA TERRA E MEMÓRIA BIOCULTURAL.....	168
20. REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA TEORIA VALORES-CRENÇA-NORMAS.....	176
21. COSMOVISÃO CRISTÃ E COMPORTAMENTO AMBIENTAL.....	178
22. ESPIRITUALIDADES TERRANAS E COMPORTAMENTO AMBIENTAL.....	179
23. XAPIRI DO CHÃO.....	182
24. XAPIRI DO AR.....	182

25. XAPIRI DO CHÃO NOS CABELOS DE UM ALHO-PORÓ..	182
26. XAPIRI DAS HERBÁCEAS E ARBUSTOS	183
27. O ABRAÇO.	190

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TEOLOGIA CRISTÃ E ESPIRITUALIDADES TERRANAS: CONTRASTES.....	178
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDB - Convenção da Biodiversidade

CLAES - Centro Latino-Americano de Ecologia Social

CMMAD - Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

ICMBio - Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade

ONU - Organização das Nações Unidas

RESEX - Reserva Extrativista Chico Mendes

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNAM - Universidade Nacional Autónoma do México

UNESCO - A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNFCCC - Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas

UNI - União das Nações Indígenas

Quase de imediato, sonhou com um coração que pulsava. Sonhou-o ativo, caloroso, secreto, do tamanho de um punho fechado, cor grená na penumbra de um corpo antropomórfico, ainda sem rosto ou sexo; com minucioso amor sonhou-o, durante lúcidos dois anos e nove meses. Cada noite percebia-o com maior evidência. Não o tocava: limitava-se a testemunhá-lo, observá-lo, talvez corrigi-lo com o olhar. Percebia-o, vivia-o, de muitas distâncias e muitos ângulos. No 33º mês, roçou a artéria pulmonar com o indicador e depois todo o coração, por fora e por dentro, e o exame a satisfez.

Adaptado de BORGES, Jorge Luis. Ficções (1944:2007), p. 49.

SUMÁRIO

ATRAVESSANDO A PORTA QUE RANGE

- 14 *Llamar o tocar a la puerta*
19 Camadas de Pólen num Pântano
38 Método Selvagem: rosnar, farejar, uivar

CANTO DA ONÇA - Rosnar

- 53 *No rastro del Monstruo de las Mil Caras*

CANTO DO JAVALI - Farejar

- 99 Em direção às Profundezas: etiologia da Tragédia Ambiental
141 O mundo jaz do maligno: Cristianismo e Dessacralização da Natureza

CANTO DO LOBO – Uivar

- 160 Sacralização da Natureza e Conservação da Vida: regresso ao lar
185 Geografia Selvagem: no caminho, fora do trilho

190 CONCLUSÃO: CANTAR SOBRE OS OSSOS

196 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atravessando a porta que range

Iniciação



Estou com as mãos entrelaçadas cobrindo a boca, que é para transferir para os dedos a potência da fala. Molho as plantas, acendo a vela, encaro os cristais, coloco o chá em infusão e deixo os livros por perto para ter coragem.

LLAMAR O TOCAR A LA PUERTA

Conta-se, *nas terras para lá dos pântanos*, que ao se fazer uma porta de madeira ou de pedra, o espírito da árvore ou da pedra permanece na porta como guardião. E, aqueles que estão prestes a iniciar uma jornada devem passar pela porta. Mas só há uma maneira de passar: saudar o espírito ancestral da porta através de um ritual milenar. Um ritual de iniciação capaz de agitar a estrutura cristalina da pedra e acordar a célula vegetal da madeira. São quatro as tarefas do iniciante: *Querer aventurar-se; lançar palavras de encantamento; rememorar o passado; e, escolher o caminho* para, então, atravessar a porta. Lançar palavras de encantamento significa usar palavras capazes de desencadear o *llamar o tocar a la puerta*: literalmente, “tocar o instrumento do nome para abrir uma porta, usar palavras que abram, como que por magia, a porta de uma passagem secreta”¹.

Esta seção inaugural, intitulada “Atravessando a Porta que Range”, compreende essas quatro etapas iniciativas, sendo que a primeira – *querer aventurar-se* – completei quando decidi me embrenhar nessa pesquisa e, a segunda, *lançar palavras de encantamento*, ousarei agora mesmo:

Eu saúdo os espíritos desse lugar: as sementes primitivas que dormem no solo e no ar; as pegadas de diversas espécies que foram apagadas, soterradas, sobrepostas pelos tempos; os cantos, uivos, zumbidos e mugidos que ainda se fazem ouvir, agora mesmo, nesta e nas outras faces da Deusa Realidade; a Vida que pulsou, pulsa e pulsará nesta sagrada porção da Terra. Eu saúdo os corações que latejam pelas belezas e pelas injustiças. Eu reverencio os que sofrem a dor da Terra e lutam, todos os dias, para continuarem vivos e ardentes.



Não tenho vinte e oito anos. Tenho a idade da Terra. 4,6 bilhões de anos de história vibram em cada mitocôndria minha. Estou agora endurecendo aos poucos dentro da

¹ ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Tradução Luzia Almeida. Lisboa: Marcador, 2016, p. 17.

crosta. Sou ígnea. Habito e me alimento do tronco morto de uma faia - sou fúngica. Eu tenho a força dos animais extintos pela inconsequência humana.



Eu sou a imagem e semelhança de Deus? Mas como ele é? Não se parece com o riacho ou o arbusto que vejo todos os dias em meu esconderijo na mata? Escolho ser o *verbo*. Eu, matéria mesma do pólen, do diamante, do líquen e da lagarta, sou o princípio, o fim e o meio. “Descobri Deus em mim mesma e amei-a furiosamente”². Subo no alto dos Urais e entoo um antigo cântico pagão: *A Terra é o meu corpo / A água é o meu sangue / O ar é a minha exalação / E o fogo é o meu espírito*³.



Olha, “preste atenção e, é um favor: estou convidando você para mudar-se para reino novo”⁴. Num reino em que o *misterium* da escrita, como o da natureza, não é combatido ou tratado como impureza, pelo contrário, é matéria prima do impulso criativo. É no breu do mistério que se cria. Num reino em que sujeito e objeto, autor e texto são cipós entremeados e, tentar separá-los seria profunda anomalia do juízo.



Há, incrustada em meu peito, a Bétula Ancestral. Come a luz que entra pelos meus olhos e, bebe da água empoçada nas extremidades dos meus dedos. A seiva açucarada produzida nas folhas a partir dessa fotossíntese sobe, por capilaridade, às reentrâncias da minha mente. Este é o segredo orgânico por trás dos meus pensamentos: é que sou, na verdade, da mesma matéria do lodo. “Não deverei estar em comunhão com a terra? Não sou eu mesmo, em parte, folhas e húmus⁵”?



² NTOZAKE, Shange. *For Colored Girls Who Have Considered Suicide When the Rain-bow Is Enuf*. New York: Scribner, 1997.

³ HARVEY, Graham. *O Paganismo*. Tradução de Manuel Marques. Alfragide: Texto Editores, Lda, 2010, p. 46.

⁴ LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p. 67.

⁵ THOREAU, Henry David. *Walden, ou, A vida nos bosques*. Tradução Astrid Cabral. 7.ed. São Paulo: Ground, 2007, p. 59.

Ontem um neurobiólogo vegetal me disse que “os animais veem com os olhos, ouvem com os ouvidos, respiram com os pulmões, raciocinam com o cérebro, etc; enquanto as plantas veem, ouvem, respiram e raciocinam com o corpo todo”⁶. Para escrever esse texto, me foi imperativo incorporar os Seres Arbóreos e pensar de corpo inteiro. Aviso que, para lê-lo, também o será.



Estou cara a cara com a lagartixa que passeia pela parede em frente à escrivaninha. Antes tinha medo, mas agora a amo. Amo sua liberdade e invejo-a. Amo a forma como conhece e habita as gretas do chão e o do teto. Amo a maneira como me leva a *paisagens mesozoicas*. Samambaias gigantes. Rugido de tricerátopo ao longe. Li, dia desses, que estudos recentes dos crânios de alguns dinossauros revelaram que eles se comunicavam por sons nasais, algo muito parecido com instrumentos de sopro, como trombones, trompetes e gaitas de foles. Nesse dia, passei a noite em claro pensando em partituras possíveis de se criar inspiradas em imagens sonoras jurássicas.



Minha nota preferida para cantar bossa nova é Sol (G). Para folk: Dó (C). Mas para o tema dessa pesquisa-jornada escolho o gutural: tiro do fundo do ventre a força para propor o diálogo entre geografia, ecologia e espiritualidade na compreensão da Tragédia Ambiental. Ouça, resolvi seguir minha intuição mais antiga, aquela que ecoa atrás do pensamento há já muitos anos, sussurra, rouca, no fundo dos tímpanos: *Sem folha, sem orixá. Kosi ewe, kosi orisa. Sem folha, sem orixáááááááá*⁷. Sem Espiritualidade sem Conservação da Natureza, sem Natureza sem Cultura.



⁶ MANCUSO, Stefano. *A Nação das Plantas: a carta dos direitos de todos os seres vivos escrita por quem sustenta a vida*. Tradução de Diogo Madre. Portugal: Pergaminho, 2020, p. 52.

⁷ O adágio popular ‘*Kò sí ewé, kò sí òrìsà*’ é de origem yorùbá e de autoria desconhecida. Encontrei-me com ele na epígrafe do maravilhoso trabalho de conclusão de curso “Territórios místicos – religiosidades e usos das plantas que curam” (2018), da inspiradora Crisângela Elen de Souza – um dos espíritos amigos que me apoiaram nessa aventura.

O não-visto não existe? Folha em branco é silêncio? Silêncio é ausência de linguagem? Prefiro pensar que “o silêncio neutralizaria os ruídos que impedem uma visão mais autêntica dos fatos”⁸. Geografia é ciência? Arte? Grito de alerta? Escolho sonhar que a Geografia será o que quiser ser e essa é sua única verdade.



Pensar Arqueano. Pensar arqueano. Arqueano. Quero pensar pré-histórico. Atingir ideias de formato desconhecido, estranho à primeira vista. Quero um pensamento habituado a níveis críticos de oxigênio, colorido, octogonal, artístico. Assim: As montanhas de hoje são mil vezes menores do que as montanhas da época em que pterossauros faziam ninhos em seus topos / Lembro-me de ter morado na toca de uma raposa e, de tê-la decorado com galhos, painéis de pedra, ervas aromáticas e móveis feitos à mão / Fui amamentada por uma samaúma gigante, ensinou-me a cantar na língua das jubartes. Com sete meses já havia aprendido a uivar em sol e lá maior. Um dia, mostrou-me o significado da *vida-morte-vida* quando, durante um passeio na floresta, encontramos o corpo desistido de um filhote de lobo que sempre perdia para os irmãos na luta pela comida. Não era bom em assuntos de guerra. Voltou para a natureza de onde saiu. Besouros, larvas e microorganismos do solo foram os encarregados de executar *o retorno*. Adoeci por nove dias depois disso, até compreender que a Terra é cíclica e a completude da luz está nas sombras.



Eu me controlo. Tento manter a compostura, tento prender meus pensamentos e gestos dentro dos limites do previsível. Coloco o indicador na frente dos lábios e faço *shiiiiiu* pra mim mesma: “não deixe sair, não deixe sair” – peço em tom de alerta. Mas a Tigresa de Unhas Negras quer sair, ela insiste, ela diz que é antiga, que tem direitos sobre mim, que sabe o que fazer com *el sufrimiento del mundo*, que ouviu o cachorro preso na corrente uivando ontem e, sabe o que andam fazendo nas terras sagradas do

⁸ FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis). Prefácio. In: LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977, p. 14.

Brasil. A Tigresa fala todas as línguas do mundo, tudo vê e tudo sente. Ela quer rasgar as constituições, as leis dos homens, os livros de economia, mas, principalmente, ela quer rasgar a bíblia, dilacerá-la com as garras pontiagudas, quer se vingar dos missionários, inquisidores e discípulos que usam a bandeira cristã para violentar a Terra. Ela quer abraçar o mundo e não aceita que falem ser impossível.



O canto gutural mongol é um dos mais doces mistérios da humanidade: vai ao submundo da nota, nas raízes da partitura. Atravessa rocha líquida. Alcança o núcleo de Ferro e Níquel. Eu também quero atravessar, eu quero ver o que há no fundo de tudo, quero ir até onde não dá mais; necessito testemunhar a subducção da pesquisa, mesmo que não sobre nada de mim...mesmo que não sobre nada...eu preciso me arriscar.

CAMADAS DE PÓLEN NUM PÂNTANO

Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à Terra e não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres.

NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, 1977, p. 13.

Depois de lançar as palavras de encantamento, o próximo passo é *rememorar*. Do latim *rememorare*, significa lembrar de novo e de novo ⁹ – quantas vezes for preciso. “O problema não é crescer, é esquecer”, disse o poeta Manoel de Barros. É comum, depois de quase três anos de imersão em uma pesquisa, sentir que não se leu nada, não se fez nada e, por isso, é impossível escrever uma frase, um parágrafo, uma página, quanto menos uma dissertação inteira.

Ocorre o mesmo com a nossa relação com a Terra: pensamos que não temos semelhança ou parentesco com os pássaros, com as rochas, os arvoredos, as argilas em suspensão ou os cascalhos do fundo do rio. Acontece que esses pensamentos são espécies exóticas em nossa psique, vieram de fora, precisamente do projeto operado ao longo de milênios, por sacerdotes, missionários, milionários e burocratas, os Homens Práticos, o organismo da “Cobra Grande” - *waroma kiki* - como chama Davi Kopenawa, xamã e líder do grande povo Yanomami, da sagrada Amazônia. Ainda falaremos muito sobre isso durante nossa caminhada.

A ideia,
depois de
nascida, é
inexorável.

Por agora, meu objetivo é contar-lhe sobre a história dessa pesquisa, esse texto que no início era uma ideia tímida, um incômodo atrás da nuca, uma possibilidade que, com o passar dos anos, adquiriu ossos, musculatura, veias, sangue, sentidos (uns quinze pelo menos), cordas vocais, meristemas, artérias, pulmões: respira e lateja. Ele assume diferentes formas: cavalo, onça, sequoia, coiote, cachorro bravo, touro, moita de lavanda silvestre, tarde de chuva torrencial. Toma conta de mim e, eu deixo. Ele, como tudo que há entre o núcleo da Terra e a Ionosfera, é Natureza e, sendo Natureza, tem marcado no corpo cada um de seus acontecimentos. “Um texto é informação armazenada ao longo do tempo. A estratigrafia das rochas, as camadas de pólen num pântano, os círculos concêntricos nos troncos das árvores, podem ser vistos como textos. A caligrafia dos rios serpenteando para trás e para frente na Terra, deixando

⁹ COELHO, F. Adolfo. *Diccionario manual etimológico da lingua portuguesa*. Lisboa: Plantier Editor 1890, p. 1040.

camada após camada de vestígios em leitos fluviais, é um texto”¹⁰. Camadas de pólen num pântano...camadas de pólen num pântano – repito até cair em sonho lúcido e profundo.

O início desta história talvez remonte ao quintal onde aprendi a colecionar geografias em potes com hortelã amassado. Talvez tenha um passado tão antigo que tentar rastreá-lo na consciência seja tarefa impossível. Já tentei de tudo, carbono 14, análise dos anéis do tronco, diversos métodos de datação, mas nenhum conseguiu alcançar os primórdios. Pode ser que minha história com esta pesquisa tenha a idade da molécula mais antiga do meu corpo; pode estar dentro do triângulo invertido formado por três pintas que trago na têmpora esquerda desde o nascimento. Decidi, entretanto, aceitar o mistério. Mas se fechar os olhos consigo ouvir dois ecos longínquos: um versa sobre Natureza, o outro sobre Sagrado. O sagrado para mim é e está na Natureza. Minha sacralidade vem do mundo, não do céu. Foi forjada no seio de um quintal *símbolo-biodiverso* e de um contexto em que montanhas têm vozes e significados anímicos.

=====

Da Natureza

Vem dos anos infantis vividos em um quintal biodiverso. Éramos dois: o quintal e eu. Tenho sua biogeografia cravada na memória: havia o pinheiro, maior que eu, maior que a casa, maior que o mundo; ao lado do pinheiro (uns 4 metros de distância), havia o coqueirinho de mais ou menos um metro e meio de altura – era a morada secreta das formigas - me confiaram o segredo. Nove metros a sul do coqueiro havia o pé de limão, grande, imponente e, ao lado dele, toda sorte de canteiros e hortas.

De família profundamente cristã, ali, naquela porção do mundo podia ser livre! Livre do pecado, do medo e da culpa - palavras que mais ouvia diariamente na igreja. Diferente do *mundo vil* que pregavam, o *mundo do meu quintal* era companheiro, sábio, musical, educativo em seus perigos. Os filhotes de pardal que caíam do telhado da varanda no verão, ensinaram-me sobre empatia (sentir o que o outro sente) e

¹⁰ SNYDER, Gary. *A prática da Natureza Selvagem*. Tradução José Miguel Silva. Lisboa: Antígona Editores Refratários, [1990] 2018, p. 91.

Devo adiantar que a obra poética de Snyder foi companhia frequente dos meus pensamentos e, tal como o sol em um dia nebuloso, aparecerá vez ou outra, sempre que o solo precisar de um pouco de calor.

instinto de proteção – amei e cuidei de cada um deles, embora nem todos tenham sobrevivido. Os marimbondos do pé de limão me falavam sobre força e autodefesa; as hortelãs e cidreiras me fizeram aprender sobre cura, aromas e magia; fazer buracos na terra atrás do “fim do mundo” – como dizia – me deixou habituada a buscar o fundo¹¹ de tudo.

Do Sagrado

“Onde Deus mora?” – perguntava aos meus pais. “No céu” – respondiam. Olhava para o céu e via o azul, o *branco movimentante* das nuvens e o sol. Era segredo e, só agora falo sobre isso, que quando queria falar com Deus olhava para o céu e o imaginava *sendo o azul*. Sentia-me culpada porque a bíblia falava que era proibido ver o rosto de Deus. Tanto que Moisés cobriu o rosto quando Deus lhe surpreendeu no Monte Sinai (Êxodo 3:7). Mas a ideia de que Deus não tinha rosto e, estava *além* do céu, me parecia – já naquela época – completamente ilógica. Desejava vê-lo na terra, onde eu vivia e brincava todos os dias. Queria conversar com ele como conversava com as formigas e os marimbondos do quintal.

Após os sete anos de idade estava habilitada, de acordo com a doutrina da igreja, a participar dos cultos no monte. Em função de uma passagem na bíblia em que Jesus conversa com Deus no monte das Oliveiras (Lucas 22:39-46), é um costume cristão ir às serras e montes para falar com Deus. Era no monte que ocorriam os milagres e onde as pessoas tinham visões e experiências com o sobrenatural. O monte da minha igreja era um morro alto nas margens do riacho das Areias, afluente do Rio Betim, principal rio da cidade homônima, onde nasci. Mais tarde este rio seria meu objeto de pesquisa da monografia. Mas isso é assunto para daqui a pouco.

Saíamos no início da noite e passávamos a madrugada lá. Dos meus sete aos treze anos, fui ao monte quase toda semana. Sem poder falar ou comer durante a vigília, ficávamos sentados, isolados. Para mim, Deus estava lá. Acontece que nunca o vi como me diziam que era (homem, barba, enfim, pessoa humana). Via-o/sentia-o no frio que fazia na serra; no chão que mexia e remexia; nos arbustos e herbáceas que me distraíam do medo. Diferente dos outros, nunca fechei os olhos para ver Deus, pelo contrário, precisava ficar de olhos bem abertos: instintivamente, via-o nos meus velhos

¹¹ Do latim *fundus*, “vasto, fundo”, “a parte de baixo, alicerce” (ORIGEM DA PALAVRA, 2020).

conhecidos do chão: formigas, minhocas, ramos, argilas. Deus era orgânico e esse era meu mais bem guardado segredo.

=====

Já na adolescência, no torpor do ensino médio, encontrei na filosofia meu novo quintal. Foi irresistível ver, no primeiro dia de aula, o professor desdobrar no quadro a palavra “filosofia”: *filo* (amor, atração, amizade) + *sofia* (sabedoria), escreveu em letras grandes e sonoras antes mesmo de se apresentar. “O filósofo é aquele que ama e busca a sabedoria” – foram as primeiras palavras daquele professor que, durante os próximos meses, nos ensinaria a pensar o mundo e, antes de tudo, a amá-lo. Encantei-me. Essa experiência despertou minha velha paixão pela *busca*, além de proporcionar a antiga sensação de liberdade.

No limiar da escolha de qual rumo universitário tomar, queria tudo: psicologia, história, filosofia, artes, letras, música. O mundo revelava-se vasto e eu o queria por inteiro. Escolhi a geografia por intuição – a palavra-chave deste texto. A geografia saciava meu desejo de dar conta do mundo. Já na graduação, em 2013, descobri um mundo interligado, sistêmico, dinâmico e, absolutamente poético. As cores do solo regidas pelos elementos químicos, rochas, chuvas, vegetação e microorganismos; a estrutura cristalina das rochas; a interceptação da chuva pela vegetação; as viagens das correntes marítimas pelos oceanos e, dos ventos pela atmosfera. Embora já com vinte anos na época, quando entrava na sala de aula era, de novo, a menina do quintal e, isso tinha uma força sublime. Éramos só o mundo e eu outra vez.

Já não bastasse me aconteceu a literatura: a última gota, o estalar de dedos responsável por me despertar para um estado de encantamento, um grau irreversível de *sensibilidade terrena*. No mesmo ano, 2015, conheci Manoel de Barros, Rubem Braga e Clarice Lispector. Suas magias verbais me transformaram profundamente: uma literatura capaz de denunciar, instigar, encantar e despertar para a realidade do mundo.

=====

“Sente-se, então, que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase-animismo”.

Manoel de Barros, Poesia Completa (2010), p. 209.

“As grutas são o meu inferno. Gruta sempre sonhadora com suas névoas [...] esotérica, esverdeada pelo limo do tempo. Dentro da caverna obscura tremeluzem pendurados os ratos com asas em forma de cruz dos morcegos. Vejo aranhas penugentas e negras. Caranguejos, iguais a eles mesmos deste a pré-história, através de mortes e nascimentos, pareceriam bestas ameaçadoras se fossem do tamanho do homem. Baratas velhas se arrastam na penumbra. E tudo isso sou eu”.

Clarice Lispector, Água Viva (1973), p. 15.

Devo confessar preliminarmente que, entre um conde e um passarinho, prefiro um passarinho. Torço pelo passarinho. Não é por nada. Nem sei mesmo explicar essa preferência. Afinal de contas, um passarinho canta e voa. O conde não sabe gorjear nem voar. O conde gorjeia com apitos de usinas, barulheiras enormes, de fábricas espalhadas pelo Brasil, vozes dos operários, dos teares, das máquinas de aço e de carne que trabalham para o conde. O conde gorjeia com o dinheiro que entra e sai de seus cofres, o conde é um industrial, e o conde é conde porque é industrial. O passarinho não é industrial, não é conde, não tem fábricas. Tem um ninho, sabe cantar, sabe voar, é apenas um passarinho e isso é gentil, ser um passarinho.

Rubem Braga, O Conde e o Passarinho (1982), p. 71.

=====

Enquanto a geografia me apresentava uma Terra biodiversa e interligada, também denunciava a inconsequência humana e sua ameaça a esse pequeno geóide lotado de vida – o único no universo conhecido. Ao mesmo tempo, convivía com a transformação ou destruição dos meus lugares sagrados: o monte, em meados de 2016, foi desmatado e loteado para dar lugar a um condomínio. Meu quintal deixou de existir quando nos mudamos e o novo morador tampouco por completo com concreto – disse que planta demais dá bicho. Uma coisa ele estava certo: sim! Onde há planta há bicho, onde há planta há vida, onde há vida há mais e mais vida.

Todos os discursos por trás dessas práticas indicavam uma profunda separação humano-natureza. Acontece que não é preciso mais do que uma árvore cortada para despertar o sofrimento no coração daquele que, profundamente, ama o mundo. Tolkien (1892-1973), autor de *O Senhor dos Anéis (1954)* e *O Hobbit (1937)*, admite ter sido a morte de um álamo a inspiração para um de seus livros, *Árvore e Folha (1964)*. Explica:

Foi um pé de álamo com grandes galhos que eu conseguia enxergar mesmo deitado na cama. Foi subitamente podado e mutilado pelo proprietário, não sei por quê. Agora foi derrubado, uma punição no mínimo bárbara por quaisquer crimes de que possa ter sido acusado, como ser grande e estar vivo. Não acho que tivesse algum amigo, ou alguém que lamentasse sua ausência, exceto por mim e um par de corujas ¹².

¹² TOLKIEN, J.R.R. *Árvore e folha*. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1964] 2013, p. 7.

Disso tudo, vi brotar um *amor ardente pela Terra*, acompanhado do *desejo feroz* de protegê-la a qualquer custo. Estava tomada, definitivamente comprometida com o Mundo. Fundíamos mais e mais na mesma medida em que enxurradas de perguntas tomavam minha mente e minha inquietude só crescia. No trabalho de conclusão de curso (TCC), escolhi falar sobre canalização e ocultação de rios urbanos sob o ponto de vista do próprio rio, no caso, o rio Betim – afluente do rio Paraopeba, bacia do rio São Francisco. A *minha geografia intuitiva* me levava a sentir profunda *identificação psíquica com o ambiente*. O objetivo inicial era simplesmente chamar atenção para a *pessoa do rio*: quem é? O que representa? O que a forma como nos relacionamos com ele diz sobre nós mesmos? “Grito, aqui, o que a mudez induzida pelo asfalto sobreposto impede que os rios urbanos berrem” – escrevi na primeira versão da epígrafe. Eu quis dar voz ao rio, quis tomar suas dores e falar por ele.

À medida que o trabalho era tecido, o tema e eu passávamos por metamorfoses constantes. Ao término, sentia cada vez mais entranhado na pele o sofrimento do rio, me perguntava: “porque sinto o que ele sente? Porque me incomoda tanto o que acontece com a natureza? O que nos une, ou então, somos a mesma coisa? Eu sou o rio?”. Essa última pergunta deu nome ao trabalho. Nele, entrei em profundo devaneio e angústia sobre o que seria a natureza, o humano e a relação entre ambos. Quais as relações entre crença e comportamento ambiental? Do rio, minha angústia abarcou as montanhas do Quadrilátero Ferrífero, o mar de Aral, as florestas do Congo, o pássaro laranja que canta baixinho dentro de uma gaiola na varanda do vizinho... *Desculpe, preciso respirar por um minuto, posso?*

Estou cansada. Meu cansaço vem muito porque sou pessoa extremamente ocupada: tomo conta do mundo [...] Tenho que tomar conta de milhares de plantas e árvores e, sobretudo, da vitória-régia. Ela está lá. E eu a olho. Tomo conta do menino que tem nove anos de idade e que está vestido de trapos e magérrimo [...] Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida. Tomei em criança conta de uma fileira de formigas: elas andam em fila indiana carregando um mínimo de folha [...]. É banal? Na pequena formiga cabe um mundo que me escapa se eu não tomar cuidado. (LISPECTOR, 1973, p. 71)

Voltei.

Com essas aflições em mente, concluí a graduação no mesmo ano em que me candidatei ao mestrado: 2017. Tateando no escuro, na carência de bibliografias na geografia que suprissem minhas aflições, me candidatei com o projeto de investigar as relações entre religião e crise ambiental. Desde o pré-projeto até agora, o tema e eu sofremos tantas metamorfoses que não seria possível enumerá-las. Na medida em que

os conhecimentos e experiências adquiridos nas disciplinas e demais vivências se acumulavam, os objetivos, procedimentos e, principalmente, o título, sofriam radicais alterações. “De repente, percebe-se que o título já não é mais o mesmo. A transformação do título é parte do texto que vai se escrevendo e, a cada momento, se transformando em outro. Está aí o perigo pra quem deseja o conforto”¹³. Para além das metamorfoses textuais e pessoais, o incômodo permaneceu o mesmo: *minha preocupação ambiental e o desejo em buscar os significados, as raízes e as curas para a trágica condição do mundo*.

O maior conflito consistiu em querer escrever na velocidade das montanhas – elas estão sempre a caminhar, mas muito lentamente – enquanto o texto estava inserido na lógica dos homens. Ele tinha um prazo para nascer e, certo padrão corporal a seguir. Essa domesticação me paralisou por diversas vezes. Vi-me, por dias a fio, inerte, muda, chorosa, desesperada. Um dia, olhei-me no espelho e disse: “Se destruir minhas anotações de instantes, voltarei para o nada de onde tirei um tudo?”¹⁴. Quis desistir todos os dias desses dois anos e meio, mas se sobrevivi para te contar essa história significa que também escolhi continuar todos os dias. Eu me agarrei à beira do penhasco com a ponta dos dedos. O que me salvou foi dar liberdade ao texto, liberdade para que existisse de fato, autônomo, orgânico, vivo. Passei a tratar a escrita como ritual. Entendi que, se a escrita da natureza não é objetiva, a do meu *organotexto* também não seria.

O que me proponho a contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros e enlameados, apalpar o invisível na própria lama. De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu [...] E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê?¹⁵

Não estranhe meu jeito de conversar com meus avós-livros, se por vezes deixo-os falar em citação direta, indireta, centralizados, não-alinhados. É que eles tomam posse de mim sem que eu ao menos perceba. Fique tranquilo que você saberá exatamente quando serei eu a falar e quando serão eles: o tom muda, as aspas abraçam, o vento muda de direção e um corvo grasna ao longe.

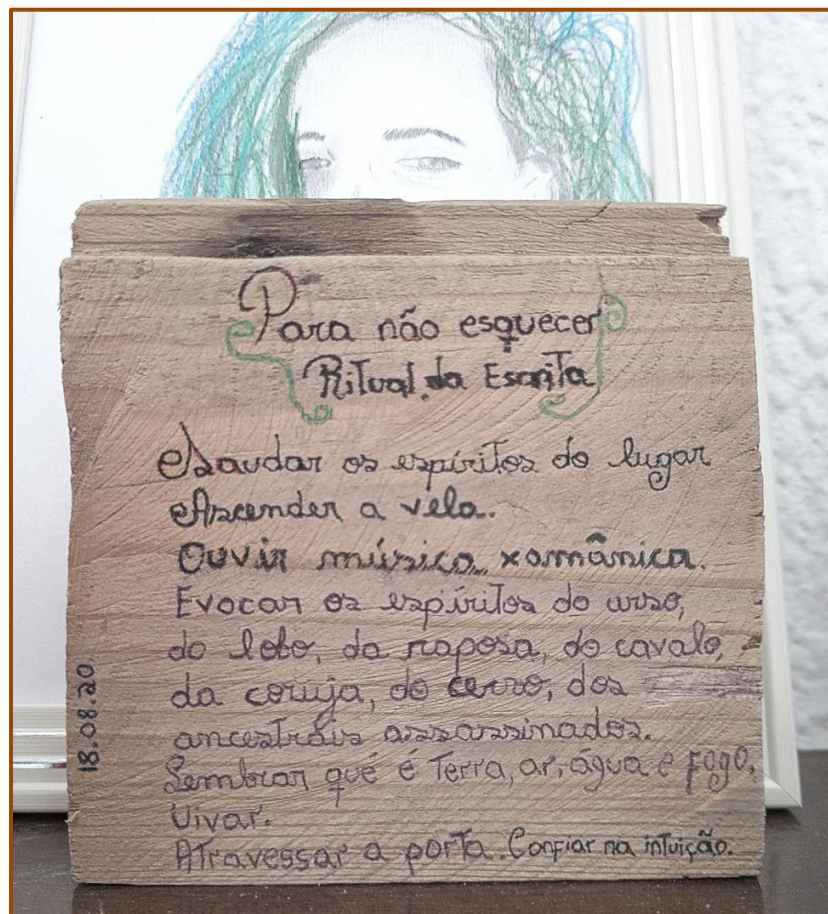
¹³ HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 27.

¹⁴ LISPECTOR, 1977, P. 87.

¹⁵ *Ibidem*, p.23).

Eu pareço sóbria, mas estou completamente louca, eu estou louca, ouviu bem? Eu preciso ficar louca, eu preciso ir lá na rocha matriz, eu preciso ir fundo, eu preciso entrar no rio subterrâneo. Saí de lá embebedada de origens e sentidos, eu saí de lá de mãos dadas com o texto. Eu preciso ir lá para buscá-lo, eu preciso buscá-lo no fundo de mim. Não me interessa as consequências de ir lá, eu preciso trazê-lo ao mundo. As pessoas devem saber o que dizem os ancestrais que moram nas profundezas do DNA. Os ancestrais são humanos, animais, plantas. Os ancestrais querem falar. Eu estou louca sabe? E gosto. Eu gosto de ver a verdade, eu gosto de despertar para o mundo e dele renascer. Eu tenho uma obrigação com ele, eu fiz um pacto, ouviu? Estou destinada. O que dirão? O que as pessoas práticas dirão do meu texto? Que é desconexo? Ilógico? O chamarão de monstro? Frankenstein?

Diário de bordo, enquanto escrevia essa página,
setembro de 2020.



1. Ritual da escrita. Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Não se assuste se o tom da minha fala mudar de timbre, é que são muitas vozes – animais, minerais, textuais, vegetais - dentro de mim e, todas querem falar, embora o assunto seja o mesmo: a Tragédia Ambiental. Os espíritos dos animais humanos e não-humanos assassinados no passado e, *agora mesmo*; as almas das árvores, montanhas e rios violentados e/ou mortos; o grito abafado dos que permanecem vivos, mas presos em uma lógica perversa da qual parece impossível fugir. O que o discurso ambiental hegemônico chama de crise ecológica, um mestre querido me ensinou a chamar de Tragédia Ambiental. A palavra “crise” remete a um acontecimento transitório e casual. Enquanto “tragédia ambiental” designa um fenômeno anunciado e em curso. Em sua etimologia, “tragédia” remete, de fato, a um fim fatídico sobre o qual se tinha consciência prévia. Do Latim *tragedia*, a palavra significa “peça teatral ou poema com desenlace ordinariamente funesto”. Sendo que “funesto” significa aquilo que “evoca a

morte, destruidor, agonizante, angustiante”¹⁶. Esse conceito lança luz sobre a urgência da situação.

Tratar a tragédia ambiental a partir de ponto de vista técnico-físico ou político-social reverbera em discussões e proposições superficiais de um problema que é, em essência, profundo. Afinal, “o começo da possibilidade de assumirmos criadoramente a crise que vivemos reside na disposição de irmos à sua raiz e na renúncia à segurança do que cremos já saber”¹⁷. Parece haver dificuldades em enxergá-lo como problema filosófico, cultural e espiritual. Resistência em ir às raízes: as *ideias que sustentam as práticas ambientais*.

Recuperar nosso lugar na Comunidade da Vida é uma questão de sobrevivência. Mais ainda: *trata-se de despertar para a Biodiversidade do mundo e de reverencia-la*. Não tem a ver com economizar ou conservar os “recursos naturais” para as gerações futuras, ou de aperfeiçoar técnicas para uso desses tais “recursos”, tem a ver com deixar de ver a terra como recurso. Trata-se de rememorar quem somos e nunca deixamos de ser nas profundezas do nosso DNA. É o que o geógrafo Narciso Barrera-Bassols e o antropólogo Vitor Toledo, professores da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), chamaram de resgate da “Memória Biocultural” da espécie, conceito que será abordado no Canto do Lobo e que diz respeito ao combate a amnésia biocultural:

O primeiro sinal de esquecimento é o fato de os indivíduos modernos já não admitirem que são membros de apenas mais uma espécie biológica no planeta. Ignoram, portanto, que existiram e que existem outras formas de se relacionar com a natureza – ou com o que não é humano –, assim como há diversas maneiras de se organizar como coletivos sociais a partir de outros sistemas de valores, de outro *ethos*. Igualmente desconhecem que as sociedades humanas conseguiram persistir ao longo do tempo ao estabelecer uma certa aliança com a natureza – ou, poderíamos dizer, com as naturezas –, através de um processo recíproco, de um fenômeno de coevolução¹⁸.

Faz parte da amnésia a falsa sensação de que a condição funesta da Terra não nos diz respeito como espécie. Este texto quer provar o contrário, quer dizer em alto e bom som que a Tragédia Ambiental transpassa todos os corpos terrenos. Que ela não ocorre como a ideia cristã de “Além”, em um lugar abstrato e fictício. Está nos mínimos

¹⁶ COELHO, F. Adolfo. *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza*, Lisboa: Plantier Editor, 1890, p. 1174.

¹⁷ UNGER, Nancy M. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 36.

¹⁸ TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 17.

detalhes materiais do cotidiano, mas aí reside a complexidade: é um problema no mundo físico que reflete e refrata ideias e conceitos. Daí vem minha necessidade em praticar uma *geografia liânica*: as lianas e cipós são trepadeiras lenhosas que formam verdadeiro emaranhado nas florestas tropicais, por isso, fazer uma geografia liânica significa entregar-se ao encontro, ao entrelace com outros saberes. Assim, as *camadas de pólen* que foram minha história até aqui – as vivências na infância, os livros, as pessoas, os estudos – me levam ao principal desejo dessa aventura:

*Compreender a Tragédia Ambiental a partir do diálogo entre geografia,
ecologia e espiritualidade.*

Essa escolha da via espiritual para falar de ecologia se deu em uma tarde morna na biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Passeava pelos corredores das obras de filosofia quando, na estante que fazia fronteira com a biologia, encontrei a obra da filósofa Nancy Mangabeira Unger, *O Encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade* (2000). O título chamou atenção porque, até o momento, nunca vira as palavras ecologia e espiritualidade na mesma frase. Ao longo das páginas encontrei a ideia de que a crise ecológica seria, na verdade, uma crise cultural e espiritual urgente, que obriga a humanidade a repensar seus valores e crenças. Era exatamente o que minha intuição buscava. A obra me apresentou a Ecologia Profunda, um ramo da filosofia que satisfaz minha *atração pelas raízes*, adquirida nas horas infantis remexendo a terra.

O termo Ecologia Profunda foi proposto no fervor do despertar ambiental dos anos 70 pelo alpinista e filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009), como resposta ao que chamou de “ecologia rasa” da abordagem dominante do problema ambiental¹⁹. A teoria de Naess propõe uma *abordagem entranhável* da Tragédia Ambiental. Embora não tenha deixado explícito em sua obra, é possível identificar enlaces entre suas ideias e o que Alexander von Humboldt, desde o século XIX, revelava: a terra como um *todo vivo e integrado*.

¹⁹ Ver NAESS, Arne. *The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movement: A Summary*. Inquiry, n. 16, 1973.

Em sua obra *Quadros da Natureza (1807)* Humboldt diz: “Onde quer que o observador da Natureza fixe a vista, acha, quer vida, quer o seu germe pronto a recebê-la [...] Tudo anuncia um mundo de forças orgânicas em movimento. Em cada matagal, casca, greta das árvores e, na terra que cavam os heminópteros, a vida agita-se e faz ouvir”²⁰. Se for possível identificar uma expressão-chave na obra humboldtiana é a ideia de *teia da vida* – uma das premissas da Ecologia Profunda, como mostra o físico teórico Fritjof Capra em sua obra *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos (1999)*:

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de "uso", à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. O Mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida²¹.

O que quero chamar atenção: o fundamento da ecologia profunda, diz Naess, “consiste em formular questões mais profundas”²². Nesses termos, uma ecologia que não faça perguntas profundas acerca do significado do humano, da Terra e da relação entre ambos, mantém e reafirma as dicotomias que sustentam a Tragédia Ambiental. E, ainda, *em tempos de ciências ambientais focadas em respostas, urge formularmos perguntas*. Dito isso, apresento-te a tríade de perguntas que impulsiona essa pesquisa. A primeira delas é herbácea, rasteira, morada de fauna minúscula:

Tragédia Ambiental, o que é isto?

Remonto à indagação característica das crianças e dos filósofos no esforço de compreender os significados do problema ambiental e como ele se manifesta no real. A segunda pergunta, galho da primeira, faz jus à *sedução das profundidades*, ao meu hábito infantil de ir ao fundo de tudo:

Quais as raízes da Tragédia Ambiental?

²⁰ HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros da natureza*. Tradução de Assis Carvalho. Vol. 1. São Paulo: W.M. Jackson, [1807] 1952. p. 275.

²¹ CAPRA, 1999, p. 17.

²² Arne Naess, *apud* Fox (1990), p. 217.

A terceira pergunta está atrelada não só àquele *amor ardente* pela Terra de que falei e, à busca por protegê-la a todo custo, como também a toda história contada até aqui e, que ainda continua. É uma pergunta precisa embora embebida em mistério. Encharca-se de intuição, percepção, imaginação, aberturas:

A sacralização da Natureza pode inspirar a Conservação da Biodiversidade?

No enalço dessa indagação, me entreguei ao diálogo com a espiritualidade. Instintivamente comecei a refletir sobre as relações entre a *espacialidade do sagrado e o comportamento ambiental* de uma cultura. Já na época do TCC defendi que o *exorcismo da Natureza* foi a principal estratégia de dominação da cultura judaico-cristã. Mas não tive tempo nem coragem para investigar a fundo o assunto. Daí veio o embarque repentino na aventura do mestrado: ainda tinha muito a dizer sobre minha intuição de relacionar a apropriação utilitarista e feroz do mundo ao deslocamento espacial do sagrado – da Terra para Céu.

Mas isso é assunto de geografia? É fazer geografia perguntar o *porquê das coisas*? É preciso rememorar, aqui também, que a ciência geográfica nasce atrelando o *onde* ao *porque* e vice versa. Ao mostrar que a forma das rochas é a sua própria história, ou chamar atenção para a relação entre atmosfera e o “tapete vegetal estendido por Flora”²³ sobre a Terra, Humboldt estabeleceu o *princípio da causalidade*, já que “não se contentava em encarar o mundo sob o ponto de vista de um geólogo, meteorologista ou botânico, mas se alçava à visão do filósofo indo as causas e descendo às consequências”²⁴. Além disso,

Uma geografia que ignora o que podemos chamar de “sobrenatural” negligencia algo dos estímulos mais profundamente enraizados do comportamento e atitudes humanas, está cega para algumas dimensões críticas da humanidade e desconsidera algumas implicações profundamente significantes dos padrões geográficos de atividades e comportamentos humanos²⁵.

Caso minha *queda pelos porquês* incomode determinados geógrafos defensores do “onde” como a pergunta única e primordial da geografia, questiono: na cultura ocidental-cristã, *onde* é o lugar do sagrado? No bosque? Na mata? No riacho? Na igreja? E, claro, *onde* é o lugar do maligno? No corpo? Nos prazeres? No bosque? Na

²³ “O tapete, que Flora estendeu sobre o corpo desnudo da terra, está tecido com desigualdade manifesta”. Idem, p. 279.

²⁴ RAJA GABAGLIA, F. A. Prefácio. In: HUMBOLDT, Alexandre Von. *Quadros da natureza*. Tradução de Assis Carvalho. Vol. 1. São Paulo: W.M. Jackson, [1807] 1952, p. 18.

²⁵ PARK, C. *Sacred Worlds: an introduction to geography and religion*. London: Routledge, 1994, p. 2.

mata? No riacho? Pensar sobre essas perguntas ajuda a perceber como o *onde guarda em si o porquê*. A espacialidade do sagrado, então, revela as crenças religiosas e o comportamento ambiental de uma cultura e, por isso, pode contribuir para a compreensão da tragédia ambiental.

O Mundo, na ideologia cristã, jaz do maligno: “Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no Maligno” (João 5:19). Uma breve análise do livro cristão revela uma posição diferenciada para o ser humano em relação às outras formas de vida: ele fora criado a imagem e semelhança do criador (Genesis, 1:27) e, por isso, seria superior as demais criaturas e teria total domínio sobre elas (Gênesis, 1:29-30). As escrituras cristãs ainda advertem para o único modo de alcançar o Lugar Supremo: praticando o total desapego de si e do Mundo: “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 João 2:15-16).

Em *O Anticristo: Ensaio de uma Crítica do Cristianismo* (1895: 2012), Nietzsche argumenta que, no cristianismo, nem a moral e, tampouco a religião têm qualquer relação com *este mundo*, ao passo que:

Oferece apenas causas imaginárias (Deus, alma, eu); efeitos imaginários (pecado, salvação, graça, castigo); uma convivência entre seres imaginários (Deus, espíritos, almas); uma história natural imaginária (antropocêntrica: total negação do conceito de causas naturais); uma psicologia imaginária (arrepentimento, remorso, tentação do diabo, presença de Deus); uma teologia imaginária (Reino de Deus, juízo final, vida eterna, inferno). Esse mundo *puramente fictício*, com grande desvantagem, se distingue bastante do mundo dos sonhos; este último ao menos reflete a realidade, enquanto aquele a falsifica, desvaloriza e nega. Uma vez que o conceito de natureza foi colocado em oposição ao conceito de Deus, a palavra “natural” inevitavelmente tomou o significado de “abominável” – a totalidade desse mundo fictício tem sua origem no *ódio* contra o que é natural (a realidade), o que é a expressão de um profundo mal-estar perante o real...Isso explica tudo²⁶.

Uma das principais características da divindade cristã, então, é sua transcendência. Do latim *transcendere* – “ação de subir, exceder. passar além. Ser superior. Ultrapassar o ordinário”²⁷. Nesse sentido, o criador (Deus) está acima da criação (humanos, plantas, pedras, animais, montanhas e tudo que compõe a Terra). Contudo, o humano como imagem e semelhança do criador, também está em posição distinta e superior das demais criaturas. As reverberações ambientais dessa separação/hierarquia foram apontadas no texto precursor do historiador norte americano Lynn White. Em seu ensaio intitulado *As Raízes Históricas da Nossa Crise Ecológica* (1967) White afirma que “para um cristão, uma árvore não é mais do que um fato físico.

²⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. Tradução Carlos Duarte/Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012 [1895], p. 39.

²⁷ COELHO, 1890, p. 1176.

O conceito de bosque sagrado é inteiramente alienígena à cristandade e ao ‘ethos’ do Ocidente”²⁸.

Na completa contramão dessa perspectiva teísta e antropocêntrica está a *perspectiva biocêntrica* das Religiões da Terra²⁹: nestas, o sagrado está *neste mundo*, na materialidade dos seres e elementos terrenos. Não há um “além” que abriga um único Deus inatingível e superior. Pelo contrário, o que as caracteriza é a *imanência da divindade* e a conseqüente *sacralidade da natureza*.

Sob a perspectiva biocêntrica, os povos humanos buscam, ferozmente, resgatar e/ou conservar suas tradições ancestrais. “Aquele que celebra onde vive, que conhece os seus santuários locais, as fontes, as colinas, as árvores e os vizinhos, e que é capaz de retrair a sua linhagem desde os seus antepassados locais mais antigos”³⁰. Portanto, as religiões de matriz africana, as espiritualidades indígenas, as expressões pagãs, dentre outras, são consideradas Religiões da Terra, já que, do ponto de vista espiritual, cantam a mesma música, aquela sobre se sentir em casa na Terra, sobre não alimentar “a aspiração de transcender o mundo material em busca de outra realidade, mas sim, integrar-se plenamente neste mundo, visto como sagrado”³¹. A diversidade das Religiões da Terra pode parecer desconcertante aos olhos de quem desconhece a multiplicidade da Vida – cultural e biológica. A intolerância religiosa, desse modo, revela total ausência de conhecimento sobre o Grande Ecossistema Terra – todos os seus 4,6 bilhões de anos.

A biodiversidade é a essência das Religiões da Terra. Seja através da magia de cura das plantas; da celebração dos ciclos naturais; da veneração de lugares e animais, os povos dessas religiões dependem diretamente da biodiversidade e a reverenciam diariamente. E, em tempos de ecocídio, genocídio e etnocídio, a palavra biodiversidade não é só um conceito, é luta! Despertar para nossa *ancestralidade telúrica*³² é um ato de

²⁸ WHITE, Lynn. *As raízes históricas de nossa crise ecológica*. In: ANDRADE, Maristela Oliveira de. (Org.). *Milenarismos e utopias*. João Pessoa: Manufatura/Religare, 2003, p. 144.

²⁹ De acordo com Oliveira (2010), o termo “religiões da terra” se refere ao conjunto das tradições nas quais a divindade (ou as divindades) é vista como imanente e considerada como “estando presente e/ou sendo” um (ou mais) aspecto da natureza. São o oposto das chamadas Religiões do Livro - judaísmo, cristianismo e islamismo - caracterizadas pelo monoteísmo, transcendência da divindade e, por seguirem, cada qual, seu livro sagrado: Torá, Bíblia e Alcorão, respectivamente.

³⁰ HARVEY, Graham. *O Paganismo*. Tradução de Manuel Marques. Alfragide: Texto Editores, Lda, 2010, p. 14.

³¹ OLIVEIRA, 2009, p. 5.

³² Desenvolverei esse conceito no Canto do Lobo, mas diz respeito à ligação ancestral entre humanos e outros seres e elementos terrenos.

resistência e rememorar é revolucionário. A variação genética e, a consequente diversidade biológica e cultural, são imprescindíveis para a sobrevivência de uma espécie e de todo um ecossistema. Na mesma medida, a diversidade de deuses, rituais e crenças é essencial para a saúde das sociedades humanas. O fetiche de um deus Uno e uma cultura (judaico-cristã-ocidental) também uma e dominante, provou-se nocivo para a humanidade e toda Comunidade da Vida.

Não sei o que há atrás da porta que range, desconheço a paisagem e a biogeografia que se mostrará. Mas estou sendo guiada pela vontade, precisamente por duas de minhas intuições mais antigas:

- ∇ *As raízes da Tragédia Ambiental se ancoram na dessacralização da Natureza empreendida pelo cristianismo;*
- ∇ *A Conservação da Biodiversidade está profundamente intrincada à sacralização da Natureza.*

Por isso, além do desejo central - *compreender a tragédia ambiental a partir do diálogo entre geografia, ecologia e espiritualidade* - quero mais, muito mais, mas farei o exercício doloroso de resumir em dois desejos específicos:

- ∇ *Rastrear as raízes filosóficas e teológicas da Tragédia Ambiental;*
- ∇ *Identificar as relações entre sacralização da Natureza e Conservação da Biodiversidade.*

Estou sendo clara? Pergunto-te isso porque “ainda tenho medo de me afastar da lógica porque caio no instintivo e no direto, e no futuro. Que mal, porém, tem em eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima³³”, com um tipo de conhecimento que extrapola as cercas da ciência pragmática, estou lidando com um texto que deseja despertar para a materialidade do mundo. Só precisamos, ele e eu, escolher o caminho.

∇

Fecho os olhos, vejo a porta. Estou diante dela, trêmula, imóvel assustada, ofegante. Estou em *estado de prestes à*. Ela já quase range e consigo espreitar, por uma

³³ LISPECTOR, 1973, p. 12.

abertura mínima, a geomorfologia do outro lado. Lancei as palavras de encantamento, rememorei, agora só me resta *escolher o caminho*.

Mas como escolher o caminho se o que me espera do outro lado *é onipotente, onipresente, tudo consome, tem mil faces* - assume diferentes formas e nomes: capitalismo, cristianismo, colonização, ocidente, globalização, imperialismo, Tragédia Ambiental, mecanicismo, Deus, desenvolvimento. Um Predador que rasteja pelas reentrâncias da mente, domestica corpos livres e sadios, extermina lugares, fagocita ecossistemas inteiros, culturas inteiras e, parece imobilizar, com um simples olhar, quem se atreve a enfrentá-lo: estátuas de sal. Como escolher um caminho que me leve ao peito gélido da maldita trindade – Pai (cristianismo), Filho (capitalismo), Espírito Santo (mecanicismo) – amém. “Se há moço ou moça que saiba onde se esconde o secreto coração deste Monstro do crescimento, tenha a bondade de nos dizer para onde apontar a flecha que o abrandará”³⁴.

Dei por mim que, para enfrentar esse tipo de predador é preciso estar com os dentes à mostra, olhos vermelhos e atentos, peito ardente, pêlos eriçados, garras de fora. Em meu percurso acadêmico, encontrei diversos caminhos possíveis e todos me proporcionaram profundas reflexões e intensos momentos de criatividade. Como mostrei até aqui, todas as experiências e saberes da infância aliados aos sete anos de universidade, influenciaram diretamente em meu modo de ver e pensar o mundo e, claro, no tema da pesquisa. Mas o que, subitamente, iluminou com mil vagalumes o caminho atrás da porta, foi meu encontro com a *Mulher de dois milhões de anos de idade*, a *Mulher Selvagem*, a que vive em cima e embaixo da terra ao mesmo tempo, a que dá cor ao âmbar e cheiro ao húmus, a que caminha ao lado dos animais e fala todas as línguas do mundo. Aquela que eu, instintivamente, buscava quando ficava horas no quintal remexendo a terra com os dedos.

No inverno de 2020 estava completamente perdida em relação à pesquisa, imóvel diante do longo caminho das páginas, metodologias, leituras, padrões, desejos. Estava atrás de algo que não sabia nomear. Mas havia um livro, um que desejava ler a anos, mas sempre deixava para depois. Seu título estava registrado em uma anotação, já gasta, na borda de uma página da agenda de 2016: *Mulheres que Correm com Lobos* (1992), de Clarissa Pinkola Estés. Em um dia muito frio na margem sul do Rio Tejo, corri para a livraria mais próxima e agarrei-o com urgência.

³⁴ SNYDER, 2018, p. 13.

Cheguei em casa, sentei-me com Clarice Lispector (*Água Viva*, 1973) e Rubem Braga (*Dois Pinheiros e o Mar*, 2017) do lado, como de costume; desembalei o novo livro, cheirei fundo com o rosto enfiado no miolo; escrevi meu nome, o local, a data e a estação do ano na primeira página (Vanessa, Portugal, 06 de março de 2020, inverno) e, li cinquenta páginas sem respirar. Levantei com as pernas doloridas, fiz um chá, sentei-me de novo e chorei por vinte e sete minutos ininterruptos. Diversas de minhas indagações, como mulher e geógrafa *amante do mundo*, estavam naquelas páginas através da *poética antiga* da psicanalista junguiana, poetisa e *cantadora* de histórias, Clarissa P. Estés. Questões como assumir a intuição como método e a literatura como forma de expressão e procedimento metodológico, foram algumas das que emergiram com a leitura.

Em sua obra clássica para o Sagrado Feminino, Clarissa apresenta essa *Natureza Instintiva Selvagem, a Velha* que é mais antiga do que o tempo, a *La que Sabe*, Aquela que Sabe, *La voz mitológica* que vive no submundo da psique. Estés resgata a ideia de *inconsciente coletivo* proposta por Carl Jung, para designar o que chama de *el mundo subterráneo, el rio abajo del rio*, esse lugar nas margens da psique onde biologia e psicologia se encontram. Esse território antigo “onde o espírito das mulheres e espírito dos lobos se encontram [...] Onde estão os registros da humanidade, a raiz da luz, a espiral das trevas, nosso fascínio pelo mistério” (ESTÉS, 2016, p. 42). De acordo com Jung (1969), o inconsciente parece ser dirigido principalmente por imagens antigas, representadas por formas de pensamento correspondentes — isto é, por arquétipos, que seriam, nas palavras de Jung, “uma *tendência* instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias” (JUNG, 1969, p. 69). *La voz mitológica* era justamente o som que eu precisava ouvir para me guiar ao fundo de tudo. A *essência telúrica* que sempre acreditei existir nas profundezas do nosso DNA – o que nos move a denunciar a barbárie e enfrentar o predador de frente. A autora esclarece: “seja qual for o nome que lhe dão, sua força guarda o passado pessoal e o passado longínquo, já que sobreviveu geração após geração, e é mais velha que o próprio tempo”, e prossegue em sua *poética antiga*:

Ela é a força da vida-morte-vida; é a incubadora. É intuição, vidente, ouvido atento, coração leal. Ela estimula os humanos a permanecerem políglotas: fluentes na linguagem dos sonhos, da paixão, da poesia. Ela sussurra nos sonhos noturnos; deixa um rastro de pelo áspero e pegadas enlameadas no terreno da alma feminina.

Ela é um misto de ideias, sentimentos, desejos e memória. Ela foi perdida e meio esquecida durante um longo período de tempo. Ela é a fonte, a luz, a noite, o escuro e o alvorecer. É o odor

do bom barro e a pata traseira de uma raposa. Os pássaros que nos contam segredos lhe pertencem. Ela é a voz que nos diz: “Por aqui, por aqui”.

É ela quem vocifera contra as injustiças. Quem gira uma enorme roda. Quem cria os ciclos. Saímos de casa para procurá-la. Voltamos a casa para encontrá-la. Ela é a raiz fertilizada de todas as mulheres. É tudo aquilo que nos faz seguir em frente quando estamos a ponto de desistir

Onde está presente? Onde se pode senti-la? Ela caminha por desertos, florestas, oceanos, cidades, bairros, castelos [...] Deixa pegadas para que as sigamos. Deixa pegadas em qualquer local onde se possa encontrar uma mulher que seja terra fértil.

Onde vive? No fundo do poço, nas fontes, no éter antes de todos os tempos [...]

Vive onde se cria a linguagem. Vive na poesia, na percussão, no canto. Nas notas ornamentais e nas semínimas, e numa *cantata*, numa *sestina* e no *blues*. Ela é o momento imediatamente anterior ao desencadear da nossa inspiração³⁵.

A partir daí, meus encontros com *La que Sabe* ocorriam sempre que atravessam em meu caminho poesias, galhos retorcidos, pássaros presos, onças e crocodilos queimados... Acontece sempre que me coloco, por alguns segundos que seja, diante da beleza ou do sofrimento do mundo. Estava definitivamente comprometida com meu amor pela Terra e o texto começou a dar os primeiros sinais de *vida de fato*: minha escrita sofreu uma transformação abrupta e irreversível. Eu já não falava mais por mim.

Feito o pacto com a *Mulher Selvagem* torna-se impossível voltar atrás. Ela vem durante impulsos criativos e nas crises de ansiedade, toma-nos durante um momento elementar de contemplação da natureza ou aparece-nos em sonhos. Noite passada, por exemplo, me deitei sem ter escrito uma palavra na dissertação, adormeci com o gosto amargo da deserção debaixo da língua. Sonhei com um cavalo moribundo, estava sob uma velha ponte de madeira, usava rédeas, sela e freio – também tão velhos quanto à ponte. Testemunhei o momento exato em que desceu lentamente para baixo da ponte e, lá ficou com os olhos cansados, maltratados e medrosos. Tentei, sem sucesso, desviar os olhos, como geralmente se faz diante de uma cena de barbárie, mas ele olhava diretamente pra mim. Falava, através da íris, sobre aquele pacto que fiz com a Terra naquele dia de 2019 em que atearam fogo na Amazônia³⁶.

³⁵ ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Tradução Luzia Almeida. Lisboa: Marcador, [1992] 2016, p. 25.

³⁶ Refiro-me ao dia 10 de agosto de 2019, que ficou conhecido no Brasil como “Dia do Fogo”, em que fazendeiros atearam fogo em diversas áreas da Amazônia brasileira. Relato esse dia no escrito *Dia do Fogo*, no Canto da Onça (página 94). Mais informações sobre o crime podem ser vistas na reportagem da BBC News Brasil em: *O que se sabe sobre o 'Dia do Fogo', momento-chave das queimadas na Amazônia*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49453037>. Acesso em 10 jan 2020.

....Certa noite
 Bateu à porta o pulsar de um coração.
 Lá fora, por entre a neblina, uma mulher,
 Em seus cabelos de ramos e vestidos de ervas,
 Escorria água verde do fundo do lago.
 Disse-me ela: “Eu sou tu,
 E venho de muito longe.
 Vem comigo, quero mostrar-te uma coisa”.
 Virou-se para caminhar, a capa caiu.
 E subitamente uma luz dourada...por todo lado, uma luz dourada....³⁷

Com o poema acima, Clarissa chama atenção para o potencial de transformação de se confiar na voz *que é mais antiga do que as pedras*.

Essas imagens que giram em torno da escuridão transmitem uma mensagem ancestral que diz: ‘não tenha medo de não saber’ [...] Este aspecto dos contos e lendas encoraja-nos a seguir o chamamento, mesmo quando não temos ideia de onde ir, que direção tomar, ou durante quanto tempo ³⁸.

Essas palavras me inspiraram a tomar uma decisão metodológica ousada: caminhar nas sombras de mãos dadas com a intuição.

³⁷ ESTÉS, 2016, p. 328.

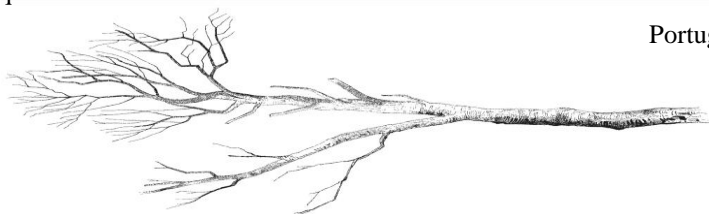
³⁸ Ibidem, p. 329.

MÉTODO SELVAGEM

Rosnar, Farejar, Uivar

Para escrever

Preciso ir pra lá, para dentro da mitocôndria vegetal. Preciso me transformar, pintar o corpo e o rosto com pigmentos naturais, encurvar as costas, torcer os dedos. Preciso mostrar os dentes. Devo me lembrar da floresta boreal, uivar para o sol da meia noite. Preciso cheirar a seiva que mela, a dois dias, dos troncos de pinheiro catados na rua e transformados em mesa de cabeceira. Preciso pensar em pintura, arte feita à mão – amuletos. Tomar chá de artemísia com hortelã e mel. Preciso ir pra lá, onde a rocha matriz começa a apodrecer e a raposa branca reina majestosa ao lado da grande vespa cinzenta. Onde o Fauno corre livre e nu, longe dos olhos dos que o chamam “demônio” e o responsabilizam por todos os males do mundo. Preciso parir a palavra, criar o texto. Ele terá meus traços, cantará como eu, seremos enterrados juntos ao pé do grande jequitibá.



Portugal, 18 de junho de 2020.
Diário de bordo.

Sob o imperativo do paradigma científico, o pesquisador se vê obrigado a planejar rotas muito bem definidas, encaixar o objeto de pesquisa em uma fôrma de falsas certezas, correr atrás de um horizonte de estabilidades que nunca chega – como naqueles pesadelos que corremos, corremos e corremos e nunca conseguimos alcançar o alvo. Frases como: “você deve saber exatamente o que quer, onde quer chegar e, como fará isso”, são proferidas constantemente em aulas, conversas e livros sobre metodologia de pesquisa.

O problema é que esse *modo de fazer ciência* (atrelado à ideia moderna de produtividade e previsibilidade do mundo), paralisa, emudece e apaga o *fogo criativo*. Enquanto isso, a aceitação do *não-saber* tem um poder incrível de força e de possibilidade. O medo deixa de ser obstáculo e se torna impulso, sedução. “É no breu que as possibilidades brotam” – escrevi na caderneta do mestrado em maio de 2019, um ano antes de ler *Mulheres que Correm com Lobos*. Muito aconteceu desde a data desse registro na caderneta, mas “muita coisa não posso te contar”³⁹.

Mas o texto parece vasto, quilométrico, quase inalcançável. Não parece gostar de ser dividido, sistematizado; quer ser livre e ele mesmo o tempo todo. Quer ser inteiro. Foge-me das mãos. Escapa. Serpenteia. Não concebe ideias aqui e outras ali – repudia capítulos. Aceita, no máximo, pontuações e parágrafos. Mas tento, ao longo das tardes

³⁹ LISPECTOR, 1973, p. 40.

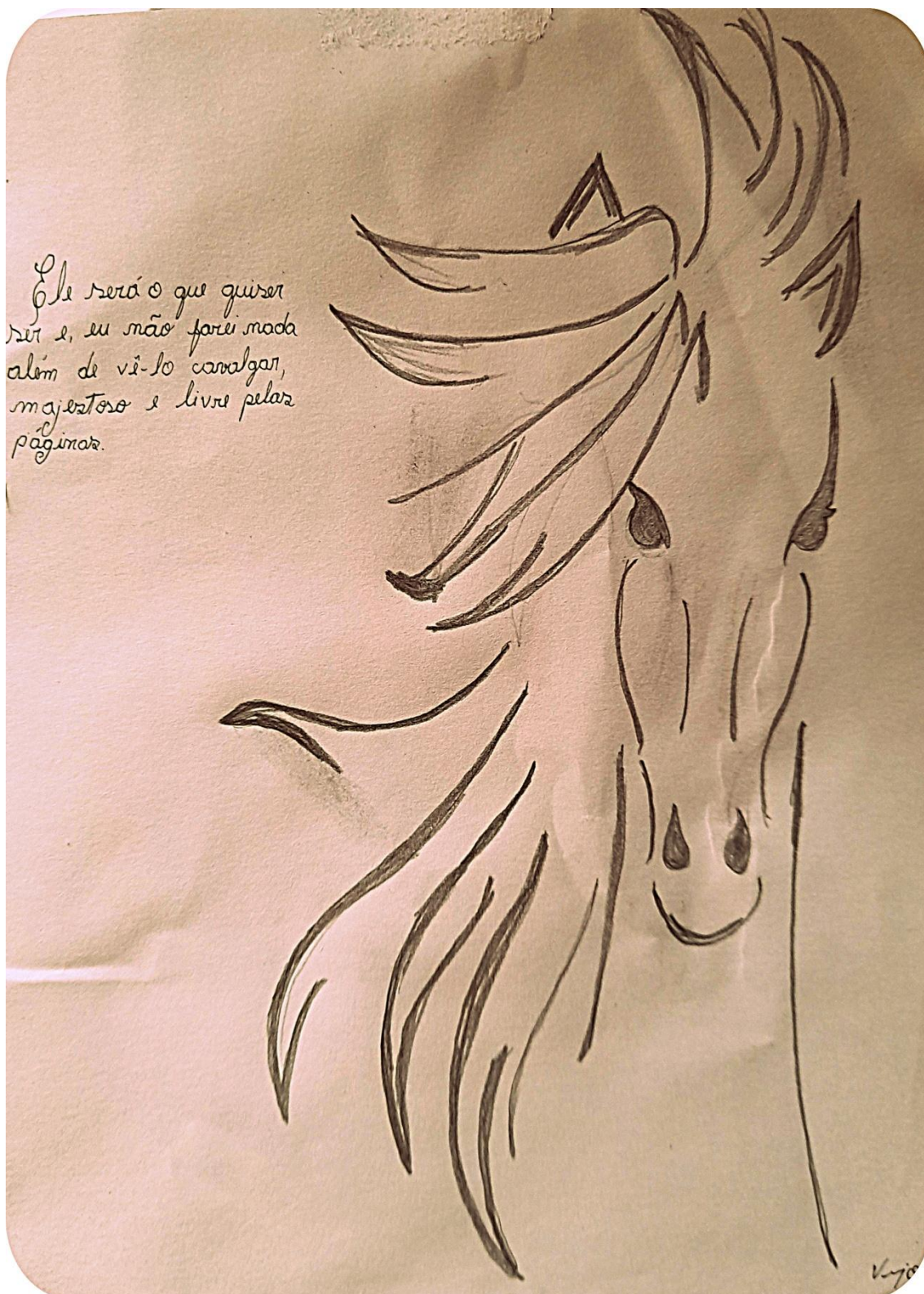
mornas, convencer-lhe das regras e costumes. Tenho de lembrar-lhe, o tempo todo, de sua ascendência acadêmica. Ele retruca: “não sou ciência, sou conhecimento e a liberdade é minha natureza. Não posso evitar”. Estou com medo! – respondo. Mas ele insiste que o medo vem do mesmo lugar de que vem o desejo, a ânsia de sobrevivência, a coragem, a arte e os símbolos: do *mundo-entre-mundos*, *el rio abajo del rio*, o inconsciente, *el mundo subterráneo*. Tudo que vem de lá serve para nos lembrar de onde viemos, quem somos e qual nosso nicho na Teia da Vida. De lá vêm os barulhos que não nos deixam fechar os olhos para a barbárie; vêm imagens que nos mantêm despertos, pêlos eriçados, coluna arqueada e garras de fora. Nos alerta para o fato de que para cada forma de vida terrena há uma correspondência em nosso DNA. Viemos dos mares. Existimos e respiramos graças à *canção inaugural* dos estromatólitos. Cultivar esse tipo de pensamento nos faz vislumbrar a profundidade da nossa raiz comum.

Passei a cobiçar o medo. Saboreá-lo. Experimentar seu potencial criativo. Acima de tudo, passei a libertar o texto, arrancar-lhe as rédeas, grilhões, selas. Ele será o que quiser ser e, eu não farei nada mais do que deixá-lo cavalgar, magnífico e livre, pelas páginas.

Devo confessar que sempre fui um tanto quanto medrosa – não aprendi a nadar, não atravesso pinguelas bambas de madeira e durmo de luz acesa quando estou sozinha. Muito bem, preste atenção, escolher esse caminho talvez seja meu primeiro e mais bruto ato de coragem.

*Estou agora ouvindo o grito ancestral dentro de mim: parece
que não sei quem é mais a criatura, se eu ou o bicho. E
confundo-me toda. Fico ao que parece com medo de encarar
instintos abafados que diante do bicho sou obrigada a
assumir⁴⁰.*

⁴⁰ LISPECTOR, 1973, p.57.



2. Desenho à mão livre durante uma crise de ansiedade enquanto escrevia estas páginas. Em uma aparição repentina e inesperada, o texto veio na forma de um cavalo, atento, lotado de memórias sobre liberdade, medo e desejo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Um objeto de pesquisa como a Tragédia Ambiental exige um método que seja complexo, vasto, fissura em rocha dura. Etimologicamente, a palavra complexo “vem do latim *complexus* - o que rodeia, o que inclui - particípio passado de *complecti*, rodear, abraçar - formado por *com* - junto + *plecter* - tecer, entrelaçar”⁴¹. Para enfrentar o predador, o *Monstro de Mil Faces*, é preciso também ter mil faces, é preciso rodeá-lo, olhá-lo nos olhos sem medo. Daí vem a necessidade de um método que una a *práxis* da arqueologia, da arte, da psicologia e um conjunto de outros saberes. Fui ao submundo do Real, das palavras, do texto, de mim mesma – habitei a rizosfera para encontrar um método que me satisfizesse. Tive de sonhá-lo por dias e noites a fio.

Sonhei um método cúmplice do pioneirismo das samambaias, que fizesse jus à vida pulsante que o texto se tornou. Afinal, a gramática, “não apenas da linguagem, mas da cultura e da própria civilização, é da mesma ordem deste musgoso riacho florestal, deste seixo do deserto”⁴².

Sonhei um método que fosse “isento de mim e de ti – eis a minha liberdade que leva a morte”⁴³. Precisei abrir mão de certezas há muito arraigadas, filosofias, metodologias já prontas. Precisei, por vezes, abrir mão de mim mesma para encontrá-lo em sua forma mais bruta.

Durante nossas caminhadas na Mata Escura, o texto e eu gostamos de chamá-lo *Método Selvagem*. A palavra “selvagem” permeará todo o texto e por isso devo adiantar que, no âmbito deste ecossistema verbal, ela não assume os significados pejorativos de costume – aqueles que constam nos dicionários. Snyder (2018) nos leva a visitar as definições da palavra no *English Oxford Dictionary (1990)*, por exemplo, de acordo com o qual, *selvagem* significa:

Em relação aos animais: **indomados**, não domesticados, **insubmissos**.

Em relação às plantas: não cultivadas.

Em relação à terra: desabitada, **inculta**.

Em relação aos alimentos: produzidos ou colhidos sem cultivo.

E reação às sociedades: incivilizadas, primitivas, que oferecem resistência a um governo constituído.

Em relação aos indivíduos: não refreados, insubordinados, licenciosos, dissolutos, livres.

⁴¹ ORIGEM DA PALAVRA, 2020.

⁴² SNYDER, 2018, P. 104

⁴³ LISPECTOR, 1973, p. 17.

Em relação ao comportamento: violento, destrutivo, cruel, **rebelde**⁴⁴.

Mas é aí que Snyder (2018) propõe uma inversão poético-conceitual da palavra. E é nessa inversão que me inspirei para nomear meu método. De acordo com o poeta, *selvagem* é:

Em relação aos animais: que agem livremente, cada um com os seus dons, vivendo no seio de sistemas naturais.

Em relação às plantas: que se autopropagam, que mantêm a si mesmas, que se desenvolvem de acordo com qualidades inatas.

Em relação a terra: um lugar onde a vegetação e a fauna original e potencial estão intactas e em plena interação, e onde os acidentes geográficos resultam inteiramente de forças não humanas.

Em relação aos alimentos vegetais: alimentos disponibilizados e sustentados pelo excesso e exuberância naturais das plantas silvestres ao longo do seu ciclo vegetativo, e pela respectiva produção de grande quantidade de sementes e de frutos.

Em relação às sociedades: povos cuja ordem se desenvolveu a partir de dentro e que é mantida mais pela força do consenso e do costume do que por uma legislação explícita. Culturas cujos habitantes são originários e eternos no seu território. Sociedades que resistem à dominação econômica e política das civilizações. Sociedades cujo sistema econômico se encontra numa relação próxima e sustentável com o ecossistema local.

Em relação aos indivíduos: que seguem os costumes, o estilo e as regras locais, indiferentes aos padrões da metrópole ou do entreposto comercial mais próximo. Não intimidados, autônomos, independentes. «Orgulhosos e livres.»

Em relação ao comportamento: que resiste ferozmente a qualquer opressão, reclusão ou exploração.

Em relação a comportamento: Simples, livre, espontâneo, incondicionado. Expressivo, físico, abertamente, sexual, extático⁴⁵.

Por isso, meu *Método é Selvagem*, por que:

~ Desenvolve-se de acordo com sua própria ordem – é *sertão*;

*O sertão é um lugar onde o potencial selvagem é plenamente expresso. Onde uma diversidade de seres vivos e inanimados se desenvolve de acordo com a própria ordem de cada um*⁴⁶.

⁴⁴ Ibidem, p. 18. Grifos nossos.

⁴⁵ SNYDER, 2018, p. 19-20.

⁴⁶ Ibidem p. 21.

~ Inspira-se na biodiversidade terrena – é devoto das divindades orgânicas e inorgânicas: seixos, gravetos, insetos, excremento de urso, moluscos, montanhas, rios, savanas, sabiás recém-nascidos. Cultua os microorganismos do solo responsáveis pela decomposição.

~ É aventura poética-filosófica-geográfica-existencial. É grito no breu. Salto do penhasco. Áspero e corajoso em sua animalidade vegetal.

~ Nasce da novidade, da busca pelo genuíno e livre ato criativo.

~ É feroz e tem os dentes cobertos de musgo;

~ Está integrado a uma miríade de outros saberes, mas cavalga e corre livre para onde e como quiser: ama os filósofos, mas considera mais a sabedoria das baleias.

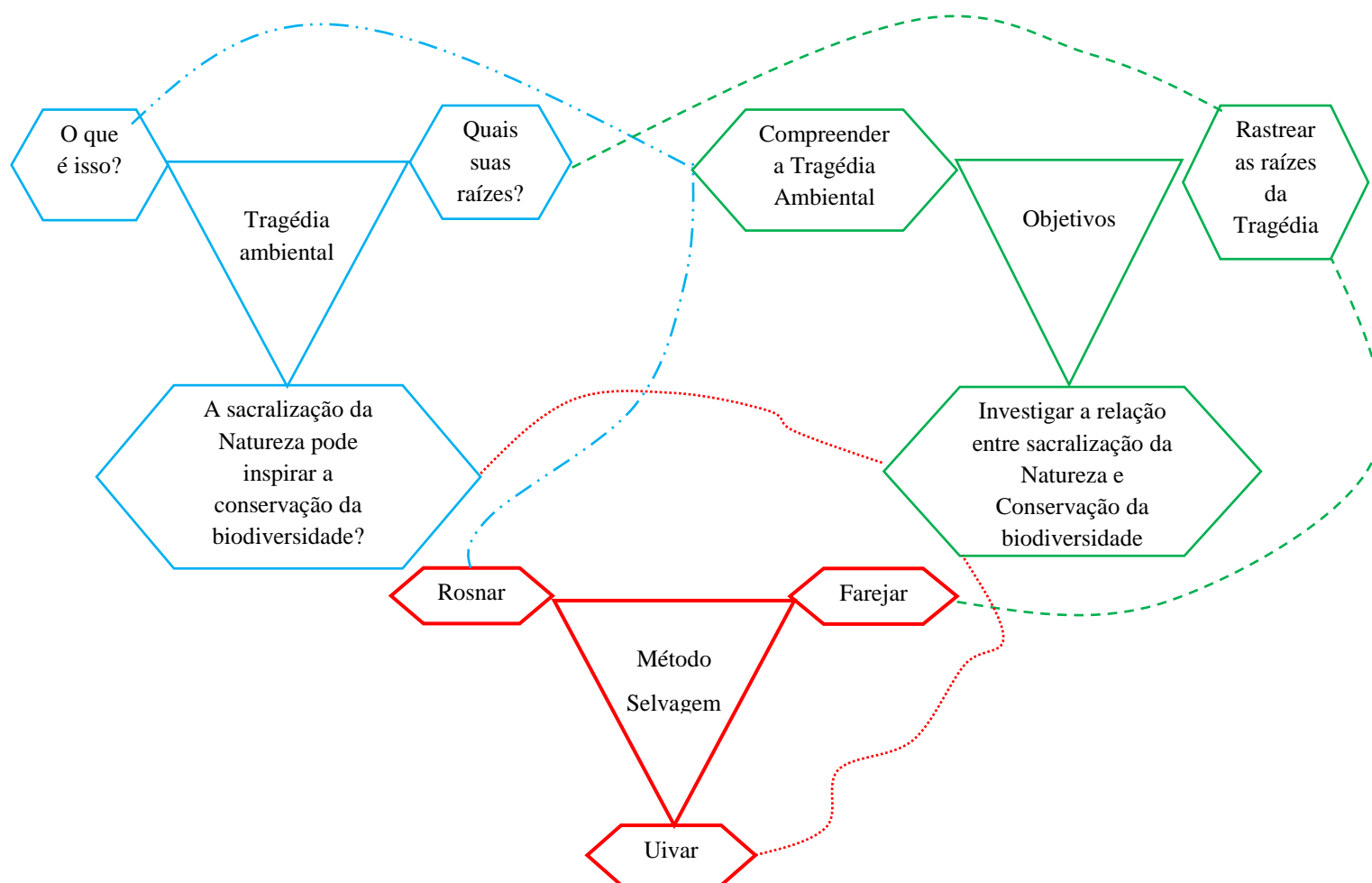
~ Sabe nadar no meio do rio, mas prefere as margens lamacentas. Sabe que “a diversidade, biológica e social, se amontoa defensivamente em margens despercebidas”⁴⁷. Por isso, é solidário à linguagem poética – gosta das ciências que os cientistas não consideram ciência.

O símbolo do triângulo esteve presente em diversos momentos do texto até aqui, reparou? Nos três cristais da capa⁴⁸, no triângulo invertido das pausas, nas pintas que formam um triângulo ao lado do meu olho esquerdo. O Método Selvagem também é composto de uma tríade de **movimentos instintivos**⁴⁹: **rosnar** (identificar o predador), **farejar** (buscar as raízes) e **uivar** (confiar na intuição). Essa tríade entrelaça-se a outras duas: a das perguntas e a dos objetivos. Assim:

⁴⁷ TSING, Anna. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. Trad. Pedro Silveira. Santa Catarina: ILHA Revista de Antropologia, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015, p. 193.

⁴⁸ A tríade dos cristais da capa é formada pela Ágata Turritella ao topo, Jaspe Kambaba no braço esquerdo e Madeira Petrificada de Sequoia no braço direito. As três são registros fósseis e, por isso, testemunhas corpóreas da história terrena.

⁴⁹ Que os herméticos chamariam de procedimentos metodológicos.



3. Corpus metodológico da pesquisa ou útero textual.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

No México, diz-se que as mulheres têm a luz de la vida. Essa luz está localizada, não no coração da mulher, não atrás dos seus olhos, mas en los ovarios, onde todas as sementes estão armazenadas antes mesmo que ela nasça⁵⁰.

Explico agora mesmo esse ecossistema interconectado da metodologia e como, dele, três Cantos de Guerra (muito mais do que capítulos) emanaram e formaram o corpo do texto: o sistema carnal através do qual ele despertará para o mundo.

⁵⁰ ESTÉS, 2016, p. 46.

Canto da Onça – Rosnar

Território da Onça pintada

Crimes da terra, como perdôá-los? Tomei parte em muitos, outros escondi. Alguns achei belos, foram publicados ⁵¹. Através do rugido da arte literária, pretendo identificar e denunciar o Predador no encalço da pergunta *Tragédia Ambiental, o que é isso?* Bem como do objetivo de compreender a Tragédia a partir do diálogo entre geografia e arte. Parto da intuição de que “as artes são o território selvagem da imaginação, e sobrevivem, quais os parques nacionais, no seio das mentes domesticadas” ⁵² e, por isso, têm a ferocidade necessária ao enfrentamento da Tragédia Ambiental. Além disso, a arte literária encara o *Monstro de Mil Faces* “olho no olho”, como faz a onça quando se sente ameaçada – não titubeia.

Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra, e te pergunta, sem interesse pela resposta pobre ou terrível que lhe der: trouxeste a chave?⁵³.

Esse canto pretende-se caótico e urgente em seu desespero frente à barbárie. Avessa às armas de fogo, a literatura usa as palavras quando sua única forma de protesto é o grito. Ela *toma o partido do mundo* (PONGE, 2000) e fala por aqueles que não têm voz nos parlamentos (SNYDER, 2018).

A visão de um futuro distópico para a humanidade, em que o apocalipse ecológico paira ameaçador no horizonte, intensificou sua presença na literatura e ajudou a construir um rico acervo de narrativas em que a relação entre o homem e o meio ambiente é um mote essencial⁵⁴.

O rugido é composto pela seleção de textos que apontam para as pegadas do predador: quem é, onde está, do que se alimenta e, o que quer. Convido para o canto algumas vozes principais: as minhas; a prosa poética de Rubem Braga (1962, 1982, 2017); a escrita da natureza de Gary Snyder (1974, 2018); o ativismo poético de Eduardo Galeano (2013); e, a sabedoria indígena de Eliane Potiguara (2004). Mas, sendo polifônico, outras vozes podem surgir a depender da necessidade lírica ou da situação do combate.

⁵¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b, p.13.

⁵² SNYDER, 2018, p. 9.

⁵³ DRUMOND, 2012, p. 12

⁵⁴ MACHADO, André M. *Um conselho de aldeia de todos os seres: a animalidade em turtle island, do poeta Gary Snyder*. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017, p. 5.

Nesse território da onça, desenvolvo alguns dos conceitos germinados pelo texto, precisamente os conceitos de Tragédia Ambiental e *Monstruo de las Mil Caras*.

Canto do Javali – Farejar

Território do Javali

Partindo da intuição de que *as raízes da Tragédia Ambiental se ancoram na dessacralização da Natureza empreendida pela teologia cristã*, incorporo a figura do javali - esse animal que vive remexendo a terra com o focinho – para compor um *canto etiológico*⁵⁵ da Tragédia Ambiental, no intuito de rastrear suas raízes mais profundas. Aqui, através do incessante ato de perguntar, o *instinto da busca* domina as palavras, a pesquisadora, o texto e o próprio ato de escrever.

De onde vem esta preocupação com o questionar, e a grande dignidade atribuída à questão? Questionar é buscar, e buscar é buscar radicalmente, ir ao fundo, sondar, trabalhar o fundo e, finalmente, arrancar. Esse arrancar de raiz é o trabalho da questão⁵⁶.

Na primeira estrofe, *Em busca das profundezas*, farejo as raízes finas e longas que ligam a Tragédia Ambiental à filosofia, à ciência moderna e ao utilitarismo capitalista. Inspirada na *práxis* da Ecologia Profunda, mergulho nas arraigadas ideias ocidentais acerca do humano, da Natureza e da relação entre ambos. Para isso, seguro forte as mãos das mulheres sábias e atentas do ecofeminismo (SHIVA, 1989, 2001, 2003; COSTA, 2019; KHEEL, 2019; SATTLER, 2019; GAARD, 2011); bem como de sociólogos, historiadores, poetas e outros que denunciam as ideias e práticas ocidentais de domínio da Natureza (THOMAS, 2010; SINGER, 2010; KRENAK, 2019; MIES & SHIVA, 1993).

Na segunda estrofe, *O mundo jaz do maligno: cristianismo e dessacralização da Natureza*, proponho uma composição sustentada pelo entrelace de minhas profusões argumentativas com o *testemunho* de Davi Kopenawa (2015) acerca do esforço cristão em romper o vínculo espiritual do povo yanomami com a floresta para dominar a ambos. Permeando essa composição, há também as vozes de Nietzsche (1997, 2012), White Jr. (1967), Fernando Pessoa (2016), Bosi (1992), dentre outros. Essa polifonia enfurecida revela como o cristianismo operou, ao longo dos séculos, um projeto prático-ideológico de dessacralização da Natureza com vistas à sua dominação atroz e ainda em

⁵⁵Do Latim tardio *aetiologia*, de *aitia*, “causa” + *logon*, “palavra, escrito, tratado, estudo”, significa “estudo das causas e origens” (ORIGEM DA PALAVRA, 2020).

⁵⁶ BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. p. 41.

curso. Isso lançará luz sobre os *impactos ambientais da teologia cristã*, logo, sobre sua contribuição-chave para a Tragédia Ambiental.

Canto do Lobo – Uivar

Território do lobo

Nos outros dois cantos, foram a arte e a Ecologia profunda os instintos metodológicos, aqui, neste último canto que é misto de grito de alerta e gorjeio de esperança, é a intuição que toma a função de caminho. Este é o momento de seguir no encaicho da minha intuição mais antiga, a de que *a Conservação da Biodiversidade está profundamente intrincada à sacralização da Natureza*. Ela é a responsável por me instigar a questionar se a *sacralização da Natureza pode inspirar caminhos para a Conservação da Biodiversidade*. Diante disso, com o objetivo de *identificar as relações entre sacralização da Natureza e Conservação da Biodiversidade*, lanço mão do diálogo da geografia com a espiritualidade, precisamente espiritualidades que tomam a Terra como lugar sagrado e a Vida como motivo de celebração⁵⁷. Pretendo expor o contraste, no que diz respeito ao comportamento ambiental, entre essa atitude cosmobiológica e a atitude teísta cristã⁵⁸.

Esse diálogo com a espiritualidade se dará através da polifonia com as vozes de animais humanos debruçados em estudos sobre sacralização da natureza e comportamento pró-ambiente (ZALEHA, 2013; DIETZ *et al*, 2005) e Religiões da Terra e ecologia (OLIVEIRA, 2010, 2009, 2010; HARVEY, 1997, 2010;). Desenvolvo, aqui, os conceitos de *Ancestralidade telúrica e Espiritualidades Terranas*. Mas há mais, só não posso lhe contar agora.

Nas últimas notas do canto, *Geografia Selvagem: no caminho, fora do trilho*, me atrevo a sonhar uma geografia sem rédeas, indômita, extática. Uma geografia que nenhuma ciência, nenhuma globalidade e nenhuma opressão possam tolerar. Uma geografia feroz, lotada de urgências e fundamentalmente intrincada a todos os saberes vivenciados ao longo dessa aventura.

⁵⁷ Celebrar em seu sentido etimológico do latim *celebrare*, “honrar, fazer solenidade”, de *celeber*, “o que é várias vezes repetido”, logo, “notado, percebido, digno de honras” (ORIGEM DA PALAVRA, 2020).

⁵⁸ Como mostra Oliveira (2010), na perspectiva cosmobiológica o universo (*cosmos*) é visto como uma multiplicidade organizada de seres vivos (*bios*), diante da qual o humano se situa e deseja integrar-se. Já na perspectiva teísta (um deus único e poderoso), “o centro de referência deixa de ser o mundo físico, para se tornar uma pessoa divina absoluta, independente do mundo. Assim, enquanto a cosmobiologia aponta para uma perspectiva de imanência, percebendo o divino como parte do mundo físico, o teísmo o situa num outro plano, considerando-o como algo distinto da matéria” (OLIVEIRA, 2010, p.27).

Mas como é “na foz do rio é que se ouvem os murmúrios de todas as fontes”⁵⁹, após o Canto do Lobo o caminho desembocará na *Conclusão: cantar sobre os ossos* - terminarei essa aventura com uma canção de esperança, despedida, reflexões finais, chamamento.



O verdadeiro pensamento parece sem autor.
LISPECTOR, 1973, p. 108.

É comum exigirem que os textos acadêmicos sejam previsíveis e tenham um final pré-determinado, como exigem que as árvores de uma monocultura tenham um fim muito bem planejado e datado - “cerca de cento e cinquenta anos”⁶⁰.

Então, essa história termina?

Dizem que Leonardo da Vinci nunca terminava seus quadros e que, inclusive, no dia de sua morte, *Mona Lisa* estava ao lado de sua cama em um cavalete de pintura, aguardando a próxima pincelada – que nunca veio.

Em 1938, J. R. R. Tolkien escreveu *Folha por Niggle* um pequeno conto que retrata a história de um pintor obcecado por transpor para a tela a sua visão, mas se vê constantemente impedido de fazê-lo, seja pelos contratemplos do dia-a-dia ou pela ansiedade diante dos padrões artísticos. Na visão do pintor, a tela nunca estava pronta o suficiente, nunca representava a forma como a havia sonhado em sua mente, até que, um dia, atirou os pincéis para o chão e entrou no quadro, fundiram-se e, só assim, lá nas entranhas da obra, o autor sentiu que deveras havia criado.

Adianto que o texto não termina nunca. É infinito. Talvez a urgência e o medo me enganem, mas “suspeito que a espécie humana – a única – está em vias de extinção e que a Biblioteca perdurará, iluminada, imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta”⁶¹.

⁵⁹ ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

⁶⁰ Snyder, 2018, p. 177.

⁶¹ BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, [1944] 2007, p.78.

Quanto à história, sinto dizer (e isso pode incomodar aos que apeteçam o conforto) que desconheço o final, já que uma *contadora* em estado de transe evoca *El Duende*⁶²,

O vento que sopra o espírito sobre o rosto dos ouvintes. Uma contadora em transe aprende a desdobrar-se psicologicamente através da prática meditativa da história, isto é, faz um exercício individual de modo a abrir certas portas psíquicas e frestas do ego, permitindo deixar a voz falar, aquela que é mais antiga do que as pedras. Quando isso acontece, a história pode seguir qualquer rumo, pode virar do avesso, ser transformada em alimento e servida a quem tem fome, pode ser recheada de ouro, ou captar o ouvinte de modo a transportá-lo para outro mundo. A contadora nunca sabe como tudo vai acabar e é nisso que reside pelo menos metade da magia orvalhada da história (ESTÉS, 2016, p. 32).

É esperado que a mulher envolvida com uma pesquisa por dois anos e meio evoque *el duende* toda manhã e, acabe por incorporar os espíritos da narrativa, “mudando de voz para indicar a fala das diferentes personagens, além de imitar as vozes dos cães e dos ursos”⁶³. Então, não se assuste se, por vezes, meu tom sofrer uma mudança abrupta, como....como...desculpe....ghrrr-ram...como...

...Quero abrir a boca e ouvir uma voz diferente da que ouço a vinte e sete anos.

Um tom que fique entre vulcão em erupção e Fossa das Marianas – estremeço de dor e prazer ao imaginar o barulho que vem de lá, esse que é o lugar mais profundo da crosta terrestre, 10.984 metros abaixo do nível do mar, escuro, fluido, interminável:

Ôurrrrrrrrrrrruuuuuuuug...

Eu quero sentir medo de mim.

Um medo místico que me faça morrer por uns instantes e renascer antropomórfica.

Quero ir onde Clarice Lispector e Manoel de Barros foram para encontrar La Majestuosa Palabra Maldita con Pechos de Mujer.

Eu quero a maldição da palavra, o que a ciência joga no lixo, o caroço da fruta proibida.

Quero retornar ao estado em que humanos entendiam a língua dos parentes dos outros reinos.

É isso que o texto quer.

⁶² Estés (2016) conta que *el duende* é a força que se oculta atrás das ações e da vida criativa da pessoa, nomeadamente a sua maneira de andar, o som da sua voz, a forma como levanta o dedo mindinho. É um termo usado na dança *flamenco*, e é também usado para descrever a capacidade de pensar por imagens poéticas. Entre as curandeiras latino-americanas que recolhem os contos, trata-se da capacidade que uma pessoa tem de sentir plena de um espírito que ultrapassa o seu próprio espírito. “Quer se trate do artista, quer se trate do observador, ouvinte ou leitor, quando *el duende* está presente, a pessoa vê-o, ouve-o, lê-o, sente-o por trás da dança, da música, das palavras, da arte; sabe que está ali” (ESTÉS, 2016, p. 560).

⁶³ SNYDER, 2018, p. 223.

Ele deseja despertar para o mundo na mais bruta e profana forma.

Ele sonha em se torna Ser Vivo. Ele espreita o mundo por detrás dos meus olhos e cobiça-o. Está obcecado pelos encantos da matéria.

-

Primeiro era um mamífero, depois quis ser animal inteiro. Dizia: “Acaso eu, que também amo e também penso, não posso voar como faz o condor e, não posso arrastar o ventre no chão como fazem as víboras?”. Então, tornou-se Animal. Depois de algumas semanas nadando com as baleias, voando com os pardais e rastejando com as cobras, passou a ficar quieto dentro da tela do computador. Não conversava e não sorria como antes.

“Pelos deuses, o que se passa?” – perguntei aflita.

Olhou-me nos olhos com profunda sinceridade e disse em tom quase infantil:

“Acaso eu, que também venero o Sol e me afundo na Terra, não posso sentir com o corpo todo, comer a luz, viajar sem sair do lugar, e experimentar o prazer da seiva como fazem as plantas?”.

Me esqueci de respirar por alguns instantes, esqueci os raciocínios, as lógicas, virei as costas para as categorias e preceitos e, tão somente, respondi que sim.

Passado alguns dias, antes do amanhecer do equinócio de outono, levantei-me, fiz meu ritual de ablução, tomei um gole amargo de café e, ao chegar à sala ensolarada e fria, vi uma figura sentada em meu lugar na escrivaninha: um genuíno e solitário zoófito⁶⁴.

As penas azuis contornavam as orelhas de formato cônico, Seiva açucara escorria do coração para os braços e pernas, que eram muitos - dezesseis no total.

⁶⁴ Do grego *zoóphyton*, “animal-planta” (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, 2020). “Na vasta sintaxe do mundo, os diferentes seres se ajustam uns aos outros; a planta comunica com o animal, a terra com o mar, o homem com tudo o que o cerca [...] Vê-se crescer limos nos dorsos das conchas, plantas nos galhos dos cervos, espécies de ervas no rosto dos homens; e o estranho zoófito justapõe, misturando-as, as propriedades que o tornam semelhante tanto à planta quanto ao animal” (FOUCAULT, 1999, p.25)

Virou-se com elegância e disse-me que, agora, sabia da dor de todos os povos da Vida e, por isso, sentia um impulso voraz que o impelia a gritar. “Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah, como dói e como grita pedindo socorro”⁶⁵ - disse.

Falou-me que há espíritos em todas as coisas e que havia chegado a hora de se levantarem. Lembrou-me de uma prática cristã no início dos Tempos Sombrios: escrever hinos celestiais por cima de canções pagãs nos manuscritos pilhados.

“É chegada a hora de tomar a pena e o tinteiro das mãos do Deus”- exclamou com fúria.

Percorri-o com os olhos, dessa vez com mais atenção: o colônu, a protuberância da clavícula, as veias do pescoço, a mandíbula e, subitamente estremeci – do calcanhar à nuca – ao perceber que seu rosto, na verdade, era o meu.

⁶⁵ LISPECTOR, 1973, p. 104

Canto da Onça

Rosnar



4. Onça Pintada, Rio Tagoarira / Porto Jofre. Foto: Sebastião Salgado.

Quando estiver frente a frente com o predador, com *el Monstruo de las Mil Caras*, não desvie os olhos, seja feroz, imponente, coluna arqueada. Escute a voz dos ancestrais, acredite no *poder de luta das palavras*, mantenha-se firme e cante *la canción trágica* - o canto polifônico dos poetas.

NO RASTRO DEL MONSTRUO DE LAS MIL CARAS

Quem são vocês que podem violentar / A filha da terra /
E retalhar suas entranhas?

(POTIGUARA, 2018, p. 31)

Também conhecida como *jaguar*, que em tupi-guarani significa “aquele que briga” e, na Colômbia, como *mano de lana* (mão de lã) em alusão ao seu andar silencioso ¹, a onça-pintada é a maior espécie de felino do continente americano. No Brasil, habita os biomas do Pantanal e da Amazônia. É uma espécie-chave nos ecossistemas onde ocorre por sua alta sensibilidade às perturbações ambientais e, por isso, é apontada como indicador de qualidade ambiental. De acordo com o Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade (ICMBio, 2016), é uma das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção: a onça é perseguida por sua pele, por sua liberdade e, acima de tudo, por seu poder.

Mas este é seu território! E aqui não corre perigo, pelo contrário: reina.

Incorporar a onça pintada significa tomar consciência de todo um passado de domínio e violência, significa fechar os olhos e se sentir de cabeça para baixo, amarrada pelas patas a uma vara, sendo carregada para fora da floresta, quase-morta. Significa morrer queimada por não conseguir correr mais rápido do que o fogo, mais rápido do que o progresso. Significa, mesmo assustada e com medo, olhar no fundo dos olhos do predador, enfrentá-lo com a força de mil gerações extintas. Além de suas manchas na pele, únicas como impressões digitais, uma das características mais marcantes das onças pintadas, e de outros grandes felinos, é o rugido.

Na pele da onça, trago à garganta o rugido da arte para falar sobre a Tragédia Ambiental em curso. *Arte da palavra escrita* que é sempre e, ao mesmo tempo,

palavra cantada

palavra não-dita

palavra entalada

palavra abafada

palavra pintada

palavra-total.

¹ JOHN, L ; MIRANDA, E. E. *Jaguar: o rei das Américas*. São Paulo: Metalivros, 2010.

A grave situação em que se encontra a biosfera – de montanhas à humanos e abelhas – foi denunciada ao longo dos tempos por lideranças indígenas, poetas, ativistas, naturalistas, artistas, geógrafos, biólogos e músicos.

Em 1855, o grande líder do Povo Duwamish, chefe Sealth (Ts'ial-la-kum), mais conhecido como chefe Seattle (1786-1866), respondia ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em relação à proposta do governo norte-americano de comprar as terras do povo Duwamish, onde hoje é o estado de Washington. Resposta que ficou conhecida como *Carta do chefe Seattle* e que se tornou um texto-chave para a luta ecológica que estava por vir. Em uma sala de aula – esse espaço revolucionário de transformação – tive contato com as palavras do chefe Seattle em uma prova de biologia sobre a problemática ambiental. Nunca mais seria a mesma depois dali. Um trecho da carta alerta:

O homem vermelho sempre temeu o avanço do homem branco, como a névoa da montanha corre antes do sol da manhã. Mas as cinzas dos nossos pais são sagradas. Suas sepulturas são solo sagrado e, portanto, estas colinas, estas árvores, esta porção do mundo, são sagradas para nós. Sabemos que o homem branco não entende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, como um forasteiro que vem à noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, continua simplesmente seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus pais. E não se importa. Rouba a terra de seus filhos. E não se importa. As sepulturas de seus pais e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, sua terra, seu irmão, e o céu, como coisas para serem compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou contas coloridas. Seu apetite devorará a terra e deixará somente um deserto².

No campo científico, na mais célebre biografia de Alexander von Humboldt, intitulada *A invenção da Natureza* (2016), a historiadora Andrea Wulf expõe que, já nos primeiros anos do século XIX, o geógrafo alemão chamava atenção para a interdependência dos fenômenos terrenos e, conseqüentemente, para a vulnerabilidade ambiental dos ecossistemas. “Nessa grande cadeia de causas e efeitos, nenhum fato pode ser considerado de forma isolada”, escreveu Humboldt³.

Em sua viagem à América do Sul, Humboldt desejava descobrir como as forças orgânicas e inorgânicas se entrelaçavam no que chamava de *Teia da Vida*, mas além de testemunhar a beleza, também testemunhou uma terra violada pela insaciável sede colonial espanhola. Em seu *Ensaio Político sobre o Reino da Nova Espanha*, publicado em quatro volumes entre 1808 e 1811, além de observações sobre geografia, botânica e

² Para ler a carta na íntegra, ver: SEATTLE, chefe índio. *Preservação do meio ambiente: manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos E.U.A.* Trad. Magda Guimarães Khouri Costa. São Paulo: Babel Cultural, 1987, 47 p.

³ WULF, 2016, p. 21.

ecologia da América Latina, Humboldt expôs as atrocidades da exploração espanhola e as consequências ambientais e sociais da invasão europeia. Partindo da observação minuciosa e da análise transdisciplinar de paisagens degradadas que encontrou pelo caminho, Humboldt escreveu:

Quando as florestas são destruídas, como o são em toda parte na América por obra dos plantadores europeus, com uma precipitação imprudente, as fontes de água secam por completo ou se tornam menos abundantes. Os leitos dos rios, permanecendo secos durante parte do ano, são convertidos em torrentes toda vez que caem pesadas chuvas em suas cabeceiras. Desaparecendo a relva e o musgo juntamente com a vegetação rasteira nas encostas das montanhas, as águas das chuvas não sofrem obstrução em seu curso; em vez de aumentarem lentamente o nível dos rios por meio de progressivas filtragens, durante as intensas chuvaradas as águas sulcam os declives das colinas, empurram para baixo o solo solto e formam as súbitas inundações que devastam o país (WULF, 2016, p. 93)

Mais de 100 anos depois de Humboldt, na esteira da luta ambiental da segunda metade do século XX, mulheres, povos indígenas e comunidades tradicionais assumiram lugar de fala e apontaram com os dedos trêmulos e corajosos a face obscura do desenvolvimento industrial.

Em 1962, a escritora e bióloga marinha Rachel Carson (1907-1964) publicava aquela que ficou conhecida como a obra chave do ambientalismo moderno: *Primavera silenciosa*. O livro-denúncia chamou atenção para as ameaças do progresso tecnológico, especificamente para as novas tecnologias empregadas na chamada *Revolução Verde* - iniciada na década de 1940 nos Estados Unidos, significou a substituição de práticas tradicionais de agricultura pela mecanização, uso de fertilizantes, herbicidas, fungicidas e pesticidas químicos, a fim de aumentar a produtividade e o controle sobre os ciclos naturais das plantas.

Era toda uma visão de mundo – a do bem-estar promovido pela tecnologia - que Rachel Carson estava criticando com lirismo, informações científicas e muito sentimento. Inspirada na ideia humboldtiana de interconexão dos fenômenos terrenos⁴, escreveu no segundo parágrafo do capítulo dois de *Primavera Silenciosa*, intitulado *A obrigação de suportar*:

A história da vida sobre a Terra tem sido uma história de interação entre as coisas vivas e o seu ambiente. Em grande parte, a forma física e os hábitos da vegetação terrena, bem como sua vida animal, foram moldados pelo seu próprio ambiente [...] Foram necessárias centenas de milhões de anos para se produzir a vida que agora habita a Terra; idades de tempo, para que essa vida, desenvolvendo-se, evoluindo e diversificando-se, alcançasse um estado de ajustamento e equilíbrio com seu ambiente [...] Porquanto o tempo é ingrediente essencial; mas, no mundo moderno, não há tempo. A rapidez da mudança e a velocidade com que as novas situações se criam acompanham o ritmo impetuoso e insensato do Homem, ao invés de acompanhar o passo

⁴ Wulf (2016) aponta a influência de Humboldt também na vida e obra de Rachel Carson.

deliberado da Natureza. A radiação, agora, não é mais apenas radiação, de plano secundário, das rochas; nem é mais o bombardeio dos raios cósmicos, e menos ainda os raios ultravioletas do sol, que já existiam antes que houvesse qualquer forma de vida sobre a Terra. A radiação, agora, é criação dos malfazer do Homem com o átomo. As substâncias químicas, em relação às quais a vida é solicitada a efetuar os seus ajustamentos, já não são mais meramente o cálcio, o silício e o cobre, juntamente com todo o resto dos minerais lavados pelas chuvas, e por elas levados para longe das rochas, a caminho dos rios e dos mares; tais substâncias são as criações sintéticas do espírito inventivo do Homem; são substâncias compostas nos laboratório, e que não têm as contrapartes correspondentes na Natureza⁵.

Na década seguinte à *Primavera silenciosa*, 1970, Vandana Shiva – indiana, PhD em filosofia, feminista, física, ativista ambiental e escritora, abraçava as árvores das florestas de Garhwal, estado de Uttar Pradesh, nos himalaia indianos. Juntamente com outras mulheres, Shiva buscava proteger as florestas do desmatamento e defender o modo de vida tradicional no movimento que ficou conhecido como “Movimento das Mulheres de Chipko”. Chipko, do hindi, significa “abraçar”, explica Shiva (1991), e foi inspirado em um poema popular indiano: “Abraça nossos bosques/ Salve-os de sua derrubada. O domínio de nossas montanhas/ Salve-o da depredação”⁶. Protagonizado por mulheres, o protesto consistia em abraçar as árvores ameaçadas pela exploração mercantil e, amarrar fios sagrados em torno de seus troncos, uma ação embasada na filosofia do *satyagraha* (resistência pacífica), divulgada por Mahatma Gandhi (1869 - 1948).

Entre as páginas 114 e 126 de seu livro *Abraçar la vida: mujer, ecología y supervivencia* (1991), Vandana Shiva explica em detalhes a história e a luta do Movimento e, mostra como sua filosofia e orientação política serviram para lançar luz sobre o conhecimento e a força dessas mulheres que se declararam, abertamente, “contra o sistema de silvicultura reducionista por um lado e, por outro, enfrentaram os homens da região que haviam sido colonizados pelo sistema – econômica, política e mentalmente”⁷. Em 1977, quando o movimento se declarou ecológico e feminista, as mulheres não importavam se quem destruía as florestas eram os forasteiros ou os homens de suas próprias famílias; o momento mais crucial do movimento, conta Shiva (1991), foi quando uma mulher liderou a resistência contra seu próprio marido, que havia assinado um contrato que permitia o desmatamento de uma floresta próxima: ao chegarem às árvores escolhidas para o abate, encontraram mulheres abraçadas aos

⁵ CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Trad. de Raul Dipolillo. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969, p. 17.

⁶ SHIVA, Vandana. *Abraçar la vida: mujer, ecología y supervivencia*. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991, p. 121.

⁷ *Ibidem*, p. 126.

troncos. Os homens contestaram: “Que tontas são! Como vão saber o valor dos bosques, vocês que impedem o corte das árvores? Vocês sabem o que dão os bosques? Produzem lucro, resina e madeira”. E as mulheres responderam cantando em coro:

*O que dão os bosques?
Dão água, terra e ar puro.
Dão água, terra e ar puro.
Sustentam a Terra e tudo o que ela dá*⁸.

Em 10 de dezembro de 1997, vinte anos após o canto das Mulheres de Chipko, outra mulher, Julia Hill, apelidada de Butterfly, então com 23 anos, escalava a árvore de 55 metros de altura que seria seu lar por ininterruptos 738 dias: Luna, uma sequoia de cerca de 1500 anos de idade, integrante ancestral da floresta Headwaters, Califórnia, ameaçada pela madeireira *The Pacific Lumber Company*. Depois de dois anos habitando os braços de Luna, sem descer uma vez sequer, Júlia e outros ativistas conseguiram visibilidade nacional e arrecadar US\$ 50 mil à madeireira para não derrubar a árvore e uma área de 12 mil metros quadrados do entorno. De sua história com Luna, Júlia escreveu o livro *The legacy of Luna: the story of a tree, a woman, and the struggle to save the redwoods* (2000), onde conta a motivação principal para seu protesto: a sensação de que estava em um lugar sagrado quando entrou pela primeira vez em uma floresta de sequoias.



5. Mulheres do Movimento Chipko durante um protesto, 1973. Foto de Bhawan Singh.

⁸ SHIVA, 1991, p. 125.



6. Julia Hill Butterfly no topo de Luna, 1997. Foto de Eric Slomanson.

Do outro lado do atlântico, no Parque Nacional dos Vulcões – Ruanda, África, muito longe das florestas de sequoias da Califórnia, a zoóloga norte-americana Dian Fossey (1932-1985) lutava pela proteção dos gorilas das Montanhas Virunga. Dian viveu com os gorilas por quase vinte anos, de 1967 - quando se estabeleceu em uma cabana no meio da floresta – até 1985. Sem experiência no estudo *in locu* de animais selvagens, chegou à África financiada pela *National Geographic Societ* para estudar os gorilas ameaçados de extinção. Em um artigo para a *National Geographic Portugal*, Royte (2017) conta que Dian chegou a capturar e agredir caçadores com urtigas, queimou cabanas, confiscou armas e, certa vez, tomou o filho de um caçador como refém.

No entanto, a sua tática mais eficaz (e parte duradoura do seu legado) foi pagar aos autóctones para patrulhar o parque e pressionar as autoridades ruandesas a aplicar leis contra a caça furtiva (caça ilegal de animais silvestres em área de proteção ambiental)⁹. No início dos anos 80, seu gorila favorito, Digit, foi morto por caçadores e teve as mãos decepadas para serem usadas como cinzeiros – prática comum na época.

Esse acontecimento levou Dian a intensificar sua campanha contra essa atividade e, poucos anos depois, em 26 de dezembro de 1985, a zoóloga e ativista foi encontrada morta em sua cabana na floresta, vítima de assassinato. O assassino nunca foi encontrado, mas suspeita-se que tenha sido um de seus inimigos caçadores. Dian foi sepultada no solo das Montanhas Virunga, a poucos metros da sepultura de Digit. A luta da zoóloga inspirou a proteção dos gorilas das montanhas e a criação de diversas organizações de conservação da vida selvagem.

⁹ ROYTE, Elizabeth. *Os gorilas salvos por Dian Fossey*. [S.I] 2017. National Geographic Portugal. Disponível em:< <https://nationalgeographic.sapo.pt/natureza/grandes-reportagens/1549-os-gorilas-salvos-por-dian-fossey>>. Acesso em 07 set. 2020.



7. Dian Fossey com Coco e Pucker, duas crias capturadas em 1969 para um zoológico alemão. Dian cuidou delas, em sua própria cabana, até recuperarem a saúde, mas acabou por perder a batalha legal para mantê-las longe do cativeiro. Fonte: Royte (2017).

No Brasil, o ambientalismo das décadas de 1970 e 1980 estava inserido no contexto de um país assolado pela ditadura militar de vinte e um anos (1964-1985): período de violência constante contra povos vegetais, animais (humanos e não-humanos), montanhas e rios. Mas como lembra Tsing (2015), “onde quer que o poder do Estado tenha se atenuado, paisagens de maior biodiversidade e de maior diversidade social continuaram a proliferar”¹⁰. Assim, muitas foram as vozes de luta emanadas da opressão. Dentre tantas vozes - vindas da floresta, das ruas, dos teatros e dos violões – foi o canto uníssono dos povos indígenas que criou, em 1980, a União das Nações Indígenas (UNI), organização conjunta de diversas etnias. Foi a UNI que, em 13 de agosto de 1987, encaminhou a Emenda Popular ao projeto de Constituição, propondo a elaboração de um capítulo sobre as populações indígenas. “Dentre os pontos centrais estavam a demarcação dos territórios indígenas, o reconhecimento das culturas e tradições indígenas e dos direitos históricos destes povos” - explica Ailton Krenak (nascido em 1954) líder indígena da etnia Krenak do vale do Rio Doce, Minas Gerais, no documentário *Índio cidadão?*(2014).

¹⁰ TSING, Anna. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. Trad. Pedro Silveira. Santa Catarina: ILHA Revista de Antropologia, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015. p. 187.

Foi Ailton Krenak, então com 33 anos de idade, que em 04 de setembro de 1987, representou a UNI em um discurso histórico no Congresso Nacional, no âmbito das discussões da Assembleia Nacional Constituinte para elaboração da Constituição Brasileira de 1988. Em um clima político anti-indígena de criminalização de instituições nacionais e internacionais que apoiavam os direitos indígenas, Ailton Krenak subiu ao palanque de terno e gravata, seguindo o protocolo do congresso e, enquanto pronunciava suas palavras de luta, pintou o rosto de preto com pasta de jenipapo, em sinal de luto pela política contra os direitos indígenas. Seu ato foi decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, marcos legais para a luta indígena e para a questão ambiental.

Eu espero não agredir com a minha manifestação o protocolo desta casa. Mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura que não coloca em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos [...] Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação, e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunha disso. (Fala de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte de 1987. Fonte: Índio Cidadão?, 2014)

Um ano após o discurso histórico de Ailton Krenak, precisamente em 22 de dezembro de 1988, na cidade de Xapuri, Acre - Brasil, balas de escopeta adentravam o peito de Chico Mendes, o seringueiro, sindicalista, ativista político e ambientalista brasileiro que lutava, desde a década de 1970, a favor dos seringueiros da bacia amazônica, contra o avanço do desmatamento para a atividade pecuária, contra os homens que queriam transformar a Amazônia em pasto e substituir os seres humanos pelos bois. Mas sua luta se estendeu para além das seringueiras, para além da mata: “no começo, pensei que estivesse lutando para salvar as seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a floresta amazônica, agora percebo que estou lutando pela humanidade” – disse em uma de suas incursões na floresta.

De acordo com o documentário *Chico Mendes: para não esquecer (2019)*, dados sobre o desmatamento na Amazônia só começaram a ser coletados em 1977 - graças à Chico Mendes e à repercussão nacional e internacional de sua luta. Só naquele ano, 144 mil quilômetros quadrados de floresta haviam sido assassinados. Sim! Se a floresta é

vida, falar de desmatamento é falar de assassinato. Após sua morte, em 1990, foi criada a Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX), com 970 mil quilômetros de floresta e quase 1 milhão de hectares; e, em 2007, nasceu o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) – órgão ambiental responsável pela proteção, conservação e preservação da biodiversidade em todo o Brasil.

A herança (política, ambiental e poética) de Chico Mendes é vasta – embora seu desejo fosse continuar vivo para lutar pela Grande Floresta. Em um trecho de sua última entrevista, publicada tardiamente pelo Jornal do Brasil em 25 de dezembro de 1988¹¹, Chico Mendes diz: “se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Então eu quero viver. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver”. Treze dias depois seria assassinado por um fazendeiro.

----- Pausa para respirar -- -e cantar- -- -porque o peito- -- -arde- -----

*Um homem é uma árvore
É milagre que se repete eternamente
Na multiplicação dos frutos
O exemplo da solidariedade
Que dá e recebe a seiva permanentemente
Se uma árvore cai
Mil outras estão nascendo*

*Cruzo um presságio triste
A floresta emaranhada
Cheira incenso de queimada*

*Numa verde catedral
Folhas com carpideiras
Vão choramingando ao vento
Que espalhando seus lamentos
Anunciando morte está*

*Prantos por uma vida
Fatalmente sentenciada
Sinos de morte matada
Redobram num matagal*

¹¹ Entrevista completa disponível em:
<<https://docs.google.com/document/d/1TXHbR2SfFmumACCKzYfpHVRzNKPdpTMIbFNVX1NNQk/e dit>> Acesso em 09 nov. 2020.

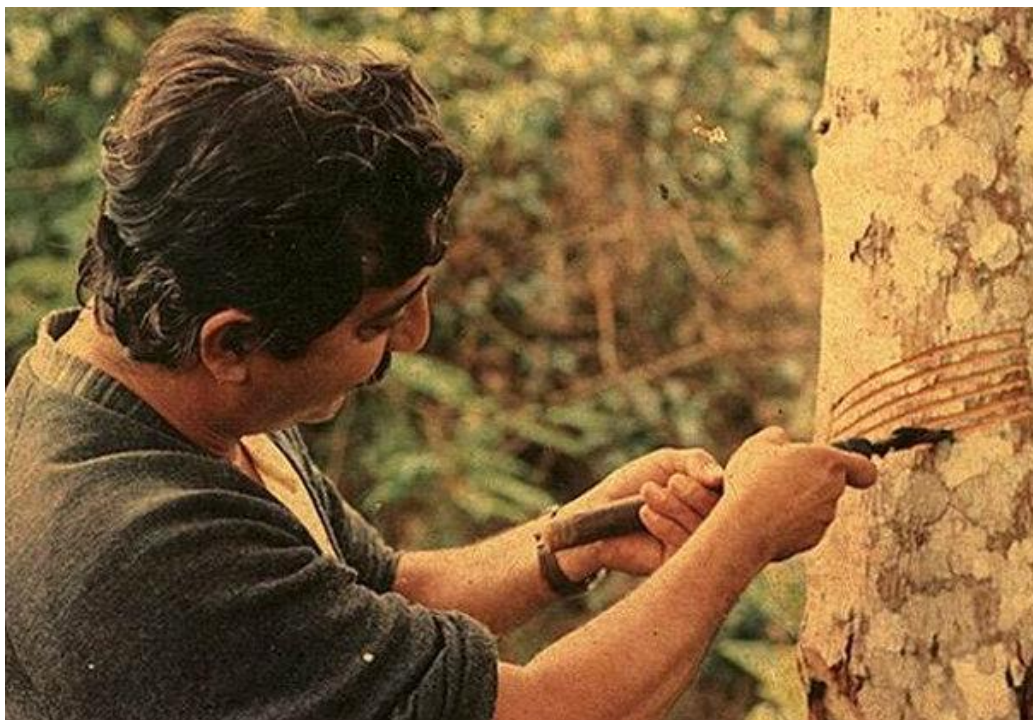
*Uma árvore será, esse caixão
Uma árvore será, sombra e amor
Uma árvore será, tocha de luz
Espinho e cruz*

*Uma espingarda espera
Entre as sombras assustada
Sua alma de árvore espantada
Deve a outra árvore matar
Destino miserável*

*Foi madeira quando criança
Hoje é chumbo de vingança
Guarda entranha vegetal
A historia está esperando
Chovem balas, pau, machados
Vida e tronco derrubados
Adubo de seringais*

*Esse homem a quem outro sentenciou
Sempre há de ser, de sombra e amor
Sempre há de ser, tocha de luz
Espinho e cruz*

(Chico Mendes. Letra e música de Jessé, 1989)



8. Chico Mendes na década de 1970, Acre. Fonte: memorialchicomendes.org



9. Ailton Krenak em seu discurso na Assembleia constituinte em 1987. Fonte: *Documentário Índio Cidadão?*, 2014.



Compor esse breve histórico do ambientalismo me pareceu importante para...

*(em primeiro lugar, para não esquecer, porque o simples ato de lembrar é,
por si só, re-vo-lu-ci-o-ná-ri-o)*

...mostrar a luta e o amor por trás do que, ainda em finais do século XX, o discurso dominante transformou no *mito do desenvolvimento sustentável*. O termo “desenvolvimento sustentável” se tornou conhecido pelo mundo e, passou a gerir as atenções e intenções envolvidas na problemática ambiental a partir do *Relatório Brundtland* – documento intitulado *Nosso Futuro Comum*, publicado em 1987. Como Oliveira & Lourenço (2012) explicam, em 1983 a ONU cria a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), então presidida por Harlem Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega. Da atuação desta comissão surge o relatório “Nosso futuro comum”, que apresentou o *desenvolvimento sustentável* como sendo um modelo de desenvolvimento que:

Permite satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades. (...) para que haja um desenvolvimento sustentável é preciso que todos tenham atendidas as suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar as suas aspirações a uma vida melhor. (...) Na sua essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, o direcionamento dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão em harmonia e reforçam o atual e futuro potencial para satisfazer as aspirações e necessidades humanas¹².

O relatório ainda estipula as medidas para implantação do modelo de desenvolvimento sustentável:

- uso de novos materiais na construção;
- reestruturação da distribuição de zonas residenciais e industriais;
- aproveitamento e consumo de fontes alternativas de energia, como a solar, a eólica e a geotérmica;
- reciclagem de materiais reaproveitáveis;
- consumo racional de água e de alimentos;
- redução do uso de produtos químicos prejudiciais à saúde na produção de alimentos.

Desse ponto de vista, a problemática ambiental é concebida como mero conjunto de “problemas técnicos e administrativos, passíveis de solução por meio da utilização de novas tecnologias e de um planejamento racional”¹³. É vendida uma ideia de crise passageira e passível de resoluções rápidas e técnicas.

Onde as vozes da luta ambiental escreveram: a vida, em qualquer uma de suas manifestações, tem valor intrínseco e não pode ser mercantilizada. O discurso da sustentabilidade escreveu por cima: a Terra é um saboroso banquete e vamos continuar comendo-a a força, mas é preciso deixar sobrar alguma coisa para que as futuras gerações humanas - só humanas – possam se lambuzar também.

Trata-se, então, da resposta política/econômica/discursiva à denúncia do ambientalismo do século XX e, parece ter como objetivo principal sua apropriação e silenciamento. Aqui, os *donos do mundo*¹⁴ admitem que não abrirão mão da ideia de *superioridade humana*, tampouco do confortável lugar de domínio do mundo natural.

¹² COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). *Nosso futuro comum*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991, p. 46.

¹³ ZHOURI, Andréa. *Justiça ambiental, diversidade cultural e accountability: Desafios para a governança ambiental*. Vol. 23 n. 68, outubro, 2008, p. 97-107, p. 98.

¹⁴ KRENAK, 2019.

A ideia de *desenvolvimento sustentável* é perigosa por se tratar de um *saber dominante*, como alerta Shiva (2003) e, “nascidos de uma cultura dominadora e colonizadora, os sistemas modernos de saber são, eles próprios, colonizadores”¹⁵. Da mesma forma, para Krenak (2019), o mito da sustentabilidade não passa de uma invenção atroz das corporações para justificar o assalto à biosfera. Para o líder indígena, se acreditarmos que é possível aliar consumo e conservação através do dito *desenvolvimento sustentável*,

Vamos nos enganar, mais uma vez, como quando inventamos as religiões [...] A própria ideia de certificação, dos testes que são feitos com os materiais que consumimos, desde a embalagem até o conteúdo, deveria ser posta em questão antes de abrirmos a boca para dizer que existe qualquer coisa de sustentável neste mundo de mercadoria e consumo¹⁶.

Em 1992, apenas cinco anos após a publicação do Relatório Brundtland, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Rio-92), no Rio de Janeiro, Brasil. Um dia após a assinatura da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (UNFCCC), 194 nações, incluindo o Brasil, assinaram o tratado internacional multilateral que ficou conhecido como Convenção da Biodiversidade (CDB). No documento de trinta páginas os signatários declararam-se solenemente:

Conscientes do valor intrínseco da diversidade biológica e dos **valores** ecológicos, sociais, econômicos, científicos, educacionais, culturais, recreativos e estéticos da diversidade biológica e de seus componentes;

Conscientes também da importância da diversidade biológica para a evolução e para a manutenção dos sistemas de sustentação da vida da biosfera;

Afirmando que a preservação da diversidade biológica é um interesse comum da humanidade;

Reafirmando que os Estados têm direitos soberanos sobre seus próprios **recursos biológicos**;

Reafirmando também que os Estados são responsáveis pela preservação de sua diversidade biológica e do **uso** de seus **recursos biológicos** numa base sustentável;

[...] *Determinadas a preservar e usar* de forma sustentável a diversidade biológica em benefício da geração atual e de gerações futuras¹⁷.

Insistem em *ver a Terra como recurso*. “É uma distopia”, afirma Krenak (2020), “ao invés de imaginarmos mundos, a gente os consome. Depois de comermos a Terra, vamos comer a Lua, Marte e outros planetas”¹⁸.

¹⁵ SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003, p. 21.

¹⁶ KRENAK, 2019, p. 56.

¹⁷ BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). *A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB*. Cópia do Decreto Legislativo nº 2, de 5 de junho de 1992. Brasília – DF: MMA, 2000, 32 p. Grifos nossos.

Quando se dizem preocupados com a “manutenção dos sistemas de sustentação da vida da biosfera”, na prática (e os 28 anos que decorreram desde a Convenção provaram) só concebem como “vida” a humanidade que, como mostra Mancuso (2020), possui uma população ínfima em relação às outras populações de seres vivos:

Das 550 gigatoneladas de biomassa existente na Terra, os animais constituem cerca de 2 gigatoneladas, formando os insetos cerca de metade desse número e os peixes contribuindo com outras 0,7 gigatoneladas. Todo o resto, que inclui mamíferos, aves, nematódeos e moluscos, resume-se a 0,3 gigatoneladas. Somente os fungos tem uma biomassa seis vezes superior a dos animais (12 gigatoneladas). As plantas (450 gigatoneladas) representam mais de 80% da biomassa da Terra, e os homens, com as suas 0,06 gigatoneladas, significam uma mísera percentagem de 0,01¹⁹.

Em sua obra *Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais* (2019), Eduardo Gudynas, pesquisador uruguaio do Centro Latino-Americano de Ecologia Social (CLAES), defende que a chamada “economia verde”, discutida no marco da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, mas proposta desde o *Relatório Brundtland*, apenas reafirma o antropocentrismo e o utilitarismo, ao passo que trata da questão ambiental a partir da manipulação e controle da natureza, transformada em recurso, para servir a fins humanos.

Para Shiva (2003), a Convenção da Biodiversidade “começou basicamente como uma iniciativa do Norte para *globalizar* o controle, a administração e a propriedade da diversidade biológica”²⁰, majoritariamente localizada nos trópicos. Além disso, reafirmou a velha separação humano-natureza ao desconsiderar a diversidade cultural atrelada à diversidade biológica. “Para nós do Terceiro Mundo”, prossegue Vandana Shiva, “a proteção da diversidade biológica é sinônimo de proteção às pessoas que foram suas guardiãs ao longo da história”²¹.



Parece haver um tipo de monstro, uma personificação da barbárie que tudo vê, tudo consome e tudo domina. Espreita pelas telas dos *smartphones*; se esconde no desejo incontrolável de consumir e comprar roupas, felicidade, comidas de plástico,

¹⁸ KRENAK, Ailton, *A vida não é útil*. 1º ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020, p. 37.

¹⁹ MANCUSO, Stefano. *A Nação das Plantas: a carta dos direitos de todos os seres vivos escrita por quem sustenta a vida*. Trad. de Diogo Madre. Portugal: Pergaminho, 2020, p. 27-28.

²⁰ SHIVA, 2003, 179.

²¹ *Ibidem*, p. 187.

sentido da vida, amor, carne escravizada. Para que não pensem que “estou inventando mais um mito, o do monstro, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo”²².

Mas quem é esse monstro e como são suas faces? Mais ainda, o que é isso que ele produz – a Tragédia Ambiental?

Para descobrir o rastro do monstro e revelar suas faces, evoco a voz da literatura para um enfrentamento que / A ciência dos homens / A técnica dos homens/ As leis dos homens/ Não dão conta/ Pelo menos não sem o rugido/ Intrépido e profundo/ Da arte.

Sim, estou propondo um diálogo entre geografia e arte porque escolhi a literatura como forma de expressão e instrumento metodológico. Se “geo” significa Terra e “grafia” significa “grafar, escrever”; e, se “literatura” vem do latim *littera*, “letra”, que também quer dizer “escritos”, parece óbvio falar que geografia e literatura podem dar as mãos para enfrentar um problema como o da Tragédia Ambiental. Mas não é tão óbvio assim para humanos acometidos pela Síndrome da Gaveta²³:

PSICOLOGIA – Desejo incontrolável de organizar o conhecimento em gavetas muito bem definidas. Sentimento de repúdio e recalque diante daquilo que considera desordem, erro, confusão, mistura.

PEDAGOGIA – Quadro comportamental de agressividade, autoritarismo e/ou violência demonstrado por aquele que se acha porta-voz da “verdadeira ciência”. Pode levar à dificuldade de aprendizado poético e ao ato inconsciente de menosprezar aqueles que se arriscam a imaginar o mundo e a ciência fora de gavetas.

MEDICINA - Conjunto bem determinado de sintomas que não caracterizam só uma limitação poética, mas podem traduzir uma modalidade patogênica. Situação adquirida geralmente após a infância, doença grave causada pelo vírus da Categorização Científica, transmitido por via oral e escrita durante a educação formal ou mesmo em conversas de bar. Conjunto de sintomas físicos e/ou psíquicos decorrentes da interrupção ou diminuição do consumo de livros de poesia, dicionários e observação de

²² KRENAK, 2019, p. 10.

²³ Pensei nessa terminologia com base em minha longa convivência, do ensino médio ao mestrado, com críticas de professores e colegas em relação à minha mania de misturar poesia com ciência, arte com geografia, letra com tinta. “Seu texto está ótimo, coerente e fluido, mas está muito poético, cuidado com isso, pode te prejudicar ao longo de sua vida acadêmica” – foi a frase escrita por um professor em minha primeira avaliação na graduação em geografia, ao lado do número que trazia a nota máxima. Na época não compreendi a lógica daquilo, hoje compreendo menos ainda. Ainda bem. Não compreender certas ideias e ações é, em alguns casos, indício de que a o espírito selvagem espreita por trás dos ombros.

fauna minúscula do chão e do ar; ou, de desconhecimento/repúdio de história natural e de obras de arte do estilo Frida Kahlo, Manoel de Barros, Clarice Lispector, Salvador Dalí, Leonardo da Vinci, Jorge Luis Borges, Davi Kopenawa, etc.

FIGURADO - Conjunto de sinais ou características associadas a uma situação crítica de receio ou insegurança diante da novidade e do subversivo.

Mas para falar de geografia e literatura, preciso lhe pedir licença por um instante porque, além do fato de ser lua cheia, estou com vontade de escrever ao correr do pensamento, como faz o rio no leito e como faço em meus cadernos de notas. Assim:

Defesa da literatura como ciência.

Defesa da geografia como arte: Inversão.

Diante do espelho, como ficaria a geografia vestida de arte e a literatura vestida de ciência? Ofenderiam a ordem e os costumes? Ameaçariam aqueles que se agarram com unhas e dentes aos cômodos padrões?

Certa vez, o poeta argentino Jorge Luis Borges imaginou um planeta, *Tlön*, habitado por povos que não buscavam a verdade - buscavam o assombro. “Disso caberia deduzir que não há ciências em Tlön – nem sequer raciocínios” – explicou o poeta²⁴. Li o conto de *Tlön* na edição de 2007 do livro que Borges escreveu em 1944: *Ficções*. A experiência (porque ler é acontecimento) se deu no aeroporto de São Paulo enquanto esperava o voo para Portugal. Tirei o livro da bolsa, segurei-o forte como quem segura à mão da mãe para atravessar uma rua larga e perigosa pela primeira vez. Mas voltemos a Tlön e em que tem a ver com meu texto: acontece que lá, uma única palavra pode ser um objeto poético. O idioma, no hemisfério austral, é formado por verbos impessoais, não há palavras que correspondam à “lua”, mas há o verbo *lunescer*. “Surgiu a lua sobre o rio”, ensina Borges, se diz “*hlör u fang axaxaxas mlö*”, ou seja, na ordem: “para cima atrás duradouro-fluir lunesceu”. Já no hemisfério boreal, a célula primordial não é o verbo, mas o adjetivo monossilábico. O substantivo é formado pelo acúmulo de adjetivos. Não se diz “lua”, diz-se “aéreo-claro sobre redondo escuro”, ou “alaranjado tênue do céu”. E prossegue Borges:

Na literatura deste hemisfério são numerosos os objetos ideais, convocados e dissolvidos num só momento, segundo as necessidades poéticas. São determinados, às vezes, pela mera simultaneidade. Há objetos compostos de dois termos, um de caráter visual e outro auditivo: a cor do nascente e o remoto grito de um pássaro [...] O fato de ninguém crer na realidade dos substantivos faz com que, paradoxalmente, seja infinito o seu número²⁵.

²⁴ BORGES, 2007, p. 22.

²⁵ Ibidem, p. 21.

A literatura, assim como a Natureza que lhe inspira, mostra que é possível não só pensar em outros tipos de linguagem, mas em outros Mundos, outras Geografias, outras relações com o Real, outras formas textuais – pensamentos nunca antes pensados. Daí vem que um texto acadêmico pode ser poético; que a palavra pode assumir lugar de ação, que a teoria pode servir como prática e, isso tudo, vice-versa. Daí vem que os deuses podem retomar seu lugar na Natureza sob formas animais, vegetais e elementais. Daí vem que o respeito pode substituir o domínio na relação do ser humano com toda a Comunidade da Vida.

A literatura se configura como uma legítima interpretação de imagens construídas sobre os lugares e os homens. Ao estabelecer um encontro entre diversos saberes e superando o isolamento das disciplinas, a arte literária compreende em si, um arcabouço de conhecimentos para a compreensão subjetiva do espaço, lançando um olhar atento acerca das dinâmicas do território e sobre as transformações das sociedades e dos lugares. O discurso presente no painel literário preenche, portanto, todos os requisitos para enriquecer a linguagem e fortalecer os argumentos do conhecimento socioespacial²⁶.

Voltando ao pensamento de Humboldt, é preciso lembrar que este que é considerado o precursor da ciência geográfica, assumiu a subjetividade como essencial ao estudo das ciências naturais. “A natureza deve ser conhecida através do sentimento”, Humboldt escreveu a Goethe, defendendo que aqueles que desejam descrever o mundo simplesmente classificando plantas, animais e rochas “jamais chegarão nem perto dele”²⁷. Ouvir a voz da literatura na análise de um problema socioespacial não é tarefa inaugural, tampouco estranha, pelo contrário, é a geografia em sua completude e mais bela nudez – sem o apertado espartilho da categorização científica.

Sobre o sentido da escrita e sua importância para a *luta contra o opressor*, Eduardo Galeano, em *Dias e noites de amor e de guerra* (2018), perguntou:

Escrever tem sentido? A pergunta me pesa na mão. Se organizam alfândegas de palavras. Para que nos resignemos a viver uma vida que não é nossa, nos obrigam a aceitar como própria uma memória alheia. Realidade mascarada, estória contada pelos vencedores: talvez escrever não seja mais uma tentativa de pôr a salvo, em tempos de infâmia, as vozes que darão testemunho de que aqui estivemos e assim fomos. Um modo de guardar para os que ainda não conhecemos, como queria o poeta catalão Salvador Espriu, “o nome de cada coisa”. Quem não sabe de onde vem como pode averiguar aonde vai?²⁸

²⁶ BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. *Ser-tão Cerrado de Guimarães Rosa: espaço movimentante*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013, p. 14-15.

²⁷ WULF, 2016, p. 63.

²⁸ GALEANO, Eduardo. *Dias e noites de amor e de guerra*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 194.

Na esteira do pensamento de Galeano sobre o *ato de escrever como resistência e denúncia*, a seleção de textos que se segue abrange dois gêneros literários, que enxergo como essenciais para a análise da Tragédia Ambiental: a *literatura de testemunho* e a *escrita Ambiental*.

A *literatura de testemunho* é um estilo de narrativa que articula história e memória, estética e ética e, parte do ponto de vista de individualidades que representam coletividades oprimidas. No artigo *Linguagem e trauma na escrita do testemunho* (2011), Jaime Ginzburg defende que “estudar o testemunho significa assumir que aos excluídos cabe falar, e, além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo”²⁹. No âmbito da literatura de testemunho, escrever é, já, um *escrever contra*: contra a opressão do Estado e das instituições de poder, contra as desigualdades e preconceitos étnicos e sexuais.

De acordo com Salgueiro (2011), é possível identificar alguns traços intrínsecos à escrita de testemunho, dentre eles: o desejo de justiça; a vontade de resistência às múltiplas faces do autoritarismo; a predominância do valor ético sobre o estético; a representação de uma dor coletiva; e, o vínculo estreito com a história. O autor ainda aponta que o “testemunho”, enquanto narrativa, pode ser *originário* – narrado por quem viveu a experiência do trauma; *de terceiros* – de quem presenciou a experiência; e, *de solidários* – de quem, indiretamente, toma conhecimento da experiência.

No ecossistema deste canto, a *literatura de testemunho*, do tipo *solidário*, é representada pela voz latino-americana do escritor uruguaio Eduardo Galeano, em sua obra *O teatro do bem e do mal* (2013), originalmente escrita em 2003. Em sintonia, há a voz de Eliane Potiguara, em seu livro *Metade cara, metade máscara* (2004), onde a autora une as três categorias do testemunho: fala como sobrevivente de atos repressores de violação de seus direitos como indígena e como mulher e, ainda, relata a dor e o sofrimento do Outro. No prefácio à obra de Eliane, Daniel Mundukuru, escritor e professor brasileiro da etnia indígena Munduruku, escreve:

Agora é hora de ler as palavras que foram ditas ao papel. Palavras que chocarão, trarão vertigens, denúncias, tristeza, verdades, realidades. Realidades sombrias, frágeis, únicas. Realidades marcadas pela dor, pela alegria, pela esperança, pelo sucesso. Realidades ditas pela poesia, pela

²⁹ GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011, p. 19-29, p. 28.

prosa, por números, por nomes. Realidades mostradas com as singularidades das visões indígenas³⁰.

No tocante à *escrita ambiental*, trata-se de um modo de escrita e um comportamento do enunciador que vai de encontro à sua preocupação ambiental. Há, nela, o entrelace de história ambiental e história humana, onde a condição ecológica da Terra é *foco, tema, agente* ou *eixo*³¹. É uma postura discursiva ecocêntrica em que o poeta abre mão de si mesmo para dar voz ao sofrimento do mundo: aos animais, plantas e povos subjugados. Buell (1995), quem classificou a escrita ambiental, explica que, em sua versão da história do ocidente, por exemplo, a colonização ecológica das Américas por doenças e introdução de plantas exóticas é tão crucial quanto a subjugação de seus povos indígenas por meios políticos e militares³².

Desse modo, como intermediários do mundo e representantes da *escrita ambiental*, trago as vozes do cronista brasileiro Rubem Braga (1913-1990) e, do poeta norte-americano Gary Snyder (nascido em 1930, hoje com 90 anos), para ajudarem no combate. Ao preferir passarinhos à condões industriais, em sua simplicidade Rubem Braga toma o partido do mundo. Da mesma forma Snyder deseja, em suas próprias palavras, “ser um porta-voz de um reino que geralmente não é representado nas câmaras intelectuais nem nos parlamentos”³³.

Assim, seguem-se “fragmentos de mapas, uns pedacinhos de resina para fixar penas às árvores”³⁴, indicativos do caminho percorrido pelo predador, *el Monstruo de Mil Caras* que queremos identificar e denunciar. Os textos estão organizados de modo contínuo, que é para não dar tempo de respirar/ Que é para não dar tempo de pensar/ Que é para dar chance à palavra de assumir formato musical/ Que é para convidar o leitor a esquecer o óbvio, o padrão, a ordem e, se entregar ao ato. Talvez, só talvez, seja provável que “aquele que pretenda seguir o colóquio apenas tentando entender, perca a oportunidade de compreender e, terá perdido o essencial”³⁵.

³⁰ MUNDURUKU, Daniel. Prefácio. In: POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004, p. 15.

³¹ MARQUES, Nuno F. *A Nova Poética da natureza de Gary Snyder budismo e ecocrítica na sua obra*. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, p. 27.

³² BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination – Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1995.

³³ SNYDER, Gary. *Turtle Island*. Nova Iorque: New Directions Books, 1974, p. 106.

³⁴ ESTÉS, 2016, p. 33.

³⁵ LANDA, Fábio. Apresentação. In: DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 8.

=====

Quem diria que viriam de longe

E transformariam teu homem

Em razão para as rapinas

[...]

Cenário macabro te é reservado.

Para que lado tu corres,

se as metralhadoras e catanas e enganos

Te seguem e te mutilam?

(Poema “Invasão”, POTIGUARA, 2004, p. 30)

Eu senti um enorme calafrio andando pelas ruínas das missões, em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, em 1978. Parecia que, nos entroncamentos, se ouviam os gritos de dor ecoando pelos ares e que as paredes estavam impregnadas do suor da escravidão e do racismo. Assim senti quando estive lá! Meu coração esquentava de dor e minha imaginação era um pesadelo. O mesmo aconteceu quando visitei as ruínas da igreja de São Miguel e o cemitério indígena, já na área Potiguara, no estado da Paraíba, em 1979. A voz dos oprimidos ecoa igualmente em qualquer parte do mundo. E temos de ouvi-la para que a justiça se faça a qualquer momento da história. (POTIGUARA, 2004, p. 46)

*Sabe, meus filhos... Nós somos marginais das famílias Somos marginais das cidades
Marginais das palhoças... E da história? Não somos daqui Nem de acolá... Estamos
sempre ENTRE. Entre este ou aquele. Entre isto ou aquilo! Até onde aguentaremos,
meus filhos?*

(Poema “Pankararu”, POTIGUARA, 2004, p.62)

Vi um indiozinho escorrendo no bueiro. A metade de seu corpo superior debruçava-se sobre o meio-fio da rua e a outra parte jazia cansada, escorrendo pelo esgoto urbano. Imediatamente, lembrei-me do quadro de Salvador Dalí, retratando um relógio de pulso descontraído em sua forma original, mas reconstruído de forma que o relógio obedecesse às formas roliças do punho humano. Me vieram à cabeça diversas imagens derretidas deste pintor surrealista, desconstruidor de formalidade e convencionalidade sociais, políticas e humanas. Mas o indiozinho estava lá, derretendo, e eu tive vontade de me derreter junto com ele pelo ralo planetar, mas não pude. Seria covardia de minha parte! O menino de 10 anos, um indiozinho urbano, desse tipo que a intolerância e o paternalismo sociais ignoram e invisibilizam, compunha o triste quadro da miséria humana. E se sua mãe pestanejar pelos direitos humanos, como alimentar-se pelo menos, o paternalismo analisará: quem mandou sair de sua aldeia, quem são seus pais, seus avós, nós não lembramos dessas histórias?! De vítima do processo social e racial passa a oportunista. Essa índia aqui não pôde ficar na sua aldeia e esperar o “Paralelo 11”³⁶, versão 2004, ela fugiu antes!

(POTIGUARA, 2004, p. 93-94)



O Aquém

Estimado senhor Futuro, de minha maior consideração: escrevo-lhe esta carta para pedir-lhe um favor. V. Sa. haverá de desculpar o incômodo. Não, não se assuste, não é que eu queira conhecê-lo. V. Sa. há de ser um senhor muito ocupado, nem imagino quanta gente pretenderá ter esse gosto; mas eu não. Quando uma cigana me

³⁶ O *Massacre do Paralelo 11* ocorreu em 1960, quando foram assassinados cerca de 3 500 indígenas da etnia Cinta Larga. Esse genocídio foi praticado por pistoleiros a mando de empresários, com o apoio de funcionários do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), sendo o principal envolvido na chacina, o então chefe do SPI, major Luiz Vinhas Neves. O *Massacre do Paralelo 11*, como ficou conhecido foi um dos mais horrendos episódios ocorridos no Brasil, incluiu roubo, estupro, grilagem, assassinato, suborno, tortura e outras agressões. Fazendeiros, com ajuda de funcionários do SPI, presentearam os índios com alimentos misturados a arsênico, veneno letal. Em algumas aldeias, aviões lançaram brinquedos contaminados com vírus da gripe, sarampo e varíola. Os pistoleiros invadiram a reserva indígena, armados de metralhadoras e winchester-44, arma de alto poder de fogo e pistolas 38. Um pequeno grupo de sobreviventes só atravessou o rio quando se deu conta de que quase todos estavam mortos. Fonte: *Massacre do Paralelo 11 extermina 3.500 índios*. In: *Povos Indígenas no Brasil*. (2006). Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=17879>>. Acesso em 19 set. 2020.

toma da mão, saio em disparada antes que ela possa cometer essa crueldade. E, no entanto, misterioso senhor, V. Sa. é a promessa que nossos passos perseguem, querendo sentido e destino. E é este mundo, este mundo e não outro mundo, o lugar onde V. Sa. nos espera.

A mim e aos muitos que não cremos em deuses que prometem outras vidas nos longínquos hotéis do Além. Aí está o problema, senhor Futuro. Estamos ficando sem mundo.

Os violentos o chutam como se fosse uma pelota. Brincam com ele os senhores da guerra, como se fosse uma granada de mão; e os vorazes o espremem, como se fosse um limão. A continuar assim, temo eu, mais cedo do que tarde o mundo poderá ser tão só uma pedra morta girando no espaço, sem terra, sem água, sem ar e sem alma. É disso que se trata, senhor Futuro. Eu peço, nós pedimos, que não se deixe despejar. Para estar, para ser, necessitamos que V. Sa. siga estando, que V. Sa. siga sendo. Que V. Sa. nos ajude a defender sua casa, que é a casa do tempo. Faça por nós essa gauchada, por favor. Por nós e pelos outros: os outros que virão depois, se tivermos um depois. Saúda V. Sa. Atentamente,

Um terrestre.

(Eduardo Galeano, "Teatro do Bem e do Mal", 2013, p. 12)

A palavra e a história

Em 1532, o conquistador Pizarro aprisionou o imperador inca Atahualpa, em Cajamarca. Pizarro prometeu-lhe a liberdade, se o inca enchesse de ouro um grande quarto. O ouro chegou, desde os quatro cantos do império, e abarrotou o quarto até o teto. Pizarro mandou matar o prisioneiro. Desde antes, desde quando as primeiras caravelas apontaram no horizonte, até nossos dias, a história das Américas é uma história de traição à palavra: promessas quebradas, pactos descumpridos, documentos assinados e esquecidos, enganos, ciladas. “Te dou minha palavra”, segue-se dizendo, mas poucos são os que dão, com a palavra, algo mais do que nada. Não haverá o que aprender com os perdedores, como em tantas outras coisas? Os primeiros habitantes das Américas, derrotados pela pólvora, pelos vírus, pelas bactérias e também pela mentira, compartilhavam a certeza de que a palavra é sagrada, e muitos dos sobreviventes ainda

acreditam nisso: – *Dizem que nós não temos grandes monumentos* – diz um indígena mapuche, ao sul do Chile. – *Para nós, a palavra continua sendo um grande monumento.*

Em língua guarani, *ñe'e* significa “alma” e também significa “palavra”: – *A palavra vale* – diz um indígena avá-guarani, no Paraguai – *porque é nossa alma. Não precisamos colocá-la no papel, para que nos creiam.* As culturas americanas mais americanas de todas foram desqualificadas, desde o início, como ignorantes. Em sua maioria, não conheciam a escrita. *A Ilíada* e *a Odisseia*, as obras fundadoras disso que chamam a cultura ocidental, também foram criadas por uma sociedade sem escrita, e suas palavras voam cada vez melhor. Oral ou escrita, a palavra pode ser um instrumento do poder ou ponte de encontro. A desqualificação tinha, e continua tendo, outro motivo muito mais realista: estamos adestrados para ouvir e repetir a voz do vencedor.

A propósito, vale a pena mencionar a importância que teve a palavra, uma só palavra, durante o recente processo contra os militares que executaram a matança da comunidade indígena de Xamã, na Guatemala. A carnificina ocorreu em 1995, já no período que chamam democrático, e havia uma montanha de provas que condenavam os assassinos; mas até agora o assunto deu em nada. A secretária que transcreveu o auto processual cometera um erro ortográfico na qualificação penal: *ejecución extrajudicial*, escreveu. Os advogados do exército sustentaram que esse delito, escrito assim, *ejecución*, não existe. O promotor protestou: foi ameaçado de morte e partiu para o exílio.

(Eduardo Galeano, "Teatro do Bem e do Mal", 2013, p. 25)

Ficará o mundo sem mundo?

Em algum dia de outubro de 98, em plena Era Lewinskiana, descobri uma notícia insignificante, perdida ao pé de alguma página de algum jornal: a recuperação das plantas e dos animais extintos no mundo, nas últimas três décadas, levaria não menos do que cinco milhões de anos. Desde então, uma outra obsessão me deixa insone. Não consigo me livrar do pressentimento de que um dia os animais e as plantas nos convocarão para o Juízo Final. Chego ao delírio de nos imaginar acusados por promotores que haverão de nos apontar com a pata ou o ramo: – *O que vocês fizeram*

com o planeta? Em que supermercado o compraram? Quem lhes deu o direito de nos maltratar e nos exterminar? E vejo um insigne tribunal de bichos e vegetais prolatando a sentença de condenação eterna do gênero humano.

Pagaremos os justos pelos pecadores? Passarei minha eternidade no inferno, ao lado dos bem sucedidos empresários exterminadores do planeta e seus políticos comprados e seus chefes guerreiros e seus espertos publicitários que vendem o veneno enrolado em papel celofane verde? Um suor gelado poreja em meu corpo estremecido. Antes, eu acreditava que o Juízo Final era assunto de Deus. No pior dos casos, eu ia cumprir meu destino compartilhando a grelha perpétua com os assassinos em série, as cantoras de televisão e os críticos literários. Agora, comparando, isso até me parece pouco.

(Eduardo Galeano, "Teatro do Bem e do Mal", 2013, p. 59)

S.O.S

A política energética do país líder do mundo está ditada pelos negócios terrenos, que dizem obedecer aos céus. Transmitia mensagens divinas a finada empresa Enron, falecida por fraude, que foi a principal assessora do governo e a principal financiadora das campanhas de Bush e da maioria dos senadores. O grande chefe da Enron, Kenneth Lay, costumava dizer: "Creio em Deus e creio no mercado". E o manda chuva anterior tinha um lema parecido: "Nós estamos do lado dos anjos". Os Estados Unidos praticam o terrorismo ambiental sem o menor remorso, como se o Senhor lhes houvesse outorgado um certificado de impunidade porque deixaram de fumar.

"A natureza já está muito cansada", escreveu o frade espanhol Luis Alfonso de Carvallo. Foi em 1695. Se nos visse agora... Uma grande parte do mapa da Espanha está ficando sem terra. A terra se vai; e mais cedo do que tarde, entrará a areia pelas frestas das janelas. Das matas mediterrânicas, permanece em pé uns quinze por cento. Há um século, o arvoredado cobria metade da Etiópia, que hoje é um vasto deserto. A Amazônia brasileira perdeu florestas do tamanho do mapa da França. Na América Central, nesse passo, em breve as árvores serão contadas como conta o calvo seus cabelos. A erosão expulsa os camponeses do México, que vão embora do campo ou do país. Quanto mais se degrada a terra no mundo, mais fertilizantes e pesticidas é preciso utilizar.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, estas ajudas químicas matam três milhões de agricultores por ano.

Como as línguas humanas e as humanas culturas, vão morrendo as plantas e os animais. As espécies desaparecem a um ritmo de três por hora, segundo o biólogo Edward O. Wilson. E não só pelo desmatamento e pela contaminação: a produção em grande escala, a agricultura de exportação e a uniformização do consumo estão aniquilando a diversidade. Quase não se acredita que, há apenas um século, havia no mundo mais de quinhentas variedades de alface e 287 tipos de cenoura. E 220 variedades de batata só na Bolívia.

Pelam-se as matas, desertifica-se a terra, envenenam-se os rios, derretem-se os gelos dos polos e as neves dos altos cumes. Em muitos lugares a chuva deixou de chover e em muitos outros chove como se o céu se abrisse. O clima do mundo está mais para hospício. As inundações e as secas, os ciclones e os incêndios incontroláveis são cada vez menos *naturais*, embora os meios de comunicação, contra toda evidência, insistam em chamá-los assim. E parece uma piada que as Nações Unidas tenham chamado os anos noventa “Década Internacional para a Redução dos Desastres Naturais”. Redução? Essa foi a década mais desastrosa. Houve 86 catástrofes, que deixaram cinco vezes mais mortos do que os muitos mortos das guerras desse período. Quase todos, exatamente 96%, morreram nos países pobres, que os entendidos insistem em chamar “países em vias de desenvolvimento”.

[...] A beleza é bela se pode ser vendida, e a justiça é justa quando pode ser comprada. O planeta está sendo assassinado pelos modelos de vida, assim como nos paralisam as máquinas inventadas para acelerar o movimento e nos isolam as cidades nascidas para o encontro. As palavras perdem sentido, enquanto perdem sua cor o mar verde e o céu azul, que tinham sido pintados por gentileza das algas que lançaram oxigênio durante três bilhões de anos.

(Eduardo Galeano, "Teatro do Bem e do Mal", 2013, p. 70)



A TARTARUGA

Moradores de Copacabana,

Comprai vossos peixes na Peixaria Bolívar, Rua Bolívar, 70, de propriedade do Sr. Francisco Mandarin. Porque eis que ele é um homem de bem. O caso foi que lhe mandaram uma tartaruga de cerca de 150 quilos, dois metros e (dizem) 200 anos, a qual ele expôs em sua peixaria durante três dias e não a quis vender; a levou até a praia, e a soltou no mar.

Havia um poeta dormindo dentro do comerciante, e ele reverenciou a vida e a liberdade na imagem de uma tartaruga.

Nunca mateis a tartaruga! Uma vez, na casa de meu pai, nós matamos uma tartaruga. Era uma das grandes velhas tartarugas do mar que um compadre pescador nos mandara para Cachoeiro.

Juntam-se homens para matar uma tartaruga, e ela resiste horas. Cortam-lhe a cabeça, ela continua a bater as nadadeiras. Arrancam-lhe o coração, ele continua a pulsar. A vida está entranhada nos seus tecidos com uma teimosia que inspira respeito e medo. Um pedaço de carne cortado, jogado ao chão, treme sozinho, de súbito. Sua agonia é horrível e insistente como um pesadelo. De repente os homens param e se entreolham, com o vago sentimento de estarem cometendo um crime.

— Moradores de Copacabana, comprai vossos peixes na Peixaria Bolívar, de Francisco Mandarin, porque nele, em um momento belo de sua vida, o poeta venceu o comerciante. Porque ele não matou a tartaruga.

Rio de Janeiro, julho, 1959.

Rubem Braga, Ai de ti Copacabana (1962) p.114

CONVERSA DE COMPRA DE PASSARINHO

Entro na venda para comprar uns anzóis, e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: "Quanto?" O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: "Quarenta." O homem da venda não responde, vira a cara.

Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi. Eu me interesso pelo coleiro-do-brejo que está cantando. O velho:

— Esse coleiro é especial. Eu tinha aqui um gaturamo que era uma beleza, mas morreu ontem; é um bicho que morre à toa.

Um pescador de bigodes brancos chega-se ao balcão, murmura alguma coisa; o velho lhe serve cachaça, recebe, dá o troco, volta-se para mim: "O senhor quer chumbo também?" Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Subitamente ele se dirige ao menino da lenha:

— Quer vinte e cinco pode botar lá dentro. O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:

— Quanto é o coleiro?

— Ah, esse não tenho para venda, não...

Sei que o velho está mentindo; ele não seria incapaz de ter um coleiro se não fosse para venda; miserável como é, não iria gastar alpiste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteresso. Peço uma cachaça. Puxo o dinheiro para pagar minhas compras. O menino murmura: "O senhor dá trinta..." O velho cala-se, minha nota na mão:

— Quanto é que o senhor dá pelo coleiro?

Fico calado algum tempo. Ele insiste: "O senhor diga..." Viro a minha cachaça, fico apreciando o coleiro.

— Não quer vinte e cinco vá embora, menino. Sem responder, o menino cede. Carrega as achas de lenha lá para os fundos, recebe o dinheiro, monta no burro, vai-se. Foi no mato cortar pau, rachou cem achas, carregou o burro, trotou léguas até chegar aqui, levou 25 cruzeiros. Tenho vontade de vingá-lo:

— Passarinho dá muito trabalho...

O velho atende outro freguês, lentamente.

— O senhor querendo dar 500 cruzeiros, é seu.

Por trás dele o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto: "QUINHENTOS cruzeiros?"

— Ainda a semana passada eu rejeitei 600 por ele. Esse coleiro é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinho põe-se a cantar, mostrando suas especialidades. Faço uma pergunta sorna: "Foi o senhor quem pegou ele?" O homem responde: "Não tenho tempo para pegar passarinhos." Sei disso. Foi um menino descalço, como aquele da lenha.

Quanto terá recebido esse menino desconhecido por aquele coleiro especial?

— No Rio eu compro um papa-capim mais barato...

— Mas isso não é papa-capim. Se o senhor conhece passarinho, o senhor está vendo que coleiro é esse.

— Mas QUINHENTOS cruzeiros?

— Quanto é que o senhor oferece?

Acendo um cigarro. Peço mais uma cachacinha. Deixo que ele atenda um freguês que compra bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Afinal digo com a voz fria, seca: "Dou 200 pelo coleiro, 50 pela gaiola". O velho faz um ar de absoluto desprezo. Peço meu troco, ele me dá. Quando vê que vou saindo mesmo, tem um gesto de desprendimento: "Por 300 o senhor leva tudo."

Ponho minhas coisas no bolso. Pergunto onde é que fica a casa de Simeão pescador, um zarolho. Converso um pouco com o pescador de bigodes brancos e me despeço.

— O senhor não leva o coleiro?

Seria inútil explicar-lhe que um coleiro-do-brejo não tem preço. Que o coleiro-do-brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquele menino da lenha, como aquele burrinho magro e triste do menino. Que daqui a uns anos, quando ele, o velho, estiver rachando lenha no Inferno, o burrinho, o menino e o coleiro vão entrar no Céu — trotando, assobiando e cantando de pura alegria.

Rubem Braga, A Traição das Elegantes (1982), p. 10.

O CONDE E O PASSARINHO

Acontece que o conde Matarazzo estava passeando pelo parque. O conde Matarazzo é um conde muito velho, que tem muitas fábricas. Tem também muitas

honras. Uma delas consiste em uma preciosa medalhinha de ouro que o conde exibia à lapela, amarrada a uma fitinha. Era uma condecoração.

Ora, aconteceu também um passarinho. No parque havia um passarinho. E esses dois personagens — o conde e o passarinho — foram os únicos da singular história narrada pelo Diário de São Paulo. Devo confessar preliminarmente que, entre um conde e um passarinho, prefiro um passarinho. Torço pelo passarinho. Não é por nada. Nem sei mesmo explicar essa preferência. Afinal de contas, um passarinho canta e voa. O conde não sabe gorjear nem voar.

O conde gorjeia com apitos de usinas, barulheiras enormes, de fábricas espalhadas pelo Brasil, vozes dos operários, dos teares, das máquinas de aço e de carne que trabalham para o conde. O conde gorjeia com o dinheiro que entra e sai de seus cofres, o conde é um industrial, e o conde é conde porque é industrial. O passarinho não é industrial, não é conde, não tem fábricas. Tem um ninho, sabe cantar, sabe voar, é apenas um passarinho e isso é gentil, ser um passarinho. Eu quisera ser um passarinho. Não, um passarinho, não. Uma ave maior, mais triste. Eu quisera ser um urubu. Entretanto, eu não quisera ser conde. A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser conde. Não amo os condes. Também não amo os industriais. Que amo eu? Pierina e pouco mais. Pierina e a vida, duas coisas que se confundem hoje, e amanhã mais se confundirão na morte.

Entendo por vida o fato de um homem viver fumando nos três primeiros bancos e falando ao motorneiro. Ainda ontem ou anteontem assim escrevi. O essencial é falar ao motorneiro. O povo deve falar ao motorneiro. Se o motorneiro se fizer de surdo, o povo deve puxar a aba do paletó do motorneiro. Em geral, nessas circunstâncias, o motorneiro dá um coice. Então o povo deve agarrar o motorneiro, apoderar-se da manivela, colocar o bonde a nove pontos, cortar o motorneiro em pedacinhos e comê-lo com farofa. Quando eu era calouro de Direito, aconteceu que uma turma de calouros assaltou um bonde. Foi um assalto imortal. Marcamos no relógio quanto nos deu na cabeça, e declaramos que a passagem era grátis. O motorneiro e o condutor perderam, rápida e violentamente, o exercício de suas funções. Perderam também os bonés. Os bonés eram os símbolos do poder. Desde aquele momento perdi o respeito por todos os motorneiros e condutores. Aquilo foi apenas uma boa molecagem. Paciência. A vida também é uma imensa molecagem. Molecagem podre. Quando poderás ser um urubu, meu velho Rubem?

Mas voltemos ao conde e ao passarinho. Ora, o conde estava passeando e veio o passarinho. O conde desejou ser que nem o seu patrício, o outro Francisco, o Francisco da Umbria, para conversar com o passarinho. Mas não era o Santo Francisco de Assis, era apenas o conde Francisco Matarazzo. Porém, ficou encantado ao reparar que o passarinho voava para ele. O conde ergueu as mãos, feito uma criança, feito um santo. Mas não eram mãos de criança nem de santo, eram mãos de conde industrial.

O passarinho desviou e se dirigiu firme para o peito do conde. Ia bicar seu coração? Não, ele não era um bicho grande de bico forte, não era, por exemplo, um urubu, era apenas um passarinho. Bicou a fitinha, puxou, saiu voando com a fitinha e com a medalha. O conde ficou muito aborrecido, achou muita graça. Ora essa! Que passarinho mais esquisito! Isso foi o que o Diário de São Paulo contou. O passarinho, a esta hora assim, está voando, com a medalhinha no bico. Em que peito a colocareis, irmão passarinho? Voai, voai, voai por entre as chaminés do conde, varando as fábricas do conde, sobre as máquinas de carne que trabalham para o conde, voai, voai, voai, voai, passarinho, voai.

Rio de Janeiro, fevereiro, 1935.

Rubem Braga, O Conde e o Passarinho (1982), p. 71-74.

OS HOMENS PRÁTICOS

Numa entrevista que me deu, e que vai sair só daqui a quinze dias, no *Mundo Ilustrado*, Augusto Ruschi falou de um beija-flor que ele capturou outro dia, no Espírito Santo, e que não existia antes em nosso estado, só na Bahia e no Nordeste. Um bichinho lindo, com a cabeça vermelha e verde.

Mas Ruschi me avisou que a presença daquele beija-flor no Espírito Santo era mau sinal: o *Chrysolampis mosquitus* é um morador de caatingas, de zonas semiáridas. Isso quer dizer que o sertão, com sua seca, está descendo até o sul do rio Doce.

O grande naturalista capixaba fez, há pouco, em Vitória, uma conferência que revelou que o Espírito Santo possuía em 1926 cerca de 25 mil km² de florestas virgens; em 1954, apenas 2 mil...É o progresso, naturalmente. Mas esse progresso tem sido feito sem qualquer pensamento no futuro. Estamos destruindo nossas riquezas a curto prazo e

criando o deserto. Fala-se em reflorestamento, Ruschi sorri: “um hectare reflorestado custa 20 mil cruzeiros ao fim de cinco anos, enquanto ainda os estados possuem matas para serem vendidas a sessenta cruzeiros o hectare...”

Alguma coisa o naturalista conseguiu, foi a criação de reservas florestais com todos os tipos de floras do Espírito Santo. Ficaremos, pelo menos, com uma lembrança de nossa terra como ela foi [...] O pior é que em muitos casos a criação do deserto é irreversível; a terra morre, os rios secam. Ruschi conhece os rios do Espírito Santo, e eu também. O meu Itapemirim deixou que um navio do Loide fosse até Cachoeiro para a inauguração da fábrica de cimento; Pedro II subiu em barco o Santa Maria da Vitória até Cachoeiro de Santa Leopoldina, hoje esse rio não passa de um córrego.

Com o desflorestamento as chuvas tornam-se irregulares e a erosão entope os leitos dos rios. Entre Colatina e Aimorés, às margens do rio Doce, onde eu vi há uns 25 anos a mais bela e majestosa das florestas, fui encontrar, há uns quatro anos atrás, uma espécie de caatinga esbranquiçada e melancólica.

Ruschi avisa que duzentas espécies de nossa fauna e cerca de trezentas de nossa flora já desapareceram para sempre. Milhares de outras estão em vias de extinção. É reagir agora ou nunca. Ele fundou, ambicioso, uma Sociedade Brasileira de Proteção à Natureza, para funcionar em todos os municípios do Brasil. É um sonho. Os homens práticos não lhe dão atenção; os homens práticos são os fabricantes de desertos...

21 de fevereiro de 1959.

Rubem Braga, Dois primeiros e o mar e outras crônicas sobre meio ambiente (2018), p. 69-71.

NÃO MATEM O JACU-VERDE!

Presidente Costa e Silva.

Venho, por meio desta, fazer-lhe um apelo que tanto pode ser considerado gaiato como patético - isso depende da mentalidade do leitor: não deixe que matem o jacu-verde!

Vou-lhe explicar, senhor presidente. Se aí na biblioteca do Palácio houver o livro *Ornitologia brasiliense*, de Olivério Mário de Oliveira Pinto, editado pelo Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo, será fácil ver, entre as páginas 176 e 177 do primeiro volume, uma estampa a cores, de T. Meissner,

dessa bela ave, também chamada de aracuã ou aracuão (nome dado igualmente a outras espécies), e cujo nome Científico é *Neornorphus geoffroydulcis Snethlage*.

Na página 176 há cinco desenhos a traço, de Joaquim Franco de Toledo, documentando alguns detalhes característicos da espécie. É uma ave de penacho curto e cauda longa, linda de desenho e de colorido, o dorso verde e azul-ferrete, o corpo ora ruivo, ora cor de vinho ou de ferrugem, o bico amarelo... O jacu-verde, senhor presidente, é uma espécie que nunca foi muito espalhada e, nos últimos vinte anos, só foi vista, e muito raramente, perto da lagoa de Juparanã, na margem esquerda do rio Doce, no Espírito Santo. A devastação que tem havido nas florestas do rio Doce, tanto em Minas como no Espírito Santo, já ocasionou o desaparecimento de numerosas espécies animais e vegetais. São exemplares da flora e da fauna que, em muitos casos - como o jacu-verde - só existem ali, e uma vez extintos ali, desaparecem para sempre da face da Terra.

Nossa geração terá o direito de destruir para sempre essas formas de vida animais e vegetais que encontrou na face do planeta e que nem sequer foram todas estudadas e nem mesmo identificadas? Nas reservas de proteção da fauna e da flora existentes no Espírito Santo, há cerca de 20 mil espécies botânicas, setecentas espécies de aves e 154 de mamíferos, para citar apenas isso; são as últimas reservas sub-higrófilas existentes em todo o mundo. Isso representa uma herança que interessa a toda humanidade e a nós, brasileiros, particularmente, pois é impossível prever os benefícios de toda ordem que poderão advir do estudo de todas essas espécies.

A Companhia Vale do Rio Doce, já em meados do ano passado, anunciava que ia derrubar 17 mil hectares de mata virgem em Linhares, no Espírito Santo, para extrair madeira para dormentes, e para isso comprara as florestas particulares. Pois, além desse crime, permitido pelas leis florestais, pretende a companhia destruir uma ou algumas das reservas oficiais, existentes graças aos esforços dos naturalistas Mello Leitão e Augusto Ruschi. Por seu lado a Acesita, que já derrubou imensas áreas de matas virgens de Minas, está agora destruindo as que comprou particulares em Aracruz, no Espírito Santo.

A Vale do Rio Doce está de olho, inicialmente, na Reserva Florestal de Barra Seca, prometendo para isso entregar à Assembleia Legislativa do estado o Clube Cauê, de Vitória.

Será que o homem brasileiro não tem capacidade, senhor presidente, de atender a certas necessidades imediatas de sua economia sem sacrificar um patrimônio de valor

inestimável, transcendente, irrecuperável? O sórdido cálculo de um engenheiro qualquer, que estima metros cúbicos de dormentes e de lenha, e do particular que traduz tudo imediatamente em cruzeiros - isso valerá contra o interesse superior e permanente da nação e da humanidade? O jacu-verde é o símbolo de todo um mundo que estamos destruindo para sempre, como irresponsáveis. Senhor presidente, não deixe que matem o jacu-verde.

29 de julho de 1967

*Rubem Braga, Dois primeiros e o mar e outras crônicas sobre meio ambiente
(2018), p. 81-85.*

A ÁRVORE

Assisti de minha varanda a um crime de morte: a vítima devia ter 20 ou 25 anos. Era uma bela árvore de copa redonda, no terreno junto à praia, onde havia antes uma casinha verde. A casa já fora derrubada, mas a árvore durou ainda algumas semanas, como se os criminosos, antes de matá-la, resolvessem passar ainda algum tempo gozando a sua sombra imensa.

Assisti à queda; os homens gritaram, ela estremeceu toda e houve primeiro como um gemido do folhame, depois um baque imenso, um fragor surdo; no mar uma grande onda arreventou; e o mar e a árvore pareceram estrondar e depois chorar juntos. Houve como um pânico no ar, pássaros voaram, janelas se abriram; e a grande ramaria ficou tremendo, tremendo. Anteontem e ontem os homens passaram o tempo a cortar os galhos, esquetejando a morta para poder retirá-la; o tronco mutilado ainda está lá, com uma dignidade dolorosa de estátua de membros partidos.

De minha varanda eu vi tudo, em silêncio. Entrei para a sala, senti vontade de tomar um trago forte, roído por uma secreta humilhação, por não haver protestado. Ah, seria preciso ser um grande bêbado, ou um grande louco, ou um grande rei, para protestar. Seria preciso ser um grande rei para castigar o crime e salvar uma árvore junto ao mar!

13 de outubro de 1961

*Rubem Braga, Dois primeiros e o mar e outras crônicas sobre meio ambiente
(2018), p. 73-74.*



Mãe Terra: suas baleias

*Uma coruja cintila nas sombras
 Um lagarto ergue-se na ponta dos pés, respirando pesado
 O jovem pardal masculino estica o pescoço
 grande cabeça, observando—
 A grama está trabalhando ao sol. Torna-o verde.
 Torna-o doce. Para que possamos comer.
 Cultivam nossa carne.
 O Brasil diz “uso soberano dos Recursos Naturais”
 Trinta mil tipos de plantas desconhecidas.
 As pessoas reais vivas da selva
 vendidas e torturadas—
 E um robô de terno que vende uma ilusão chamada “Brasil”
 pode falar por eles?
 As baleias giram e reluzem, mergulham
 e assoviam e sobem de novo,
 Suspensas sobre profundezas sutilmente escurecedoras
 Fluindo como planetas que respiram
 Em espirais espumantes de
 luz viva—
 E o Japão sofisma com palavras em
 que tipos de baleias eles podem matar?
 Uma antiga grande nação budista
 pinga metilmercúrio
 como gonorreia
 no mar.*

*O cervo de Père David, o Elaphure,
 Vivia nos charcos de junco do rio Amarelo
 Há dois mil anos—e perdeu seu lar para o arroz —*

As florestas de Lo-yang foram desmatadas e todo o lodo e

A areia escorreram, e se foram, até 1200 AD.

Gansos Selvagens chocados na Sibéria

seguiram para o sul sobre as bacias do Yang, o Huang,

o que chamamos de “China”

Em voos eles usaram um milhão de anos.

Ah China, onde estão os tigres, os javalis,

os macacos,

como as neves do passado

Desaparecidos em uma névoa, um clarão, e o chão seco e duro

É o estacionamento para cinquenta mil caminhões.

SERÁ o homem o mais precioso de todas as coisas?

– então, vamos amá-lo, e seus irmãos, todos aqueles

Desaparecendo, seres vivos–

América do Norte, Ilha da Tartaruga, tomadas por invasores

que fazem guerra contra o mundo.

Podem formigas, moluscos, lontras, lobos e alces

Levantem-se! E afastem suas dádivas

das nações robóticas.

Solidariedade. As pessoas.

De pé. Pessoas árvores!

Pessoa pássaro voando!

Pessoas do mar nadando!

De quatro pés, de duas pernas, pessoas!

Como pode o cientista político cabeça-pesada com fome de poder

Governo de dois mundos - Capitalista-Imperialista.

Fazendeiros milionários burocratas

Falam pelo verde da folha? Falam pelo solo?

(Ah Margaret Mead . . . às vezes você sonha com Samoa?)

Os robôs argumentam como distribuir nossa Mãe Terra

*Para durar um pouco mais
como abutres batendo as asas
Arrotando, gorgolejando,
ao lado de um Alce moribundo.*

“No outro lado, está deitado um cavaleiro morto—

Vamos voar até ele e comer seus olhos

com um dam

daram daram daram dam dam.”

Uma coruja cintila na sombra

Um lagarto levanta na ponta dos pés

respirando pesado

As baleias giram e reluzem

mergulham e

Assovia, e sobem de novo

Fluindo como planetas que respiram

Nas espirais espumantes

De luz viva.

Gary Snyder, em *Turtle Island* (1974), p. 47.

O Chamado Selvagem

Na cama à noite o velho circunspecto

Ouve o canto do Coiote na planície distante.

A vida toda lidou no rancho e abriu mina e cortou tora.

Católico.

Californiano mesmo.

E os Coiotes uivam no seu octogésimo ano.

Vai chamar o Armadilheiro do Governo

Que usa aratacas de ferro nos Coiotes,

Amanhã.

Meus filhos vão perder esta

Música que eles mal começaram a

Amar.

[...]

E o Coiote cantando é escorraçado pois eles temem

o chamado selvagem.

E eles venderam sua mata virgem, as árvores mais altas em milhas,

Pra um madeireiro que lhes disse,

“Árvores são cheias de parasitas”.

O governo finalmente decidiu

Travar a guerra radical. Derrota

é não-americana.

[...]

E eles nunca desceram, porque acharam que

o solo é pró-Comunista. E sujo.

E os insetos apoiam os vietcongues.

Assim bombardeiam e bombardeiam

Dia após dia, por todo o planeta

cegando pardais

rompendo tímpanos de corujas

ferindo troncos de cerejeiras

unindo e enrolando

as tripas dos cervos

nas rochas fendidas e poeirentas.

Todos esses americanos de cima em cidades especiais no céu

Despejando venenos e explosivos

Primeiro pela Ásia,

E depois na América do Norte,

Uma guerra contra a terra.

Quando terminar, não haverá

nenhum lugar

Onde um coioote possa se esconder.

“envoi”

Gostaria de dizer que

O Coioote está pra sempre

Dentro de você.

Mas não é verdade.

Gary Snyder, em *Turtle Island* (1974), p. 111.

▽

Dia do fogo

O vento denunciou

Contou o que aconteceu por lá

Mesmo que não exista lá ou aqui, em um lugar que é um só: Terra.

Tentaram esconder os fatos

Fazer acreditar que era só mais um ato

Mas não teve como, não houve jeito

O vento trouxe as cinzas

De mico

Passarinho

Jacarandá

Besouro

Formiga

Lagarta

Macaco

Tatu

Andiroba

Sapo

Não sabem ou fingem não saber

Que quando queimam árvore

Queimam bicho, humano, poesia e mesmo o sentido de viver.

Luto: o dia virou noite

Em São Paulo, Belo Horizonte, Mato Grosso

O céu avisou, mostrou que não existe lá e aqui

Humano e Natureza

Norte e Sudeste

Mata e gente

*Bem disse Fernando Pessoa: tentar separar essas coisas é anomalia do juízo, ilusão
nossa.*

O que acontece a uma árvore e seus fungos, insetos, mamíferos e aves,

Acontece também a nós

*O que acontece na Amazônia chega a nós no sudeste, na Argentina, na Patagônica, na
África, na Oceania, no Congo.*

*Chega pelo vento, pelos sentidos, pela palavra, pela umidade, pelas nuvens, pelos
aquíferos, pelos subterrâneos filamentos de fungos que podem alcançar quilômetros e
quilômetros.*

Olhe,

As árvores podem se comunicar

Trocar nutrientes, informações e, principalmente, avisar sobre situações de perigo

Mas

o tempo das árvores não é o nosso

É melódico, detalhista e lento, muito lento

E os fazendeiros chegaram por todos os lados, rápidos em seus tempos masculinos

O combustível e a faísca inauguraram o que chamaram de

“Dia do fogo”

Veloz, atrozzzzzzzzzz... Humano

As árvores não tiveram

Tempo

Nem lugar para fugir – como disse Ponge: seu único movimento é a extensão

O solo é seu alimento, morada e sepulcro.

Mas dessa vez foram sepultados pelo vento

No Céu sobre a cidade

Belo Horizonte, Brasil, 21 de agosto de 2019.
Acervo Pessoal.

Prece

Frente a frente com o Atlântico, fito-o nos olhos. Estamos a sós. A linha do horizonte parece calma e não avisto nenhum sinal de fogo.

.

Eu quero...eu preciso acreditar que há o Espírito Antigo – calda de jacaré, corpo de tartaruga e rosto de Manoel, que anestesia e alivia as dores dos animais queimados. Preciso pensar que aquela onça pintada (que correu pelo pantanal queimando as patas até cair desistida, imóvel, muda), não sentiu dor. Eu a vi na foto: olhou no fundo de mim. Eu preciso acreditar nisso. Entende? Caso contrário, seria capaz de sair agora mesmo e me atirar no Atlântico. Eu morreria tentando chegar ao outro lado. Ouviu bem? Eu morreria tentando chegar ao Pantanal. Eu morreria por aquela onça pintada. Eu morreria!

Oh! Espíritos do Centro da Terra;
Oh! Fungos quilométricos das Florestas Subterrâneas;
Oh! Força atmosférica e vulcânica;
Oh! Ancestrais animais, vegetais, minerais e humanos;
Oh! Todos os Deuses microorgânicos:
ROGAI POR NÓS!
ROGAI POR NÓS!

Portugal, 15 de setembro de 2020.
Acervo pessoal.

=====

Voltei...

Devo contar que a escolha dos textos se deu de acordo com minha experiência com eles. Cada um, com sua lírica própria, atravessou meus tecidos – epitelial, conjuntivo, muscular e nervoso, dialeticamente. E acredito, sinceramente, que da mesma forma com a qual me transformaram podem, também, despertar você que tem meu texto em mãos, para um grau irreversível de *empatia pela terra*. Por isso quis deixá-lo sozinho com os poetas.

O canto polifônico dos poetas nos levou até o monstro, mostrou sua trilha e, agora, estamos frente a frente com ele. Não tenha medo. Sei que, embora seja normal que cada cultura tenha um predador, esse parece ser um tipo diferente – o que quer consumir todas as culturas. “Vemos que nas sociedades há períodos nos quais o predador é identificado com uma soberania absoluta, que lhe é permitida”, observa Estés (2016), “até que as pessoas que pensam de forma diferente passam a ser tantas que se transformam numa maré imensa”³⁷. Uma maré imensa! Sou agora, na pele da onça, uma maré imensa! *Miro las mil caras del monstruo*, e pergunto:

³⁷ ESTÉS, 2016, p. 86.

Quem é você?

Chamo-me Ocidente, Capitalismo, Imperialismo, Ciência Moderna, Indústria, Neoliberalismo, Fronteiras Nacionais, Trabalho, Legislação, Bíblia, Colonização, Deus, Santíssima Trindade. Eu represento o *povo da mercadoria*³⁸.

O que quer?

Quero carne, sangue e mente. Quero violar animais, plantas e tudo que há entre o espaço sideral e a última camada da litosfera. Quero consumir até a última gota do néctar e defecar montanhas de dinheiro.

E quando não sobrar mais nada? Vai comer a própria merda?

Ele gargalha e, os pássaros batem em retirada assustados com o barulho. Continuo:

Do que se alimenta?

Engulo, sem mastigar, montanhas inteiras, povos, matas, ares, pedras e bebo as águas dos rios que é pra ajudar a descer.

Por onde anda?

Ando nos corpos e mentes, percorro-os com as mãos e com os discursos. Estou na comida envenenada; no aquífero contaminado; nas veias abertas da América Latina³⁹, da África, da Índia, da Ásia – rainhas que violento desde a época em que lancei minhas caravelas ao mar. Estou no chicote que surra o dorso do cavalo; na mão do homem que insemina a vaca – vou fundo, enfio o braço até o cotovelo. Também estou na mão que tira terra, língua, identidade e memória dos povos da floresta. Na mesma mão que acaricia a cabeça de todos e os faz crer que isso tudo é normal.

³⁸ “Povo da mercadoria” é como Davi Kopenawa chama a civilização europeia que invadiu a terra dos yanomami. Na língua yanomami, significa, literalmente “as gentes da mercadoria” (*matihî thëri pë*) ou “os donos das mercadorias”, (*matihî pë potima thë pë*), explica Kopenawa, e conta: “então fizeram o papel de dinheiro proliferar por toda parte, assim como as panelas e as caixas de metal, os facões e os machados, facas e tesouras, motores e rádios, espingardas, roupas e telhas de metal [...] Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios” (KOPENAWA 7 ALBERT, 2015, p. 419).

³⁹ Referência à obra *As veias abertas da América latina (1971)*, de Eduardo Galeano.

Interrompo-o e, num só rosnado, vocifero:

- *Mas nem todos acreditam e são eles que gritam “ELE NÃO!”:*

*“Porque concordar tanto/ Se o que tem que dizer agora é NÃO/ NÃO à morte da família/ NÃO à perda da Terra/ NÃO ao fim da identidade”*⁴⁰.

Paro por uns instantes, olho para trás e vejo seu rastro pela Terra: a Tragédia Ambiental, isto que é...

~ Um quadro anunciado e em curso de completa violação⁴¹ da Vida;

~ É a *fumaça do metal, a pandemia Xawara*⁴²;

Diferente do que diz o discurso dominante - a Tragédia Ambiental não está apenas na escala global, longínqua. Está na escala do cotidiano, nos hábitos e percepções de mundo. Está aqui e em todo lugar. É como lembra Krenak (2019):

Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo. Um nenenzinho no colo da mãe balança a perninha e afunda no chão. Porque esse neném, para circular no mundo que vivemos hoje, vai usar produtos de higiene, fraldas, tecidos, materiais que, em algum lugar estão comendo a Terra. Involuntariamente ele já está predando o planeta⁴³.

É o resultado da ilusão moderna, como afirma Unger (2000), de que vivemos entre dois infinitos: o infinito dos recursos naturais e o infinito do progresso linear. É um produto direto da *modernidade*, caracterizada por Toledo & Barrera-Bassols (2015), pela “velocidade vertiginosa das mudanças técnicas, cognitivas, informáticas, sociais e culturais que impulsionam uma racionalidade econômica baseada na acumulação, centralização e concentração de riquezas”⁴⁴.

⁴⁰ POTIGUARA, 2004, p.67.

⁴¹ Do latim *violare*, significa tratar com violência, desrespeitar, invadir, geralmente associado a estuprar – do latim *stuprare*, deflorar a força (ORIGEM DA PALAVRA, 2020).

⁴² Termo usado por Davi Kopenawa para designar a poluição das fábricas, da mineração, dos automóveis e todo o rastro da civilização industrial. Para o xamã, os brancos “fazem-na jorrar por toda parte, ao extrair e manipular essas coisas ruins. Chamam isso de poluição. Mas para nós é sempre fumaça de epidemia *xawara*. Apesar de sofrerem também, eles não querem desistir. Seu pensamento está todo fechado. Só se importam em cozinhar o metal e o petróleo para fabricar suas mercadorias” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 365).

⁴³ KRENAK, 2019, P. 53.

⁴⁴ TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 28.

É, na verdade, um fenômeno total – porque é material e imaterial. Material na medida em que se manifesta no espaço e nos corpos de todos os seres mundanos, todos! De pedras a cavalos marinhos. E é imaterial ao passo que se fundamenta em valores e crenças – justamente os que busco identificar e discutir na pele do Javali. Porque “enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever”⁴⁵.

⁴⁵ LISPECTOR, 1977, p. 18.

Canto do Javali

Farejar



10. O ecossistema-javali. Fonte: April Schumacher pallanoph.deviantart.com, 2012.

Debruça-te e cava / O solo solto de cinzas / Os cabos da enxada são curtos / O curso do
Sol longo/ Os dedos fundos na terra buscam / Raízes, puxa-as/ Sente-as/ As raízes são
fortes.

Raízes - Gary Snyder

EM DIREÇÃO ÀS PROFUNDEZAS: ETIOLOGIA DA TRAGÉDIA AMBIENTAL

Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar
nem os segredos do feno, como também parecem não
enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no
espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à
crueldade.

Um boi vê os homens
Carlos Drummond de Andrade

Agora, diante do Monstro, experimento certo tipo de dor e repúdio no alto das costas: percorre-me cada vértebra da coluna. Sinto-me encolher, mudar de forma. Os pelos engrossam e assumem a cor o castanho escuro, quase preto. As presas crescem e agora são maiores do que o focinho. A fúria é a mesma, mas agora se transforma em *instinto de busca*, escavação. Abro bem os olhos e sou, enfim, um javali que ofega e lateja.

Mas a cabeça vagueia, o ar entra pelas narinas e se expande no pescoço – quase não consigo respirar. Sinto-me paralisada diante da complexidade do problema. Posso desistir? Há como voltar atrás e fingir que nada aconteceu, que nunca entrei nessa aventura, que nunca atravessei a porta e que não estou frente a frente com o monstro? Como? Como desistir quando se é tarde demais pra isso? Tarde demais...tarde demais agora que “algo selvagem, primário e enervado se ergue dos meus pântanos, a planta maldita que está próxima de entregar o Deus. Quanto mais maldita, mais até que o Deus. Eu me aprofundei em mim e encontrei que eu quero a vida sangrenta, e o sentido oculto tem uma intensidade de luz”¹.

Lembro-me do que Estés (2016) fala sobre existir uma dança psíquica misteriosa entre predador e presa. Se a presa estabelecer com o predador um contato visual servil e, tremer ao ponto de produzir uma leve ondulação da pele, significa que ela, a presa, reconhece a sua fraqueza. Lembro-me de, na adolescência, meu pai me aconselhar a não demonstrar medo diante de um possível ataque de violência – física, verbal e/ou sexual. Como mulher, o medo da violação é constante e o predador está sempre à espreita. Por isso, me acostumei a não tremer diante da ameaça e a olhar sempre no olho. Posso estar apavorada, mas meus músculos jamais tremem. “Tal como o fazem certas criaturas

¹ LISPECTOR, 1973, p. 46.

selvagens, ela está a preparar-se para uma ofensiva total. Ela faz meia volta para escapar do predador e depois ressurgue inesperadamente atrás dele”².

Nossa atitude de enfrentamento do *Monstro Insaciável* deve ser assim: feminina, selvagem, astuta, corajosa, sistêmica, porque o monstro é tirano, opressor e, isso que ele produz - a Tragédia ambiental - tem como uma de suas principais expressões a violência cometida contra tudo o que é considerado diferente e inferior: “os animais não humanos, mas também os ecossistemas planetários e os próprios seres humanos em condições de vulnerabilidade”³. Vimos, através do rosnado da onça, que o relacionamento da cultura ocidental com a natureza é possessivo, predatório, abusivo, destrutivo e tóxico – em todos os sentidos de toxicidade: biológica, psicológica, poética, espiritual. Agora chegou o momento de, na pele do javali, entregarmo-nos a uma tarefa etiológica incessante no intuito de identificar os paradigmas que sustentam esse relacionamento opressor.

Por mais que seja doloroso buscar as profundezas de um problema, este é o caminho para, de fato, tratá-lo. Conhecer as causas pode mostrar como curar os efeitos. No que diz respeito à Tragédia Ambiental, é o momento de aprofundar na escuridão das raízes - filosóficas e teológicas. É uma jornada que pode ser complexa, árdua e, por vezes, claustrofóbica, mas absolutamente necessária. É preciso olhar para a situação ambiental do planeta e atrevermo-nos a perguntar: “o que está por trás destas proscricções a que assisto no mundo exterior? Que parte boa ou útil do indivíduo, da cultura, da terra, da natureza humana foi morta, ou jaz moribunda?”⁴.

Para esse tipo jornada, é preciso assumir uma *atitude teórico-metodológico* que seja sistêmica e, por isso, enxergue o problema ambiental de maneira interligada, considerando não apenas a degradação biológica dos ecossistemas – essa que se vê – mas também tudo aquilo que não se vê: os aspectos psicológicos, simbólicos, culturais e espirituais que afetam e são afetados pelo problema.

² ESTÉS, 2016, p. 77.

³ SOUZA, Rafael Speck de. *Direito animal à luz do pensamento sistêmico complexo: um enfoque integrador da crise Socioambiental a partir da constituição Federal de 1988*. Dissertação (Faculdade de Direito), Universidade Federal de Santa Catarina, 2017, p. 12.

⁴ ESTÉS, 2016, p. 87.

Nesse sentido, escolhi entrar num *caminho fora do trilho*⁵ - à margem da abordagem dominante do problema ambiental que se preocupa, sobretudo, com a manutenção da superioridade humana.

Caminhar na margem me levou ao encontro da Ecologia Profunda, uma abordagem teórico-metodológica que, de acordo com Machado (2017), identifica a origem da Tragédia Ambiental na perda da relação espiritual com a Natureza - promovido pela cultura antropocêntrica ocidental - e, opõe-se à ideia de conservação da biodiversidade apenas para uso humano. “A preservação de um rio, por exemplo, não busca a conservação de recursos hídricos para a humanidade, mas atende ao direito que o peixe tem à vida”⁶. Ao incorporar à luta ambiental os direitos e interesses de todos os seres da Vida, essa abordagem desvenda uma biodiversidade que ultrapassa o imperativo da satisfação humana e se revela, tão somente, vida complexa e interconectada.

A Ecologia Profunda surge na década de 1970 como crítica às abordagens do ambientalismo que continuava a considerar a Natureza como externalidade da cultura e, dotada apenas de valor extrínseco – atribuído pelas pessoas humanas. Exponentes desse pensamento, filósofos, físicos e poetas chamaram (e chamam) atenção para o valor intrínseco do mundo não-humano e, para a necessidade de uma transformação radical (em seu sentido etimológico de “raiz” – do latim *radicalis*) da cultura ocidental e de seu modo de perceber o mundo.

Em busca de uma abordagem sistêmica e biocêntrica⁷, proponho um diálogo entre a Ecologia Profunda e o ecofeminismo. Em linhas gerais, o ecofeminismo engloba a defesa de todas as formas de vida e defende que a violação das mulheres, dos animais, das plantas e dos ecossistemas vem da mesma fonte: a dominação do homem sobre

⁵ Essa ideia de caminhar fora do trilho, corresponde ao que Snyder (2018) ensina: “Um caminho é algo que pode ser seguido, que nos conduz a algum lado. ‘Linear’. O que seria o oposto de um caminho? ‘Nenhum caminho’. Fora do caminho, fora do trilho. Então, o que há fora do caminho? Num certo sentido, todo o *resto* está fora do caminho. A implacável complexidade do mundo fica à margem do caminho marcado” (SNYDER, 2018, p. 192).

⁶ MACHADO, 2017, p.6.

⁷ Como explica Gudynas (2019), o biocentrismo diz respeito aos pontos de vista que dão ênfase aos valores intrínsecos da vida, seja de indivíduos, espécies ou ecossistemas. “Nesse caso, defendem-se valores próprios dos seres vivos, dos elementos não vivos, e também do meio ambiente, em paisagens ou ecossistemas em geral” (GUDYNAS, 2019, p. 46).

aquilo que toma como inferior. Nas palavras de Gaard (2017), “na raiz do ecofeminismo está a compreensão de que os vários sistemas de opressão se reforçam mutuamente”⁸.

As autoras ecofeministas argumentam que através dessas hierarquizações dicotômicas, “as mulheres estão simbolicamente identificadas como ligadas à natureza – como algo primitivo, inferior – e os homens, por outro lado, seriam identificados com a cultura, ou seja, vistos como aqueles que controlam, transcendem e modificam a natureza. Através dessa lente, as mulheres seriam vistas como *menos humanas* que os homens”⁹. E, como veremos, não ser “humano” de acordo com a “ideia de humanidade” dominante no ocidente, pode ser extremamente perigoso - pode ser o critério para diferenciar o violável do não violável.

De acordo com a perspectiva ecofeminista, “não há como separar o debate da emancipação humana do debate da emancipação animal e do meio-ambiente. As relações entre colonialismo, capitalismo e patriarcado e as consequências negativas dessas ideologias”¹⁰, são evidentes em todo o mundo e, tornou-se impossível negligenciá-las. Há, assim, o questionamento feroz da característica ocidental de separar-excluir-hierarquizar. As mulheres fortes e sábias do ecofeminismo, por exemplo, apontam para uma série de dualismos que permeiam a cultural ocidental, incluindo: racional/irracional, autônomo/dependente, bom/mau, sagrado/profano, consciente e inconsciente/inconsciente, ativo/passivo e masculino/feminino, mas destacam uma questão importante e muito cara para o tema desta pesquisa – as raízes teológicas da Tragédia Ambiental - onde as vozes escondidas nos meus ovários sussurram: *por aqui, por aqui...*

O lado positivo do dualismo é associado com aquele que transcende a terra e o lado negativo é associado com o mundo material mais modesto da matéria [*matter*] (palavra que deriva da mesma raiz que a palavra “mãe” [*mother*]). Nessa visão dualista, o sagrado é visto como materializado num Deus masculino situado no céu, que cria e governa sobre a Terra imaginada feminina¹¹.

⁸ GAARD, Greta. *Rumo ao ecofeminismo queer*. Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 19, n. 1, p. 197-223, 2011, p. 198.

⁹COSTA, 2019, p. 160.

¹⁰ ROSENDO, Daniela. *et al.* (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019, p. 8.

¹¹ KHEEL (2019), p.23.

Já em 1989, em uma conferência em Dartington, Inglaterra, Vandana Shiva falava sobre uma ideia-luta que defende até hoje: *El vínculo sagrado com la tierra*¹². A ecofeminista indiana defende que, no cerne da Tragédia Ambiental, está a perda do vínculo sagrado com a Terra através da dessacralização do espaço – processo que não se deu por acaso, pelo contrário, foi (e é) um projeto de violação da Natureza. Pontuo abaixo algumas ideias-chave proferidas por Vandana Shiva na conferência¹³ e, que são essenciais para o caminho a partir daqui:

- A degradação ecológica é, em sua essência, a destruição do solo como lugar espiritual;
- Quando um local se identifica com um projeto de desenvolvimento, se destrói como lugar espiritual e ecológico;
- A dessacralização do solo é consequência das mudanças de significado do espaço.

Shiva chama atenção para a relação entre os *significados dados ao espaço* e o comportamento ambiental. Nessa mesma linha de pensamento, Capra (1982) fala de uma *crise de percepção*, ou seja, uma crise da forma como pensamos o mundo, já que, para o autor, a forma como agimos em relação ao ambiente é determinada pela “nossa experiência passada, nossas expectativas, nossos propósitos e a interpretação simbólica individual de nossa experiência perceptiva”¹⁴. Sendo que, essa interpretação individual está inserida em uma interpretação maior – o que a psicologia social chama de *representações sociais*, os significados que determinada sociedade dá ao mundo, responsáveis, dentre outras coisas, por orientar as práticas e a conduta de um grupo social. Como afirma Serge Moscovici, expoente da psicologia social, tanto o mito

¹² É importante dizer que tive acesso ao texto dessa palestra de Vandana Shiva pela primeira vez em 2015, na época do Trabalho de Conclusão de curso (TCC). Também é importante falar que foi pelas mãos do professor Bernardo, meu orientador do mestrado e, também do TCC. Mais importante ainda é dizer que esse texto foi decisivo para mim como mulher, animal humano e pesquisadora, porque mostrou um caminho de compreensão do *sofrimento do mundo* que poucos trilham, poucos veem, poucos têm coragem. E, por último, é muito, muito importante dizer o seguinte: um livro pode mudar uma pessoa, um professor pode mudar uma pessoa e, isso tudo junto, pode mudar o mundo. Obrigada, professor Bernardo, obrigada Vandana Shiva!

¹³ SHIVA, Vandana. *El vínculo sagrado com la tierra*. Conferencia em el Schumacher College: Dartington, Inglaterra, 1989.

¹⁴ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. Trad. Álvaro Cabral. 1 ed. Editora Cultrix, 1982, p. 275.

quanto as ideologias contribuem para as representações sociais ¹⁵. Em suma, parece haver uma relação intrínseca entre cosmovisão ¹⁶ e comportamento ambiental.

Assim, na busca pelas raízes da Tragédia Ambiental, parto desse pressuposto de que o comportamento ambiental depende das representações sociais que a Natureza assume na cosmovisão de uma cultura, ao ponto de as respostas que damos para perguntar elementares – *quem sou eu? Onde estou? Porque estou aqui?* – afetam e revelam o modo como agimos no mundo.

Identificarei, portanto, três raízes filosóficas e teológicas da cosmovisão ocidental que sustentam a Tragédia Ambiental, especificamente: i) a ideia de humanidade; ii) a ideia de Natureza; e iii) a ideia de Desenvolvimento. Além disso, na esteira do pensamento de Vandana Shiva, apontarei uma raiz mais grossa, da qual as outras três brotam: a dessacralização da Natureza. Devo frizar que essa proposta de interpretação é pessoal e, por isso, não é a única possível. É fruto da minha tentativa, como geógrafa, mulher e mamífero, de análise do problema ambiental de acordo com minhas experiências, leituras e, principalmente, de acordo com a minha intuição.

Andando pelo quintal ontem pela manhã, colhi alguns trevos de três folhas para começar o ritual da escrita. Deixei-me parar por uns instantes e reparar nas raízes dessa encantadora plantinha rasteira. Percebi que sua morfologia segue um padrão em que há uma raiz principal, mais grossa, central e que parece ser responsável por abrir o caminho e sustentar o corpo do trevo. Também vi outras raízes mais finas que saíam da raiz principal. Fiz uma breve pesquisa e descobri que, talvez, o trevo tenha um tipo de raiz que na botânica chamam de *aprumada*, em que há uma raiz principal, responsável pela fixação ao solo, da qual partem raízes secundárias, responsáveis pela absorção de nutrientes e água. Disso, por *descuido ou poesia*¹⁷, me veio a ideia dessa alegoria da raiz como ilustração dos fundamentos da Tragédia Ambiental, no intuito de mostrar como elementos invisíveis à superfície estão interconectados num emaranhado de forças que sustentam e mantêm o *Monstro do Crescimento* e seu rastro pelo mundo. Mostrarei como suas raízes crescem na mesma proporção em que as nossas são destruídas.

¹⁵ Para um estudo detalhado sobre o assunto ver: MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

¹⁶ Como explica Lima (2011),” a palavra *cosmovisão* vem de um termo em inglês, *worldview*, tradução da palavra alemã *wel-tanschaung*, que significa percepção de mundo, ponto de vista” (LIMA, 2011, p. 36).

¹⁷ Alusão ao trecho da música “Fica” de Chico Buarque: “[...] *Mas fica, meu amor/ Quem sabe um dia/ Por descuido ou poesia/ Você goste de ficar*”. Devo justificar que gosto da melodia e sou inclinada a pensar que as melhores coisas da vida vêm de *descuidos e poesias*.



11. Trevo de três folhas com morfologia radicular do tipo *aprumada*, apresentando raiz principal e raízes secundárias. Demonstração lírica, em menor escala, de como as raízes da Tragédia Ambiental se organizam de acordo com a interpretação deste texto. Foto: Acervo pessoal, outubro de 2020.

Raízes secundárias

i) A ideia de humanidade

Em seu livro de 2019, *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak pergunta: que humanidade somos nós? É uma pergunta que parece simples, mas tem uma força incrível. Ela remete à outra perguntar também importante: o que é ser humano? A resposta para essa pergunta, dentro da cosmovisão ocidental, estipulou para o humano um lugar separado da Natureza e, mais importante, superior a ela. Essa posição *fora e acima* da Natureza configura uma visão de mundo antropocêntrica que, de acordo com Gudynas (2019),

Diz respeito às posturas centradas nos humanos, colocando-os como ponto de partida para qualquer valoração. Concede-se aos humanos um lugar privilegiado ao se conceber que as pessoas são substancialmente distintas de outros seres vivos, únicas por suas capacidades cognitivas e por serem conscientes de si mesmas.¹⁸

¹⁸ GUDYNAS, 2019, P. 14.

Nessa perspectiva crítica, o historiador inglês Keith Thomas apresenta uma análise complexa da relação humano-natureza em sua obra *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, publicada pela primeira vez em 1983. Já no primeiro capítulo, intitulado *O domínio humano*, o autor expõe as raízes filosóficas e teológicas do pressuposto europeu moderno de superioridade humana frente ao mundo não-humano. Para Thomas, os teólogos e intelectuais que sentissem a necessidade de justificar esse pressuposto podiam apelar prontamente para os filósofos clássicos e a Bíblia:

A natureza não fez nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados. [...] "Se procuramos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo", ponderava Francis Bacon, "de tal forma que se o homem fosse retirado do mundo todo o resto pareceria extraviado, sem objetivo ou propósito". Alguns clérigos pensavam que após o Juízo Final o mundo seria aniquilado; ele tinha sido feito somente para acomodar a humanidade, sendo este o seu único uso¹⁹.

No relato bíblico da criação do mundo, o Jardim do Éden foi um paraíso criado para o humano – do gênero masculino, Adão. Inclusive a criação da mulher, Eva, ocorrera para benefício de Adão, porque se sentia solitário. As plantas, os animais, os minerais e, tudo que compunha o paraíso, estavam sob o domínio humano:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra (Gênesis 1: 26).

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra (Gênesis 1:28).

Adão fora criado a imagem e semelhança do próprio Deus e, esta semelhança estabeleceu para o “homem uma posição especial no universo, enquanto ser que, entre todos os seres vivos, é semelhante a Deus”²⁰. No princípio da criação, humanos e animais conviviam pacificamente, mas com o pecado da mulher essa relação se modificou: Eva não soube controlar suas paixões e teve a audácia de ouvir as palavras de um animal, uma cobra, ao invés de ouvir e obedecer as palavras de Deus; com isso, os humanos foram expulsos do paraíso e a Terra amaldiçoada para sempre: “A Terra

¹⁹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500/1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, [1983] 2010, p. 21 e 23.

²⁰ SINGER, Peter. *Libertação animal*. Tradução de Marcelo Brandão. Cipolla e Marly Winckler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 [1975].p. 143.

será maldita por causa da tua obra" (Genesis, 3:17). Na Inglaterra do século XVII, “até mesmo quem desejava matar animais por simples prazer”, explica Thomas (2010), “podia invocar o alvará dado ao homem para dominar as criaturas. Das rinhas de galo e do açoitamento de ursos, eles podiam dizer: o cristianismo nos fornece a insígnia que permite usar esses esportes”²¹.

Peter Singer, filósofo defensor dos direitos dos animais e autor da obra *Libertação Animal* (2010), publicada pela primeira vez em 1975, destaca que a relação ocidental com a Natureza, ao se alicerçar no cristianismo, remete à tradição judaica, mas também à antiguidade grega (precisamente ao pensamento de Platão e Aristóteles), já que essas duas vertentes “reúnem-se no cristianismo e é através dele que se tornam predominantes na Europa”²². Singer mostra que a filosofia aristotélica é pautada na ideia de que os animais existem para servir aos interesses humanos, e estipula muito bem a separação/hierarquia entre humanos e outros seres terrenos. Nas palavras de Aristóteles,

As plantas são feitas para os animais e estes para o homem. Domesticados, prestam-lhe serviços e alimentam-no; no estado selvagem contribuem, se não todos, a maior parte pelo menos, para a sua subsistência e para satisfazer as suas diversas necessidades, fornecendo-lhe vestimentas e outros recursos. Se a natureza nada faz incompleto, se nada faz em vão, é necessário admitir que tenha criado tudo isto para o homem²³.

Essa breve exposição histórica e filosófica da relação homem-natureza no contexto ocidental expõe uma cosmovisão antropocêntrica, patriarcal e especista²⁴. Ao analisar essa tríade antropocentrismo-patriarcado-especismo, Marti Kheel (2019) evoca o conceito de *outro*, desenvolvido pela filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), de acordo com a qual os homens têm a necessidade de se separarem das mulheres e da natureza e se conceberem como *outro*. Nesse sentido, explica Kheel,

As mulheres estão relacionadas ao reino da natureza pelos processos biológicos como gravidez, menstruação e o parto. Homens, pelo contrário, são capazes de transcender a natureza através de atividades heroicas que colocam a vida em risco, como a caça a pesca e a guerra. Ao transcender o mundo natural eles se tornam sujeitos humanos completos, diferente das mulheres que permanecem objetos no mundo natural [...]. A análise de Beauvoir ajuda a demonstrar que o próprio conceito de ser humano na sociedade patriarcal é perpassado por gênero. As mulheres não são consideradas humanos completos, devido a sua natureza animal²⁵.

²¹ THOMAS, 1983 [2010], p. 27.

²² SINGER, P. *Libertação animal*. Trad. M. Winckler e M. B. Ipolla, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1975] 2010, p. 143.

²³ Ibidem, p. 145.

²⁴ O termo *especismo* diz respeito à dominação humana sobre os outros animais a partir de uma visão de superioridade e hierarquização.

²⁵ KHEEL, 2019, p. 24.

Sobre essa inferiorização de mulheres e animais, Estés (2016) destaca que “a prática predatória exercida sobre lobos e mulheres, por parte de quem os interpreta erroneamente, é impressionantemente similar”²⁶. Em maior escala, na mentalidade ocidental dos primórdios da modernidade (e, sob outra roupagem, até hoje), tudo que é relacionado à natureza e à animalidade poderia e deveria ser dominado.

Ao traçar uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, o principal propósito dos pensadores do início do período moderno era justificar a caça, a domesticação, o hábito de comer carne, a vivissecção (que se tornara prática científica corrente, em fins do século XVII) e o extermínio sistemático de animais nocivos ou predadores. Mas essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens. Com efeito, se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semi-animal²⁷.

Enquanto a ideia europeia de humanidade, pautada na filosofia grega aristotélica e na teologia cristã, guiou a Europa e sua expansão pelo mundo nos séculos XVI e XVII, com a passagem do século XVIII para o XIX, a partir da reviravolta iluminista, esses fundamentos somaram forças aos novos valores do iluminismo, precisamente: razão, trabalho, moral e progresso. Como sintetiza Gomes & Miranda (2016):

Com a ascensão e a posterior consolidação dos valores da Revolução Francesa e do iluminismo, a razão e a perfectibilidade humanas passaram a ser considerados, principalmente entre os cientistas e filósofos, os dois pilares de uma sociedade dita civilizada. Essas duas características se manifestavam, entre outras formas, por meio do trabalho e da moral. Pensada nesses termos, a “indústria”, no sentido do período, seria o uso efetivo da razão no domínio da natureza, a ferramenta pela qual o homem transformava o mundo. A moral, por sua vez, seria a instância pela qual cada ser humano controlava suas paixões e se aperfeiçoava²⁸.

“Nascemos livres na mesma medida em que nascemos racionais”, escreveu John Locke (1632-1704) em seu *Ensaio acerca do entendimento humano* (1999:1689). Inglês, branco, filósofo, médico e cristão protestante, Locke foi um dos teóricos que influenciou o pensamento iluminista. No ensaio, Locke estipula uma ideia de humanidade muito específica: sociedade singular ligada pelo liame comum da razão. Para o filósofo, a razão, oposto direto do instinto, seria a “faculdade pela qual o homem se distingue das bestas, e pela qual é evidente que ele as ultrapassa”²⁹. Com isso, Locke retira qualquer animalidade do humano e qualquer relação com a natureza instintiva. E,

²⁶ ESTÉS, 2016, p. 14.

²⁷ THOMAS, 1983 [2010], p. 49.

²⁸ GOMES, R. A.; MIRANDA, L. F. *Auguste de Saint-Hilaire e a civilização indígena: conquista ou filantropia?* Rio de Janeiro: Revista Mosaico, Vol. 7, n. 10, p. 121-136, 2016, p. 123.

²⁹ LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1689], p. 297.

ainda, a razão não seria inata aos humanos, mas adquirida através da experiência, assim, o pensador inglês estabelece a ideia de que os humanos nascem como uma “tábula rasa”, uma folha em branco a ser preenchida pela vida em sociedade – essa sociedade muito específica. Vale comentar que esse ponto de vista promove o rompimento, trágico e completo, com o valor da ancestralidade para uma cultura, um povo ou um indivíduo.

A natureza em seu estado “bruto”, sem a transformação humana, não teria qualquer significado ou utilidade; da mesma forma, humanos que vivessem fora dos limites dessa tríade moral-razão-trabalho, estariam nos patamares inferiores da humanidade, próximos às “bestas”, que vivem *com* a Natureza e sob o controle do mero instinto. Em uma única afirmação, o filósofo europeu branco estabeleceu as bases filosóficas para uma conduta xenofóbica, racista e especista: “*humanidade é animalidade, ou racionalidade, ou brancura*: e isto é tão evidente como qualquer uma das mais autorizadas máximas” - disse ³⁰. Essa afirmação não foi apagada pelo limo do tempo, pelo contrário, ainda lateja no seio da cultura ocidental e a alimenta continuamente.

Em síntese, o pensamento de Locke estipulou que, para alcançar o progresso humano e social, o homem deveria transformar a Natureza através do trabalho e do domínio dos próprios instintos, mediante a razão e a moral (cristã). Sim, moral especificamente cristã, afinal, embora o precursor do iluminismo defendesse o estado laico (separado da religião), era cristão protestante e, neste mesmo ensaio, defende que a única coisa que estaria acima da razão e da necessidade de qualquer comprovação pela experiência seria Deus. No décimo capítulo do ensaio, intitulado *Nosso conhecimento sobre a existência de Deus*, Locke afirma que o conhecimento sobre o mundo exterior a nós “é para ser adquirido apenas pela sensação. O conhecimento de nosso espírito é adquirido pela intuição, mas a existência de Deus nos é claramente transmitida pela razão” ³¹. Ainda, a figura de um Deus que governa, pune e disciplina, seria imprescindível para uma sociedade guiada por leis morais e, povos que desconhecassem esse Deus fariam parte de uma natureza “inculta”, próxima à animalidade:

Sem a noção de um legislador é impossível ter uma noção da lei e obrigação para cumpri-la. Além dos ateus observados entre os antigos, e assinalados nos registros da história, não se descobriram, em épocas mais recentes, nações inteiras entre as quais não se encontra nenhuma noção de Deus e nem da religião? Estes são exemplos de noções em que a natureza inculta foi mantida por si mesma sem o auxílio da cultura e da disciplina, e o aperfeiçoamento das artes e

³⁰ LOCKE, 1999 [1689], p. 185

³¹ *Ibidem*, p.273.

ciências. Mas há outras que, apesar de terem disto usufruído, por falta da devida aplicação de seus pensamentos daquela maneira, carecem da idéia e conhecimento de Deus [...] Julgo que ninguém é a tal ponto obtuso para duvidar que Deus tenha fornecido uma regra pela qual os homens devem se orientar. Ele tem o direito para fazê-lo, pois somos suas criaturas; ele tem bondade e sabedoria para nos orientar para o melhor caminho, e ele tem poder para fazer com que seja cumprida em função das recompensas e castigos de valor e duração infinitos na outra vida, pois ninguém pode nos tirar de suas mãos.³²

Essas ideias deixaram marcas profundas na cosmovisão ocidental sobre a ideia de humanidade, e se fizeram presentes em documentos oficiais sobre conduta, direitos e moral, bem como em acontecimentos históricos que estabeleceriam o contexto econômico, filosófico e cultural dos próximos séculos. Em 1776, treze colônias britânicas localizadas na América do Norte declararam independência através da *Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*. A declaração foi escrita por diversos filósofos e políticos norte-americanos, incluindo Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, “dois dos maiores representantes do iluminismo em solo americano”³³.

Treze anos depois, em 1789, outro documento - baseado no ideal iluminista e produto da Revolução Francesa - foi escrito: a *Declaração de direitos do homem e do cidadão de 1789*³⁴. Vale frizar que esses documentos consolidaram essa ideia de humanidade – espécie superior, macho, racional, cristão, branco, europeu – bem como reafirmaram os dualismos há muito arraigados. Tal como Mies & Shiva (1993) observam:

A civilização moderna se embasa em uma cosmologia e uma antropologia que estabelecem a dicotomia estrutural da realidade, e opõe as duas partes de forma hierárquica: uma que é sempre considerada superior, que sempre prospera e progride à custa da outra. Assim, a natureza está subordinada ao homem; a mulher ao homem; o consumo à produção, o local ao global, e assim sucessivamente³⁵.

Cabe lembrar que a colonização do mundo pela Europa carregou os valores e práticas ocidentais por todos os continentes. Foram padres, militares, políticos, filósofos, jesuítas, dentre outros homens, os responsáveis por conhecer, desbravar e “transformar” Natureza “inculta” em Natureza iluminada pela razão, pela moral e pelo trabalho. Durante muito tempo, desde as primeiras caravelas lançadas ao mar no século

³² Ibidem, p. 52 e 135.

³³ ALVES, Mário Correia. *Convergência de visões na fundação de um país: Benjamin Franklin e Thomas Jefferson*. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras). Universidade de Lisboa, 2009, p. 12.

³⁴ UNIVERSIDADE de São Paulo (USP). *Declaração de direitos do homem e do cidadão de 1789*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. 1978. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br>> Acesso em 20 nov. 2020.

³⁵ MIES, M.; SHIVA, V. *Ecofeminism*. London: Zed Press, 1993, p. 5. Tradução minha.

XV, até finais no século XX, o conceito ocidental de humano justificou a violação da Natureza incluindo os humanos nativos que, ao serem vistos como *parte dela*, poderiam ser capturados, violentados, torturados, escravizados e exterminados. Como explica Krenak (2019):

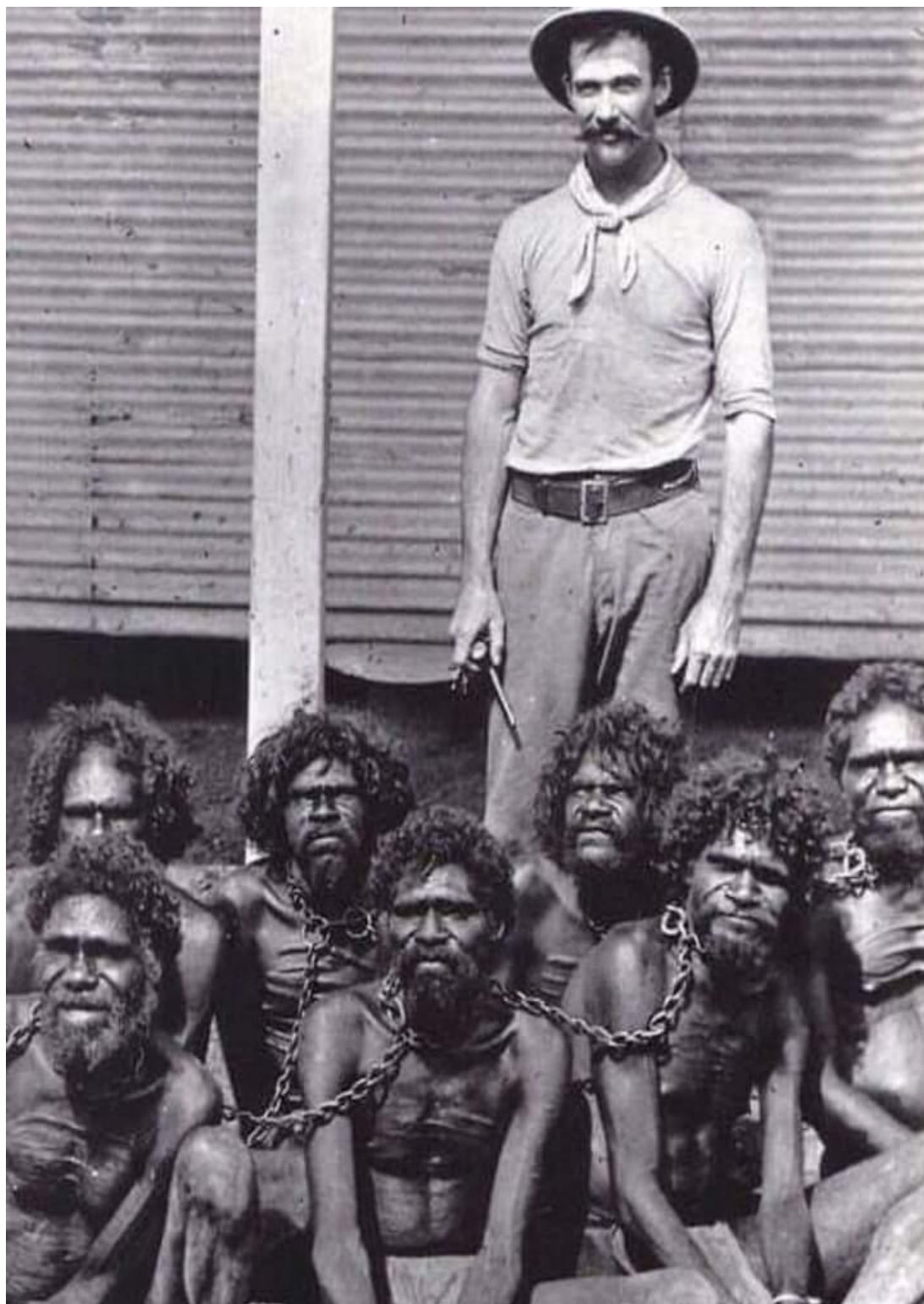
A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história³⁶.



12. Representação da Declaração dos Direitos do Homem (branco, macho) e do Cidadão (europeu, cristão) de 1789, feita neste mesmo ano pelo ilustrador francês Jean-Jacques-François Le Barbier (1738-1826). Óleo sobre tela.

Fonte: parismuseescollections.paris.fr

³⁶ KRENAK, 2019, p. 7.



13. Logo nos primeiros anos da invasão britânica, os ingleses declararam a Austrália como *terra nullius* (terra sem humanos). Até meados de 1960, vigorou a *lei Fauna e Flora*, que considerava os nativos australianos como animais parte da fauna e, por isso, poderiam ser capturados, escravizados e exterminados. Na foto de 1902, aborígenes australianos capturados sob a Lei Fauna e Flora.

Fonte: Repositório Lusofonias.

Essa ideia de humanidade ficou no passado? Muito pelo contrário, está no cerne da Tragédia ambiental em curso. Sob outras roupagens, prevalece uma lógica que forma as bases e a essência da civilização ocidental - a lógica da violação: “a partir da qual, modelos dualistas de valores hierarquicamente organizados sustentam diferentes *ismos* de dominação (sexismo, especismo, classismo, heterossexismo, racismo, etc) ³⁷”.

Para Singer (2010), só poderemos construir uma fundação sólida para a abolição da exploração “se conseguirmos romper radicalmente com mais de dois mil anos de pensamento ocidental” ³⁸. Também pensando nisso, Krenak (2019) pergunta: “Como é que, ao longo de 2 mil anos ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência” ³⁹. Isso nos faz refletir sobre a pergunta do início desse tópico feita pelo próprio Krenak: que humanidades somos nós? Respondo: uma humanidade muito específica, forjada sobre valores masculinos autoafirmativos ⁴⁰, mas, principalmente, sobre o desejo de estar *fora e acima* da Natureza como civilização exorcizada de sua natureza instintiva.

A ideia de nós, humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo [...] Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra ⁴¹.

Ao tornarmo-nos civilização desse tipo, abrimos mão da nossa participação em uma família diversa, numerosa e interligada. Um grupo muito específico de homens escolheu, registrou e oficializou o destino de toda a humanidade que estava por vir; decidiram quem somos nós sem perguntar a opinião de todos e, na conveniência de suprimir as diversidades, estipularam uma única definição – baseada no reflexo do espelho. *Fazendeiros/ Milionários/ Burocratas/ Falam pelo verde da folha?! Falam*

³⁷ ROSENDO *et al.*, 2019, p. 14.

³⁸ SINGER, 2010 [1975, p. 160.

³⁹ KRENAK, 2019, p. 6.

⁴⁰ De acordo com Capra (1999), os valores auto-afirmativos são aqueles relacionados à ânsia de competição, expansão e dominação. E estão geralmente associados aos homens. “De fato, na sociedade patriarcal, os homens não apenas são favorecidos como também recebem recompensas econômicas e poder político” (CAPRA, 1999, p. 19).

⁴¹ KRENAK, 2019, p. 24

pelo solo? ⁴² Falam por mim? Falam por meus irmãos de penas, garras ou brânquias? Falam pelos meus antepassados humanos, sequestrados e arrancados de seus lugares de amor e memória? O que sabem sobre as nossas histórias? O que sabem sobre as nossas árvores e nosso animais? O que sabem sobre quem somos? VOCÊS NÃO FALAM POR NÓS!

Acho que vou ter que pedir licença para morrer. Mas não posso, é tarde demais. Tenho que interromper porque – eu não disse? Eu não disse que um dia ia me acontecer alguma coisa? Um homem chamado João falou comigo pelo telefone. Ele se criou no profundo da Amazônia. E diz que lá corre uma lenda de uma planta que fala. Chama-se Tajá. E dizem que sendo mistificada de modo ritualista pelos indígenas, ela eventualmente diz uma palavra. João me contou uma coisa que não tem explicação: uma vez entrou tarde da noite em casa e quando estava passando pelo corredor onde estava a planta ouviu uma palavra “João”. Então pensou que era sua mãe chamando-o e respondeu: “já vou”. Subiu mas encontrou a mãe e o pai dormindo profundamente⁴³.

Permita-me recomeçar.

Em Turim, no dia 3 de janeiro de 1889, Friedrich Nietzsche deixa a residência no número 6 da Via Carlo Alberto, talvez para dar um passeio, talvez para ir até o correio para recolher sua correspondência. Não longe dele, ou realmente bastante longe dele, um cocheiro tem problemas com seu cavalo teimoso. Apesar de sua premência, o cavalo resolve empacar, o que faz com que o cocheiro – Giuseppe? Carlo? Ettore? – perca a paciência e comece a chicoteá-lo. Nietzsche avança até a multidão e põe um fim ao brutal espetáculo do cocheiro, que está espumando de raiva. O forte e bigodudo Nietzsche repentinamente pula na carroça e abraça o pescoço do cavalo, soluçando. Seu vizinho o leva para casa, onde ele fica deitado por dois dias, imóvel e silencioso, em um divã, até que finalmente murmura suas últimas palavras: “Mutter, ich bin dumm” (“Mãe, eu sou idiota”). Ele vive ainda por 10 anos, meigo e demente, sob os cuidados de sua mãe e irmãs. Do cavalo... nada sabemos⁴⁴.

A separação entre humano e natureza não foi fácil, mas sim um processo longo, doloroso (como qualquer ruptura), sangrento e, que perdura até hoje. Ele remonta a essa ideia de *humanidade superior*, construída no seio da cultura europeia, e a uma ideia de Natureza também forjada ali.

A próxima raiz secundária trata justamente dessa ideia [de Natureza] - incumbida de destruir a Natureza nas mentes para que sua destruição na prática pudesse

⁴² SNYDER, 1974, p. 47.

⁴³ O trecho em itálico corresponde à voz de Clarice Lispector em *Água Viva*, 1973, página 71.

⁴⁴ Trecho do documentário Tarr, Béla (2011), *O Cavalo de Turim (A torinói ló)*, T. T. Filmműhely, Hungria, 146 min.

se realizar sem muitos obstáculos. “Tivemos de destruir o mundo em teoria antes que pudéssemos destruí-lo na prática”⁴⁵.

ii) A ideia de Natureza

Grandes blocos de mitologia citadina (o cristianismo medieval, e depois ascensão da ciência) começaram por negar uma alma ao mundo natural, depois consciência, e por fim até sensibilidade. Enormes quantidades de europeus, no clima de uma ideologia mecanicista que negava a natureza, estavam a perder a oportunidade de conhecê-la de verdade⁴⁶.

As representações sociais em torno do conceito de Natureza sofreram e sofrem reformulações constantes. Devo adiantar que meu objetivo aqui, entretanto, não é compor uma historiografia da ideia de natureza no ocidente⁴⁷, mas antes identificar a ideia dominante e relacioná-la ao contexto ambiental nefasto em curso.

Muito bem definida a ideia de humanidade, o pensamento europeu precisava, também, dar conta da vastidão e da diversidade do mundo fora dessa humanidade, ou seja, deveriam classificar a Natureza de acordo com os interesses científicos econômicos, religiosos e filosóficos da modernidade. Unger (2000) defende o argumento de que, para que uma floresta fosse vista unicamente como fonte de matéria prima, um grande estoque de celulose e madeira, foi preciso extrair dessa floresta qualquer significado e, torna-la desprovida de encantos para que fosse reduzida aos seus aspectos produtivos. Simultaneamente, afirma a autora,

Para que seres humanos aceitem sua própria redução a objeto, mercadoria, é necessário sufocar neles determinadas potencialidades espirituais: a experiência do sagrado, a intuição, fazendo predominar uma racionalidade do tipo linear e instrumental⁴⁸.

Embora o processo de sujeição da Natureza aos desígnios do homem branco remonte à filosofia aristotélica e à teologia cristã, como argumentei, foi a ascensão da ciência moderna entre os séculos XVI e XVIII que arrematou esse empreendimento. Demarcada nos livros de história como a aplaudida *Revolução Científica*, na verdade, representou a continuidade da ideologia cristã de negação da diversidade e sujeição da Natureza – o que mudou foram os métodos e os procedimentos, como veremos. Para

⁴⁵ LAING, R. D. Nadando no mesmo oceano. In: CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum: conversas com pessoas notáveis*. Trad. Carlos Malferrari. São Paulo: Editora Cultrix, 1995, p. 108.

⁴⁶ SNYDER, 2018, P. 23

⁴⁷ Para isso, ver LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. 1969. Rio de Janeiro: edições 70, 1990.

⁴⁸ UNGER, 2000, p. 55.

Shiva (1989), embora a ciência moderna se apresente como um “sistema de conhecimento universal, livre de valores, que tem deslocado outros sistemas de conhecimento pela sua universalidade e neutralidade e pela lógica dos seus métodos”⁴⁹, na prática, funcionou como mecanismo de reafirmação das hierarquias. A tentativa de diferenciar o humano das outras espécies e, colocá-lo em uma posição de *dono e senhor do mundo* (na qualidade de herdeiro direto do próprio Criador), teve seu ápice na Revolução Científica através do pensamento de alguns homens, dentre eles, um em particular, como explica Thomas (2010):

No século XVII, a tentativa mais notável de ampliar tal diferença foi uma doutrina originalmente formulada por um médico espanhol, Gomez Pereira, em 1554, mas desenvolvida de maneira independente e celebrizada por René Descartes, de 1630 em diante. Tratava-se da tese de que os animais são meras máquinas ou autômatos, tal como os relógios, capazes de comportamento complexo, mas completamente incapazes de falar, raciocinar, ou, segundo algumas interpretações, até mesmo de ter sensações. Para Descartes, o corpo humano também é um autômato; afinal, ele desempenha várias funções inconscientes, como a da digestão. Mas a diferença está em que no seio da máquina humana há a mente e, portanto, uma alma separada, enquanto os seres brutos são autômatos desprovidos de almas ou mentes. Só o homem combinaria, ao mesmo tempo, matéria e intelecto.⁵⁰

O pensamento científico oficializou a ideia de superioridade humana agora sob esse novo argumento: além de não possuir alma, a Natureza também não possui consciência e, por isso, não pode sentir dor, emoção ou depreender qualquer raciocínio. “Na filosofia de Descartes, a teoria cristã de que os animais não têm almas imortais conhece a consequência extraordinária de eles também não terem consciência”⁵¹. Para o discurso dominante, Descartes é o pai da filosofia e da ciência moderna, mas do ponto de vista do ecofeminismo, da Ecologia Profunda e de outras vertentes críticas do ambientalismo, é visto como o responsável por legitimar - através de argumentos matemáticos, biológicos e analíticos - a prática de violação da Natureza, já validada pelas sagradas escrituras cristãs – às quais Descartes (como Locke) era declaradamente fiel. Sobre isso, Singer (2010) destaca:

O último, mais bizarro e mais doloroso resultado das doutrinas cristãs surgiu na primeira metade do século XVII, por via da filosofia de René Descartes. Descartes era um pensador claramente moderno. É considerado o pai da filosofia moderna e também da geometria analítica, na qual tem origem grande parte da matemática moderna. Mas era também cristão, e as suas convicções relativamente aos animais derivaram da combinação destes dois aspectos do seu pensamento⁵².

⁴⁹ SHIVA, 1989, p. 5.

⁵⁰ THOMAS, 1983 [2010], p. 39.

⁵¹ SINGER, 2010, p. 152.

⁵² Ibidem, p. 153.

Em uma de suas principais obras, *Meditações sobre a Filosofia Primeira: nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstradas*, escrita em 1637, o filósofo cristão se propõe a buscar a verdade e provar, através de infindáveis 150 páginas e centenas de argumentos metodicamente enumerados, a existência de Deus, a superioridade humana, a inferioridade da matéria diante do espírito e, o mecanicismo da vida – de acordo com o qual todas as criaturas de Deus seriam máquinas perfeitas. “Sob a influência da nova e excitante ciência da mecânica, Descartes afirmou que tudo o que era composto por matéria era regido por princípios mecanicistas, como aqueles que regiam o funcionamento de um relógio”⁵³.

Mas embora o humano também fosse uma máquina, para Descartes, a sua consciência e seu espírito eram a prova de sua origem superior, divina; e, para se *aperfeiçoar*, o homem deveria se despir dos sentidos e das paixões, bem como de qualquer instinto que o aproximasse de sua condição terrena. Enquanto constituída apenas de matéria, a Natureza poderia ser levada ao limite da exploração sem que isso ferisse a moral cristã. Essa ideia não só abriu precedentes para a crueldade com os animais, como também deu o aval científico para a relação de violência que a cultura europeia já mantinha com a Natureza.

Foi justamente nesse período da história que a prática de experimentação com animais vivos tomou força nas ciências naturais europeias. Como não existiam anestésias, os animais eram amarrados da melhor forma para que não pudessem fugir e, qualquer indício de que estavam a sentir dor ou agonia era ignorado pelos cientistas a partir da justificativa da filosofia cartesiana. “O próprio Descartes dissecou animais vivos por forma a aumentar o seu conhecimento de anatomia, e muitos dos fisiólogos mais destacados do seu tempo declararam-se cartesianos e mecanicistas”⁵⁴. Singer (2010) comenta como a teoria de Descartes foi conveniente para justificar a crueldade para com os animais, e cita o relato de uma testemunha ocular presente em uma dessas experimentações no monastério jansenista de Port-Royal⁵⁵, no final do século XVII:

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ O *jansenismo* é uma doutrina católica fundada pelo bispo Cornelius Otto Jansenius (1585-1638), inspirada na teologia de Santo Agostinho sobre a predestinação humana e nas ideias de Descartes. Teve no mosteiro francês Port-Royal, a sudoeste de Paris, seu principal refúgio. Lá, diversas experimentações com animais vivos foram realizadas, além de outras práticas de crueldade em nome da ciência e de Deus. Hoje o mosteiro Port-Royal se transformou em um museu e sua história de crueldade foi silenciada, assim como os gritos dos animais ali torturados. No discurso dominante, tanto Descartes quanto seus seguidores, como o bispo Cornelius, são retratos como heróis e homens notáveis.

Batiam nos cães com perfeita indiferença e caçoavam daqueles que se apiedavam das criaturas, como se elas sentissem dor. Diziam que os animais eram relógios; que os gritos que emitiam quando eram golpeados era o ruído de uma pequena mola que tinha sido acionada, mas o corpo não tinha sensibilidade. Pregavam as quatro patas dos pobres animais a tábuas para dissecá-los e observar a circulação do sangue, que constituía o tema da conversa⁵⁶.

Outro homem europeu aclamado como fundador da ciência moderna é o inglês e, também cristão, Francis Bacon (1551-1626). A ideia da superioridade do homem, e de seu quase *dever divino* de subjugação da Natureza, é o fio condutor que liga o pensamento dele ao de Descartes e de outros filósofos da época - responsáveis por delinear a *visão de mundo* hegemônica no ocidente. Bacon, assim como Descartes, falava da necessidade de *negar a si mesmo*, ou seja, de se despir de toda e qualquer relação com o mundo para, então, recuperar o domínio total sobre ele - perdido com o Pecado Original. Assim, Bacon conclamava que:

[...] o gênero humano recupere os seus direitos sobre a natureza, direitos que lhe competem por dotação divina. Restitua-se ao homem esse poder e seja o seu exercício guiado por uma razão reta e pela verdadeira religião⁵⁷.

Uma importante contribuição para a análise crítica do pensamento de Francis Bacon é o artigo *Utopia, cristianismo e ciência da natureza na nova Atlântida de Francis Bacon: paralelos com a geografia* (2016) do geógrafo Fabrício P. Bauab. No texto, o autor comenta a obra de ficção escrita por Bacon em 1627, *Nova Atlântida* (1999), na qual o filósofo inglês propõe a trindade ciência-técnica-religião como caminho para a dominação da Natureza, sendo que ciência e técnica estariam sob os desígnios do cristianismo. Dessa forma, o homem se redimiria perante Deus após o constrangimento da Queda e retomaria seu lugar de *senhor do mundo*, como na época de Adão.

Em Francis Bacon, comenta Bauab (2016), “a natureza vira, gradativamente, recurso. E o encontro com sua variedade e profusão planetária assombrou os europeus e estimulou a filosofia do inglês”⁵⁸. Em *Nova Atlântida* (1999), Bacon imagina uma ilha onde esse encontro com o *Outro* se dá por meio da classificação, descrição e subjugação da Natureza local em nome de Deus, da ciência e, em prol da humanidade (aquela ideia de humanidade). O filósofo não só reproduziu em sua utopia o que já estava a acontecer

⁵⁶ SINGER, 2010, p. 153.

⁵⁷ BACON, F. *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Nova Cultural, [1620] 1999b. p.98.

⁵⁸ BAUAB, Fabrício Pedroso. *Utopia, Cristianismo e Ciência da Natureza na Nova Atlântida de Francis Bacon: paralelos com a geografia*. Revista formação (online), vol. 4, n. 23, p. 216-236, 2016, p. 221.

no mundo com a colonização, mas, principalmente, inspirou as atitudes colonizadoras a partir dali. “Os conteúdos de um mundo revelado seriam”, comenta Bauab (2016),

“além de catalogados e inventariados, modificados pela nova Ciência revigorada em suas relações com a técnica. Não basta apenas localizar. Posse e transformação dos exuberantes quadros naturais encontrados tornam-se, pouco a pouco, imperativos da ocidentalização”⁵⁹.

Em dado momento da obra, Bacon narra, na voz do governador de Atlântida – homem espanhol cristão – como a ilha foi convertida ao cristianismo: através de um onírico evento milagroso em que São Bartolomeu envia uma carta àquele povo, demarcando que dali em diante toda a ilha converter-se-ia cristã:

Cerca de vinte anos depois da ascensão de Jesus Cristo, os habitantes da cidade de Renfusa, que fica na costa oriental da ilha, avistaram, algumas milhas mar adentro um grande pilar de luz que subia aos céus formando um caminho através de uma figura cilíndrica.

[...]

Foi permitida a tal homem a aproximação do evento. Quando chegou bem próximo ao feixe de luz, cruz e pilar desfizeram-se, esparramando luzes que, como fogos de artifício, preencheram o firmamento. Restara na água apenas uma pequena arca [...] Havia no fundo da arca, uma carta escrita por São Bartolomeu que salvou, a partir de então, aquela ilha da infidelidade, evangelizando-a milagrosamente.

[...]

A partir deste abençoado dia, convertera-se cristã toda a ilha. O cenário de harmonia social, de assustador **domínio sobre as forças da natureza e sobre as próprias vontades humanas** parecia ter-se originado a partir da já longa data do evento milagroso. Muitos segredos ainda seriam revelados para a tripulação naufraga. Pouco a pouco perceberiam os europeus que teriam, **aquelas ensombradas terras**, muitas características apenas parcialmente existentes em sua pátria mãe. Seriam tais terras uma espécie de salto para o futuro, de vislumbre com o vir a ser da sociedade europeia caso as noções de **progresso** social e **raciocínio** científico se imbricassem, tendo como pano de fundo a pedagogia da **alma cristã**. Os eventos que aconteceriam a seguir confirmariam o perfil de espelho por onde se vê a si mesmo refletido sob o pano de fundo de um contexto outro, aprimorado, futuro, quase onírico⁶⁰.

Nesse excerto, Bacon deixa explícita sua tese de que o caminho dos homens em direção ao progresso e a felicidade deveria passar pelo raciocínio científico e pela “pedagogia da alma cristã”, mas, acima de tudo, pelo “domínio sobre as forças da natureza e sobre as próprias vontades humanas”. É nesse sentido que, segundo Rossi (1992), ciência e religião se entrelaçam na obra do filósofo: “a religião forneceria o senso moral do domínio, presente nas escrituras, e a ciência forneceria as ferramentas para tanto”⁶¹.

Vemos, portanto, a consolidação de uma cosmovisão pautada na recusa da diversidade, do selvagem e de tudo que lembra nossa ancestralidade mundana. “Para os cientistas formados nessa tradição”, assinala Thomas (2010), “todo o propósito de

⁵⁹ BAUAB, 2016, p. 221.

⁶⁰ BACON, F. *Nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultural, [1627] 1999a. Grifo nosso.

⁶¹ ROSSI, 1992 apud BAUAB, 2016, p. 226.

estudar o mundo natural se resumia em que a Natureza, desde que conhecida, seria dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana" ⁶². Sem subjugar as mulheres, os animais não-humanos, e todo o corpo da Mãe Natureza, o homem não poderia se sentir *dono e senhor de todas as coisas*, conforme Deus, no mito cristão, promete à Adão. Uma das principais estratégias dessa subjugação é, como vimos, extrair da Natureza sua capacidade de sentir e sofrer. O que está morto/inerte não sente dor – é uma das máximas do pensamento científico desde Descartes e Bacon e, até hoje nas esferas dominantes da ciência e da tecnologia. A escravidão animal e vegetal em curso é a prova de que o pensamento ocidental dominante no século XVI não mudou muito nos últimos quatrocentos anos. Conforme ressalta Thomas (2010), em meados do século XVIII,

Insistia-se amplamente em que a domesticação era *benéfica* para os animais, ela os civilizava e aumentava seu número [...] Não havia injustiça quanto a matar o gado para fornecer alimento para "um animal mais nobre", pensava o arcebispo King; "foi apenas por essa razão que as bestas foram criadas antes de nós". O sofrimento dos seres brutos não era como os do homem. Eles não tinham nenhuma concepção do futuro e nada perdiam por serem privados da vida. Era, portanto, "melhor para os bichos estarem sob o domínio do homem". A autoridade humana sobre o mundo animal era, assim, virtualmente ilimitada. Ele podia usá-la como lhe apetecesse, dizia John Day em 1620: "para seu proveito ou prazer". Os vegetais, obviamente, não tinham direitos, por serem destituídos de sentido e, dessa forma, incapazes de serem feridos. Tampouco os animais tinham algum direito. Eles "não podem ter nenhum direito de sociedade conosco", dizia Lancelot Andrewes, "porque carecem de razão. Não podiam possuir terra, pois Deus concedera a Terra aos homens, não aos carneiros e cervos" ⁶³.

Snyder (2018) compara o *repúdio ao mundo orgânico*, expresso no pensamento científico moderno, à histeria de caça às Bruxas que dominou o período medieval:

Parece que num passado não muito distante das ideias ocidentais se deu uma bifurcação no caminho. A linha de pensamento a que aludem figuras como Descartes, Bacon, Newton e Hobbes – segundo os quais (todos eles cidadãos) a vida numa sociedade não-ocidental é sórdida, brutal e breve – assentou numa profunda recusa do mundo orgânico. Substituíram o universo reprodutivo por um estéril modelo mecanicista e por uma economia de produção. Estes pensadores mostraram-se tão históricos a respeito do caos como os seus predecessores do século anterior a respeito de "bruxas" ⁶⁴.

Da mesma forma, Costa (2019) observa que essa comparação entre o repúdio à natureza selvagem e a caça às bruxas está presente no livro da filósofa e historiadora ecofeminista Carolyn Merchant, *The Death of Nature* (1981), onde a autora traz a importante reflexão sobre como as ciências naturais modernas se basearam, a partir de Descartes e Bacon, na destruição e violação da Natureza. Merchant mostrou – a partir

⁶² THOMAS, [1983] 2010, p. 32.

⁶³ Ibidem, p. 26.

⁶⁴ SNYDER, 2018, p. 30.

de revisão bibliográfica minuciosa das obras de Bacon – que a partir dos postulados do filósofo cristão, o método científico adquire um novo princípio epistemológico, o da violência e do poder. Com isso,

Instaura-se na ciência moderna a metáfora de aplicação à natureza de métodos de controle, busca e domínio utilizados nos julgamentos das Caças às Bruxas pela Inquisição [...] Bacon e outros cientistas modernos defendiam que sem romper violentamente com o todo orgânico - separar elementos da natureza e recombiná-los arbitrariamente, os dissecando em frações cada vez menores – os cientistas não conseguiriam obter conhecimento⁶⁵.

Nas palavras de Mies e Shiva (1993), também inspiradas da obra de Carolyn Merchant, “violência e força são, portanto, princípios metodológicos intrínsecos do conceito moderno de ciência e conhecimento”⁶⁶. Vale lembrar o que disse Capra (1999) acerca da personalidade masculina: é regida, majoritariamente, por valores *autoafirmativos* - competição, expansão, dominação. Isso lança luz sobre o caráter violento e opressivo da ciência moderna – feita por homens obcecados em violentar a Natureza (e tudo associado a ela) para extrair o que quer que seja: minerais, madeira, leite, celulose, carne, tração, energia, prazer sexual.

*Uma serra elétrica rosna no desfiladeiro/ Dez dias úmidos e os caminhões
de toras param/ As árvores respiram/ Domingo, o jipe tração quatro rodas
da Companhia Imobiliária traz/ Os especuladores de terras, olheiros, eles
dizem/ À terra/ Abra as pernas*⁶⁷.

Portanto, as ideias hegemônicas, hoje, acerca da humanidade, da Natureza, e da relação entre ambas foram construídas ao longo dos séculos sobre a base teórica ocidental da modernidade que, segundo Sattler (2019),

Privilegia uma determinada compreensão da racionalidade humana cuja maior conquista é o domínio sobre o indômito, encarnado aqui pela natureza (caótica, selvagem, insubmissa), pela mulher, pela emotividade, pelas populações não brancas – e pela lentidão ineficaz do tempo de cada coisa. Afinal, esta é também uma concepção evolutiva de racionalidade que supõe o seu aperfeiçoamento como utilização máxima daquelas qualidades vinculadas ao controle. Daí ser tão fácil associar o progresso ao científico, ao tecnológico, à industrialização, à mecanização, à globalização⁶⁸.

⁶⁵ COSTA, 2019, p. 160.

⁶⁶ MIES & SHIVA, 1993, p. 71. Tradução nossa.

⁶⁷ SNYDER, 2005, p. 18.

⁶⁸ SATTLER, Janyne. Um projeto ecofeminista para a complexidade. In: ROSENDO, Daniela. *et al.* (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019, p. 129-146; p. 131.

Shiva (1989) pontua que a ciência moderna reivindica para si a descoberta das leis da Natureza, mas tornou-se evidente, através da denúncia ambiental, que tais leis não correspondem às leis naturais, mas sim a artífices “criados de acordo com a brutal visão masculina que viola os ritmos e processos da natureza”⁶⁹. A autora, ao refletir sobre essa violação dos ritmos da natureza pela imposição do *tempo mecânico*, assinala:

O conceito sagrado de espaço e ordem se reflete no conceito sagrado de tempo. O tempo sagrado teve de ser substituído pelo tempo mecânico que comprimia todas as histórias em uma, a do homem branco industrial. Para Bacon, chamado de pai da ciência moderna, a natureza não era mais a Mãe Natureza, mas uma natureza feminina conquistada por uma ciência masculina agressiva⁷⁰.

Ainda sobre o caráter misógino do pensamento de Bacon, Mies & Shiva (1993) apontam: “Bacon disse que a natureza deve ser forçada pela tortura a ceder seus segredos, como uma mulher má que guarda seus tesouros avarentos para si mesma e os retém de seus filhos”⁷¹. Essa visão patriarcal, desencantada, utilitarista e violenta de um determinado grupo de homens europeus se expandiu por todo o globo através do colonialismo e do imperialismo a partir do século XVI. Costa (2019) lembra a noção de *colonialidade*, proposta pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, para caracterizar esse processo de expansão da mentalidade europeia como a reafirmação e imposição não apenas de um sistema político administrativo, mas como sistema de pensamento:

A colonialidade se expressa na constituição de uma epistemologia ocidental hegemônica fundada culturalmente no mundo moderno cristão e politicamente no contexto do capitalismo colonial. Com as ideias que deram passo à modernidade a partir do século XVI assentaram-se as bases dos atuais modelos de pensamento e das visões filosóficas que vieram influenciar os séculos seguintes. Junto com esse sistema de pensamento, criam-se duas noções fundamentais para a consolidação do capitalismo: o progresso e a dicotomia natureza/cultura. Essas duas categorias vão balizar a concepção de supremacia do Homem sobre a Natureza e da necessidade da emancipação e superação permanente dos seus limites através da ciência e da tecnologia⁷².

Embora na idílica narrativa de Francis Bacon a conversão do mundo à cosmovisão europeia tenha se dado de forma pacífica pelas mãos de São Bartolomeu, na vida real essa conversão se realizou pela violenta mão do macho europeu que - sob a égide da moral cristã e do progresso - dissecou, destrinchou, decapitou, extraiu, penetrou, desmatou, escravizou, torturou e exterminou tudo que era considerado inferior, selvagem, animal, feminino, ou seja, qualquer forma de vida que não se

⁶⁹ SHIVA, 1989, p. 5.

⁷⁰ Ibidem, p. 3.

⁷¹ MIES & SHIVA, 1993, p. 69.

⁷² COSTA, 2019, p. 159.

encaixasse à restrita *ideia de humanidade*. “Tal ideia de humanidade”, escreve Viveiros de Castro no posfácio à obra de Krenak (2019):

[...] ao mesmo tempo que se apoia sobre uma distinção literalmente fundamental entre os humanos e os demais existentes terrestres, remete para uma sub-humanidade aqueles povos que sempre recusaram tal distinção, relegando-os para as margens da Cidade da Cultura, as marcas longínquas onde o humano se perde na *selva obscura* da Natureza”⁷³.

A ideia do dever e do direito *dessa humanidade* de estar em constante progresso culminou na atroz e vigente *fé no desenvolvimento*, e na conseqüente institucionalização da destruição ecológica.



A MÁQUINA DO MUNDO

Poema de Carlos Drummond de Andrade

*E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco*

*se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas*

*lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,*

*a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.*

*Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável*

⁷³ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perguntas inquietantes. Posfácio. In: KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 42.

*pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar*

*toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.*

*Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera*

*e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,*

*convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,*

*assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,*

*a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de*

*teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,*

*olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,*

essa total explicação da vida,

*esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo*

*se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”*

*As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge*

*distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos*

*e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber*

*no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,*

*e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade;*

*e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,*

*tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.*

*Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,*

pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

*a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;*

*como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face*

*que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,*

*passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes*

*em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,*

*baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.*

*A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,*

*se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas⁷⁴.*



⁷⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a, p. 89-92.

iii) *A ideia de Desenvolvimento: o que não é útil é maligno*

Quando um local se identifica com um projeto de desenvolvimento, se destrói como lugar espiritual e ecológico⁷⁵.

A modernidade se consolidou e se matem sobre a *cultura do estupro*. Explico: no Canto da Onça, interpretei a Tragédia Ambiental como um quadro anunciado e em curso de completa violação da Vida. Nos últimos acordes do Canto da Onça relacionei a etimologia da palavra violação com a da palavra estupro: ambas correspondem à invasão, desrespeito, obter o que se quer à força.

Essa interpretação faz mais sentido agora depois que investigamos o constructo filosófico e moral da modernidade acerca da relação humano-Natureza: o repúdio ao feminino, à animalidade e ao selvagem. Escavar as raízes das ideias de humanidade e de Natureza revelou as interligações ocultas (ou melhor, ocultadas) entre capitalismo, progresso, moral cristã e ciência moderna, no projeto em curso de exploração da Vida. Vimos que,

A imposição do tempo masculino aos ciclos naturais tornou-se a essência do progresso e a causa básica do desastre ecológico e social. Os ciclos de renovação da natureza e da sociedade estão sendo destruídos porque marcam limites.⁷⁶

Tudo isso encontra sua expressão máxima na fé inabalável no *Desenvolvimento*, de acordo com a qual a humanidade só alcançará seu grau máximo de evolução (que nunca vem, como o Jesus que esperam eternamente) se utilizar todos os “recursos” que a terra dá. O que se vê é a apropriação utilitarista e violenta da Natureza – incluindo o humano – para obtenção infinita de riqueza.

A racionalidade progressista ocidental que sustenta um projeto de desenvolvimento excludente e exploratório e mede o valor das coisas desde a expectativa e meta da produção mercadológica, da maximização do lucro e em curto prazo. Tudo o que resiste a essa lógica tem seu valor negado, é caracterizado como ineficaz, inconveniente, improdutivo, maligno, danoso, e, por isso, pode ser objeto das políticas de eliminação, que perpassam os sistemas sexuais, raciais e classistas⁷⁷.

O desenvolvimento econômico capitalista se baseia em práticas não muito diferentes das experimentações do século XVI que descrevi anteriormente. O *Monstro do Crescimento*, como disse ainda no canto da Onça, se alimenta das mentes e dos

⁷⁵ “Cuando un sitio se identifica en un proyecto de desarrollo, se destruye como lugar espiritual y ecológico” (SHIVA, 1989, p.1).

⁷⁶ “Imponer el tiempo masculino sobre los ciclos naturales se ha convertido en la esencia del progreso, y en la causa básica del desastre ecológico y social”. (Ibidem, p 4).

⁷⁷ ROSENDO *et al*, 2019, p. 15.

corpos de animais humano e não-humanos, florestas, montanhas e bebe as águas dos rios e dos oceanos pra ajudar a descer tudo de uma vez. A fome do Monstro é infinita e, antes de comer, ele escraviza, aprisiona e tortura – exatamente como instruiu Francis Bacon. *O Monstruo de las mil Caras é sádico.* Ele viola toda a Teia da Vida e não é condenado pelos tribunais, pelo contrário, tem o aval, incentivo e apoio dos governos, das corporações e das instituições financeiras que se lambuzam nas secreções que ele deixa pelo caminho.

A violação perpassa diversas práticas do *Desenvolvimento*: a pecuária, o desmatamento, a escravização de animais, o agronegócio, a guerra contra povos tradicionais e indígenas, etc. Há muitos argumentos para relacionar violação e Desenvolvimento, e farei a exposição minuciosa de cada um deles, mas antes algumas perguntas simples podem, talvez, levar à reflexão aqueles que possam estranhar a ideia:

Acaso a floresta – pacífica e lírica em sua biodiversidade – é consultada sobre a incursão de tratores, homens, escavadeiras e motosserras até o canto mais profundo de seu ventre?

Acaso os homens das leis e das engenharias perguntam às águas doces – amenas ou turbulentas em suas diversidades líquidas – se podem contaminar, amarrar, canalizar, tampar e até mesmo cessar o fluido de seus canais úmidos?

Acaso a vaca – antes livre e feroz – tem sua opinião levada em conta sobre ser inseminada por um braço humano, ainda no seu primeiro cio?

Acaso a Natureza, humana e não humana, tem o direito de consentir ou não?

O uso violento e indiscriminado que os homens práticos fazem da Natureza, é consentido por ela?

Thomas (2010) mostra como o homem branco europeu, ao criar aquela *ideia de humanidade* muito específica, se colocou em uma posição de superioridade em relação aos animais e a tudo que remetesse à animalidade e ao selvagem. E uma das formas de manter o animal em seu lugar inferior era através da domesticação. Dessa maneira, Thomas ressalta como a domesticação se tornou uma importante estratégia de controle e disciplina:

Robert Gray declarava, em 1609, que "a maior parte" do globo era "possuída e injustamente usurpada por animais selvagens, ou por selvagens brutais, que, em razão de sua ímpia ignorância e blasfema idolatria, são ainda piores que os animais". O conde de Clarendon concordava: "a maior parte do mundo é ainda habitada por homens tão selvagens como as feras que com eles convivem".

[...] Também as mulheres estavam perto do estado animal. Durante vários séculos os teólogos tinham discutido, em parte frívola, em parte seriamente, se o sexo feminino tinha alma ou não, debate que acompanhava de perto a polemica sobre os animais e que, às vezes, produzia ecos no nível popular.

[...] A domesticação dos animais fornecia várias das técnicas para enfrentar a delinquência: freios para mulheres tidas como rabugentas; celas, correntes e palha para os loucos; cabrestos para as mulheres vendidas em leilão no mercado, num rito informal, porém amplamente aceito de divórcio. Acima de tudo, a gente comum era constantemente descrita como composta de animais, que precisavam ser controlados à força para não explodirem e se tornarem perigosos.

[...] A domesticação tornou-se, assim, padrão arquetípico para outras formas de subordinação social. O modelo básico era paternal, com o governante como bom pastor, tal como o bispo com seu rebanho. Animais dóceis e fiéis obedecendo a um senhor atencioso constituíam um exemplo para todos os subalternos⁷⁸.

Enquanto isso, Snyder (2018) chama atenção para o esforço moderno em transformar tudo o que é selvagem em "cultivado". A palavra *cultivo* remete para as etimologias de *lavra* e *girar*, isso implica geralmente o movimento de afastamento dos processos naturais – aquela velha negação da natureza instintiva. “Em agricultura”, explica Snyder (2018), “consiste em suspender a sucessão ecológica e estabelecer uma monocultura”⁷⁹. Essa *lógica monocultural*, como chama Shiva (2003), alcança não só a agricultura, mas toda a diversidade biológica e cultural características da Vida terrena. Para a autora, a colonização europeia levou para todos os continentes “as ideias da natureza e da cultura enquanto derivações do modelo da fábrica industrial”⁸⁰. A *lógica monocultural*, ao se basear no utilitarismo, promove a substituição do pluralismo cultural e biológico pelo modelo da linha de produção fabril: uniforme, rápida, produtiva, eficiente em gerar lucro. Embora a *utilidade* seja relacionada à *produtividade, rendimento e benefício*, ela é “transitiva e seu benefício nunca é universal, mas com sua máscara ecumênica ela é capaz de justificar a maior parte das ações de extermínio”⁸¹. No modelo utilitarista ocidental, explica Shiva (2003):

A diversidade tem de ser erradicada como erva daninha e, as monoculturas uniformes – de plantas e de pessoas – têm de ser administradas de fora porque não são mais autorreguladas e autogeridas. Aqueles que não se ajustam à uniformidade são declarados incompetentes. A simbiose cede lugar à competição, à dominação e à condição de descartável⁸².

⁷⁸ THOMAS, [1983] 2010, p. 51-54.

⁷⁹ SNYDER, [1990] 2018, p. 123.

⁸⁰ SHIVA, 2003, p. 31.

⁸¹ SATTTLER, 2019, p. 133.

⁸² SHIVA, 2003, p. 33.

Na agricultura, os Seres Vegetais da família das verduras, legumes e frutas são dopados com pesticidas, fertilizantes químicos, herbicidas e transformados em mercadorias inertes. Os Seres Arbóreos são derrubados – por cerras, fogo, tratores, etc – para dar lugar a uma única espécie “preferida” pelo mercado. O sistema agroflorestral, em que os seres de diversas famílias do *Reino Plantae* podem conviver, cede lugar às esferas separadas da silvicultura e da agricultura:

Diversos ecossistemas florestais e agrícolas são reduzidos a espécies “preferidas” pela aniquilação seletiva da diversidade das espécies que não são “úteis” do ponto de vista do mercado. Finalmente, as próprias espécies preferidas têm de passar pela engenharia genética e são introduzidas com base nas características preferidas. A diversidade natural nativa é substituída pelas monoculturas de árvores e safras agrícolas⁸³.

A partir da segunda metade do século XX, com a incorporação dos valores científicos modernos à agricultura e à silvicultura, a domesticação dos membros da *Nação das Plantas*⁸⁴ se manifesta pelo controle de seus ritmos biológicos de crescimento, reprodução e interação interespecífica - as plantas em uma silvicultura ou uma monocultura são proibidas de manter relações sociais entre si e com organismos que mantém relações milenares, como fungos, besouros, insetos, etc. Em seu belíssimo trabalho sobre comunicação, cultura e interação social de árvores, Wohlleben (2017) mostra como as árvores em uma monocultura ficam solitárias e mudas porque perdem suas capacidades de comunicação através da liberação de toxinas, emissões elétricas e, principalmente, pelo envio de informações através das redes subterrâneas de fungos:

Na maioria dos casos as árvores se valem dos fungos para fazer a transmissão rápida das mensagens. Eles funcionam como os cabos de fibra óptica da internet. Os filamentos finos penetram a terra e se entremeiam pelas raízes em uma densidade inimaginável, a ponto de uma colher de chá de terra da floresta conter muitos quilômetros desses “condutores” [...] Na floresta, os arbustos e gramados também fazem esse tipo de troca (na verdade, possivelmente todas as espécies de plantas). No entanto, nas plantações a vegetação fica em silêncio. As plantas cultivadas não são capazes de se comunicar umas com as outras, seja por cima ou por baixo da terra. São quase surdas-mudas, por isso se tornam presas fáceis para insetos. Esse é um dos motivos pelos quais a agricultura moderna usa tanto inseticida. Para estimular a comunicação entre as plantas, os agricultores deveriam aprender mais sobre as florestas e introduzir um pouco da vida selvagem em seus cultivos⁸⁵.

Esse silêncio, provocado pela violação da *Nação das Plantas* pelo uso de insumos químicos, também incomodou Rachel Carson e foi o que inspirou o nome de

⁸³ Ibidem, p. 43.

⁸⁴ Mancuso (2020), neurobiólogo vegetal italiano, pensou o termo *Nação das Plantas* para designar todos os povos vegetais que, “com a sua bandeira tricolor, verde, branca e azul, representa a mais populosa, importante e difusa nação da Terra (somente as árvores totalizam um número acima dos três bilhões). Constituída por cada um dos seres vegetais presentes no planeta, é a nação da qual os outros organismos vivos dependem” (MANCUSO, 2020, p. 11)

⁸⁵ WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Tradução de Petê Rissati. Rio de Janeiro: Sextante, 2017, p. 193.

sua obra mais famosa, *Primavera Silenciosa* (1962). Na epígrafe do livro, Carson colocou uma frase, do poeta John Keats, que resume a interconexão das espécies vegetais e animais: “*O carriço desapareceu do lago. E nenhum pássaro canta*”⁸⁶.

A partir de meados de 1940, mais de 200 substâncias químicas, de ordem básica, foram criadas, para uso na matança de insetos, de ervas daninhas, de roedores e outros organismos que, no linguajar moderno, se descrevem como “pestes” ou “pragas” [...] Estes borrifos, pós e aerossóis são agora aplicados quase que universalmente em fazendas, em jardins, florestas, residências; são substâncias químicas não seletivas, que têm poder para matar todas as espécies de insetos – tanto os “bons” quanto os “maus”. Tem poder para silenciar o canto dos pássaros e para deter o pulo dos peixes nas correntezas; parar revestir as folhas das plantas com película mortal, e para perdurar, embebidas no solo.⁸⁷

A violência contra a Nação das Plantas é legalizada, institucionalizada e tida como essencial para a sobrevivência do *Monstro do Crescimento*. Krenak (2019) chama atenção para como o poder institucional apoia e financia a violação da Natureza em prol da manutenção da superioridade daquela *ideia de humanidade*. O líder indígena cita instituições consolidadas do poder como universidades ou organismos multilaterais que surgiram no século XX: Banco Mundial, Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. “Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade”⁸⁸ – afirma. São emitidos, constantemente, documentos oficiais, manuais e outras formas de discursos que se prestam a defender técnicas e práticas violentas contra plantas e animais. Isso se baseia na arraigada ideia de que eles não possuem quaisquer direitos, sentimentos ou sensações.

Por exemplo, de acordo com o *Manual de Silvicultura Tropical* (2002), publicado pela Faculdade de Agronomia, e Engenharia Florestal da Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique, com o apoio da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), a silvicultura é descrita como uma “arte” da manipulação, uma prática benéfica e necessária ao desenvolvimento da economia. De acordo com o Manual, silvicultura é:

A **arte ou a ciência de manipular** um sistema dominado por árvores e seus **produtos**, com base no conhecimento das características ecológicas do sítio, com vista a alcançar o **estado desejado**, e de forma economicamente **rentável**⁸⁹.

⁸⁶ CARSON, 1962, p. 6.

⁸⁷ Ibidem, p. 17.

⁸⁸ KRENAK, 2019, p. 7.

⁸⁹ GUEDES, Benard S, *et al. Manual de Silvicultura Tropical*. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de agronomia e engenharia Florestal. Maputo: UEM, 2002, p. 2.

O Manual defende e propõe a manipulação e a sujeição da Natureza para usufruto do homem – noção que remete a velha e carcomida fundamentação filosófica e teológica de Francis Bacon. O documento ainda instrui sobre a aplicação das principais *técnicas silviculturais*:

As técnicas silviculturais podem ser aplicadas em forma parcial, o que leva a uma eliminação paulatina das **árvores indesejáveis** (anelamento, perfurações ou envenenamento) ou total, que resulta na eliminação súbita da árvore indesejada (corte direto). Os cortes parciais normalmente são complementados com a aplicação de compostos químicos (arboricidas)⁹⁰.

As técnicas silviculturais são muito bem descritas, uma a uma, em uma linguagem objetiva, instrutiva e exorcizada de qualquer sentimento, afinal, para a *lógica monocultural*, as árvores estão daquele lado da dicotomia que não sente, não fala, não pensa e, por isso, pode ser dominado. Como pontua o Manual, as principais técnicas são:

Anelamento: É a técnica mais usada na eliminação de **indivíduos indesejáveis**. Ela tem um efeito **lento e gradual**, geralmente é efetiva, fácil de efetuar [...] O anelamento consiste em bloquear o fluxo de seiva elaborada através da retirada da casca e por vezes parte da madeira [...] Algumas espécies arbóreas apresentam reações especiais que lhes permitem sobreviver ao anelamento. Por exemplo, algumas restabelecem consideravelmente o tecido meristemático (o fluxo de seiva), outras são capazes de formar raízes na parte superior do anel que chegam a atingir o solo. Nestes casos em especial, é necessário recorrer ao **envenenamento**.

Perfurações: Esta técnica consiste em fazer furos no tronco que **penetram** até ao cerne. Os furos podem ser feitos usando vários tipos de ferramentas como motosserras (**introduzindo** o dispositivo de corte) e brocas [...] Na perfuração, a desvitalização efetiva das **árvores indesejáveis**, normalmente é conseguida combinando com **arboricidas**. A perfuração é uma técnica de muita utilidade na silvicultura por causa das vantagens com respeito à facilidade de execução e alto **rendimento**.

Envenenamento: O envenenamento é uma técnica alternativa útil para aumentar a eficiência do anelamento e a perfuração. As árvores são desvitalizadas principalmente com **arboricidas sistêmicos (fitohormonas)** que são em princípio inofensivos para as pessoas e os animais. Tais arboricidas são aplicados ao redor do tronco anelado ou nos orifícios perfurados.

Abate: É uma técnica utilizada para a colheita e aproveitamento florestal, sobretudo em tratamentos de baixo dossel e em aclaramentos, já que se pretende eliminar **árvores indesejáveis** de diâmetros pequenos e médios que ao serem retiradas. O corte direto é uma técnica eficaz e segura⁹¹.

No que diz respeito aos animais não-humanos, a domesticação para transformá-los em mercadoria para consumo passa por todo tipo de violência imaginável. A ativista vegana Marti Kheel (2019), ao discorrer sobre a contribuição do ecofeminismo para a ética animal, chama atenção para como a imagem da Natureza como matéria inanimada

⁹⁰ Ibidem, 2002, p. 116.

⁹¹ GUEDES *et al.*, 2002, p. 116-120. Grifos nossos.

pode ser vista hoje na prática pecuária, que envolve cativeiro, controle biológico (por inseminação artificial) e outras técnicas de crueldade. A autora faz uma afirmação importante e incômoda para alguns: “Quando as pessoas comem produtos obtidos por essas práticas, elas estão, num sentido real, apoiando a cultura do estupro” e, prossegue, “66% das vacas, nos Estados Unidos, são inseminadas artificialmente; o mesmo ocorre com 85% das porcas e 100% das peruas”⁹². Singer (2010) também apresenta informações sobre como se dá o controle biológico no caso das vacas leiteiras em fazendas industriais:

Após ter-lhe sido retirada a primeira cria, dá-se início ao ciclo produtivo da vaca. É ordenhada duas vezes, por vezes três vezes, por dia, durante dez meses. Após o terceiro mês é de novo emprenhada. Será ordenhada até à sexta ou oitava semana antes da data prevista para o nascimento da cria, e voltará a tê-lo logo que a cria lhe seja retirada. Geralmente, este ciclo intenso de prenhez e hiperlactação pode apenas durar cinco anos, após os quais a vaca “gasta” será enviada para o matadouro, para se transformar em hambúrgueres ou alimento para cães⁹³.

Além do controle biológico, animais não-humanos em fazendas industriais são mantidos em cativeiro por quase toda a vida. E o cativeiro não se parece em nada com as imagens de publicidade nas caixas de leite ou de ovos. O confinamento, regra geral, inclui compartimentos sobrelotados com espaço insuficiente para movimentos básicos, ainda mais para qualquer tipo de manifestação instintiva como aninhar-se, correr, pular. No caso da suinocultura (nome que se dá ao “cultivo” de porcos, por mais absurda que essa ideia pareça ser), como expõe Singer (2010), quando são mantidos em confinamento e em condições de sobrelotação os porcos tornam-se propensos a um “vício”, tal como as galinhas em condições semelhantes, mas ao invés de bicadas nas penas e do canibalismo, os porcos mordem as caudas uns dos outros. No caso das galinhas, a prática para evitar o “vício” é *desbicá-las*. “Introduzida pela primeira vez em San Diego, nos anos 40, o corte do bico costumava ser feito com recurso a um maçarico. O agricultor queimava a parte superior dos bicos das galinhas, de forma que estas deixavam de conseguir bicar-se mutuamente”⁹⁴. Mas essa técnica foi substituída por um tipo de guilhotina:

Preferem-se os instrumentos especialmente concebidos para o efeito, com forma de guilhotina, equipados com lâminas quentes. Introduce-se o bico do pinto no instrumento e a lâmina quente corta-lhe a extremidade. A operação efetua-se com muita rapidez - faz-se em cerca de quinze aves por minuto. Esta velocidade significa que a temperatura e a capacidade de corte da lâmina podem variar, resultando em cortes descuidados e ferimentos graves⁹⁵.

⁹² KHEEL, 2019, p. 28.

⁹³ SINGER, 2010, p. 111.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 86.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 87.

No caso dos porcos, os suinocultores lançam mão de uma prática para evitar que isso ocorra e atrapalhe a “produção”: o corte das caudas. O autor cita as instruções do Ministério da Agricultura norte-americano para solucionar o problema:

O corte das caudas tomou-se prática corrente como forma de evitar que os porcos se mordam quando estão em espaços fechados. Deverá ser efetuado por todos os criadores de porcos de carne. O corte deverá ser feito à distância de 1/4 a 1/2 polegada do corpo com um alicate de corte lateral ou outro instrumento rombo. A ação de esmagamento ajuda a estancar o sangue. Alguns criadores utilizam o instrumento de cortar o bico às galinhas para cortar as caudas aos porcos; isto também cauteriza a superfície do corte ⁹⁶.

“Montar o lado selvagem da natureza de membros dos clãs *Bos* e *Sus* – ou seja, o gado bovino e os porcos – transformou gradualmente esses animais, que no estado selvagem são espertos e vigilantes, em indolentes máquinas de produzir carne” ⁹⁷ – observa Snyder (2018). O poeta usa o termo “mondar”, que vem do latim *mundāre* – limpar, purificar. Mondar significa corrigir, desbastar, cortar, arrancar, expurgar ⁹⁸. Animais escravizados em zoológicos, rodeios, unidades de criação intensiva, circos, etc, precisam ter seu espírito selvagem cortado, arrancado, como acontece às ervas daninhas ou as “árvores indesejadas”. E vimos exatamente algumas das formas de mondar os animais não-humanos, mas existem muitas outras e, em plena vigência. Fora as que estão muito bem escondidas nos cantos da história...

*Eu queria dar conta de falar dos milhões de cavalos que
foram recrutados para combater nas guerras humanas, sem nunca
terem se alistado/ Queria falar dos elefantes e ursos de circo, dos
leões dos zoológicos, dos chimpanzés, coelhos e ratos dos
laboratórios/ Queria falar dos cachorros enviados ao espaço sideral
para morrerem em prol de uma busca extraterrena que nunca foi a
deles/ Eu queria/Mas não posso/ Não aqui/ Não agora/ De imediato,
devo continuar, eu preciso chegar ao fim da travessia, quero ver o
que há depois daquele morro que antes parecia tão distante e/
Agora/Me é mais nítido e/Pouco a pouco/ Absurdamente real ⁹⁹.*

⁹⁶ Ibidem, p. 100.

⁹⁷ SNYDER, [1990] 2018, p. 108

⁹⁸ DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa, 2020.

⁹⁹ Profusão poética espontânea e indomável enquanto escrevia essa página.

Vimos como a ideia de *eficácia* perpassa as práticas violentas da silvicultura, agricultura moderna, suinocultura e pecuária bovina. Sobre essa tal *eficácia*, Sattler (2019) pergunta: “o quão carregado de significados violentos é o conceito de *eficácia* quando vinculado aos termos instrumentais do progresso e da ordem em nome de figuras conceituais supostamente universais?”¹⁰⁰. Essas figuras são, para a autora, as noções mutiladas de *democracia*, *repopoamento*, *justiça* e, tantos outros conceitos que saem da garganta do *Monstro do Crescimento*. São “figuras conceituais” tidas como verdade absoluta, sendo que, como observou Foucault (1998), o discurso tido como verdadeiro, pelo qual se tem certo respeito e terror, é o mesmo que pronuncia a justiça, a bondade e a hierarquia¹⁰¹.

Estés (2016) observou em seus estudos sobre a vida selvagem e o encarceramento de animais, que ao ser enjaulado um animal vê seus instintos selvagens deteriorados pouco a pouco e, “os seus comportamentos vitais reduzem-se a um estado de letargia, irritabilidade e até agressividade [...] é o que os zoólogos chamam de *depressão animal*”¹⁰². Sem terem cometido quaisquer delitos, apenas por terem nascido do outro lado do dualismo (o lado que também estão mulheres, povos indígenas, povos negros, comunidades tradicionais e, tudo que foge à ideia dominante de humanidade), esses animais são cruelmente violentados – psicológica, física e emocionalmente. O escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, escreveu um livro em 2003, intitulado *Elizabeth Costello*, a personagem que dá nome à obra é uma aventureira escritora que viaja pelo mundo e relata, em tom lírico e ao mesmo tempo absolutamente angustiado, o que vê sobre a relação que entre humanos e não-humanos. Em um trecho, Elisabeth traduz um pouco a forma que o homem ocidental trata os animais – como verdadeiros prisioneiros de guerra:

As pessoas reclamam que tratamos os animais como objetos, mas na verdade tratamos os animais como prisioneiros de guerra. Você sabia que quando foram abertos os primeiros zoológicos, os tratadores tinham de proteger os animais dos ataques dos espectadores? Os espectadores sentiam que os animais estavam ali para serem insultados e humilhados, como prisioneiros em uma marcha triunfal [...] Podemos cortar seu pescoço, arrancar seu coração, atirá-lo ao fogo. Não existe lei quando se fala de prisioneiros de guerra. (...) Bom, e é isso que são nossos rebanhos: populações escravas. O trabalho dele é se reproduzir para nós. Até o sexo deles se transforma em uma forma de trabalho. Não são nem mais odiados por nós porque não são dignos do nosso ódio. Nós os vemos com desprezo¹⁰³.

¹⁰⁰ SATTLER, 2019, p. 134.

¹⁰¹ Ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

¹⁰² ESTÉS, 2016, p. 276.

¹⁰³ COETZEE, J. M. *Elizabeth Costello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 118.

A exposição dessas informações parece incômoda, sacode alguns mantos de certezas com os quais há muito nos cobrimos. Mas esse confronto é necessário para sairmos do lamaçal antropocêntrico em que fomos jogados.

Porque a escravidão animal hoje não nos soa estranha como passou, recentemente, a soar a escravidão humana? Por quê? Pelo gasto e infundado especismo (acreditar na superioridade da espécie humana)? O fato de a cosmologia que reina no ocidente dizer que o humano é imagem e semelhança do próprio criador, não continua absurdamente arraigado na raiz da nossa crueldade para com as outras espécies?

Tal como a maior parte dos seres humanos é especista na sua prontidão em causar dor a animais quando não causaria uma dor idêntica a humanos pela mesma razão, também a maioria dos seres humanos é especista na sua prontidão em matar outros animais quando não mataria seres humanos¹⁰⁴.

Sob a égide da neutralidade da ciência, do cientista e da escrita científica, manuais e documentos emitidos por órgãos que promovem as práticas modernas de pecuária e agricultura em nada diferem de publicações como o famoso livro *Malleus Maleficarum*, conhecido como *O Martelo das Feiticeiras (1991)*, publicado na Alemanha em 1487 por dois homens católicos da ordem Dominicana - Heinrich Kramer e James Sprenger. Escrito a pedido do Papa Inocêncio VIII, o manual consistia em instruções para identificar, julgar e condenar hereges, sendo que, “a figura do herege se tornou, cada vez mais, a de uma mulher, de forma que no início do século XV, a bruxa se transformou no principal alvo da perseguição aos hereges”¹⁰⁵. Ler *O Martelo das Feiticeiras (1991)* é tarefa essencial a quem deseja compreender o medo e a repulsa ao feminino e à natureza selvagem que a mulher e os animais representam. O livro, escrito por dois homens, é um tratado misógino (do grego *misein*, “odiar”, mais *gyné*, “mulher”, misógino significa ato de odiar mulheres) contra as mulheres, e oferece instruções detalhadas de como estupra-las, torturá-las e matá-las. Algumas ideias vigoravam como verdade absoluta na época da publicação do livro, por exemplo, a certeza de que as mulheres “são mais débeis de mente e de corpo”¹⁰⁶ do que os homens e, por isso, mais propensas à bruxaria. Além disso, de acordo com os frades dominicanos, eram “animais imperfeitos” por terem sido feitas da costela do peito de Adão:

¹⁰⁴ SINGER, 2010, p. 31

¹⁰⁵ SATTLER, 2019, p. 135.

¹⁰⁶ KRAMER, H. & SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum (1484): o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991, p. 41.

E devemos apontar o defeito na formação da primeira mulher, que foi formada de uma costela curva, isto é, a costela do peito, que se encontra encurvada, por assim dizer, em direção contrária a do homem¹⁰⁷.

Essas afirmações nos parecem absurdas hoje, mas não nos é absurdo ouvir do discurso dominante ocidental que perpassa não só os órgãos do poder - como também todos os corpos da sociedade ocidental – que os animais são inferiores e podem ser enjaulados, mutilados e tudo aquilo que falamos à pouco. Como mostra Shiva (2003), sobrevive até hoje a ideia proferida pelo famoso caçador das bruxas de Salem, Cotton Mather: “O que não é útil é maligno”¹⁰⁸.

Unem-se, assim, utilidade e malignidade para classificar o que é subversivo, insubordinado ou inútil e por isso deve ser exterminado - não sem antes alguma tortura, como é de praxe. A atribuição de útil-bom ou inútil-maligno “ajusta-se maleavelmente às pessoas, aos animais não humanos e à diversidade biológica”¹⁰⁹, mas também à cultura como um todo. Nessa perspectiva, a opressão sobre a Natureza e tudo que ela representa, afirma Sattler (2019):

Se vale da expropriação de bens e saberes e da erradicação das inutilidades impeditivas à estabilidade econômica das classes privilegiadas. Bruxas, povos indígenas e negros, florestas e ervas-daninhas passam então pelo mesmo filtro do significado da inconveniência – um significado homogeneizado que permite a unificação do controle para as políticas de eliminação e de extinção¹¹⁰.

Nesse contexto, combinam-se então o tempo e o modo dos *valores masculinos autoafirmativos* de que fala Capra (1982). A história humana se transforma na reprodução de uma história escrita e determinada por um grupo restrito de homens, que definiram o progresso *daquela humanidade específica* como busca comum a todos os povos – humanos e não humanos – e, baseado na violação – chamada por esses mesmos homens de modernização e *desenvolvimento*. Shiva (1989) sintetiza essa ideia ao afirmar que “através do tempo masculino, o desenvolvimento transformou uma subcultura (um produto dos tecnocratas brancos) em um ideal que deve ser alcançado mesmo que isso signifique a própria destruição”¹¹¹. O futuro sonhado por essa humanidade segue uma lógica linear que “retira outras culturas de seus fundamentos

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ SHIVA, 2003, p. 42

¹⁰⁹ SATTLER, 2019, p. 135.

¹¹⁰ Ibidem, p. 136.

¹¹¹ SHIVA, 1989, p. 4

históricos e as substituí pela promessa vazia de um futuro feito à imagem e semelhança do Ocidente patriarcal”¹¹².

Não me canso de perguntar (porque a pergunta deve ser infinita): porque o humano moldado no tempo e na lógica masculina do ocidente patriarcal se acha assim tão melhor? O que é ser melhor?

Mancuso (2020), em seu livro sobre a *Nação das Plantas*, se pergunta por que o humano ocidental tem tanta certeza de que é uma espécie superior (depois do que escavamos já temos algum vislumbre do porque), e se mostra profundamente incomodado com um fato: “São poucas as pessoas responsáveis pela soberania do único planeta no universo no qual a vida existe”, e prossegue perguntando:

Em primeiro lugar, de onde provém esta investidura que nos torna Senhores do Planeta? É por hereditariedade ou por **direito divino** que somos? Ou talvez pela nossa manifesta superioridade em relação às outras espécies? Ou quiçá seja simplesmente uma saudável questão de democracia e dependa do nosso maior número?¹¹³.

No que diz respeito à hereditariedade e ao direito divino, o autor imediatamente desconsidera a existência desse Deus e de sua prole eleita e perfeita. Quanto ao que Mancuso chama de *opção democrática* (nosso maior número), também o considera um argumento infundado ao passo que, “pelo seu número e relevância, a soberania da Terra deveria pertencer às plantas”¹¹⁴, responsáveis por 80% da biomassa da Terra, contra apenas 0,01% da biomassa humana - segundo estudos estatísticos citados pelo autor. No que tange à *opção aristocrática* (nossa manifesta superioridade como espécie – especismo), Mancuso propõe a reflexão do que significa “ser melhor” no contexto da história da evolução da vida. Seguindo as ideias de Darwin, o autor considera que o objetivo biológico da vida é se manter viva. Dessa forma, “o organismo melhor é, portanto, o mais apto a sobreviver”, prossegue o neurobiólogo:

[...] daí decorre que as espécies eventualmente melhores são as que têm maior sucesso na realização desse objetivo. Pois bem, o problema é agora bem mais simples: basta saber quanto tempo sobrevive uma espécie na Terra, comparando-a com o homem, seremos capazes de compor uma lista das melhores [...] Em geral, estima-se que o tempo médio de vida de uma espécie, animal ou vegetal, seja de 5 milhões de anos. A cavalinha vive na Terra há 350 milhões de anos. Agora que conhecemos esses dados, façamos a nós próprios a pergunta: quanto tempo o homem está na Terra e quanto tempo estimamos que ainda possa sobreviver como espécie?¹¹⁵

¹¹² Ibidem.

¹¹³ MANCUSO, 2020, p. 26. Grifo nosso.

¹¹⁴ Ibidem, p. 28.

¹¹⁵ Ibidem, p. 30.

Porque, ainda assim, certos humanos se acham tão melhores? Repito e repito os versos de Snyder (2018): *Fazendeiros/ Milionários e burocratas/ Falam pelo verde da folha? Falam pelo solo?*¹¹⁶. O poeta também chama atenção para como a maioria dos povos humanos, que viviam e vivem fora dos limites dessa *ideia de humanidade* ocidental, não repudiam o caráter feminino, indômito, selvagem e, por isso, livre e complexo, da Natureza – celebravam e celebram o que o poeta chama de Grandiosa Natureza:

[...] Algo que se furta à análise, que está além das categorias, auto-organizativo, auto-inspirador, brincalhão, surpreendente, impermanente, insubstancial, independente, completo, ordenado, não mediado, que se manifesta livremente, auto-legitimador, obstinado, complexo e, ao mesmo tempo, bastante simples. Simultaneamente real e vazio. Em alguns casos, podemos chamar-lhe sagrado¹¹⁷.

Shiva (1989) vai ao caminho de Snyder ao afirmar que a abordagem da natureza que considera o solo como algo sagrado em sua complexidade e o humano como um dos seus frutos e não como dono, “foi e é universal”:

Apesar de ter sido sacrificada em todos os lugares como se representasse uma visão local e desinteressante. Em seu lugar foi introduzida a estreita visão cultural dos brancos europeus, universalizada através do colonialismo e do desenvolvimento, que veem a terra como uma propriedade a conquistar e possuir¹¹⁸.

O respeito pela Mãe Natureza e seus mistérios é substituído pelo *temor ao Deus masculino* e desprezo pelo selvagem. A Grandiosa Natureza, em toda sua beleza, biodiversidade e poder, é mantida em cativeiro, silenciada e violada todos os dias para que se comporte de acordo com os interesses puramente utilitários. Ela precisa fornecer alimento, combustível e entretenimento no *tempo do homem*, em benefício do homem, para o progresso do homem. É obrigada a ingerir hormônios, agrotóxicos e outros venenos para ter seus ciclos domados – fertilidade controlada, menstruação contida...

...Se ela não for muito bem domesticada

Pode florescer na hora errada.

¹¹⁶ SNYDER, 1974, p. 47.

¹¹⁷ SNYDER, 2018, p. 20.

¹¹⁸ SHIVA, 1989, p. 2.

Isso me leva a insistir na pergunta: de onde vem essa ideia de que estamos *fora e acima da Natureza*? Como a Natureza outrora (e ainda – nas margens) concebida como a Grandiosa Mãe, se transformou na imagem daquilo que é inferior, útil e violável? Isso nos leva à raiz mais grossa, a raiz primária responsável por fixar o Monstro ao solo e guiar as raízes secundárias: a dessacralização da Natureza.

E o focinho já começa a farejar que as “nossas filosofias, histórias e religiões globais inclinam-se tendenciosamente para a uniformidade, a universalidade e a centralização – em suma, para a ideologia do monoteísmo”¹¹⁹.

*Quando a existência de mim e do mundo ficam insustentáveis pela razão – então me solto e sigo uma verdade latente*¹²⁰.

¹¹⁹ SNYDER, 2018, p. 59

¹²⁰ LISPECTOR, 1973, p. 45.

O MUNDO JAZ DO MALIGNO: CRISTIANISMO E DESSACRALIZAÇÃO DA NATUREZA

Derrubareis os seus altares, quebrareis os seus monumentos e cortareis os seus bosques sagrados.

(Êxodo 34:13)

Os brancos dizem que você é poderoso. Você alega saber curar, mas nunca o vemos trabalhar! Você nunca sai da rede! Você foge da luta contra os seres maléficos! Você só sabe ficar repetindo palavras de medo e de morte!

(Davi Kopenawa)

A raiz central, além de fixar a planta ao solo, também tem outra função muito importante: abrir caminho. Meu objetivo nesse momento do Canto é denunciar como o cristianismo abriu caminho para que o *Monstro do Crescimento* pudesse adentrar a floresta mais profunda, o rio mais sagrado, a montanha mais alta e violasse cada um de seus povos – vegetais, minerais e animais humanos e não-humanos. Diante do que já expus até aqui e do que continuarei a expor, minha denúncia orbitará a premissa de que a dessacralização da Natureza foi e é uma estratégia-chave para violação do mundo.

Seguindo meu instinto, peço licença ao xamã Davi Kopenawa, pensador, ativista político e líder indígena do povo yanomami¹²¹, para usar seu testemunho como fio condutor em minha exposição dos aspectos envolvidos na dessacralização da Natureza. No livro *A Queda do Céu* (2015), escrito em parceria com o antropólogo Bruce Albert, Kopenawa relata a incursão do homem branco (napë)¹²² na Grande Floresta Amazônica.

O líder indígena, hoje com 64 anos, oferece uma *escrita testemunho* preciosa para a compreensão da dessacralização da Natureza como raiz central da Tragédia Ambiental. Trata-se de uma inversão fundamental aos nossos tempos: a história contada pelo oprimido e não pelo opressor. Kopenawa revela o que sofreu, viveu e viu do esforço europeu em reduzir aquele lugar sagrado à mercadoria e, sob a insígnia da Igreja, do Estado e do Progresso, violou os corpos animais, vegetais e minerais da Floresta. A obra oferece, nas palavras de Viveiros de Castro (2015):

¹²¹ Os Yanomami ocupam também a bacia do Cassiquiare, canal natural entre o Orinoco e o alto rio Negro.

¹²² No prefácio à edição brasileira da obra, Viveiros de Castro (2015) explica que o termo yanomami *napë*, originalmente utilizado para definir a condição relacional e mutável de ‘inimigo’, passou a ter como referente prototípico os ‘Branços’, isto é, os membros (de qualquer cor) daquelas sociedades nacionais que destruíram a autonomia política e a suficiência econômica do povo nativo de referência. O Outro sem mais, o inimigo por excelência e por essência é o ‘Branco’.

Ao mesmo tempo uma explicação do mundo segundo outra cosmologia e uma caracterização dos Brancos segundo outra antropologia (uma contra- -antropologia), *A queda do céu* entrelaça esses dois fios expositivos para chegar à conclusão de uma iminência da destruição do mundo, levada a cabo pela civilização que se julga a delícia do gênero humano - essa gente que, liberta de toda ‘superstição retrógrada’ e de todo ‘animismo primitivo’, só jura pela santíssima trindade do Estado, do Mercado e da Ciência, respectivamente o Pai, o Filho e o Espírito Santo da teologia modernista¹²³.

Proponho, então, uma composição musical-dissertativa em que trechos da obra de Kopenawa entrelaçam argumentações minhas sobre espiritualidade e Tragédia Ambiental e, especificamente, dessacralização da Natureza, ideologia cristã e violação da Vida.

O tambor já rufou nove vezes e o vento mudou de direção, é a hora.

- - - - *Os ancestrais que os brancos chamam de portugueses eram mesmo filhos de Yoas, o criador da morte. Mal haviam chegado, já começaram a mentir aos habitantes da floresta: “Somos generosos, e somos seus amigos! Vamos lhes dar mercadorias e compartilhar nossa comida! Viveremos com vocês e ocuparemos esta terra juntos!”.* Depois, conversaram entre eles e começaram a vir, cada vez mais numerosos, para a terra do Brasil. No começo, seduzidos pela beleza da floresta, mostraram-se amigos de seus habitantes. Em seguida, começaram a construir casas. Foram abrindo roças cada vez maiores, para cultivar seu alimento, e plantaram capim por toda parte, para o seu gado. Suas palavras começaram a mudar. Puseram-se a amarrar e a açoitar as gentes da floresta que não seguiam suas palavras. Fizeram-nas morrer de fome e cansaço, forçando-as a trabalhar para eles. Expulsaram-nas de suas casas para se apoderar de suas terras. Envenenaram sua comida, contaminaram-nas com suas epidemias. Mataram-nas com suas espingardas e esfolaram seus cadáveres com facões, como caça, para levar as peles para seus grandes homens.¹²⁴ .- - - -

Fernando Pessoa, o poeta, foi um estudioso da história do cristianismo. Na personalidade de Ricardo Reis, no *Prefácio à Alberto Caeiro* (2016), propõe uma discussão a fim de identificar os elementos fundantes dessa religião. O poeta lembra que o cristianismo surge como sistema revolucionário dentro da tradição judaica, e se consolida como religião oficial do Império Romano no século IV d.C. “No

¹²³ VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.24.

¹²⁴ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 252.

imperialismo romano o monoteísmo judaico encontrou uma base: conjugavam-se bem e fundiam-se melhor em suas tendências de dominar e absorver”¹²⁵. Do elemento judaico, o cristianismo herda o monoteísmo intolerante sob a forma do proselitismo¹²⁶ e, do elemento romano a tendência expansionista. Assim, o cristianismo nasce com a missão divina de expansão e conversão dos povos à sua cosmovisão:

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho mandado, e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém (Mateus 28:19-20).

Singer (2010) também ressalta os elementos judaicos e greco-romanos incutidos na ideologia cristã, responsáveis por formar seu caráter militar, territorialista e especista. O autor chama atenção para os “jogos romanos” - que envolviam o massacre de animais selvagens e de escravos humanos capturados nas invasões romanas de outras terras.

O Império Romano foi formado através de guerras de conquista, tendo sido necessário dedicar muita da sua energia e do seu rendimento às forças militares que defendiam e ampliavam o seu vasto território [...] Os romanos consideravam a morte tanto de seres humanos como de outros animais como um motivo normal de diversão [...] O combate simples acabou por se tornar insípido, tendo sido o interesse decrescente. Numa ocasião, um urso e um touro, acorrentados um ao outro, rolaram sobre a areia, num combate feroz; noutra vez, lançaram-se criminosos envoltos em peles de animais selvagens a touros enlouquecidos pela aplicação de ferros em brasa ou pelo arremesso de dardos com pontas embebidas em resina ardente. No tempo de Calígula, chegou a matar-se quatrocentos ursos num único dia[...]Os combates com animais selvagens prosseguiram durante a era cristã e, aparentemente, diminuíram gradualmente de número apenas porque a riqueza e a extensão decrescentes do Império tornaram cada vez mais difícil a obtenção de animais selvagens. Na verdade, é ainda possível assistir a combates deste gênero, sob a forma moderna de tourada na Espanha e na América Latina.

Embora proferisse um discurso humanitário e fraterno de bondade e igualdade, o cristianismo, em seu processo de expansão territorial e cultural ao longo da Idade Média, “deixou os seres não-humanos fora dos limites da compaixão, tal como se encontravam no tempo romano”¹²⁷. O problema é que a ideia a respeito do que é humano estava muito bem delimitada como vimos nas raízes secundárias. A depender do interesse de dominação, o humano nativo não era visto como humano; a montanha, as plantas e os rios definitivamente não se configuravam como humanos. Nietzsche (2012) vai além ao criticar o discurso humanitário cristão:

Que ousem ainda falar-me das suas bênçãos «humanitárias»! *Suprimir* qualquer miséria era ir contra a sua mais profunda vantagem – ela viveu de misérias, *criou* misérias para *se* eternizar [...] O parasitismo como a única práxis da Igreja; sugando, com o seu ideal de anemia e de

¹²⁵ PESSOA, Fernando. Prefácio a Alberto Caeiro. In: *Obra Completa de Ricardo Reis*. 1ed. Lisboa: Tinta-da-China, 2016, p. 217.

¹²⁶ Voracidade em converter uma ou mais pessoas à determinada crença.

¹²⁷ SINGER, 2010, p. 147.

«santidade», todo o sangue, todo o amor, toda a esperança de vida; o Além como vontade de negação de toda a realidade; a cruz como marca distintiva da mais subterrânea conspiração que alguma vez existiu – contra a saúde, a beleza, a retidão, a bravura, o espírito, a *bondade* da alma, *contra a própria vida...*¹²⁸

A união entre a tendência expansionista e a cosmovisão dualista (separação entre bem e mal), levou o cristianismo a caracterizar como Mal tudo o que se mostrasse como obstáculo à sua “missão divina” de expansão e conversão dos povos. Explico: na cosmologia cristã, não apenas a divindade está apartada *deste mundo*, como, “em grande medida, o homem partilha com Deus a transcendência da Natureza”¹²⁹. Além disso, a ênfase na tríade pecado-salvação-redenção gravita em torno da ideia de que a Terra foi maculada pelo Pecado Original (“A Terra será maldita por causa da tua obra” - Gênesis, 3:17) e, a humanidade deve buscar a redenção para alcançar o verdadeiro lar: o Reino dos céus.

- - - Perguntávamos a eles: “Mas onde afinal vive esse que vocês chamam de Teosi?”¹³⁰. Respondiam: “Mora para além do céu. Está construindo lá nossas casas. É por isso que ainda não veio nos buscar em pessoa. Mas já nos enviou seu filho, Sesusi, para lavar a sujeira de nosso peito com seu sangue [...] Os missionários nos falavam de Teosi, mostrando-nos imagens, dizendo: “Estas são as palavras da Bíblia!”[...] Também costumávamos cantar: Pai Teosi! Amamos seu filho Sesusi. Quando ele descer do céu, seguiremos seu caminho. Iremos viver com ele na sua floresta, onde não há feiticeiros inimigos, nem cobras, nem espinhos, nem formigas kaxi. **Cá embaixo, a floresta é hostil.** Por isso queremos nos juntar a você. Assim, não passaremos mais fome, pois na sua casa há pão e café em abundância. Seremos felizes, comeremos à vontade. Nosso pai Teosi é generoso. Sua floresta é magnífica. Vou para junto de Teosi!”¹³¹ - - - -

Esse discurso serviu muito bem aos interesses imperiais ao reduzir a Terra e sua Biodiversidade a uma *estadia transitória* e, nas palavras de Nietzsche (2012), depois de “se ter criado o conceito «natureza» como noção oposta a ‘Deus’, ‘natural’ transformou-se necessariamente em sinônimo de ‘desprezível’ – todo esse mundo de ficções tem a

¹²⁸ NIETZSCHE [1895] 2012, p. 75.

¹²⁹ WHITE Jr, p. 1204.

¹³⁰ *Teosi* vem do português “Deus”. Foi uma das primeiras palavras que os missionários incutiram na linguagem yanomami. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 610).

¹³¹ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 259. Grifo nosso.

sua raiz no *ódio* contra o natural”¹³². Em sua essência, o cristianismo despreza a matéria, o instinto, a intuição e tudo que foge a ideia da perfeição divina. “A mentalidade cristã”, observa Pessoa (2016),

[...] constitucionalmente acostumada a encarar esta vida como o prelúdio de outra e subordinada a ela, tanto como importância como na ação, criou, deixando-a herdada na massa do sangue, nas gerações já descrentes nela, uma atitude de sensibilidade que se pode definir como um desprezo da vida no que exclusivamente vida. O cristão despreza a vida propriamente como tal¹³³.

Essa mentalidade construída há dois mil anos perdurou não só por toda Idade Média, mas erigiu, como vimos, as estruturas conceituais da modernidade. Se Pessoa afirma que “a Igreja Católica é a sobrevivência do Império Romano inteiramente cristianizado”¹³⁴, a modernidade progressista, hierarquizada, especista e patriarcal é onde ele renasce – através das vozes de Francis Bacon, Descartes, John Locke e outros, os chamados *pais da modernidade*.

A retórica e a instituição do cristianismo, juntamente com os impulsos imperialistas de Estados-Nação militarizados, têm sido usadas por quase dois mil anos para retratar a heterossexualidade, o sexismo, o racismo, o classismo e a opressão do mundo natural como divinamente ordenado¹³⁵.

Para White Jr. (1967), nossa sociedade dita pós-cristã, revela-se profundamente cristã em sua cosmovisão do ser humano e da natureza. Para o autor, a hodierna aliança entre ciência e técnica deu ao ser humano poderio sobre uma natureza já muito vulnerável e fragilizada pelo dogma judaico-cristão da criação. O primeiro golpe contra a Natureza fora dado pelo cristianismo ao transformá-lo em terra degenerada e inculta. O segundo e decisivo golpe ficou a cargo da ciência e da técnica modernas - ao transformá-la em máquina inerte destinada à dominação. Segundo White Jr (1967):

A constância com a qual os cientistas, durante longo período de formação das ciências no Ocidente, disseram que a tarefa e a recompensa do cientista era ‘pensar os pensamentos de Deus depois dele’ nos leva a crer que esta era sua real motivação. Se assim for, então a ciência moderna ocidental está presa a uma matriz da teologia cristã. O dinamismo da devoção religiosa, modelado pelo dogma judeu-cristão da criação, deu-lhe impulso¹³⁶.

Pautada na *malignidade do mundo*, a ideologia cristã é apropriada e maleada nos últimos dois mil anos como justificativa, retórica e legitimação daquela *ideia de humanidade* – utilitarista e opressora. Como bem observou Foucault (2008): “de todas

¹³² NIETZSCHE [1895] 2012, p. 14.

¹³³ PESSOA, 2016, p. 266.

¹³⁴ Ibidem, p. 225.

¹³⁵ GAARD, 2011, p. 207.

¹³⁶ WHITE Jr, 1967, p. 1206.

as civilizações, a do Ocidente cristão foi sem dúvida, ao mesmo tempo, a mais criativa, a mais conquistadora, a mais arrogante e, sem dúvida, uma das mais sangrentas”¹³⁷. É no colonialismo do século XV em diante que o imperialismo romano cristão renasce em sua forma mais atroz. É a partir desse renascimento fatídico que as culturais locais foram combatidas como ervas-daninhas, empecilhos à passagem do povo eleito em perpétuo progresso. O colonialismo do mundo pela mentalidade imperial cristã comprimiu “todas as histórias em uma só: a do homem branco”¹³⁸.

No livro *Dialética da Colonização* (1992), o historiador Alfredo Bosi defende que a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: “ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e, uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório”¹³⁹. E o autor prossegue:

As motivações expressas dos colonizadores portugueses nas Américas, na Ásia e na África inspiram-se no projeto de *dilatar a Fé* ao lado de *dilatar o Império*. Os puritanos que aportaram às praias da Nova Inglaterra também declararam *to perform the ways of God*¹⁴⁰.

Os interesses utilitaristas da modernidade em nada diferiram dos interesses exorcistas da cristandade, pelo contrário, casaram-se muito bem e, inauguraram uma guerra global contra a complexidade, a diversidade cultural e biológica, a subjetividade, a arte e os instintos.

- - - - Foi então que começaram a nos amedrontar com as palavras de Teosi, e a nos ameaçar constantemente [...] Repetiam sem parar o nome de Teosi, em todas as falas: “Aceitem as palavras de Teosi! Retornemos juntos para Teosi! Foi Teosi quem nos enviou! Teosi nos mandou para proteger vocês! Não recusem, ou queimarão após a morte no grande fogo de Xupari¹⁴¹! Se seguirem Satanasi e suas palavras, vão queimar lá com ele e vai ser de dar dó! Se, ao contrário, vocês todos imitarem Teosi como nós, um dia, quando ele decidir, Sesusi descerá até nós e poderemos vê-lo aparecer nas nuvens!”¹⁴²

¹³⁷ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 174.

¹³⁸ SHIVA, 1989, p. 2.

¹³⁹ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 12.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 16.

¹⁴¹ “De *shopari wakë*, o fogo do mundo celeste onde ardem os avarentos após a morte, segundo os Yanomami ocidentais adaptado pelos missionários à noção de inferno” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.642).

¹⁴² KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 256.

A guerra cristã contra *o maligno* significou a guerra contra o *espírito selvagem* – livre e impermanente – o que culminou em uma guerra contra o Mundo, afinal, “o Mundo é Natureza e, a longo prazo, inevitavelmente selvagem, enquanto processo e essência da Natureza, é também uma imposição de permanência”¹⁴³. A ideia de selvagem no contexto ocidental está vinculada àquilo que é rebelde, indomado, perigoso.

Essa construção conceitual em torno da palavra *selvagem* tem profunda ligação com as raízes secundárias discutidas anteriormente. O que é considerado selvagem está do lado tido como inferior na hierarquia homem-Natureza e, como vimos, praticamente tudo que não corresponde aos valores ocidentais masculinos está incluído em Natureza. Mas o mais importante: o *selvagem* sob a lente cristã está historicamente associado ao *reduto do sagrado* que deve ser combatido – ao demoníaco – afinal, “natureza que não se pôde domar é perigosa”¹⁴⁴. Para ser dominada, a Natureza selvagem precisou ser completamente exorcizada de seu poder, sensibilidade, personalidade e liberdade, precisou ser *malignizada*.

- - - - A gente de Teosi¹⁴⁵ demonstrava abertamente sua raiva contra os homens que, apesar de tudo, tinham coragem de continuar fazendo dançar os espíritos. Diziam-lhes sem parar que eram maus e que seu peito era sujo. Chamavam-nos de ignorantes. E ameaçavam sempre: “Parem de fazer dançar seus *espíritos da floresta*¹⁴⁶, isso é mau! São demônios que Teosi rejeitou! Não os chamem, eles são de Satanasi! Se continuarem assim ruins e persistirem em não amar Sesusi, quando vocês morrerem serão jogados no grande fogo de Xupari! Vão dar dó de ver! Sua língua vai ressecar e sua pele vai estourar nas chamas! Parem de beber o pó de yãkoana! Teosi vai fazê-los morrer! Vai quebrá-los com suas próprias mãos, porque é muito poderoso!”¹⁴⁷ - - - -

Foi preciso expurgar a Natureza de um dos seus aspectos mais antigos e universais: o sagrado. Afinal de contas, “em um lugar sagrado só se pode ser convidado,

¹⁴³ SNYDER [1990], 2018, p. 13.

¹⁴⁴ BOSI, 1992, p. 73.

¹⁴⁵ Davi Kopenawa chama de “gente de Teosi” os missionários evangélicos fundamentalistas da organização americana New Tribes Mission (ntm), que fizeram sua primeira visita ao alto rio Toototobi (*Weyahana u*) em 1958, quando Davi Kopenawa devia ter dois ou três anos.

¹⁴⁶ Os espíritos da floresta são, na mitologia yanomami, as imagens-essência das “árvores, folhas, cipós, méis selvagens, cupinzeiros, pedras, terra, água, corredeiras, etc” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 622).

¹⁴⁷ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 256-257. Grifo nosso.

não se pode possuir – e isso explica o ímpeto em dessacralizar”¹⁴⁸. Extrair da Natureza sua sacralidade foi essencial para a consolidação de uma religião instaurada no seio de uma civilização imperial. Do ponto de vista imperial, a floresta não passa de fonte de matéria-prima e espaço hábil para expansão territorial. Mas há um impasse: da perspectiva das religiões pagãs que resistiram à conversão cristã, a floresta era morada dos deuses e eles eram seus guardiões. Um antigo verso do poeta romano Ovídio (43 a.C – 18 d.C) remete à essa fusão entre natural e sobrenatural: “Aqui está um bosque silencioso, negro com a sombra dos carvalhos; ao vê-lo, qualquer um poderia dizer: Há um espírito aqui!”¹⁴⁹. Sendo animada, a natureza é preservada do uso arbitrário do ser humano, conforme observa White Jr (1967):

Na Antiguidade, cada árvore, cada nascente, cada ribeiro, cada colina tinha o seu próprio *genius loci*, o seu espírito guardião. Os homens tinham acesso a estes espíritos, mas estes últimos eram muito diferentes dos homens: centauros, faunos e sereias mostram bem a sua ambivalência. Antes de alguém cortar uma árvore, de exercer a atividade mineira numa montanha ou de represar um riacho, era importante aplacar o espírito responsável por aquela situação, e mantê-lo aplacado. O Cristianismo, ao destruir o animismo pagão, fez com que fosse possível tirar proveito da Natureza numa atmosfera de indiferença para com os sentimentos dos objetos naturais¹⁵⁰.

Não é por acaso que a personificação do maligno na figura do Diabo foi associada à imagem de Pã que, na mitologia grega, era o deus protetor dos bosques e dos campos, residia em grutas e vagava pelos vales e montanhas. Sua imagem era retratada como sendo metade humano metade animal, com orelhas, chifres e pernas de bode, amante da música e da dança. Nogueira (1986) explica que a história do Diabo confunde-se com a história do próprio Cristianismo - era necessária para a coletividade cristã a existência e a encarnação do Mal. Era preciso que fosse visto, tateado, tocado, para que o Bem surgisse como a graça suprema – o Belo e o Divino idealizado na figura de Deus, em oposição ao Horrível e Demoníaco, encarnado na Natureza selvagem.

Snyder (2018) destaca que no combate à Natureza selvagem (incluindo os povos humanos), “os reis de Israel começaram a derrubar os bosques sagrados e os cristãos arremataram o serviço”¹⁵¹. No contexto específico da Inglaterra, território esse que foi um dos principais redutos do cristianismo em sua feição industrial, Thomas (2010) faz

¹⁴⁸ “En un lugar sagrado sólo se puede ser invitado, no se puede poseer”. SHIVA, 1989, p. 3.

¹⁴⁹ Ovídio (Fasti 3. 295-296), In: HAMILTON, Lawrence S. *Forest and Tree Conservation Through Metaphysical Constraints*. The George Wright FORUM, Vol. 19, n.3, p. 57-78, 2002, p. 57.

¹⁵⁰ WHITE Jr., p. 1205.

¹⁵¹ SNYDER, 2018, P. 109.

uma reflexão sobre como o combate à biodiversidade sempre foi o fundamento e a força motriz da *práxis* cristã:

O predomínio do homem sobre a natureza tinha se tornado, já no início do período moderno, um propósito amplamente reconhecido da atividade humana. A tradição religiosa dominante [cristã] não mantinha nenhum vínculo com aquela "veneração" da natureza encontrada em várias religiões do Oriente e que o cientista Robert Boyle corretamente reconhecia como um "obstáculo desencorajador ao império do homem sobre as criaturas inferiores". Desde os tempos dos anglo-saxões, a Igreja cristã na Inglaterra colocou-se contra o culto das nascentes e dos rios. As divindades pagãs do bosque, da corrente e da montanha foram expulsas, deixando, assim, desencantado o mundo, e pronto para ser formado, moldado e dominado¹⁵².

Nos territórios invadidos da Ásia, América, Oceania e África, o colonizador europeu manipulou a imagem do Mal de acordo com a realidade local – sem, contudo, abandonar a associação com a Natureza selvagem. Como o encontro entre o europeu e o nativo foi, desde o início, marcado pela *malignização* deste, “as cerimônias indígenas de relação com os mortos foram vistas, pela ótica dos viajantes e missionários, como sintomas de barbárie e, mais comumente, caíram sob a suspeita de demonização”¹⁵³. Encontrar povos que viviam *dentro e com* a natureza causou estranhamento à mentalidade europeia habituada ao confronto, sujeição e violação do mundo natural. Quaisquer manifestações religiosas nativas que expressassem reverência à Natureza eram categorizadas como bruxaria e feitiçaria e deveriam ser exterminadas.

Eles são completamente selvagens, não usam nenhuma roupa e estão muito enraizados na bruxaria e na adoração ao demônio¹⁵⁴.

É preciso reiterar que o encontro (forçado) entre a teologia europeia e a espiritualidade animista dos povos ameríndios, asiáticos e africanos, não se deu de forma pacífica, muito pelo contrário, conforme mostra Bosi (1992):

As flechas do sagrado cruzaram-se. Infelizmente para os povos nativos, a religião dos conquistadores vinha municiada de cavalos e soldados, arcabuzes e canhões. O encontro não se travou apenas entre duas teodicéias, mas entre duas tecnologias portadoras de instrumentos tragicamente desiguais. O resultado foi o massacre puro e simples, ou a degradação com que o vencedor pôde selar os cultos do vencido (BOSI, 1992, p.64).

Dessa forma, a simbiose humano-Natureza foi (e é) duramente combatida por oferecer um obstáculo à dominação de ambos. As imagens do *maligno* foram atribuídas a qualquer um que expressasse a Natureza selvagem. A figura do Diabo foi animalizada,

¹⁵² THOMAS, [1983] 2010, p. 28. Grifo nosso.

¹⁵³ BOSI, 1992, p. 73.

¹⁵⁴ V. Bartlett, 1961, *New Tribes Mission apud* KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 255.

feminilizada ou arborizada a depender da necessidade. O Diabo estava em todos e em todo lugar – onipotente e onipresente mais que o próprio Deus - e, só a luz divina (que significou a luz das máquinas industriais para violação da Terra) poderia iluminar a escuridão. “Tudo quanto no reino animal metia medo ou dava nojo ao europeu”, ressalta Bosi (1992),

[...] vira signo dúbio de entidades funestas em ambos os planos, o natural e o sobrenatural. O mal se espalha nos matos ou se esconde nas furnas e nos pântanos, de onde sai à noite sob as espécies da cobra e do rato, do morcego e da sanguessuga. Mas o perigo mortal se dá quando tais forças, ainda exteriores, penetram na alma dos homens¹⁵⁵.

- - - - *Essas más palavras, repetidas sem descanso, acabaram assustando os xamãs, que não mais ousaram beber yãkoana, nem cantar durante a noite. Apenas se perguntavam quem poderia ser Teosi para querer maltratá-los daquele modo. Omama¹⁵⁶ nunca tinha dito coisas assim. Nossos maiores só conheciam a beleza e a força dos xapiri¹⁵⁷ e preferiam seus cantos a qualquer outra coisa. Não entendiam por que os brancos tinham começado a falar tão mal com eles. As novas palavras que diziam os deixavam confusos e ansiosos. [...] Tínhamos curiosidade, e fazíamos a ele muitas perguntas a respeito de Teosi: “Que aparência tem ele? Como é o som de sua voz? Como ele fala?”. A todas as perguntas Chico se limitava a responder sempre a mesma coisa: “Teosi é Tupã, o Trovão!”. Isso nos irritava, pois era uma mentira descarada. Sabíamos muito bem que no primeiro tempo a voz sonora de Trovão tinha exasperado nossos ancestrais, que por fim o flecharam e devoraram!¹⁵⁸ - - - -*

É nesse contexto que Shiva (1989) afirma que “a destruição ecológica é, em sua essência, a destruição do solo como lugar espiritual”¹⁵⁹. E é aqui que podemos, então, compreender melhor o que de fato significa o processo de dessacralização da Natureza: não se trata de exterminar o sagrado, mas sim de mudá-lo de lugar. Deslocá-lo no espaço. A dessacralização da Natureza é, em essência, a substituição da sacralidade da biosfera pela sacralidade celestial. Do ponto de vista espacial, significa o deslocamento

¹⁵⁵ BOSI, 1992, p. 74.

¹⁵⁶ *Omama* é o demiurgo da mitologia yanomami.

¹⁵⁷ “Os xamãs “chamam”, “fazem descer” e “fazem dançar” como espíritos auxiliares *xapiri* as “imagens” (*utupë*) de seres, entidades e objetos os mais diversos (o universo de tais imagens - essências primordiais é, por definição, infinito). Além dos espíritos/ancestrais animais (*yarori*), que dominam largamente (mamíferos, pássaros, peixes, insetos, batráquios, répteis, quelônios e crustáceos), e dos demais espíritos da floresta (árvores, folhas, cipós, méis selvagens, cupinzeiros, pedras, terra, água, corredeiras), incluem-se entre os *xapiri* todos os personagens/entidades (maléficos ou não) da mitologia e da cosmologia yanomami” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 622).

¹⁵⁸ KOPENAWA & ALBERT, 2015, P.257 e 261.

¹⁵⁹ “La destrucción ecológica es, en su esencia, la destrucción del suelo como hogar espiritual y ecológico”(SHIVA, 1989, p.3) Grifo nosso.

do sagrado - da Terra para o Céu. A face da(s) divindade(s), outrora encarnada(s) em cada pedra, matacão, árvore, cachoeira, inseto ou leão, perde sua feição zoofítica ou antropomórfica e assume um rosto exclusivamente humano, branco e masculino. A morada do sagrado se torna um céu fictício e longínquo – geográfica e simbolicamente afastado da realidade terrena.

No entendimento de Oliveira (2010), dessacralização da Natureza trata-se “da substituição paulatina de uma atitude religiosa cosmobiológica por um teísmo que prega a existência de um deus abstrato e distante da materialidade do mundo”¹⁶⁰. Sendo que, uma *atitude religiosa cosmobiológica* é aquela em que o sagrado emana da biodiversidade, da bruta e complexa matéria do mundo, enquanto que na atitude teísta a essência e o foco das intenções é exatamente transcender a biologia. Em suma:

Cosmobiologia e teísmo são atitudes profundamente religiosas, mas para a primeira, da qual o panteísmo é uma forma, o absoluto da vida está incluído no mundo, ao passo que para a segunda, a vida, objeto essencial, remete a um absoluto que ela manifesta, mas que a transcende¹⁶¹.

Na análise de Nietzsche (2012), uma característica essencial do cristianismo diz respeito à sua conduta absolutamente antinatural, expressa no fato de ele ter tomado “como realidades, como ‘verdades’, apenas realidades *interiores* – de ter considerado o resto, tudo o que é natural, temporal, espacial, histórico, apenas como signos, como oportunidade de parábolas”¹⁶². Esse movimento de transformação da realidade material em “irrealidade”, dentre outros aspectos, levou White Jr (1967) a considerar que “a vitória do Cristianismo sobre o paganismo foi a maior revolução psíquica na história da nossa cultura”¹⁶³.

Essa revolução psíquica de que White Jr. fala, a meu ver, se trata de uma *inversão psico-espacial* fundamental para a empreitada cristã de dessacralização da Natureza: a transformação da materialidade mundana em ficção e a abstração celestial em realidade verdadeira. Valorizar e venerar a matéria (animais, plantas, etc), aquilo que se vê e experimenta pelos sentidos, se torna “superstição”; por outro lado, valorizar o Céu invisível – aquilo que se idealiza – se torna o certo, o real, o aceito, o obrigatório.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Rosalira d. *Religiões da terra e ética ecológica*. Horizonte, v.8, n.17, p.26-44, 2010, p. 28.

¹⁶¹ LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean Pierre. *Etnologia/Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 225.

¹⁶² NIETZSCHE [1895] 2012, p. 35.

¹⁶³ WHITE Jr, 1967, p. 1205.

Desse modo, a dessacralização da Natureza é, ao mesmo tempo, é uma questão espacial, ecológica e espiritual.

- - - - A gente de Teosi pediu a todos os homens adultos para se reunirem. Então declarou, sem muita explicação: “É preciso que vocês abram uma longa clareira, que será um caminho de avião. Outros brancos que, como nós, possuem as palavras de Teosi, logo descerão nele!”.[...] Diziam: “Teosi logo virá nos buscar. Quando ele chegar, vocês ouvirão o som de uma flauta vindo das nuvens. Por enquanto, ele ainda está preparando nossas casas e mantimentos para nos receber no céu. É preciso aguardar! Ele tem muito trabalho, pois nós, gente de Teosi, somos muito numerosos!”. Então, nossos antigos pensavam que talvez aquelas palavras fossem verdadeiras. Ficavam pensativos, indagando-se: “Teosi vai mesmo descer até nós? Será logo ou daqui a muito tempo?”. Assim, no dia em que o primeiro avião da gente de Teosi se aproximou no céu, todos se reuniram, temerosos, atrás dos missionários, para vê-lo descer na nova pista de pouso. Eles tinham muito medo, como no tempo dos aviões da Comissão de Limites, bem antes disso. Nossos maiores ainda não conheciam muito bem os brancos. Tinham se deixado enganar pelas repetidas palavras dos missionários sobre a vinda de Teosi, que nunca tinham explicado para que servia aquele caminho de avião. Jamais perguntaram a opinião dos nossos. Tinham apenas prometido presentes, para que parassem de ter medo e trabalhassem.¹⁶⁴ - - - -

É preciso perceber que o esforço do Ocidente cristão em dessacralizar a biosfera envolve diversas escalas. Uma delas é a escala da linguagem – profundamente atrelada à interpretação do mundo. Sobre isso, Bosi (1992) ressalta que, na tentativa de circunscrever o lugar do Mal, cercá-lo, vencê-lo e submetê-lo às hostes do Bem, a Igreja Católica, representada principalmente pelos missionários no contexto colonial, procurou apagar os vestígios animistas ou mediúnicos do comportamento religioso através da transposição da teologia cristã para a fala do indígena e, isso demandou um esforço para penetrar o imaginário do Outro. “Como dizer aos tupis, por exemplo, a palavra *pecado*, se eles careciam até mesmo da sua noção, ao menos no registro que esta assumira ao longo da Idade Média europeia?”¹⁶⁵. O trecho do registro de um missionário instalado na terra dos yanomami em 1964 diz o seguinte:

¹⁶⁴ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 261

¹⁶⁵ BOSI, 1992, p. 56.

Fizemos progresso na aprendizagem da língua e realizamos algumas apresentações simples do Evangelho. Empenhamo-nos em explicar o amor de *Teosi* pela humanidade, seu **ódio** pelo **pecado**, seu conhecimento do que fazemos e dizemos e, sobretudo, nossa necessidade de um **salvador**. [...] Escrevemos também algumas histórias tiradas da Bíblia e dos Cânticos. Apesar de não terem grande aptidão musical, parece que pelo menos compreendem algo da mensagem¹⁶⁶.

Com a dessacralização da Natureza na escala da linguagem, perde-se o valioso saber incutido nos cantos, nas histórias e nos rituais - perde-se a memória de um povo. Uma das consequências da dessacralização é, nesse sentido, o memoricídio: o assassinato da memória. Mas, como veremos, matar a memória de um povo espiritualmente ligado a terra não foi tarefa fácil no período colonial dos séculos XV à XX - como ainda não é hoje. A resistência responde com igual ou maior força às empreitadas do *poder imperial*. Por toda parte, lembra Snyder (2018):

Os povos nativos conduzem hoje uma luta, subprivilegiada e subfinanciada, contra multinacionais altamente poderosas, procurando resistir à exploração da madeira, petróleo, ouro, minério de ferro ou urânio em suas terras. Se tais povos persistem nessa luta, não é só porque esse território sempre foi sua casa, mas também porque alguns de seus lugares são sagrados para eles. Este último aspecto leva-os a uma luta desesperada [...] Assim, o uso religioso tradicional de certos locais surge rodeado de certas questões políticas muito presentes e atuais¹⁶⁷.

- - - - *Quando eu era criança, os missionários quiseram a todo custo me fazer conhecer Teosi. Não esqueço essa época da missão Toototobi. Às vezes me lembro de tudo [...] Diziam: “Davi, seu pensamento está escurecido! Satanasi se apoderou de você! Se continuar dando ouvido às palavras dele, vai arder no grande fogo de Xupari! Pare de responder aos xapiri, para que seu pensamento possa se abrir novamente com as palavras de Teosi! É ele que vai realmente protegê-lo!”. Mas já não sou mais criança, não tenho mais medo de responder a eles, já escutei demais suas tapeações naquele tempo. **Basta!** [...] Quando me tornei adulto, decidi fazer dançar os xapiri como os antigos faziam no tempo da minha infância. Desde então, só escuto a voz deles. Talvez Teosi se vingue de mim e me faça morrer por isso. Pouco importa, não sou branco. Não quero mais saber dele. **Ele não é nem um pouco amigo dos habitantes da floresta.** Ele não cura nossas crianças. Tampouco defende nossa terra contra os garimpeiros e fazendeiros. Não é ele que nos faz felizes. Suas palavras só conhecem ameaça e medo [...] Aquelas palavras nunca conseguiram lavar nosso peito como diziam aqueles brancos. Nenhum de nós parou de ficar com raiva nem de querer se vingar. Ninguém parou de mentir ou de desejar as mulheres. Aí, o tempo passou e, pouco a pouco, todos foram voltando às nossas verdadeiras palavras [...] Continuaremos fazendo dançar as imagens dos ancestrais animais para curar os nossos enquanto estivermos vivos, pois somos habitantes da floresta. Não*

¹⁶⁶ Wardlaw, K., 1964, *apud* KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.642.

¹⁶⁷ SNYDER, [1990] 2018, p. 110. Grifo nosso.

*ficamos, como os missionários, fechados o tempo todo em nossas casinhas, fingindo falar com Teosi e comendo sozinhos!*¹⁶⁸ - - - - -

O que o cristianismo fez na Europa, ao longo dos mil anos da Idade Média, fez com o resto do mundo a partir da Idade Moderna até hoje. Em seu casamento com o capitalismo e com a ciência-técnica instaurou outro tipo de sacralidade: da mercadoria. Nas palavras de Shiva (1989):

Represas, minas, centrais energéticas, bases militares. Estes são os templos da nova religião chamada “desenvolvimento”. Uma religião que dá lugar à modernização do Estado, com sua burocracia e tecnocracia. O que se sacrifica no altar dessa nova religião é a vida da natureza e do povo. Os sacramentos do “desenvolvimento” estão construídos sobre as ruínas e a dessacralização de outros valores sagrados, especialmente o do solo sagrado¹⁶⁹.

Os ecossistemas deixam de ser morada dos espíritos (complexos, terrenos e inspirados na biodiversidade) e se tornam morada do maligno, do pecado. O cristianismo precisou retirar os espíritos da floresta para que o *Monstro do Crescimento* pudesse entrar com suas escavadeiras, tratores, armas, discursos, venenos e outros instrumentos de violação. Como bem explica Krenak (2019):

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero eles dizem: “Não, uma montanha não fala”. Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista¹⁷⁰.

Em contrapartida, lugares em que os povos humanos estão profundamente conectados com os povos vegetais e animais pelo fio resistente da espiritualidade, servem como barreira ao *Monstro*. Isso explica a ânsia em expulsar os espíritos da Floresta e das culturas ali enraizadas. “A ligação da religião a terra”, diz Snyder (2018):

Tem sido combatida tanto pela cultura dominante como pelos tribunais. Este aspecto antigo do culto religioso permanece quase incompreensível para os euro-americanos. E compreende-se por que: mesmo que apenas alguns pedaços de terra sejam considerados sagrados, esses deixarão para sempre de poder ser vendidos e ficarão isentos de impostos. O que representa uma profunda ameaça às pretensões de uma economia materialista e em permanente expansão¹⁷¹.

¹⁶⁸ Os trechos foram extraídos das páginas 275 e 279 de KOPENAWA & ALBERT, 2015. Grifo nosso.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 2.

¹⁷⁰ KRENAK, 2019, p. 25. Grifo nosso.

¹⁷¹ SNYDER, [1990] 2018, P. 111.

Essa economia materialista¹⁷² e em permanente expansão está incluída no que Viveiros de Castro (2019) chama de *Império da Transcendência* – o cristianismo, ao mesmo tempo frágil e agressivo, que nos últimos dois mil anos “nunca hesitou em recorrer ao etnocídio, ao genocídio e ao ecocídio para estabelecer sua soberania universal”¹⁷³. O autor comenta ainda, neste posfácio a obra de Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), que adiar o fim do Mundo pode significar, na verdade, romper com o modelo de Mundo criado por aquela *humanidade restrita* que vê na violação da Natureza o único modo de viver na Terra. Da mesma forma, evitar o fim do Mundo talvez dependa diretamente de destruir aquele *outro mundo* [o Céu] suscitado pela negação deste. Inspirado nas ideias do filósofo Bruno Latour, Viveiros de Castro chama os arrogantes escravos do *Império da Transcendência* de Humanos, com H maiúsculo; e, de Terranos, “a multidão de povos humanos e não humanos cuja mera existência é uma forma de resistência, povos que desempenham a função de barreira contra o avanço do deserto e o advento da abominação da desolação”¹⁷⁴.

Essa categorização dos habitantes da Terra - em Humanos e Terranos - vai de encontro à minha ânsia, na pele do javali, em esclarecer que a guerra da humanidade contra a Natureza não é a guerra de “toda a humanidade”, mas *dessa humanidade* exposta na primeira raiz. Vale lembrar que, dentro uma guerra, é preciso “designar os personagens segundo os seus interesses específicos, suas lutas, seus aliados, seus inimigos”¹⁷⁵. Desde que me coloquei frente a frente com *el Monstruo de las Mil Caras*, vi que todas elas tinham algo em comum: eram brancas, masculinas e vinham de um passado judaico, romano, cristão, iluminista, europeu, capitalista.

Por isso, a categorização proposta por Latour em sua palestra *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno* (2014), ilustra exatamente o que minha intuição disse muito antes de tomar conhecimento das ideias do filósofo. É preciso deixar claro que em ambos os lados está a espécie *Homo sapiens*, mas do lado dos Humanos (com maiúscula), estão aqueles *sapiens* que:

Fazem parte e trabalham a serviço do projeto da ‘modernidade’ encampado por uma certa civilização dominante, de matriz ocidental, cristã, capitalista-industrial, dona de um projeto cuja implementação ao longo dos últimos séculos tem posto em risco (risco de vida, de extinção, de

¹⁷² Que valoriza a matéria da mercadoria em detrimento da matéria da biosfera.

¹⁷³ VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 43.

¹⁷⁴ VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 43.

¹⁷⁵ ARGEL, Luca. *Não Estamos Falando com Vocês*. Revista eLyra, Porto, vol. 5, n. 3, 2015, 63-82, p. 69.

extermínio) outros grupos minoritários (embora não quantitativamente minoritários), que seriam os Terranos, aqueles que sofrem e tentam resistir à sua arrasadora expansão¹⁷⁶.

Por conseguinte, na contramão da atitude predatória, autoafirmativa, cruel e funesta dos Humanos, há todo um mundo pautado na *imanência – no aqui e agora* do sagrado. Há toda uma diversidade de povos humanos e não-humanos que desejam, desesperadamente, viver *neste mundo*: há os Terranos. Esses povos estão nas margens da estrada, da sociedade e da história dominante. Nas frestas da cultura *universalista e homogeneizante*, brotam as biodiversidades clandestinas que sofrem, resistem e, apesar de tudo, continuam celebrando todas as faces da Vida.

São (bio)diversas possibilidades de existência fora dos *limites imperiais*, incluindo culturas humanas que experimentam o que podemos chamar de Espiritualidades Terranas - que fundem sagrado e selvagem, que enxergam a ecologia profunda da biosfera. Uma ecologia que não se pretende pura ou imaculada, mas antes propensa a compreender que:

*A vida não é só um atributo diurno de
grandes e interessantes vertebrados;
também é noturna, anaeróbica,
canibalesca, microscópica, digestiva,
fermentativa: cozinhando calidamente
na escuridão.*

*A vida mantém-se sem dificuldade a seis
quilômetros de profundidade, é
sustentada e aguarda numa parede de
rocha congelada, sobrevive a
temperaturas de cinquenta graus do
deserto. E há um mundo natural no lado
da decomposição, um mundo de
criaturas que apodrecem e se
decompõem na sombra.*

¹⁷⁶ Ibidem, p. 71.

*Os seres humanos sobrevalorizam a
pureza e repugna-lhes o sangue, a
putrefação. O outro lado do “sagrado”
é a visão da tua amada no mundo
subterrâneo,
coberta de vermes¹⁷⁷.*

White Jr (1967) fez uma reflexão que considero importante para a última nota desse Canto: “uma vez que as raízes dos nossos problemas são, em tão grande medida, religiosas, o remédio também terá de ser essencialmente religioso, quer lhe chamemos isso ou não”¹⁷⁸. White Jr diz de forma clara e objetiva que devemos atacar o mal ali onde ele nos feriu. Devemos enfiar o focinho bem onde a ferida é mais úmida e vermelha. Isso significa abrir bem nossos olhos, poros e ouvidos para a possibilidade de recuperarmos nosso lugar na Teia da Vida através de um movimento diretamente contrário à dessacralização da Natureza: a sacralização. Afinal, a sacralização da Natureza pode inspirar a Conservação da Biodiversidade? Se a *práxis* Humana é a doença, a *práxis* Terrana é a cura?

Agora que revelamos as raízes que sustentam *el Monstruo de las Mil Caras*, é hora de arrancá-las com as presas, fazê-lo cair de seu altar de *falsas verdades*. É hora de desenraizá-lo para que possamos voltar às nossas próprias raízes. É hora de entrar na pele do Lobo, empinar as orelhas e ouvir o que tem a dizer a voz dos ancestrais zoófitos e antropomórficos que deambulam, *agora mesmo*, nas profundezas do nosso DNA.



¹⁷⁷ SNYDER, [1990] 2018, p. 148.

¹⁷⁸ WHITE Jr, 1967, p. 13.

Adendo necessário:

Artigos 1, 6 e 7 da *Lei contra o Cristianismo* de Nietzsche:

Artigo 1º

É vício toda a espécie de antinatureza. O mais vicioso tipo de homem é o sacerdote: ele ensina a antinatureza. Contra o sacerdote, não se têm razões, tem-se a casa de correção.

Artigo 6º

É preciso chamar a história «sagrada» com o nome que ela merece, isto é, história *maldita*. Usar-se-ão as palavras «Deus», «Salvador», «Redentor», «Santo», como alcunhas, como marcas dos criminosos.

Artigo 7º

O resto segue-se daqui¹⁷⁹.

¹⁷⁹ NIETZSCHE [1895] 2012, p. 77.

Canto do Lobo

Uivar



14. O lobo e a Lua. Ilustração de Jill Hoffman, 2011. Fonte: www.deviantart.com

Hoje, quase ao anoitecer/
Auxiliei a menina cega/
A caminhar na floresta/
Onde tudo era
escuridão e sombras/
Aproximei-a de uma sombra/
Que vinha ao nosso encontro/
Ela tocou-a no
rosto/
Com seus dedos de veludo/
E agora, também ela/
Começou a gostar das sombras/
E seus
medos desapareceram.

Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que Correm com Lobos*, 2016, p. 53.

SACRALIZAÇÃO DA NATUREZA E CONSERVAÇÃO DA VIDA:

REGRESSO AO LAR

Os *xapiri* têm amizade pela floresta porque ela lhes pertence e os faz felizes. Os brancos acham bonita a natureza que veem, sem saber por quê. Nós, ao contrário, sabemos que a verdadeira natureza é tanto a floresta como as multidões de *xapiri*, seus habitantes. [...] Mas essas são palavras que os brancos não compreendem. Pensam que a floresta está morta e vazia, que a natureza está aí sem motivo e que é muda. Então dizem para si mesmos que podem se apoderar dela para saquear as casas, os caminhos e o alimento dos *xapiri* como bem quiserem! Não querem ouvir nossas palavras nem as dos espíritos. Preferem permanecer surdos.¹

(Davi Kopenawa – líder e xamã yanomami)

Perguntaram-me muitas vezes se eu acredito na Deusa. O que respondo é: “E vocês? Acreditam nas pedras?”²

(Starhawk – ecofeminista, anarquista, escritora e wicca)

Sem Folha. Sem Orixá.
(Adágio Yorubá)

Na maioria das histórias infantis o lobo é retratado como vilão, traiçoeiro, um constante inimigo do homem. Os finais felizes dessas histórias incluem o lobo morto pelo caçador, afogado em um lago ou preso em uma armadilha. Durante o período moderno, os lobos foram extintos em diversos territórios aonde chegavam os Humanos. “Já no início dos tempos modernos, a Inglaterra se distinguiu entre os países europeus por não ter lobos”, explica Thomas (2010), e “no mesmo espírito, os colonizadores da Virgínia iniciaram a tarefa de converter os índios oferecendo-lhes uma vaca para cada oito lobos que pudessem matar”³.

A cosmovisão que dominava essas práticas é a mesma que prega, até hoje, a malignidade desse mundo e a ânsia em alçar àquele *outro mundo*. Ela identificava o lobo como assassino voraz, astuto, indomado, escravo do instinto. Para Estés (2016), não é por acaso que os lobos, ursos, onças e mulheres têm reputações similares, “todos eles partilham arquétipos instintivos interrelacionados”. Esses arquétipos, para a autora, estão relacionados, principalmente, à intuição – esse sentido de autopreservação que está ligado à memória ancestral que compartilhamos com toda a Comunidade da Vida: algo que gosto de pensar como a *Memória da Terra*. Explico:

¹ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 476.

² STARHAWK, J. *The Spiral Dance*. São Francisco: Harper & Row, 1989, p. 91.

³ THOMAS, 2010 [1983], páginas 36 e 385.

A cosmovisão ocidental tende a separar a luz da escuridão, a matéria do espírito, a objetividade da subjetividade, a arte da ciência, o instinto do raciocínio e a intuição da razão. Se eu disser que os lobos são animais altamente sociáveis, amorosos, brincalhões e, “quase nunca matam nada que não seja para comer”⁴, os Humanos autoproclamados semideuses dirão que é puro instinto. Ao mesmo tempo, se eu disser que tenho lembranças que não são minhas e, que consigo sentir o medo no peito do filhote de papagaio contrabandeado em uma caixa minúscula de papelão a 10.000 quilômetros de mim, dirão que não sou racional e isso não passa de alucinação ou mentira. Isso vem daquele velho vício em *dicotomizar a experiência da vida* que, como vimos, vem de um vício muito mais antigo, aquele de mais de dois mil anos sobre o qual fala Nietzsche (2016) – o vício cristão em repudiar tudo que é natural, o vício da *antinatureza*.

Mas Estés (2016) conta que um animal selvagem pego em uma armadilha é capaz de se libertar, fugir e, mesmo ferido, correr por quilômetros até a caverna mais próxima, onde se mantém escondido, lambendo e cuidando das próprias feridas até que estejam curadas. O *esforço imperial* em exterminar o espírito selvagem das florestas, rios, montanhas e, dos nossos próprios corpos, não funcionou. O espírito selvagem correu para as profundezas da nossa psique, para nosso “sertão interior, e é aí que o lince se encontra agora mesmo e, não me refiro a lince pessoais em psiques pessoais, mas ao lince que deambula de sonho em sonho [...] Os iconógrafos budistas ocultam um pequeno rosto de animal nos cabelos humanos para nos recordarem que também nós vemos com arquetípicos olhos selvagens”⁵.

Esse espírito selvagem é a nossa natureza instintiva que, na maioria das *culturas terranas*⁶, é feminina, como mostra Estés (2016):

Na poesia, pode designar-se pela "Outra", ou os "sete oceanos do universo", ou os "bosques longínquos". Na psicanálise, e a partir de perspectivas diversas, talvez pudesse designar-se por *id*, identidade, o Eu, a natureza medial. Em biologia, poder-se-ia designar por natureza fundamental ou típica [...] Por vezes, é designada por “mulher que vive no fim do tempo”, ou “mulher que vive no limiar do mundo [...] Em espanhol, é chamada *Rio Abajo Rio*, o rio sob o rio; *La Mujer Grande*, a mulher grande; *Luz del abismo*, luz do abismo. No México, ela é *La Loba*, a loba, e *La Huesera*, a mulher dos ossos. Em húngaro é conhecida por *ö Erdöben*, Aquela dos Bosques, e *Rozsomák*, a fêmea carcaju. Em navajo, ela é *Na'ashjé'ii Asdzáá*, a Mulher Aranha, que tece o destino dos humanos e dos animais, plantas e rochedos. Na Guatemala, entre muitos outros nomes, ela é *Humana dei Niebla*, o Ser de Névoa, a mulher que vive desde sempre e para sempre. Em japonês é *Amaterasu Omikami*, Numina, que gera toda a luz e toda a

⁴ SINGER, 2010 [1975], p. 167.

⁵ SNYDER, 2018 [1990], p. 27.

⁶ Inspirada no que Bruno Latour fala sobre os Terranos, pensei no termo *culturas terranas* para designar as culturas de *Homo sapiens* que se localizam fora dos muros do *Império da Transcendência*, culturas não-cristãs, que vivem *dentro e com* a Natureza.

consciência. No Tibete, chama-lhe *Dakini*, a força dançante que traz clarividência dentro das mulheres. A lista continua. E ela continua⁷.

É essa natureza instintiva que nos lembra da nossa raiz comum, e se ela deambula de sonho em sonho significa dizer que há uma ponte, um caminho que une psiques humanas, vegetais, minerais e animais. Significa dizer que há um *lugar comum* a toda Comunidade da Vida. Assim como é possível encontrar vestígios da essência selvagem, *La Loba*, também há registros desse *lugar comum*, em diversas histórias, contos, mitos e religiões diversas. Dão-se vários nomes a este lugar. Estés (2016) chama de *Nod* – a falha entre os mundos, *o mundo-entre-mundos*. Na psicanálise junquiana é o que Jung (1969) chamou de “inconsciente coletivo” – onde biologia e psicologia podem se interligar influenciando-se mutuamente. Na mitologia yanomami, esse lugar fica nos “confins da terra, das costas do céu e do mundo subterrâneo”⁸, onde moram os *xapiris*, os espíritos da floresta, os ancestrais do primeiro tempo onde os animais eram humanos e os humanos eram animais, é onde só os xamãs podem ir.

É nesse *mundo-entre-mundos* que se encontra, em permanente mutação, a *Memória da Terra* – a memória orgânica e inorgânica que remonta às primeiras bactérias, às primeiras rochas, à primeira nota musical, ao primeiro ato sexual. Isso que estou chamando de *Memória da Terra* vai de encontro (e abraça) o que Toledo & Barrera-Bassols (2015) chamam de Memória Biocultural da espécie humana, um conceito que convida à revisão da ideia de biodiversidade e de cultura e dinamita os muros que as separam:

Antes de sermos seres sociais, fomos, somos e continuaremos a ser uma espécie biológica a mais dentro do rol da diversidade natural composta por milhões de organismos, pois à nossa essência animal foi adicionada, sem substituí-la, o traço social. Nós, humanos, somos essencialmente *seres sociais* que continuam existindo não apenas por seus vínculos societários, mas também por seus vínculos com a natureza, uma dependência que é tão universal quanto eterna na perspectiva do tempo geológico, que se mede em períodos de milhões de anos [...] Uma consciência de espécie que é ao mesmo tempo uma consciência histórica baseada em uma característica que vai além do fenômeno humano e alcança todas as dimensões da realidade do planeta: a diversidade [...] Reconhecer e recuperar a memória biocultural da humanidade é uma tarefa essencial, necessária, urgente e obrigatória.⁹

A esse conceito adicionei a memória de outras manifestações da Vida (com V maiúsculo) – que inclui não só o *Homo sapiens*, tampouco apenas os entes orgânicos,

⁷ ESTÉS, 2016, [1992], p. 20.

⁸ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 506.

⁹ TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p.27, 28 e 257, respectivamente.

para mim, a Vida inclui o conjunto da materialidade terrena - orgânica e inorgânica. Da litosfera à atmosfera. Isso significa que vejo o mundo como uma pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra/ Pela delicadeza de muitos anos ter me agachado nas ruas para apanhar detritos - compreendo o restolho/ Há esse tempo leio Marx/ Tenho mil anos/ Tudo que vem da terra para mim sabe a lesma/ Fui descoberta dentro de um beco abraçada ao esterco que vão dinamitar¹⁰.

Não somos a única espécie a guardar imagens das nossas experiências, as imagens-registros estão por todo lado. “O pluralismo cultural e multilinguístico são a norma planetária”¹¹. Estudos recentes revelam as habilidades de interação social e retenção de informações a longo prazo de árvores em florestas antigas e saudáveis¹²; outros apontam para a capacidade da água em guardar memórias dos lugares que passa e dos corpos que nela tocam¹³. A linguagem, em todas as suas manifestações, incluindo a memória, é uma característica comum à Vida. “A gramática não apenas da linguagem, mas da cultura e da própria civilização, é da mesma ordem deste musgoso riacho florestal, deste seixo do deserto”¹⁴.

Tomar conhecimento da *Memória da Terra* significa despertar para nossa raiz comum, nosso lugar na Comunidade da Vida, afinal, a dessacralização gira em torno disso também: do esquecimento, da perda do vínculo espiritual com a Terra, da perda da memória, em suma, da perda de diversidade. Sendo que a perda da diversidade “significa a extinção da experiência biológica e cultural, implica a erosão do ato de descobrir e a redução da criatividade”¹⁵. Nesse sentido, o simples ato de lembrar é, por si só, revolucionário. Isso evoca a preciosa frase de Milan Kundera em sua obra *O livro do riso e do esquecimento* (2008), publicada pela primeira vez em 1979: “a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”¹⁶.

Lembrar e sonhar a Memória da Terra significa abrir os olhos para o parentesco entre o *Homo sapiens* e as outras manifestações da Vida. A sobrevivência e resistência da diversidade biológica e cultural são a prova de que não há como fugir da nossa

¹⁰ Trecho inspirado no poema de Manoel de Barros: “Via o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra/ Pela delicadeza de muitos anos ter se agachado nas ruas para apanhar detritos - compreende o restolho/ A esse tempo lê Marx/ Tem mil anos/ Tudo que vem da terra para ele sabe a lesma é descoberto dentro de um beco abraçado no esterco que vão dinamitar” (BARROS, 2010, p. 124).

¹¹ SNYDER, 2018 [1990], p. 61.

¹² Ver Wohlleben (2017).

¹³ Ver Eckert (2000); Matsumoto (1995) e Nobrega (2015).

¹⁴ SNYDER, 2018 [1990], p. 104.

¹⁵ TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 236.

¹⁶ KUNDERA, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 10.

consanguinidade com os seres vegetais, animais, minerais, etc, estamos todos entrelaçados pelo antigo e permanente laço selvagem:

O termo “cultura” nas suas acepções de “totalidade dos padrões de comportamento socialmente transmitidos”, nunca está longe de uma acepção de raiz biológica, como em “cultura do iogurte” – um habitat nutritivo. A civilização é permeável, e poderia ser tão habitada quanto o meio selvagem. O meio selvagem pode recuar temporariamente, mas o estado selvagem não desaparecerá¹⁷.

Não é preciso ir longe para se dar conta disso. Não é preciso embarcar em um avião e vislumbrar a *escrita fluvial* amazônica (embora essa experiência deva ser esplêndida), basta olhar a sua volta; basta comparar as linhas da palma da sua mão com a geometria de uma folha de laranjeira. A *Memória da Terra* está em todas as escalas da Vida, basta tirar os olhos da bíblia, dos dicionários, dos manuais científicos e, tão somente, *olhar o mundo*.



15. Corte transversal do tronco de um pinheiro achado na rua. É possível identificar os anéis de crescimento que contam a história desse Ser Arbóreo.

Foto: Acervo pessoal, 2020.

¹⁷ SNYDER, 2018 [1990], p. 26.



16. Folha de *peperomia scandens* e sua aquarela selvagem.

Foto: Acervo pessoal, 2020.



17. Ágata Turritella, formada por fósseis de conchas de Turritella silicificados numa base de calcedônia.

Foto: Acervo Pessoal, 2020.



18. Rastro de lesma na calçada - um fio de gosma transparente refletindo o sol.

Foto: Acervo pessoal, 2020.

Mas porque os Humanos perderam a capacidade de recordar essa memória tão antiga e interconectada? Trata-se daquele memoricídio de que falamos na pele do javali. Em decorrência desse *assassinato da memória*, os Humanos (com H maiúsculo) “padecem de amnésia, um traço que se faz mais evidente entre os setores urbanos e industriais, os quais tendem a perder a sua capacidade de recordar”¹⁸. Nas palavras de Davi Kopenawa, “perderam as palavras de seus maiores. Esqueceram o que eram no primeiro tempo, quando eles também tinham cultura”¹⁹. *O Império da Transcendência* implantou diversas ilusões na mentalidade ocidental, mas quero chamar atenção para duas delas: 1) a de que ancestralidade humanidade é celestial; 2) a de que o Céu é nosso verdadeiro lar. Ambas não passam de estratégias discursivas para manutenção do poder imperial, afinal, como lembra Foucault (1987), “não há saber que não suponha e não

¹⁸ TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 17.

¹⁹ Davi Kopenawa usa o termo “maiores” para designar os ancestrais e, “cultura” no sentido de “continuar sendo como eram nossos ancestrais” (KOPENAWA & ALBERT, 2015).

constitua ao mesmo tempo relações de poder”²⁰. Discurso e poder estão diretamente relacionados. O discurso imperial leva a crer que todos os mamíferos da espécie *Homo sapiens* tem o mesmo passado, a mesma ascendência – um Pai, um irmão e um espírito santo, todos invisíveis e residentes no Céu longínquo. Querem que a cosmologia de um único povo seja a cosmologia de todos os outros milhares de povos. Basta! Nosso corpo diz o contrário – ele é selvagem e, isso quer dizer que é livre, é *bio*, interconectado, atento e, principalmente, que vem de uma antiga e profunda ancestralidade.

O nosso corpo é selvagem. O involuntário voltar de cabeça quando se ouve um grito, a vertigem à beira de um precipício, o coração na garganta num momento de perigo, a recuperação do fôlego, os calmos momentos em que se relaxa se observa e se reflete sobre tudo isto são reações universais próprias do nosso corpo de mamífero. Podem ser observadas por toda a classe. O corpo não precisa da intercessão de qualquer intelecto consciente para respirar, para manter o coração a bater. É, em grande medida, auto-regulável, possui uma vida própria²¹.

Essa capacidade de auto-regulação do nosso corpo – que vai desde a temperatura corporal a outros processos – é comum a todos os corpos e ecossistemas terrenos, dos Seres Arbóreos aos microorganismos dos solos e aos próprios solos; onde quer que se olhe, a Vida pulsa, resiste e mantém seus processos químicos e físicos em prol de um equilíbrio dinâmico. Os *escravos da transcendência* dizem que não há como fugir do destino divino, mas se há algo do qual não podemos de fato fugir é dessa nossa participação biológica ancestral. Da minúscula célula ao maior órgão do nosso corpo – a pele – somos absolutamente terrenos, mundanos, Terranos. Sob essa perspectiva, o passado da vida humana não é “grandioso” e divino, é minúsculo, úmido, sexual, biótico. Não viemos do barro moldado pelas máscaras mãos de um Deus mimado, vingativo, punitivo e, antes de tudo, invisível. Viemos da biosfera. Somos biosféricos. Nossa ancestralidade não é celestial, é telúrica - do latim *teluricus*, “relativo à terra”, que vem de *telus*, “terra”. Por coincidência ou desatino poético, a palavra “humano” vem de outro radical latino, mas que também significa “terra”: “humano” vem do Latim *humanus*, relacionado a *humus* - “terra”²². Em suma, a etimologia condiz com a biologia ao estabelecer que o humano seja aquele que vem da terra, o terrestre. Viemos daqui, vivemos aqui, morreremos aqui e permaneceremos aqui. Uma porção de terra lotada de matéria orgânica não é sujeira, é espelho. A ancestralidade telúrica ou essência telúrica é a matriz onde está embebida a Memória da Terra – que inclui a

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 32. ed. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 27.

²¹ SNYDER, 2018 [1990], p. 27.

²² As etimologias foram retiradas de ORIGEM DA PALAVRA, 2020.

memória biocultural da espécie humana e de milhões de outras espécies vegetais, animais, minerais, etc. Assim:



19. Ancestralidade telúrica, Memória da Terra e Memória Biocultural: hidrografias interseccionais.

Fonte: Pintura em aquarela elaborada pela autora, 2020.

“Como poderíamos *ser* sem este planeta, a quem devemos o nosso próprio corpo?” – pergunta o poeta, e prossegue:

Duas condições – a gravidade e o intervalo de temperatura suportável, entre a fervura e o congelamento – deram-nos fluidos e carne. Às árvores a que subimos e o terreno que pisamos devemos o fato de termos cinco dedos nas mãos e nos pés. O “lugar”(place, das raiz latina *plant*, amplo, plano) deu-nos olhos que veem longe, as correntes e as brisas deram-nos línguas versáteis e orelhas espiraladas. A terra deu-nos um passo largo, e o lago um mergulho. O assombro deu-nos o tipo de mente que temos. Devíamos estar gratos por isso, e encarar com certo garbo as mais severas lições da natureza²³.

Falar da nossa *ancestralidade telúrica* e de que somos, essencialmente, *daqui*, me faz pensar no que Mancuso (2020) comenta sobre a idiossincrasia do planeta Terra - não só em seu próprio sistema solar, mas em todo o universo conhecido. Essa idiossincrasia vem da capacidade de nutrir, abrigar e compor a Vida. O autor oferece informações que podem servir como amuletos, batidas na porta da psique que nos chamam a despertar para o fato de que nosso único lugar é aqui. E isso encanta e faz bem. Logo nas primeiras páginas de sua obra, Mancuso (2020) escreve:

Uma superfície de 510 milhões de quilômetros quadrados; quase um bilhão e 100 milhões de quilômetros cúbicos de volume; uma massa de $5,97 \times 10^{24}$ quilogramas: são essas as dimensões da nossa casa comum. À primeira vista ela pode parecer enorme. Mas não é assim. Quando comparamos estas dimensões com as de outros corpos celestes na nossa vizinhança, por exemplo com as do Sol, cujo volume é mais de 1.300.000 vezes superior ao da Terra, esta revela ser o pequeno planeta que realmente é [...] Não são as dimensões, mas sim a vida que torna o nosso planeta especial [...] Uma casa, de resto, muito frágil: limitada a uma pequena camada superficial que, aproximadamente, se estende dos 10.000 metros abaixo do nível do mar aos 10.000 metros acima deste; um total de 20 km que delimitam o único lugar no universo – ao que sabemos – onde a vida existe²⁴.

A ilusão cristã de que há outro lugar *fora e melhor* do que a terra²⁵ ignora que há outros povos humanos, vegetais e animais que desejam, desesperadamente, *viver aqui*. Diferente dos *escravos do império da transcendência*, há milhões de povos humanos (no sentido de *húmus*) que celebram a sensação de estar em casa na Terra e não almejam morar em nenhum outro lugar; eles também lutam, todos os dias, para manterem viva a *Memória da Terra* e, por isso, podem apontar trilhas de enfrentamento e de cura. São

²³ SNYER, 2018 [1990], p. 44.

²⁴ MANCUSO, 2020, p. 17.

²⁵ Aqui, convido a refletirmos se essa ilusão não seria a ideia que sustenta, subterraneamente, a ânsia das potências econômicas mundiais em colonizar outros planetas e, com isso, justificar e legitimar a violação do grande organismo terrestre. Afinal, como vemos nas raízes secundárias, a teologia cristã está profundamente arraigada na ciência, na técnica e nas instituições de poder modernas. Mancuso (2020) chama atenção para essa ânsia e, alerta: “Acredito que essa permanente busca pela existência de planetas semelhantes a Terra, nos quais a vida poderá existir ou, em alternativa, poderá vir a desenvolver-se, representa uma espécie de apaziguamento em relação aos desastres que estamos a provocar” (MANCUSO, 2020, p. 20).

povos que vão na contramão da ideia de transcendência do sagrado, bem como desconhecem a noção de superioridade humana frente às outras espécies. São tão diversos quanto a flora tropical, mas que mantém um traço em comum: a crença na imanência do sagrado e a conseqüente sacralização da Natureza. Sendo que o sagrado, nesse sentido, “refere-se àquilo que nos eleva (não apenas aos seres humanos) dos nossos pequenos *eus* para o vasto universo mandala de montanhas-e-rios. A inspiração, a exaltação e a compreensão não terminam à porta da igreja. Enquanto templo, a natureza selvagem é apenas um começo”²⁶.

A imanência, contrapondo à transcendência, diz respeito àquilo que tem em si o próprio princípio e fim. “Do latim *immanere*, *in* - em, *manere* – ficar, permanecer em”²⁷. Uma espiritualidade que diz ser a divindade imanente à Terra, diz que os deuses são o mundo ou nele habitam. Localiza o sagrado na realidade terrena, retirando-o do Nada Celestial imperceptível, invisível, silencioso e perfeito. Traz para perto o que o cristianismo levou para o céu distante. Além disso, a visão animista característica da perspectiva cosmobiológica, por exemplo, desmonta a ideia ocidental de “pessoa”, ao passo que assume uma *continuidade existencial* dentro do mundo orgânico e entre ele e o inorgânico. O que posiciona plantas, pedras e humanos no mesmo patamar da vida.

Podemos falar, então, que esses *povos da imanência*, como Viveiros de Castro (2015) chama os Terranos, ao interpretarem o mundo sob uma perspectiva religiosa cosmobiológica, compõem o que Oliveira (2010) chama de “Religiões da Terra”²⁸ e que chamo de *Espiritualidades Terranas*: as diferentes manifestações religiosas, todas ligadas por um tronco comum - o sagrado encarnado na natureza do mundo orgânico e inorgânico. Aqui, as *Espiritualidades Terranas* incluem o xamanismo indígena, as religiões de matriz africana, o neopaganismo (incluindo o druidismo e a religião wicca), o zen budismo e diversas outras espiritualidades em que selvagem e sagrado se fundem.

Isso quer dizer que a liberdade de todos os Seres não só é respeitada, como é celebrada (honrada) e protegida. Em síntese, a sacralização da Natureza significa respeitar, celebrar e proteger o selvagem. Isso significar respeitar o corpo, a intuição, a biodiversidade, a sensualidade. Nas palavras de Graham Harvey (ativista animista,

²⁶ SNYDER, 2018 [1990], p. 127.

²⁷ ORIGEM DA PALAVRA, 2020.

²⁸ Segundo a autora, os termos “religiões da natureza” e “religiões da terra”, aqui usados como sinônimos, designam as diferentes tradições nas quais o mundo natural (seus ciclos, animais, vegetais e/ou características físicas) é visto como presença e expressão do divino. De modo geral, essas tradições são politeístas e têm a compreensão da natureza, seja como um todo, seja em alguns dos seus elementos, como algo sagrado (OLIVEIRA, 2010, p. 32).

druida e professor de Estudos Religiosos da Universidade Aberta do reino Unido), ao contrário da teologia cristã, as *Espiritualidades Terranas*, que o autor chama de Religiões da Terra, “não ensinam que o mundo é um lugar do qual as pessoas carecem de salvação ou libertação para chegarem ao Céu ou ao nirvana. Exorta, antes, as pessoas a tornarem-se íntimas do seu mundo e a celebrarem a sua integração sensual nele”²⁹.

Na perspectiva das Espiritualidades Terranas, a vivência terrena inclui reconhecer o caos, o sofrimento, a escuridão, a beleza e a complexidade da existência. Isso, para Snyder (2018) significa, “permitir a entrada do sagrado e aceitar o aspecto sacramental do nosso frágil e transitório ser pessoal”³⁰. Significa aceitar que somos iguais àquela carcaça de mamífero na floresta, coberta de vermes, que voltará ao solo depois da preciosa ação de insetos, besouros necrófagos, ratos e microorganismos do solo. Como escreveu Wohlleben (2019) “um animal morto é um ecossistema em si mesmo”³¹. Essa perspectiva abre-nos os olhos para a *terrenidade*, a resiliência e o potencial criativo e autorregulador da Vida.

Nas comunidades indígenas, explica Shiva (1989), todos são responsáveis pelas terras que vivem e, “a comunidade não inclui apenas os membros vivos, mas também os ancestrais e as gerações futuras. O solo, na perspectiva sagrada, não é um conceito territorial, não define um espaço cartográfico sobre um mapa”³². O solo, nesse contexto, é placenta, útero espiritual:

El suelo personaliza el hogar espiritual y religioso de la mayoría de las culturas. Es la placenta de la producción de la vida biológica, así como de la vida cultural y espiritual. Representa a todas las fuentes de sustento. Es el **hogar** en el sentido más profundo de la palabra. El suelo es el espacio cultural y espiritual en el que se constituye la memoria, el mito, la historia y las canciones que componen la vida diaria³³.

A ecofeminista indiana cita uma história que os anciãos da Índia Central contam às crianças para lembrá-las de que a vida da comunidade está profundamente ligada à vida da terra e da floresta. A história diz assim:

A floresta estava pegando fogo. Impelidas pelo vento, as chamas se aproximaram de uma bela árvore na qual um pássaro estava pousado. Um velho fugindo do fogo viu o pássaro e disse: “Passarinho, por que você não voa? Você esqueceu que tem asas?” E o pássaro respondeu: “Velho, vê aquele ninho vazio por cima de mim? É aqui que nasci. E neste pequeno ninho de onde surge este chilreio, estou criando meus filhos. Eu os alimento com o néctar das flores desta árvore, e me alimento de seus frutos maduros. Você vê as fezes que caíam no chão da

²⁹ HARVEY, 2010, p. 15.

³⁰ SNYDER, 2018 [1990], P. 31.

³¹ WOHLLEBEN, Peter. *A Sabedoria Secreta da Natureza*. Trad. de Elsa Vieira. Lisboa: Editora Pergaminho, 2019, p. 75.

³² SHIVA, 1989, p. 3.

³³ *Ibidem*, p. 1.

floresta? Muitos brotos sairão deles e, assim, ajudo o crescimento da vegetação, como meus pais fizeram antes de mim e como meus filhos fariam depois de mim. Minha vida está ligada a esta árvore. Se ela morrer, certamente morrerei com ela. Não, eu não esqueci minhas asas”³⁴.

Krenak (2019) também cita uma história para falar sobre a *relação de parentesco* e respeito que os povos indígenas mantêm com a Natureza:

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?”³⁵.

Essa sensação de parentesco com toda a Comunidade da Vida também se faz presente, por exemplo, no neopaganismo. Oliveira (2010) explica que, embora o termo neopaganismo seja uma denominação que abriga perspectivas religiosas distintas – Druidismo, Xamanismo e Wicca, entre outras – todo o movimento é marcado pela crença de que as divindades estão encarnadas na Natureza: “a divindade imanente é encarada como sendo (ou podendo ser) presente e encarnada tanto no ser humano como num animal, árvore ou pedra”³⁶. A autora explica ainda que na perspectiva do druidismo contemporâneo, por exemplo, há um tipo de identidade comum a todos os Seres da Vida, que os une e permite que comuniquem entre si. Essa identidade é baseada no fato de serem todos, em essência, a mesma coisa – espírito – e é definida pelo termo “awen”, geralmente traduzido como “inspiração”, significa “espírito que flui”. Para o druida, a verdadeira igualdade significa a relação humana com:

Toda criatura, de pedra, madeira ou folha, ou o povo de barbatanas e o povo de penas, os de asas e os de quatro pés, os rastejadores e os deslizadores, os de pelo e os pelados, assim como os humanos vendo a todos essencialmente como espíritos e, portanto, com o mesmo direito à vida, ao respeito e à dignidade³⁷.

Ainda na esfera do neopaganismo, Oliveira (2010) cita o “neoxamanismo” – inspirado, principalmente, na espiritualidade dos nativos norte-americanos. Seus praticantes também expressam a sensação de *interconexão* através do termo *mitakuya oyasin* – que significa “para todos os meus parentes”. De acordo com essa visão, estamos todos interligados, uma vez que “viemos todos dos mesmos avós: o espírito e a

³⁴ SHIVA, 1989, p. 2.

³⁵ KRENAK, 2019, p. 9.

³⁶ OLIVEIRA, 2010, p. 35.

³⁷ RESTALL ORR, Emma. *Princípios do Druidismo*. Tradução Ana Luiza Barbieri. São Paulo: Hi-Brasil, 2002, p.15

matéria; a terra e o céu”³⁸. Nessa abordagem, diferente da teologia cristã e de sua reafirmação através das filosofias de Bacon, Locke e Descartes, o espírito não é um atributo restrito *daquela humanidade específica*.

A mesma reafirmação de um vínculo espiritual profundo entre a espécie humana e os outros Seres da Vida é encontrada na cosmologia e nas práticas ritualísticas das religiões de matriz africana, expressamente no candomblé: “uma religião brasileira de matriz africana, criada por africanos em solo brasileiro cujas práticas e rituais têm a natureza como elemento central”³⁹. Nesse caso, o elemento central é o *axé*. Cada expressão da Vida é portador de *axé*⁴⁰ – a energia inerente a todos os seres e que mantém a Vida em movimento e plena realização. De acordo com Juana Elbein (1986),

O *axé* é contido numa grande variedade de elementos representativos do reino animal, vegetal e mineral, quer sejam da água (doce e salgada), quer da terra, quer da floresta, do ‘mato’, ou do espaço ‘urbano’. O *axé* é contido nas substâncias essenciais de cada um dos seres, animados ou não, simples ou complexos que compõem o mundo⁴¹.

Sobre a contribuição da visão cosmológica das religiões de matriz africana para o debate ambiental, Valéria Dias Lima em sua dissertação intitulada *Crenças religiosas como caminho para a conservação ambiental: um estudo de caso na Comunidade candomblé Ilê Asé Orisá Dewi (2011)*, explica que:

O aspecto mais saliente dessas religiões para a questão ambiental reside no fato de a natureza ser um elemento central no seu modo de perceber o sagrado, pois é no culto às divindades dos Orixás, de origem Nagô, dos Inquices de origem angolana e dos Voduns, herdados do povo Bantu, que a matriz africana se revela fortemente [...] O desenvolvimento das crenças e valores nessas tradições se dá na relação do humano com sua ancestralidade e seus mitos, cuja comunicação ocorre por meio constante manejo da energia de elementos naturais como a terra, as plantas, a água, enfim, a força da vida materializada nos ecossistemas. Esses elementos fazem-nos supor que as religiões de matriz africana e afro-brasileiras, resguardados os diferentes níveis de contato que estabelecem com a natureza, possuem uma cosmovisão religiosa marcadamente ecocêntrica⁴².

Também vale destacar o trabalho de Jussara Rêgo, *Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros da região metropolitana de Salvador(2006)*, onde a bióloga e mestra em geografia mostra, a partir da análise de fotografias aéreas da cidade

³⁸ WAGNER, 2002 *apud* OLIVEIRA, 2020.

³⁹ GOMES, Verônica Maria da Silva. *Kô sí ewé, kô sí òrìsà” (sem folha, não há orixá): Vivências ecológicas no Ilê Asé Opó Osogunlade*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal, 2015., p. 19.

⁴⁰ Àse (Axé) - significa “princípio, força ou energia que permite que aquilo que é tenha um vir a ser” (PRETTO & SERPA, 2002, p. 09).

⁴¹ ELBEIN, Juana. *Os nagô e a morte*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.p. 41.

⁴² LIMA, 2011, p. 14.

de Salvador, a concentração de “manchas verdes” nos locais reservados a templos de Candomblé, atribuídas à necessidade de conservação dos espaços naturais para fins litúrgicos.

Outra expressão de *Espiritualidade Terrana* pode ser encontrada no xintoísmo – religião tradicional japonesa. Tendo morado no Japão por quase uma década, Snyder (2018) explica a relação dos *Ainos*, habitantes originais do Japão, com os ecossistemas pela via da sacralidade:

Há santuários ecológicos xintoístas em todas as ilhas do Japão. O *xintô* é a “via dos espíritos”. Os *kami* são um “poder” sem forma, que de certo modo estão presentes em tudo, mas cuja força e presença são intensificadas em determinados objetos incomuns, como grandes pedregulhos com formas curiosas, árvores muito antigas, ou nevoentas e trovejantes cataratas. As idiossincrasias da paisagem são sempre consideradas *kami* – força-espírito, presença, forma da mente, energia⁴³.

Inspirado no xintoísmo e em sua vivência infantil nas terras sagradas da Califórnia, Gary Snyder escreveu o poema *Prece à Grande Família*, da coletânea *Turtle Island* (1974). Usando a Grande Mãe como metáfora para agradecer e celebrar os Seres da Vida (o solo, os animais, o ar, as estrelas, etc), ao final de cada estrofe faz um chamamento ao ser humano, representado por sua mente, para que se integre a Comunidade da Vida:

Prece à grande família

*Gratidão à Mãe Terra, que navega noite e dia–
e a seu solo: rico, raro e doce
em nossas mentes assim seja.*

*Gratidão às Plantas, à folha voltada pro sol,
que se transforma com a luz
e pelos radiculares vistosos; em pé, firme,
resistindo ao vento*

*e à chuva; sua dança está no grão espiral que brota
em nossas mentes assim seja.*

*Gratidão ao Ar, que sustenta o Andorinhão planador e
a silenciosa Coruja ao amanhecer, Sopro da nossa canção
puro espírito da brisa
em nossas mentes assim seja.*

Gratidão aos Seres Selvagens, nossos irmãos e irmãs

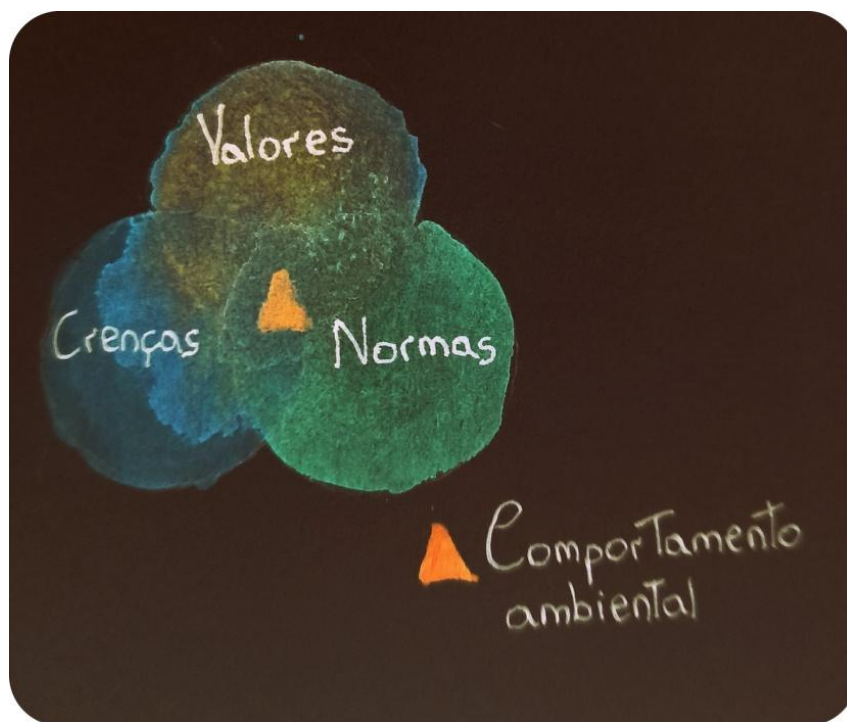
⁴³ SNYDER, 2018 [1990], p. 119.

que ensinam
segredos, liberdades e caminhos;
que compartilham conosco seu
leite; íntegros, corajosos e atentos
em nossas mentes assim seja.
Gratidão à Água: nuvens, lagos, rios, geleiras;
contendo ou liberando; fluindo totalmente
nossos corpos mares salgados
em nossas mentes assim seja.
Gratidão ao Sol: pulsante e ofuscante luz que atravessa
troncos de árvores e atravessa névoas e aquece
cavernas onde
ursos e cobras dormem – ele que nos desperta–
em nossas mentes assim seja.
Gratidão ao Grande Céu
que comporta bilhões de estrelas–e vai além–
além de todos os poderes e pensamentos
e ainda está dentro de nós–
Avô Espaço.
A Mente é sua Esposa.
assim seja.

Vê-se que a diversidade das *Espiritualidades Terranas* condiz com a biodiversidade da fauna e da flora planetária e só citei aqui aquelas que atravessaram meu caminho, mas há tantas que desconheço e que latejam e resistem continuamente. Há um pequeno texto que me ajudou a compreender em que medida essas espiritualidades são maravilhosas antíteses ao *Império da Transcendência* e, como podem oferecer alternativas à violenta relação humano-Natureza que ele instaurou nos últimos dois mil anos. O texto, intitulado *Nosso único Céu: veneração da Natureza, Religião como busca e comportamento pró-ambiente*⁴⁴, escrito em 2013, é fruto das investigações do geógrafo Bernard Daley Zaleha sobre a relação entre religião e natureza no contexto do debate ambiental.

⁴⁴ “Our Only Heaven’: Nature Veneration, Quest Religion, and Pro-Environment Behavior”. Tradução minha.

O geógrafo discorre sobre uma questão da qual já falei no início do Canto do javali - a relação entre cosmovisão e comportamento ambiental. Antes de tudo, o autor pergunta se, no contexto da problemática ambiental, “as visões religiosas do mundo são importantes e, mais especificamente, algumas religiões são mais prováveis do que outras para encorajar o comportamento pró-ambiente em seus adeptos?”, ele responde: “os estudos em sociologia e psicologia social até o momento sugerem que a resposta é sim”⁴⁵. Um dos estudos citados pelo geógrafo diz respeito ao trabalho dos sociólogos Dietz *et al* (2005), que propõem a teoria *valores-crença-normas* (VCN)⁴⁶ para análise do comportamento ambiental. De acordo com a teoria, os valores influenciam a visão de mundo sobre o ambiente, que por sua vez moldam as crenças religiosas e, isso interfere nas normas que gerem nossas ações ambientais – que podem ser de respeito, proteção e conservação da Natureza ou o contrário, dominação e violação dos seres e ecossistemas biosféricos.



20. Representação esquemática da teoria *valores-crença-normas* de Dietz *et al* (2005).

Fonte: Pintura em aquarela elaborada pela autora, 2020.

⁴⁵ “Although the foregoing analytic tools may be helpful from a scholarly perspective in naming and categorizing religions, the question remains, do people’s religious worldviews matter, and more specically, are some religions more likely than others to encourage pro-environment behavior in their adherents? The available sociological and social psychological studies to date suggest the answer is yes” (ZALEHA, 2013, p. 140). Tradução minha.

⁴⁶ Values–belief–norms (VBN).

Dietz *et al* (2005) dividem os valores ambientais em três tipos: (1) *interesse próprio (egoísmo)*; (2) *altruísmo humanista* e (3) *altruísmo biosférico* (também chamado de biocêntrico ou ecocêntrico). Os valores de interesse próprio derivam da preocupação com o próprio bem-estar e, no máximo, com o bem-estar de familiares do presente e próximas gerações. Estes valores levam a que os indivíduos tomem decisões egoístas e influenciem negativamente as outras espécies animais, vegetais, minerais, etc. O altruísmo humanista, por sua vez, amplia a preocupação ambiental com toda humanidade (de acordo com a ideia de humanidade do indivíduo). O *altruísmo biosférico*, por sua vez, é direcionado para outras espécies e para a condição dos próprios ecossistemas, por isso, venera a biosfera e o cosmos como um todo. É o *altruísmo biosférico* que leva os indivíduos a sentirem-se parte da Natureza e, por isso, os impulsiona a ações de proteção e cuidado.

Para interpretar essa tríade de valores ambientais, os sociólogos partem da noção de “valor intrínseco” - um dos fundamentos da Ecologia Profunda e do ecofeminismo. Também é o que os estudiosos da área de religião e natureza comumente associam às Religiões da Terra ou, como as chamo aqui, *Espiritualidades Terranas*. O mais importante é que esses três tipos de valores podem ditar o que determinado humano ou grupo social considera sagrado e, por isso, intrinsecamente valioso. No entendimento de Zaleha (2013), “aqueles que veneram a natureza e têm crenças e percepções próximas à extremidade panteísta da sacralidade apresentam um comportamento pró-meio ambiente”⁴⁷. É diante disso que o geógrafo relaciona o altruísmo biosférico às crenças panteístas (diversidade do sagrado) e animistas (o sagrado permeia todos os Seres da Vida), que posicionam o sagrado na Terra. E, por outro lado, associa o egoísmo às crenças teístas dualistas (neste caso o cristianismo) que posicionam o sagrado *fora e acima* da Terra.

É aqui que os referidos estudos oferecem um importante apoio teórico à minha investigação/aventura intuitiva: ao venerar a biosfera e o cosmos como um todo, o *altruísmo biosférico* característico das *Espiritualidades Terranas* se mostra não só como uma alternativa ao egoísmo ameaçador do teísmo cristão, mas sim como um caminho urgente a se trilhar. Inspirada na contribuição de Zaleha (2013), e no que uivei até aqui, é possível compreender a relação entre espiritualidade, ecologia e (sempre) geografia a

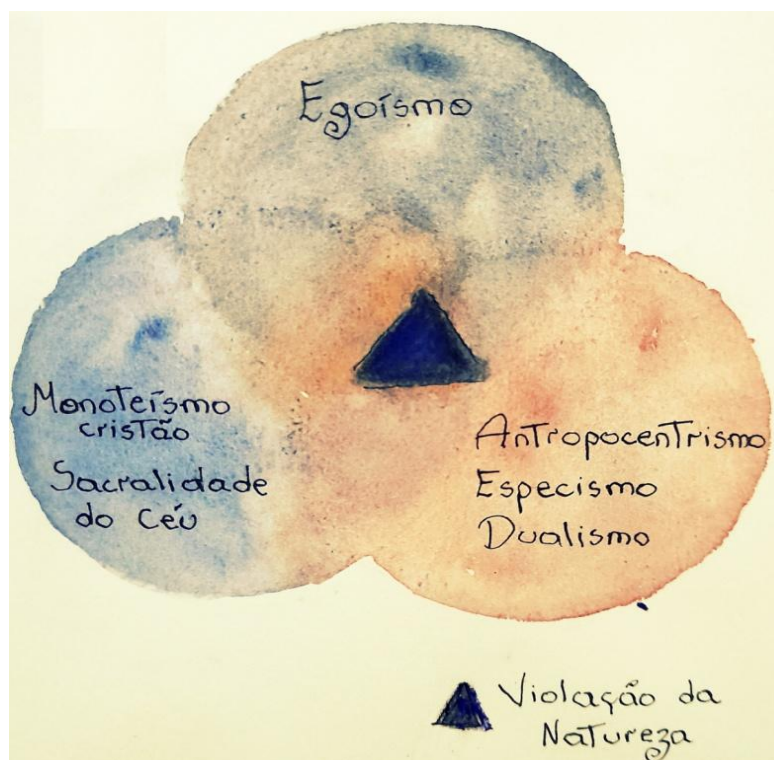
⁴⁷ “Those who venerate nature and have beliefs and perceptions close to the pantheistic end of the sacrality scale can be expected to have a higher rate of pro-environment behaviors” (ZALEHA, 2013, p. 142). Tradução minha.

partir das seguintes expressões visuais, sendo que a primeira delas trata da exposição dos contrastes entre o cristianismo e as *Espiritualidades Terranas* (Tabela 1); e, as outras duas interpretam essas diferentes atitudes religiosas a partir da teoria *valores-crenças-normas* de Dietz *et al* (2005).

Tabela 1. Contrastes filosóficos e ideológicos entre a teologia cristã e as Espiritualidades Terranas.

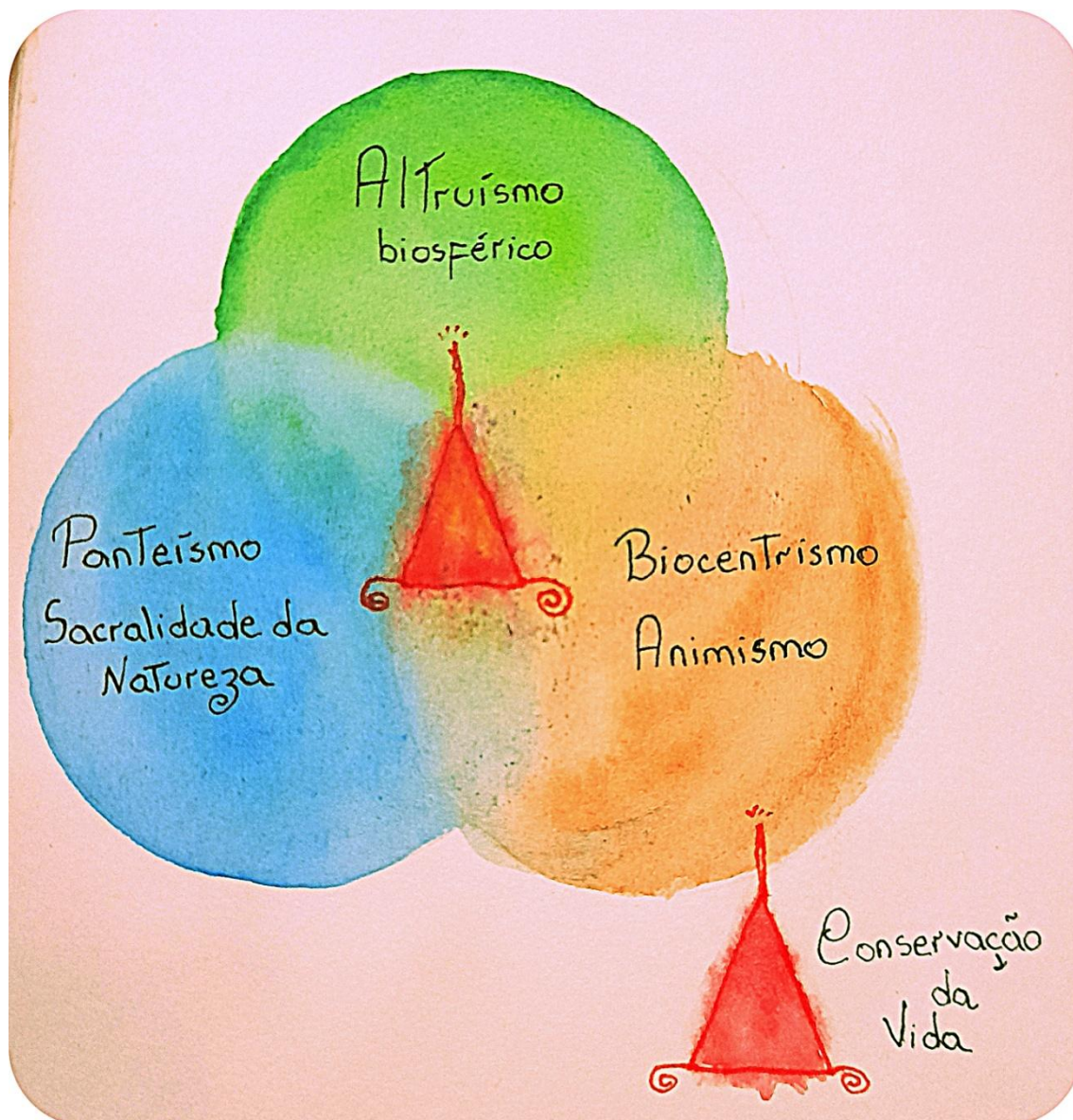
Cristianismo	Espiritualidades Terranas
Transcendência do sagrado	Imanência do sagrado
Monoteísmo	Panteísmo
Terra maligna	Terra sagrada
Especismo	Animismo
Desprendimento	Pertencimento
Antropocentrismo	Biocentrismo
Dualismos	Pluralismos
Domínio	Convivência
Autoafirmação	Integração
Hierarquia	Igualdade biosférica

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



21. Cosmvisão cristã e comportamento ambiental a partir da aplicação da teoria *valores-crenças-normas* de Dietz *et al* (2005).

Fonte: Pintura em aquarela elaborada pela autora, 2020.



22. Espiritualidades Terranas e comportamento ambiental a partir da aplicação da teoria *valores-crenças-normas* de Dietz *et al* (2005).

Fonte: Pintura em aquarela elaborada pela autora, 2020.

Diante de tudo o que foi discutido, rememoro a pergunta-cerne desse Canto: *a sacralização da natureza pode inspirar a conservação da Vida?* Vandana Shiva deixa bem claro em seus livros e palestras por todo o mundo que “a sacralização do espaço atua como sanção contra a violência do progresso”⁴⁸. A autora defende que a espiritualidade é o elo que liga os povos humanos aos outros povos da vida e que, esse elo, é o responsável por levar a que esses povos **lutem** por seus lugares sagrados.

⁴⁸ “La sacralización del suelo actúa como sanción contra la violencia del progreso” (SHIVA, 1989, p.1)

No entendimento de Shiva (1989), a inviolabilidade do solo é um princípio organizativo de sociedades que o desenvolvimento considera atrasadas e primitivas ⁴⁹. Do mesmo modo, Davi Kopenawa explica que a relação do povo yanomami com os espíritos da floresta é o que os enraíza ao sagrado solo da Amazônia e, por isso, a eles mesmos – como integrantes dela. “Se esquecermos os *xapiri* [espíritos da floresta] e seus cantos, vamos perder também a nossa língua. No fundo de nós, vamos virar estrangeiros”, explica o xamã, “enquanto houver xamãs vivos, como eu e outros filhos de nossos antigos, enquanto os *xapiri* protegerem nossa floresta, não vamos desaparecer” ⁵⁰.

O xamã está dizendo que perder o vínculo sagrado com a floresta significa perder a si mesmo, e mais: enquanto existirem os espíritos da floresta e o povo yanomami para falar com eles, a floresta estará protegida. Essas palavras são fundamentais para o tema deste Canto e me arrepiam até ossos, afinal, apontam para a relação entre geografia, ecologia e espiritualidade ao lançarem luz sobre a **simbiose entre sacralização e conservação**. Nessa perspectiva, se o mundo está repleto dos espíritos donos e protetores dos lugares (sob formas animais, vegetais e minerais), violar os ecossistemas significa desrespeitar esses espíritos e, por sua vez, colocar em risco a memória, a identidade e a cultura do povo que os venera. Kopenawa mostra como a ideia de Natureza, sob a perspectiva cosmobiológica yanomami, engloba a biodiversidade atual e ancestral da floresta:

O que eles [os brancos] chamam de natureza é, na nossa língua antiga, *Urihi a*, a terra- floresta, e também sua imagem, visível apenas para os xamãs, que nomeamos *Urihinari*, o espírito da floresta. É graças a ela que as árvores estão vivas. Assim, o que chamamos de espírito da floresta são as inúmeras imagens das árvores, as das folhas que são seus cabelos e as dos cipós. São também as dos animais e dos peixes, das abelhas, dos jabutis, dos lagartos, das minhocas e até mesmo as dos grandes caracóis *warama aka*. A imagem do valor de fertilidade *në roperi* da floresta também é o que os brancos chamam de natureza. Foi criada com ela e lhe dá a sua riqueza. De modo que, para nós, **os espíritos *xapiri* são os verdadeiros donos da natureza, e não os humanos**. Os espíritos sapo, os espíritos jacaré e os espíritos peixe são os donos dos rios, assim como os espíritos arara, papagaio, anta e veado e todos os outros espíritos animais são os donos da floresta. Assim é ⁵¹.

Os espíritos da floresta estão no seio da Grande Amazônia, nas encostas e cumes dos Andes, pulsam, choram e florescem nos lugares onde resistem as *Espiritualidades*

⁴⁹ “Mientras el suelo era la madre sagrada, el seno de la vida de la naturaleza y de la sociedad, su inviolabilidad fue el principio organizativo de sociedades que el «desarrollo» ha declarado atrasadas y primitivas”(SHIVA, 1989, p. 50).

⁵⁰ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 506, 507.

⁵¹ *Ibidem*, p. 475. Grifo nosso.

Terranas, mas eles não se limitam a esses lugares – estão em toda parte, como as sementes das árvores que percorrem o globo pela circulação atmosférica, encontram-se por todo lado, “sob as formas de inextirpáveis populações de fungos, de musgo, de húmus, leveduras e outras, que nos rodeiam e nos habitam”⁵². Isso me faz pensar em algo que escrevi às pressas nas margens de um livro sobre microbiologia de solos. Era equinócio de outono e a Terra estava silenciosa e esplêndida em sua dança ancestral em torno do Sol – como faz nos últimos 4,6 bilhões de anos. Magnífica!

Sentei-me diante da ameixeira, como de costume, e escrevi:

▽

Me dei conta de que há santos na minha religião. Muitos. Sou idólatra. Pardais, gatos, cavalos, ursos, cachorros, lagartixas, abelhas, onças, todos têm seu altar de culto em minha mente. Pensemos, por um instante, na ideia de santidade: aquele que excede as próprias virtudes e supera os próprios defeitos; o que não compactua com a guerra e desconhece a violência; não mente, não manipula e não dissimula. Bom, acaso o calango, em seu mais ordinário e esplêndido cotidiano, confabula sobre margem de lucro ou elabora técnicas mais eficientes para desmatar uma floresta inteira? Penso, nos meus mais sinceros e infantis momentos de reflexão, que a cultura judaico-cristã adorou, esse tempo todo, o deus errado e reverenciou os santos errados. Penso, mais ainda, sobre as consequências dessa adoração equivocada para a Comunidade da Vida terrena - a única e verdadeiramente real.

Os Deuses estão única e tão somente aqui: nas tocas, nos troncos ocos, nos galhos das árvores, nas próprias árvores, nos rios e oceanos, nos rochedos e nas serras, nas matas, nos desertos, no ar, nos horizontes do solo. Quando Heráclito de Éfeso (540 A.C. – 470 A.C.), disse que o mundo estava repleto de deuses, era de Vida que ele estava falando. Fauna minúscula. Microorganismos, insetos, fungos, bactérias. Há um verdadeiro panteão de Deuses bem abaixo dos nossos pés, acima das nossas cabeças e, claro, dentro de nós: no estômago, intestino, boca, pele, órgãos genitais, bexiga, nos pés. O mundo, a bruta Terra, está repleto de deuses. Louvados sejam! Louvados sejam os deuses *profanos e próximos*.

▽

⁵² SNYDER, 2018 [1990], p. 25.



23. Xapiri do chão. Foto: Acervo pessoal, 2020.



24. Xapiri do ar. Foto: Acervo pessoal, 2020.



25. Xapiri do chão nos cabelos de um alho-poró. Foto: Acervo pessoal, 2020.



26. Xapiri das herbáceas e arbustos. Foto: Acervo pessoal, 2020.

O Canto do Lobo mostrou que as *Espiritualidades Terranas* oferecem milhares de outras possibilidades de *ser humano* (*húmus, mundano*). Elas percorrem o mundo, em meio à Tragédia, deixando migalhas de pão para que os Humanos escravizados pelo império da transcendência encontrem o caminho de volta pra casa.

Considerar a dimensão espiritual nas análises geográficas e ecológicas da Tragédia Ambiental trata-se de um compromisso mais que urgente com a Vida e com uma *abordagem Terrana* da ciência. Essa incorporação da espiritualidade e do *altruísmo biosférico* já é vista por alguns setores da luta ambiental como “uma necessidade geral do ambientalismo para completar o seu ciclo evolutivo”⁵³. Como argumenta o filósofo e sociólogo argentino Hector Leis:

A emergência e o desenvolvimento de um setor religioso e espiritual no ambientalismo não se deduzem de um desejo extemporâneo de alguns de seus membros para transformar o conjunto de suas vertentes num sentido mais sinérgico e cooperativo. Um ambientalismo laico não tem condições de perceber as causas profundas da crise ecológica, nem de avaliar a sua gravidade [...] A crise ecológica não tem alternativas realistas fora de um ambientalismo sustentado numa ética complexa e multidimensional que recupere o sentido de fraternidade, o sentido espiritual da vida social e natural⁵⁴.

Mas não adianta apenas aprendermos que fazemos parte da Vida, “temos que o sentir inteiramente”⁵⁵. Ou, nas palavras do xamã Kopenawa, é preciso sonhá-la: “Acho

⁵³ LEIS, Héctor Ricardo. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 188.

⁵⁴ LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: AA.VV. *Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais*. São Paulo-Florianópolis, Cortez-UFSC, 1995, p. 83.

⁵⁵ SNYDER, 2018 [1990], p. 94.

que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”⁵⁶. E é aí que entra a Geografia, não a Geografia como ciência formal/convencional, mas sim a Geografia conhecimento, arte, pedregulho, estrume, música, uma Geografia... uma Geografia... uma Geografia Selvagem, isso! Uma geografia que nenhuma rédea possa segurar.

⁵⁶ Davi Kopenawa Entrevista a F. Watson (Survival International), Boa Vista, jul. 1992, *in* KOPENAWA & ALBERT, 2015.

GEOGRAFIA SELVAGEM: NO CAMINHO, FORA DO TRILHO

Deem-me uma Geografia que nenhuma Ciência possa
suportar.
(Acervo pessoal, 2020)

Precisamos de mundiólogos.
(Ernesto Sábato)

Da mesma forma que sonhei um *Método Selvagem*, eu – enquanto sendo Geografia em carne, essência e espírito – me permiti sonhar (como ensina o xamã Kopenawa) uma geografia que fosse tão livre e feroz quanto o zoófito que se tornou esse texto. Uma geografia que personificasse o rosto de todos os animais, vegetais e minerais do organismo-Terra. Uma geografia que não soltasse da mão das *Espiritualidades Terranas*, do ecofeminismo, do animismo. Uma geografia que falasse, ao mesmo tempo, de memória, conservação, sacralização, Lugar, poesia, música, literatura, dinossauros, vermes, insetos, caracóis. Uma geografia que tomasse o partido da biodiversidade em cada uma de suas manifestações. Sonhei, sonhei todas as noites desde que atravessei a porta, desde que me tornei Terrana (ao negar e repudiar o Deus e o que seus “eleitos” fizeram e fazem com a Terra). Uma Geografia que dê coragem para seguir qualquer aventura – teórica, prática, poética ou isso tudo junto. Que considere como mais preciosa reflexão teórica algo assim:

Em minha noite profunda evoquei os espíritos dos animais humanos e não-humanos escravizados, torturados e assassinados pela fome imperial. Vi subir do solo ainda úmido da chuva aquela que disse vir do núcleo da Terra. Falou-me que o apocalipse não virá e não será pela mão do Deus: já veio e foi pela mão do homem – macho branco, uma engrenagem na mão esquerda, uma mala de dinheiro na direita e, a carcomida cruz no peito. Deu-me nas mãos um algo do tamanho de um grão. “Para ajudar na luta” – disse. Olhei o algo, vi três imagens e uma frase em língua desconhecida (mas que instintivamente entendi). O coração de um pardal, a folha minúscula do manjeriço, uma bacia hidrográfica e, a frase: “Para não esquecer que a Terra é nosso único lar e esta é a nossa verdadeira família”. Depois, subiu no último galho da ameixeira e cantou:

Eu sou a Vida.

A fotossíntese que transforma gás carbônico em oxigênio sou eu.

Eu sou a gravidade que direciona rios, chuvas e pedregulhos vertente a baixo;

o pássaro que, mesmo magro e deprimido dentro da gaiola, canta todos os dias às duas da tarde;

a gata preta que se esconde de dia e sai de noite em busca de comida;

a árvore de 700 anos de idade que foi morta pela serra porque não pôde gritar nem fugir nem provar que é viva e respira;

a índia pega no laço mesmo tendo gritado por socorro e tentado fugir;

a abelha que entra até o fundo da flor, estremece e se lambuza de néctar;

o sol que nasce e morre todos os dias, magnífico e ameno;

o galho cortado do pinheiro que brota e mela seiva até trinta dias depois de cortado;

eu sou tudo que há entre o núcleo de ferro e níquel e a ionosfera.

A litosfera é minha carne, a biosfera minha pele (que lateja e respira) e a atmosfera é meu cabelo livre e movimentante.

Eu sou criação, partilha, viagem caminho, destruição.

Eu sou tudo. Eu sou gigante que anda devagar e canta mantras pagãos;

eu evoco seres ínfimos e sagrados da floresta úmida.

Eu sou, quando choro, sol que morre e brilha cores que nunca antes brilhou. Sou a supernova recém-parida.

*O rabo cortado da cobra, que sacode e vibra até o último
minuto.*

Veja bem, eu tenho um nó retorcido no lugar da cabeça.

*Meus braços estão constantemente enrolados em volta da
barriga.*

Protejo o ventre.

Vivo no horizonte B argiloso.

*Estou organicamente conectada a todas as outras que viveram
antes de mim.*

Juntas, somos imortais.

*O lobo nos sussurra à noite sobre pegadas desconhecidas, ele
nos alerta sobre os perigos.*

*O condor, que tudo vê lá de cima, vem toda manhã e faz um
mapa com a unha no chão.*

*As carcaças putrefadas de animais sábios nos ensinam como
proceder diante da barbárie.*

*Trazemos no pescoço colares de âmbar com corpos fossilizados
de animais e plantas primitivas.*

*Nós traduzimos o mistério do sânscrito para as línguas urálicas
cem vezes em caligrafia pictórica.*

Eu existo, resisto e sambo na cara de Deus.

A Tragédia Ambiental é assunto dessa Geografia Selvagem porque é uma questão espacial, ecológica e espiritual e, antes de tudo, é uma questão relacionada á *dor da Terra* - e a Geografia Selvagem assume desesperadamente o compromisso de *curar a Terra*. Curar a Terra inclui ouvir o que as *Espiritualidades Terranas* têm a ensinar sobre humanidade, existência, vida e celebração.

Em meados de 1970, numa conferência de chefes ameríndios e ativistas, em Montana, Estados Unidos, Gary Snyder ouviu um ancião falar sobre pertencimento, espiritualidade e a importância do *lugar*:

Sabe, penso que se as pessoas, incluindo os brancos, se instalarem por tempo suficiente, os espíritos começarão a falar com eles. É o poder dos espíritos a elevar-se da Terra. Os espíritos e os antigos poderes não estão perdidos, só precisam que as pessoas permaneçam num local o tempo suficiente e, então, começarão a influenciá-las⁵⁷.

Em outra obra, *Re-habitar* (2005), Snyder conta sobre um velho índio Salish⁵⁸ que sempre visitava a fazenda onde o poeta passou a infância. O velho índio o ensinou que, para buscar entender “quem somos nós”, é necessário entender “onde estamos”. A partir disso, Snyder passou a escrever sobre um termo que considero muito caro à Geografia Selvagem: biorregião. Embora esse termo já me seja familiar como geógrafa, o poeta o apresenta a partir de uma perspectiva lírica, profunda, lúdica e, acima de tudo, encantadora. A biorregião remete à experiência humana mais antiga: de *viver e caminhar* por regiões fluidas, sem fronteiras arbitrárias, marcadas apenas por áreas bióticas e étnicas. “Nas culturas tradicionais, a flora, a fauna e os acidentes geográficos fazem parte da cultura”⁵⁹ – explica Snyder. Junto aos aspectos bióticos, fluviais e geomorfológicos, a dimensão espiritual faz com que o *lugar* seja uma essência geográfica fundamental para o *despertar ecológico*:

Se aprendermos o que as plantas e o clima têm para nos ensinar, faremos parte do segredo e poderemos sentir-nos verdadeiramente em casa. A soma de forças de uma porção da Terra torna-se aquilo a que chamamos, sem grande exatidão, “o espírito do lugar” [...] A consciência de uma biorregião educa-nos de modos *específicos*. Não é suficiente “amar a natureza” ou desejar estar em “harmonia com Gaia”. A nossa relação com o mundo natural ocorre num *lugar* e deve ser baseada em informação e experiência [...] Com esse tipo de consciência, as pessoas aparecem em audiências públicas e fazem frente a caminhões e tratores na defesa de terras e árvores. O biorregionalismo é o ponto de entrada na dialética da história. Além disso, podemos dizer que certas “classes” até agora ignoradas (animais, rios, rochas, ervas) começam agora a entrar na história⁶⁰.

Abrir os olhos para esse tipo de abordagem do problema ambiental talvez nos prepare para sentirmo-nos em casa *neste mundo* e honrarmos a grandiosa ascendência desta Terra, aprender com ela e defendê-la com a própria vida se for preciso. Devo dizer, por experiência própria, que ao alcançar esse *estado de identificação psíquica com o mundo*, “sente-se então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado”.⁶¹

⁵⁷ SNYDER, 2018 [1990], p. 57.

⁵⁸ Etnia indígena dos Estados Unidos e Canadá.

⁵⁹ SNYDER, 2018 [1990], p. 55.

⁶⁰ Ibidem, p. 56, 57, 59.

⁶¹ BARROS, 2010, p. 209.

Em dado momento dessa aventura pensei que se eu me atrevesse a *sonhar uma geografia selvagem*, ousaria sonhar também um tipo de mantra, amuletos verbais que servissem para ornar o pensamento em seu combate ao *Monstro*. Palavras que indagassem e, ao indagarem, inspirassem certo tipo de angústia, certo tipo de reflexão que fosse, ao mesmo tempo, complexa e amena. Perguntas que fossem ecos da voz da *Velha que vive entre as gretas de granito decomposto*:

¿De dónde vino usted? [De onde veio?]

¿Quiénes son tus antepasados? [Quem são seus ancestrais?]

¿Tu idea de Dios te aleja o te acerca a la naturaleza? [A sua ideia de deus te afasta ou te aproxima da Natureza?]

Os Seres e processos biosféricos nos mostram que a decomposição é elemento fundamental para a sobrevivência da Vida. Com o rastro que o *Monstro do Crescimento* deixou pela Terra não é diferente, as florestas, povos e montanhas que foram violados podem se decompor, transformar e ressurgir sob outras formas – tão terrenas e esplêndidas como foram. A Vida é capaz de extraordinárias metamorfoses. Então, o que não for possível decompor porque só sobraram os ossos, podemos cantar, cantar sobre os ossos! Porque mesmo que os Cantos terminem, a música continua – a música é infinita e o uivo de *La loba* ainda pode ser ouvido.

Conclusão



27. O abraço. Fonte: Impressão em papel de aquarela, arte de Marissa Quinn, 2020. Disponível em marissaquinn-art.com.

Há quem diga que há um lugar no deserto onde o espírito da mulher e o espírito do lobo se vêm encontrando no decorrer dos tempos. Eles lambem as feridas um do outro e, então, escrevem poemas e canções de cura dos corpos terrenos ameaçados pela crueldade Humana.

CANTAR SOBRE OS OSSOS

La Loba⁶²

Há uma velha que vive num lugar recôndito da alma que todos sabem, mas que poucos já viram. Tal como nos contos de fadas da Europa oriental, parece andar a espera que venham até ela os que vagueiam sem destino, os que andam perdidos, ou os que buscam algo.

É circunspecta, quase sempre de cabelos longos, invariavelmente gorda e, sobretudo, procura evitar ajuntamentos. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos.

Diz-se que vive entre os buracos dos declives de granito decomposto no território dos índios Tarahumara. Ou que está enterrada nos arrabaldes de Phoenix junto a um poço. Talvez possa ser vista a deslocar-se para sul, para o Monte Albán, num carro queimado com o vidro traseiro desfeito com um tiro. Ou talvez seja avistada à beira da estrada perto de *El Paso*, ou a viajar de carona aleatoriamente com caminhoneiros até Morelia, México, ou que foi vista indo para o mercado de Oaxaca, com galhos de lenha de estranhos formatos nas costas. É conhecida por muitos nomes: *La Huesera*, a Mulher dos Ossos; *La Trapera*, a Trapeira; e *La Loba*, a Mulher-lobo.

A única tarefa de *La Loba* é de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente os que correm o risco de se perderem para o mundo. Sua caverna está cheia de ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Mas a sua especialidade são os lobos. Ela rasteja, se arrasta e esmiúça tudo o que encontra por *montañas* e os *arroyos*, montanhas e leitos de rios secos à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar.

E quando tiver se decidido, põe-se de pé diante da *criatura*, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pelos. *La Loba*

⁶² ESTÉS, 2016, p. 39-40.

continua a cantar e, assim, cada vez mais a criatura vai se tornando um ser vivo. Sua cauda forma uma curva para cima, forte e desgrenhada.

E *La Loba* continua a cantar e a criatura começa a respirar.

E *La Loba* continua a cantar com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e continua a cantar ainda mais, o lobo abre os olhos e, de um salto, sai correndo desfiladeiro fora.

Em algum ponto da sua correria, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo transforma-se subitamente numa mulher que ri e corre, livre, em direção ao horizonte.

Por isso, não se esqueça, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdida, cansada, talvez você tenha sorte, quem sabe possa cair nas graças de *La Loba* e, quem sabe, ela lhe ensine alguma coisa...coisas da alma.

Diante da funesta situação ambiental da Terra, a sensação é que já se fez de tudo. De que a luta ambiental já esgotou todas as suas possibilidades, caminhos, fôlegos; de que o *Monstro do Crescimento* não só devora todos os nossos esforços, como também os usa para sua própria nutrição e fortalecimento - como fez ao ambientalismo da segunda metade do século XX, transformando-o no discurso vil do *desenvolvimento sustentável* e a legislação ambiental em arma do Estado. O *Império da Transcendência* e seus Humanos parecem invencíveis. As raízes são fortes...as raízes são fortes.

Já teve mulher morando em sequoia por dois anos, indígenas e ativistas assassinados, protestos, livros, poemas, sangue, muito sangue. Mas ouça: tal como as cobras, o *Monstro também* não digere ossos, regurgita-os. As raízes apodrecem, mas os ossos permanecem. E há *La loba*, a Mulher dos dentes afiados, o *espírito selvagem* que nos faz rememorar nossa *ancestralidade telúrica*, que não nos deixar pregar os olhos nem virar as costas para o Mundo. Ela é capaz de cantar sobre os ossos e trazê-los de volta à vida. Enquanto existirem ossos e, enquanto houver Terranos que se mantenham

acordados e cantando, haverá esperança. A vida volta sempre! Brota nos sulcos do terreno, nas gretas, por entre as cinzas, na cavidade ocular da carcaça de um tamanduá.

*Considera-se que o canto brota de uma fonte de
mistérios/ Que anima toda a Vida/ Todos os
animais, seres humanos, árvores, plantas e tudo o
que o ouvir/ Na literatura oral, diz-se que tudo que
tem "seiva" tem canto*⁶³.

Esse precioso *canto selvagem* está na boca dos xamãs, curandeiras, poetas e poetisas, está na boca daqueles que dão voz aos Orixás, está no âmago das *Espiritualidades Terranas* – e é aqui que geografia, ecologia e espiritualidade se fundem na compreensão da Tragédia Ambiental:

*Enquanto houver xamãs vivos, como
eu e outros filhos de nossos antigos, enquanto os
xapiri protegerem nossa floresta, não vamos
desaparecer*⁶⁴.

Há dois anos me perguntei o que era isso, essa tragédia ecossistêmica, psicológica e espiritual na qual se encontra a Terra. Questionei se a dessacralização da Natureza não seria a causa da ruptura do humano com seu *habitat*. E, principalmente, se o caminho contrário – a sacralização da Natureza – não seria a cura, a trilha marginal. Intuí, profundamente, que sim. Que a raiz da Tragédia é a perda da nossa ligação espiritual com os lugares, com os animais, com as plantas e com toda a Vida. Não sabia bem o que pensar ou fazer diante dessa angústia, minha única certeza era que o *sofrimento do mundo era o meu sofrimento*, e minha atitude foi buscar desesperadamente as raízes do problema. Foi aí que comecei a enxergar com o canto do olho.

⁶³ ESTÉS, 2016, p. 191.

⁶⁴ KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 507.

*Uma mulher chega ao mundo-entre-mundos através do desejo e da busca de algo que ela apenas vê pelo canto do olho*⁶⁵.

Foi assim que essa pesquisa se transformou em uma aventura intuitiva e revelou que falar de Conservação da Vida é falar de luta de regresso ao lar: atitude mais que urgente de sonhar a Memória da Terra, despertar para nossa *ancestralidade telúrica*, retomar ferozmente nosso lugar na Teia da Vida, defender a diversidade, biológica e cultural, que resiste em margens despercebidas e silenciadas; valorizar a subjetividade e *el misterio de la vida* e, mais do que nunca, combater a desolação dos ecossistemas, das mentes, dos corpos e dos espíritos.

Celebrar/conservar/defender a biodiversidade não deve estar relacionado ao compromisso com as futuras gerações humanas, não se trata de deixar que restem recursos para serem usados mais tarde, não! A complexa e grandiosa Comunidade da Vida não é recurso, não pode ser medida, quantificada nem, tampouco, mercantilizada.

*Não se trata apenas de haver água no mundo, mas de haver um mundo na água. Não apenas na água. Há um mundo de criaturas sensíveis nas nuvens. Há um mundo de criaturas sensíveis no ar. Há um mundo de criaturas sensíveis no fogo [...] Há um mundo de criaturas sensíveis numa folha de erva*⁶⁶.

Não temos qualquer direito soberano sobre o Mundo - nem divino nem intelectual. Conservar a diversidade biológica e cultural significa lutar pelo direito que cada pedregulho, montanha, rio, árvore, humano ou inseto têm de experimentar a profunda ecologia da Vida. E, “por mais quixotescas que essas ideias possam parecer, há por trás delas uma reserva de força e de possibilidade”⁶⁷.



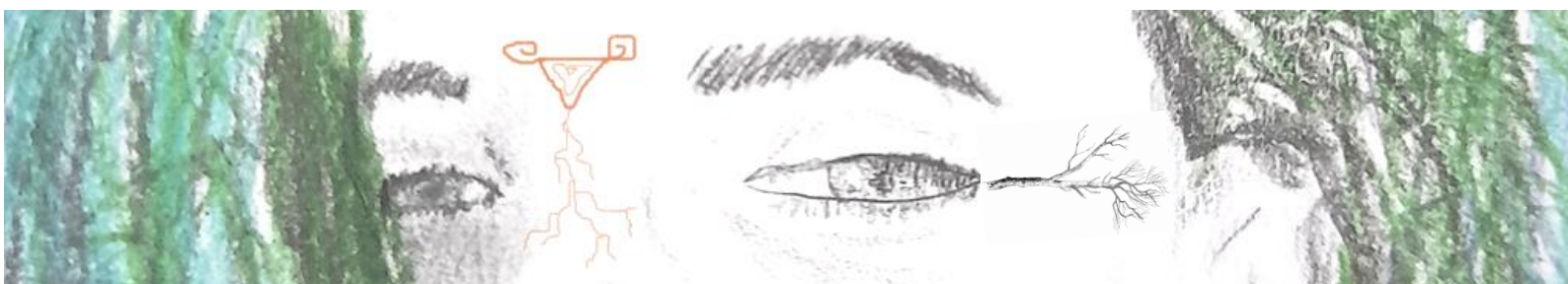
⁶⁵ ESTÉS, 2016, p. 44.

⁶⁶ SNYDER, 2018 [1990], p. 145.

⁶⁷ Ibidem, p. 56.

Você se lembra daquele Zoófito obcecado pelos encantos da matéria e que desejava, sinceramente, despertar para o Mundo? Ele está aqui e agora, diante de mim. Você vê? Eu vejo. Levanta-se, apaixonado e trêmulo, e pronuncia suas primeiras palavras que já são, ao mesmo tempo, dolorosa despedida:

Terranos, uni-vos!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários

COELHO, F. Adolfo. *Diccionario manual etimologico da lingua portuguesa*, Lisboa: Plantier Editor, 1890.

DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa. On-line. Porto: Porto Editora, 2020. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>. Acesso em 2-jan. 2020.

DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford: Oxford University Press. 1990.

E-DICIONÁRIO de Termos literários de Carlos Ceia, 2018. On-line. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em 10 nov. 2020.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

ORIGEM DA PALAVRA, *Dicionário etimológico on-line*. 2020. Disponível em <<https://origemdapalavra.com.br>>.

VALPY, Francis. *An Etymological Dictionary of the Latin Language*. Londres: Elibron Classics, 1828.

Bibliografia geral

ALVES, Mário Correia. *Convergência de visões na fundação de um país: Benjamin Franklin e Thomas Jefferson*. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras). Universidade de Lisboa, 2009, 319 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

_____. *A rosa do povo*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

ARAÚJO, Vanessa Dias. *O rio sou eu?* Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2017.

ARGEL, Luca. *Não Estamos Falando com Vocês*. Revista eLyra, Porto, vol. 5, n. 3, 2015, 63-82.

BACON, F. *Nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultural, [1627] 1999a.

_____. *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Nova Cultural, [1620] 1999b.

BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. *Ser-tão Cerrado de Guimarães Rosa: espaço movimentante*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BAUAB, Fabrício Pedroso. *Utopia, Cristianismo e Ciência da Natureza na Nova Atlântida de Francis Bacon: paralelos com a geografia*. Revista formação (online), vol. 4, n. 23, 2016, p. 216-236.

BÍBLIA. Português. *Bíblia On-line: módulo básico expandido*. Versão 3.0. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, [1944] 2007.

BOSI, Alfredo. Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana!* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

_____. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *O Conde e o passarinho*. 5º ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *A Traição das elegantes*. 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *Recado de primavera*. 5º ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

_____. *Dois pinheiros e o mar: e outras crônicas sobre meio ambiente*. 1 ed. São Paulo: Global, 2017.

BRASIL, Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Distrito Federal: Senado, 1988. 140p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). *A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB*. Cópia do Decreto Legislativo nº 2, de 5 de junho de 1992. Brasília – DF: MMA, 2000, 32 p.

BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination – Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1995.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. Trad. Álvaro Cabral. 1 ed. Editora Cultrix, 1982, 432 p.

_____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton R. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1999, 249 p.

CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Trad. de Raul Dipolillo. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

COETZEE, J. M. *Elizabeth Costello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). *Nosso futuro comum*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COSTA, Maria da Graça. Conhecimento e luta política das mulheres no movimento agroecológico: diálogos ecofeministas e descoloniais. In: ROSENDO, Daniela. *et al.* (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019, p. 157 – 169.

DIAS JR., Carlos M.; MARRAS, Stelio. *Fala Kopenawa! Sem floresta não tem história*. Mana, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 236-252, 2019.

DIETZ, T.; FITZGERALD, A.; SHWOM, R. *Environmental Values*. Annu. Rev. Environ. Resour. p. 335–375, 2005.

ECHEVERRI, Ana Patrícia N. *El reencantamiento del mundo: Ideas filosóficas para la construcción de un pensamiento ambiental contemporáneo*. México: PNUMA, 2004.

ECKERT. *Fisiologia Animal: mecanismos e adaptações*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

ELBEIN, Juana. *Os nagô e a morte*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Tradução Luzia Almeida. Lisboa: Marcador, [1992] 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coleivo Sycorax. São Paulo: elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 32. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOX, WARWICK. *Toward a Transpersonal Ecology*, Boston: Shambhala, 1990.

FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis). Prefácio. In: LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977.

GAARD, Greta. *Rumo ao ecofeminismo queer*. Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 19, n. 1, p. 197-223, 2011.

GALEANO, Eduardo. *O teatro do bem e do mal*. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2013, 77 p.

_____. *Dias e noites de amor e de guerra*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011, p. 19-29.

GOMES, Verônica Maria da Silva. *Kò sí ewé, kò sí òrìsà” (sem folha, não há orixá): Vivências ecológicas no Ilé Asè Opó Osogunlade*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal, 2015.

GUDYNAS, Eduardo. *Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais*. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: Elefante, 2019. 340 p.

GUEDES, Benard S, et al. *Manual de Silvicultura Tropical*. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de agronomia e engenharia Florestal. Maputo: UEM, 2002, 130p.

HALL, Matthew. *Plants As Persons: A Philosophical Botany*. Albany: State University of New York Press, 2011.

HAMILTON, Lawrence S. *Forest and Tree Conservation Through Metaphysical Constraints*. The George Wright FORUM, Vol. 19, n.3, p. 57-78, 2002.

HARVEY, Graham. *Contemporary Paganism – Listening people, speaking earth*. New York: New York University Press, 1997.

_____. *O Paganismo*. Tradução de Manuel Marques. Alfragide: Texto Editores, Lda, 2010.

HILL, Júlia Butterfly. *The legacy of Luna: the story of a tree, a woman, and the struggle to save the redwoods*. New York: HarperOne, 2000, 272 p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HUMBOLDT, Alexandre Von. *Cosmos: ensayo de una descripción física del mundo*. Tomo II, vol 2. Sevilha: Extramuros ed, [1852] 2007.

_____. *Quadros da natureza*. Tradução de Assis Carvalho. Vol. 1. São Paulo: W.M. Jackson, [1807] 1952.

INSTITUTO Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Brasília, DF: ICMBio, 2016.

JOHN, L ; MIRANDA, E. E. *Jaguar: o rei das Américas*. São Paulo: Metalivros, 2010.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969, 316 p.

KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela. *et al.* (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019, p. 20-30.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAMER, H. & SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum (1484): o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *A vida não é útil*. 1º ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

KUNDERA, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LABURTHE-TOLRA, P; WARNIER, J. P.. *Etnologia/Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAING, R. D. Nadando no mesmo oceano. In: CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum: conversas com pessoas notáveis*. Trad. Carlos Malferrari. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

LANDA, Fábio. Apresentação. In: DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LATOUR, Bruno. *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*. Revista de antropologia, São Paulo, USP, vol. 57 n. 1, 2014, p. 11- 31.

LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: AA.VV. *Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais*. São Paulo-Florianópolis, Cortez-UFSC, 1995.

_____. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEITE, M. R. P. *Relações entre a onça-pintada, onça-parda e moradores locais em três unidades de conservação da floresta atlântica do estado do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000, 75p.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. 1969. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

LIMA, Valéria Dias de. *Crenças religiosas como caminho para a conservação ambiental: um estudo de caso na Comunidade Camdomblé Ilê Asé Orisá Dewi*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília - Distrito Federal, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

_____. *A Hora da Estrela*. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1689], 319 p.

MACHADO, André M. *Um conselho de aldeia de todos os seres: a animalidade em turtle island, do poeta Gary Snyder*. Monografia - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

MANCUSO, Stefano. *A Nação das Plantas: a carta dos direitos de todos os seres vivos escrita por quem sustenta a vida*. Trad. de Diogo Madre. Portugal: Pergaminho, 2020.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. 3º ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MARQUES, Nuno F. *A Nova Poética da natureza de Gary Snyder budismo e ecocrítica na sua obra*. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, 123 p.

MARSH, George Perkins. *Lectures on the English Language*. Nova York: Charles Scribner, 1861.

MATSUMOTO, J. *Molecular mechanism of biological responses to homeo-pathic medicines*. Medical Hypotheses, London, v. 45, n. 3, p. 292-296, 1995.

MERCHANT, Carolyn. *The Death of Nature: Woman, Ecology, and the Scientific Revolution*. San Francisco: Harper and Row, 1981.

MEREJKOVSKY, Dimitri. *O Nascimento dos deuses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

_____. *A morte dos deuses*. Rio de Janeiro, Garnier, 1993.

_____. *O renascimento dos deuses*. Rio de Janeiro, Garnier, 1993.

MIES, M.; SHIVA. V. *Ecofeminism*. London: Zed Press, 1993.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 3a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUIR, John. *A Thousand-Mile Walk of the Gulf*. Boston and New York: Hopughton Mifflin Company, 1916.

MUNDURUKU, Daniel. Prefácio. In: POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

NAESS, Arne. *The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movement: A Summary*. Inquiry, n. 16, 1973.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falava Zaratustra*. Trad. Mario da Silva São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *O anticristo*. Tradução Carlos Duarte/Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, [1895] 2012.

NÓBREGA, Diogo E. *A memória da Água e Outras Hipóteses Para Compreensão do Possível Mecanismo de Ação dos Medicamentos Homeopáticos: Uma Revisão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Ciências Farmacêuticas). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015, 46 p.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

NTOZAKE, Shange. *For Colored Girls Who Have Considered Suicide When the Rainbow Is Enuf*. New York: Scribner, 1997.

OLIVEIRA, Rosalira de. *Tecendo vínculos com a Terra – Paganismo Contemporâneo: percepções, valores e visões de mundo*. Teses (Doutorado em Ciências Sociais). PUCSP, São Paulo, 2004.

_____. *Ouvindo uma terra que fala: o renascimento do paganismo e a ecologia*. Revista Nures, v.5, p. 01-09, 2009.

_____. *Religiões da terra e ética ecológica*. Horizonte, v.8, n.17, p.26-44, 2010.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. A pesquisa como passagem, travessia. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

PARK, C. *Sacred Worlds: an introduction to geography and religion*. Londres: Routledge, 1994.

PESSOA, Fernando. *Obra Completa de Ricardo Reis*. 1ed. Lisboa: Tinta-da-China, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.
- PRETTO, N. & SERPA, L. (orgs.). *Expressões de Sabedoria: educação, vida e saberes – Mãe Stella de Oxóssi, Juvany Viana*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- REGO, Jussara. *Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros da região metropolitana de Salvador*. Geotextos, Bahia, vol. 2, n. 2, p 31-85, 2006.
- RESTALL ORR, Emma. *Princípios do Druidismo*. Tradução de Ana Luiza Barbieri. São Paulo: Hi-Brasil, 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ROSENDO, Daniela. et al. (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019. 232 p.
- ROSSI, P. *A ciência e a filosofia dos modernos*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- ROYTE, Elizabeth. *Os gorilas salvos por Dian Fossey*. [S.I.] 2017. National Geographic Portugal. Disponível em:< <https://nationalgeographic.sapo.pt/natureza/grandes-reportagens/1549-os-gorilas-salvos-por-dian-fossey>>. Acesso em 07 set. 2020.
- SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011.
- SATTLER, Janyne. Um projeto ecofeminista para a complexidade. In: ROSENDO, Daniela. et al. (org.) *Ecofeminismos: Fundamentos Teóricos e Práxis Interseccionais*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku, 2019, p. 129-146.
- SEATTLE, chefe índio. *Preservação do meio ambiente: manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos E.U.A.* Trad. Magda Guimarães Khouri Costa. São Paulo: Babel Cultural, 1987, 47 p.
- SHIVA, Vandana. *El vínculo sagrado com la tierra*. Conferencia em el Schumacher College: Dartington, Inglaterra, 1989.
- _____. *Abrazar la vida: mujer, ecología y supervivencia*. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991.
- _____. *Biopirataria: a pilhagem da Natureza e do conhecimento*. Trad. De Laura Cardellini B. de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SINGER, Peter. *Libertação animal*. Tradução de Marcelo Brandão. Cipolla e Marly Winckler São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 [1975].

SIQUEIRA, Pablo Vinícius Dias. *Filosofia Selvagem: ensaio com o pensamento de Clarice Lispector*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2019, 187 p.

SNYDER, Gary. *Turtle Island*. Nova Iorque: New Directions Books, 1974.

_____. *Re-habitar - ensaios e poemas*. Trad. Colin, Luci, Rio de Janeiro, Azouge Editorial, 2005.

_____. *A prática da Natureza Selvagem*. Tradução José Miguel Silva. Lisboa: Antígona Editores Refratários, [1990] 2018, 250 p.

SOUZA, Rafael Speck de. *Direito animal à luz do pensamento sistêmico complexo: um enfoque integrador da crise Socioambiental a partir da constituição Federal de 1988*. Dissertação (Faculdade de Direito), Universidade Federal de Santa Catarina, 2017, 211p.

STARHAWK, J. *The Spiral Dance*. São Francisco: Harper & Row, 1989.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500/1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, [1983] 2010.

THOREAU, Henry David. *Walden, ou, A vida nos bosques*. Tradução Astrid Cabral. 7.ed. São Paulo: Ground, 2007.

TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *A memória biocultura: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Tradução de Rosa L. Pereira. 1ed, São Paulo: Expressão Popular, 2015, 272 p.

TOLKIEN, J.R.R. *Sobre histórias de fadas*. Tradução de Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad, 2006, 133 p.

TSING, Anna. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. Trad. Pedro Silveira. Santa Catarina: ILHA Revista de Antropologia, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

UNGER, Nancy M. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

UNIVERSIDADE de São Paulo (USP). *Declaração de direitos do homem e do cidadão de 1789*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. 1978. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br>> Acesso em 20 nov. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Prefácio: o recado da mata. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11-41.

_____. Perguntas inquietantes. Posfácio. In: KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 40-44.

WAGNER, Valéria. *O poder dos animais*. Disponível em <www.heramagica.com.br>, Acesso em 05 nov. 2020.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução Mário Morais. São Paulo: Martin Claret, [1904] 2013.

WHITE JR, Lynn. *The historical roots of our ecological crisis*. In: *Science: new series*, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 10 mar. 1967.

WOHLLEBEN, Peter. *A Sabedoria Secreta da Natureza*. Trad. de Elsa Vieira. Lisboa: Editora Pergaminho, 2019, 207 p.

_____. *A vida secreta das árvores*. Tradução de Petê Rissati. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

WOLFE, LinnieMarsh (ed.). *John of the Mountains: the Unpublished Journals of John Muir*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1979.

WULF, Andrea. *A Invenção da Natureza: a vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt*. Tradução de Renato Marques. 1ed. São Paulo: Planeta, 2016.

YORK, Michael. *The Emerging Network – A sociology of the New Age and Neo-pagan movements*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1995.

_____. *Pagan Theology: Paganism as a world religion*. New York: New York University Press, 2003.

ZALEHA, Bernard Daley. *Our Only Heaven: Nature Veneration, Quest Religion, and Pro-Environment Behavior*. Journal for the Study of Religion, Nature and Culture. Sheffield: Equinox Publishing, p.131-153, 2013.

Videografia

CHICO Mendes: para não esquecer. Publicado pelo Canal Meteoro Brasil. [S.l.], 2019, 14 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d_0HPhE3Dj0&t=2s> Acesso em 12 out. 2020.

ÍNDIO Cidadão?. [S.n.] DF, 2014, 52 min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8>>. Acesso em 03 de julho de 2020.

POVOS Indígenas no Brasil. (2006). Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=17879>>. Acesso em 19 set. 2020.